



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

EDUARDO ROBERTO PAVINATO

CONEXÕES TEMPORAIS:
HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA INDÍGENA NO MUSEU
HISTÓRICO DE CAMBÉ
1985 - 2023

Londrina
2024

EDUARDO ROBERTO PAVINATO

CONEXÕES TEMPORAIS:
HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA INDÍGENA NO MUSEU
HISTÓRICO DE CAMBÉ
1985 - 2023

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina - UEL, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História Social.

Orientadora: Prof^a Dr^a Cláudia Eliane Parreiras Marques Martinez.

Londrina

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

E24c PAVINATO, Eduardo Roberto .
Conexões Temporais: História e Arqueologia Indígena no Museu Histórico de Cambé 1985 - 2023 / Eduardo Roberto PAVINATO. - Londrina, 2024.
224 f. : il.

Orientador: Dr^a Cláudia Eliane Parreiras Marques Martinez.
Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social, 2024.
Inclui bibliografia.

1. Museu Histórico de Cambé - Tese. 2. Companhia de Terras Norte do Paraná, - Tese. 3. Arqueologia indígena, - Tese. 4. Missões Jesuíticas. Província del Guairá - Tese. I. Martinez, Dr^a Cláudia Eliane Parreiras Marques . II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História Social. III. Título.

CDU 93

EDUARDO ROBERTO PAVINATO

CONEXÕES TEMPORAIS:
HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA INDÍGENA NO MUSEU
HISTÓRICO DE CAMBÉ
1985 -2023

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina - UEL, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História Social.

BANCA EXAMINADORA

Professora Orientadora
Dr^a. Cláudia Eliane Parreiras Marques Martinez
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Professor Dr. Wander de Lara Proença
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Professora Dr^a. Leilane Patricia de Lima
Universidade de São Paulo - USP

Londrina 19 de abril de 2024.

Dedicamos esta obra aos povos indígenas, guardiões das tradições ancestrais, protetores da natureza e inspiração para um mundo de diversidade e respeito mútuo. Que possamos reconhecer e honrar sua história, sua cultura e sua luta pela preservação de suas terras e identidades. Que este seja um tributo à sua resistência e uma promessa de solidariedade em busca de justiça e reconciliação.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é uma pequena forma de retribuir a tudo que o outro faz de bom para você, e nessa caminhada que iniciamos cujo primeiro passo foi receber o estímulo dos colegas para ingressar no presente programa de mestrado, é chegado o momento de expressar a gratidão as pessoas e instituições que foram fundamentais para que essa parte da caminhada fosse concluída.

Portanto, agradeço a Deus porque ele é bom, Deus é muito bom, e a minha família, minha esposa Ludmila e meus filhos Giovani, Aron e Letícia, que foram a base forte para o começo e porto seguro na chegada e também porque são motivo de alegria e estímulo, o apoio incondicional que necessitava principalmente nos momentos mais difíceis.

A minha orientadora Professora Dr^a Cláudia Martinez, gostaria de expressar minha mais profunda gratidão pela oportunidade de trabalhar sob sua orientação durante este período. Seu excepcional profissionalismo e competência são verdadeiros sinônimos de seu trabalho. Além de ser uma pessoa extremamente educada e cortês, sua paciência e habilidade em escolher as palavras certas foram fundamentais para me guiar nos momentos em que me senti perdido. Sua capacidade de oferecer orientação precisa e encorajadora foi essencial para me ajudar a encontrar o caminho certo em meio aos desafios acadêmicos. Sou profundamente grato por ter tido a oportunidade de aprender com você e por todo o suporte oferecido ao longo deste percurso.

A professora Edméia Ribeiro que abriu os caminhos para iniciar a empreitada e trouxe a Professora Cláudia para o projeto e foi uma voz de estímulo em todos os momentos

Aos Professores Wander e Leilane pela gentileza de compartilhar o conhecimento e experiência que representou uma contribuição significativa em termos de conteúdo e melhor contextualização da proposta. Por meio das observações sempre certeiras, somos capazes de descobrir que temos um mar de oportunidades nesses novos caminhos para o debate da historiografia regional.

A equipe do Museu Histórico de Cambé, e da Secretaria Municipal de Cultura, amigos que foram obrigados a ouvir as minhas histórias e contribuíram significativamente para a conclusão da presente dissertação. São abnegados trabalhadores que todos os dias ocupam as trincheiras para lutar a favor da cultura da nossa gente. Trabalhar em Museus e na Cultura em geral representa atualmente um ato de resistência. E por isso temos

que resistir!!! Muito obrigado Daiane, Cleide, Nívea, Jaqueline, Clara, Rick, Simoni, Julio, Salete, Luzia, José, Jair, Edilaine, Estela, Maria Luiza, Silvia e Zilda.

A Universidade Estadual de Londrina, pública, gratuita e de qualidade. Berço das principais iniciativas a favor da sociedade. Uma instituição que cria, transforma e melhora os meios de vivência todos os dias por meio de milhares de pessoas que acreditaram no sonho de obter uma graduação e depois de posse desse conhecimento saíram a campo para fazer melhor.

Ao Departamento de História, à Coordenação de Mestrado e a todos os professores do Programa de Mestrado em História Social da UEL que demonstraram respeito e comprometimento com a profissão, cientes do papel fundamental que exercem na sociedade na difícil missão de debater história em nosso tempo.

Ao Museólogo César Cortez, Arqueóloga Dr^a Claudia Parellada e ao Professor João Sabaine, pela amizade, companheirismo e fundamentalmente por serem os agentes da história que por meio do estudo de suas carreiras nos propiciaram a oportunidade de analisar essa importante instituição chamada Museu Histórico de Cambé.

Agradecimentos aos meus amigos e amigas, sempre dispostos a uma boa conversa, fonte de informação e inspiração: Elaine Garcia, Liberaci Pascueto, Rosangela Alduan, Lucilene Lisse, José Julio de Azevedo, Djalma de Souza, Valter Franco, José Anésio Montini, Luiz Carlos Haully, Maria Célia Araújo Coelho, Miguel Gaissler.

A todos **MUITO OBRIGADO.**

*Se queres ser universal,
começa por pintar a tua aldeia.*

Leon Tolstói.

PAVINATO, Eduardo Roberto. **Conexões Temporais: História e Arqueologia Indígena no Museu Histórico de Cambé 1985 - 2023.** Dissertação de Mestrado em História Social. Universidade Estadual de Londrina - Londrina, 2024.

RESUMO

A análise da trajetória do Museu Histórico de Cambé revela a ocorrência de reposicionamento nos objetivos de trabalho da instituição que inicialmente, direcionou seus esforços para a investigação da história da reocupação da região por meio da Companhia de Terras Norte do Paraná, além de destacar o pioneirismo local. No entanto, ao longo das décadas, o Museu de Cambé ampliou sua linha de trabalho e começou a pesquisar arqueologia indígena, transformando-se em uma instituição regional dedicada à exposição de um vasto acervo arqueológico relacionado aos povos indígenas que habitaram a região norte do Paraná. Verifica-se assim uma mudança de paradigma que ampliou o escopo de atuação do museu, e também resultou na criação de conexões e redes sociais significativas, inserindo a instituição em um contexto mais amplo de diálogo e colaboração em múltiplos níveis, que vão desde o local até o nacional. A proposta fundamenta-se na utilização de diversos recursos, incluindo documentos, imagens e objetos do acervo do Museu de Cambé, bem como entrevistas e bibliografia especializada. Foi analisado também, o papel fundamental de três personagens chave que estiveram envolvidos com a arqueologia indígena no município de Cambé em diferentes momentos: João Sabaine, César Cortez e Claudia Parellada. A pesquisa vai demonstrar que esses indivíduos desempenharam papéis cruciais na transformação do museu e na promoção do estudo e valorização dos povos indígenas na região. Suas contribuições, juntamente com a adaptação estratégica da instituição, demonstram não apenas um compromisso com a preservação do patrimônio cultural, mas também um esforço contínuo para promover a conscientização e o entendimento das comunidades locais sobre a importância da história e da herança indígena.

Palavras-Chave: Museu Histórico de Cambé, Companhia de Terras Norte do Paraná, Arqueologia indígena, Missões Jesuíticas. Província del Guairá.

PAVINATO, Eduardo Roberto. **Temporal Connections: Indigenous History and Archaeology at the Historical Museum of Cambé 1985 - 2023.** Master's Thesis in Social History. State University of Londrina - Londrina, 2024.

ABSTRACT

The analysis of the trajectory of the Historical Museum of Cambé reveals a repositioning of the institution's work objectives. Initially, it directed its efforts towards investigating the history of the region's resettlement through the Northern Paraná Land Company, in addition to highlighting local pioneering. However, over the decades, the Cambé Museum expanded its scope of work and began researching indigenous archaeology, evolving into a regional institution dedicated to exhibiting a vast archaeological collection related to the indigenous peoples who inhabited the northern region of Paraná. The analysis conducted shows a paradigm shift that broadened the museum's scope of action, resulting in the creation of significant social connections and networks, embedding the institution in a broader context of dialogue and collaboration at multiple levels, ranging from local to national. The proposal is grounded in the use of various resources, including documents, images, and objects from the Cambé Museum's collection, as well as interviews and specialized bibliography. The fundamental role of three key figures involved in indigenous archaeology in the municipality of Cambé at different times was also analyzed: João Sabaine, César Cortez, and Claudia Parellada. The research will demonstrate that these individuals played crucial roles in transforming the museum and promoting the study and appreciation of indigenous peoples in the region. Their contributions, along with the strategic adaptation of the institution, demonstrate not only a commitment to preserving cultural heritage but also a continuous effort to raise awareness and understanding among local communities about the importance of indigenous history and heritage.

Keywords: Cambé Historical Museum, Northern Paraná Land Company, Indigenous Archaeology, Jesuit Missions, Province of Guairá.

LISTA DE IMAGENS

- Imagem 1:** Prefeito Luiz Carlos Haully, sua mãe Jamile Aiub Haully e Gregorio Wladeck descerram a fita inaugural do Museu Histórico de Cambé em 30 de outubro de 1985. No segundo plano aparecem Négila Haully, Célia Haully, Valdinei de Moura Lopes e César Cortez.41
- Imagem 2:** César Cortez entregando a 1ª edição do Cadernos de Memória com o título Família Haully para Jamile Haully. Na imagem aparecem, entre outros, Célia Haully, esposa do Prefeito, e Francisco Cortez, pai de César Cortez.....45
- Imagem 3:** Imagem da primeira sede do Museu Histórico de Cambé, na rua França, 546..... 48
- Imagem 4:** Vista interna do Museu de Cambé com a primeira exposição de imagens históricas montada em 30 de outubro de 1985.....48
- Imagem 5:** Imagem do Decreto nº 248/74 autorizando o Prefeito Municipal a criar o Museu Histórico de Cambé. Apesar de autorizado pela Câmara Municipal, somente em 1985 portanto 11 anos depois é que a instituição seria de fato fundada..... 49
- Imagem 6:** Imagem do Decreto nº 247/74 autorizando o Prefeito Municipal a criar o Centro de Pesquisa Histórica e Arqueológica de Cambé, porém efetivamente nunca foi criado.....50
- Imagem 7:** Recorte de matéria jornalística do Jornal Final de Semana noticiando a eleição do Conselho de Arte e Cultura de Cambé e indicação de José Júlio, em 22 de abril de 1983..... 54
- Imagem 8:** Ofício de 22 de abril de 1983, endereçado ao Prefeito Municipal de Cambé, Luiz Carlos Haully informando os nomes das pessoas que comporão o Conselho de Arte e Cultura de Cambé e a indicação de José Júlio de Azevedo para ocupar o cargo de Chefe da Divisão.55
- Imagem 9:** Requisição deferida em 16/03/1983 e assinada por Luiz Carlos Haully Prefeito e Antonio Avelino Bertan Secretário de Administração para admissão de César Cortez, como servidor da Prefeitura Municipal de Cambé. Apesar de contratado com Repórter, recebeu a incumbência do Prefeito para criar o Museu Histórico de Cambé..... 57
- Imagem 10:** Imagem da capa do Jornal Cambirimba de 30 de abril de 1978. Ilustração Cláudio Kambé..... 64
- Imagem 11:** Recorte do Jornal Nossa Cidade anunciando a Exposição Indígena no Museu Histórico de Cambé publicado em 20 de setembro de 1986..... 66
- Imagem 12:** Exposição Indígena realizada em 1988 ou 1989 quando o Museu estava funcionando no porão da Casa dos Daguer. Na imagem podemos ver crianças realizando algumas atividades e uma Família de Indígenas do Apucarantina..... 69
- Imagem 13:** Pedemar com crianças durante Exposição Indígena no Museu de Cambé 1988 ou 1989.....70
- Imagem 14:** Centro Cultural, Pedemar realiza monitoria com crianças durante Exposição Indígena, em 1994.....71

Imagem 15: Página inteira do Jornal Nossa Cidade de 22 de abril de 1988 com entrevista do Indígena Pixuna Pedemar Maraguara Poram.....	72
Imagem 16: Vista da fachada do Centro Cultural de Cambé logo após a inauguração em 02 de setembro de 1990.....	73
Imagem 17: A convite do Arqueólogo José Wilson Rauth, um grupo de estudantes do curso de História da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Londrina viajou até o litoral paranaense para conhecer os sambaquis. A paixão do Professor Sabaine pela arqueologia nasce justamente por causa dessas atividades realizadas primeiro em Londrina com o Curso de Introdução à Arqueologia e depois com a viagem ao litoral. Na imagem, Sabaine e outros alunos conhecem os sambaquis. Doação da Imagem: João Sabaine Ano 1970.....	75
Imagem 18: Família de agricultores posam para fotografia exibindo artefatos arqueológicos encontrados em meio ao cafezal da propriedade. Início da década de 1970.....	76
Imagem 19: Professor João Sabaine exhibe a primeira cerâmica indígena que ele encontrou e desenterrou. Início década de 70.....	77
Imagem 20: Professor Sabaine com diversas pessoas durante a inauguração da Sala de Arqueologia que levou seu nome. No detalhe ele explica as características das peças, especialmente a que foi pintada e transformada em item de decoração de uma residência.....	78
Imagem 21: Jornal Cambirimbá falando da importância em se pesquisar os indígenas e citando como referência o trabalho do professor João Sabaine. Edição nº 01 de 30/04/1978.Doação: César Cortez.....	80
Imagem 22: Sequência de 6 imagens doadas pelo Professor Sabaine onde aparece uma visita que ele fez acompanhada de alunas do Magistério da Cidade de Cambé a Reserva Indígena do Apucarantina, provavelmente na década de 1970.....	81
Imagem 23: Solenidade de Inauguração da Sala Professor João Sabaine e abertura de Exposição com temática Indígena em 1991.....	82
Imagem 24: João Sabaine com um grupo de estudantes de escola municipal em palestra sobre arqueologia indígena no Museu Histórico de Cambé.....	83
Imagem 25: O Jornal Nossa Cidade de 05 de abril de 1991, publica matéria jornalística acerca da criação da sala de arqueologia do Museu Histórico de Cambé.....	84
Imagem 26: Após a saída das professoras do Museu a equipe ficou reduzida ao Diretor César Cortez e o Servidor/Estagiário Eduardo Pavinato, com a valorosa colaboração de 2 Guardas Mirins, Valdinei de Moura Lopes e Solange de Paula Fernandes que ajudavam a cuidar das salas, faziam recortes de jornais, higienizavam os vidros e distribuíam correspondências.....	86
Imagem 27: Equipe do Projeto Ipac - Inventário e Proteção do Acervo Cultural da Universidade Estadual de Londrina, realizando atividade no Museu em 1993. Da esquerda para a direita César Cortez, Marcelo da Silva, estagiário de História, Samantha Karen de Freitas.....	87
Imagem 28: Liberaci Pascueto, César Cortez e Rosangela Alduan em reunião no MHC no ano de 1990.....	88

Imagem 29: Liberaci Pascueto, Elaine Garcia e Rosangela Alduan com Valéria Yassuda e Rui Cabral - Fotógrafo do Museu de Londrina - durante um Curso de Conservação no Museu Histórico de Cambé no ano de 1992.....	90
Imagem 30: Alunos vencedores de concurso de redação vão visitar a Reserva Indígena do Apucarantina. Acompanhando as crianças está Rosangela Alduan, César Cortez com seu filho Pablo e o Motorista da Prefeitura de Cambé Valentin. de Andrade em 1986.....	92
Imagem 31: Equipe do Museu reunida. De pé Eduardo Pavinato, Camila Fernandes, Rafael Alfieri Sartori (Estagiário), o Secretário de Cultura João Sgobero e sentados Inês Meneghetti (Estagiária), Tatiane Grilo (Estagiária), Gisele Meyer (Estagiária), Janaina Carnellosi (Servidora) e Daniela Casoni Moscato (Pesquisadora) em 1997.....	93
Imagem 32: Panfleto produzido pela equipe do Museu de Cambé para o projeto de Arqueologia Indígena em 1990.....	101
Imagem 33: Museu lança campanha de objetos indígenas, Jornal Nossa Cidade de 29 de junho de 1990.....	102
Imagem 34: Liberaci Pascueto, servidora do Museu ministrando atividades para um grupo de crianças em 1990, sobre os diversos aspectos que envolvem os objetos indígena encontrados no Município de Cambé.....	103
Imagem 35: Liberaci Pascueto, Elaine Garcia do Museu de Cambé Elizaine Isabel dos Santos Costa, Maria Mamprim e Lucilene Lisse do CEMEART - Centro Municipal de Expressão Artística em atividade com professores e alunos da Escola Rural Fazenda Santa Dalmácia em 1990.....	104
Imagem 36: Arqueólogo Miguel Gaissler, César Cortez, Elaine García, Arqueólogo Oldemar Blasi, Liberaci Pascueto e a Engenheira Agrônoma Marli Simões posam para fotografia em frente ao prédio da Prefeitura Municipal de Cambé em outubro de 1990.....	106
Imagem 37: Valmir (Lambari), Deivison, Amadeo e Criança não identificada recolhem cerâmica no campo de Santa Dalmácia em outubro de 1990.....	107
Imagem 38: Vista parcial da Sede da Fazenda Santa Dalmácia. Local onde os arqueólogos Oldemar Blasi e Miguel Gaissler ficaram hospedados no período de 22 a 30 de outubro de 1990, quando trabalharam no Sítio Arqueológico.....	109
Imagem 39: Arqueólogo Oldemar Blasi prospectando o Sítio Arqueológico em outubro de 1990.....	110
Imagem 40: O Arqueólogo Oldemar Blasi observa o trabalho de agricultores da Fazenda Santa Dalmácia em outubro de 1990.....	110
Imagem 41: Capa da única publicação oficial do Museu de Cambé sobre a descoberta de Santa Dalmácia em 1991.....	112
Imagem 42: Os trabalhos realizados em Santa Dalmácia aconteceram de 22 a 30 de outubro de 1990 e nesse período os Arqueólogos e Técnicos do Museu conviveram com as crianças, repórteres, pesquisadores da Universidade de Londrina, curiosos que queriam saber o que realmente haviam encontrado naquela localidade.....	113

Imagem 43: Na semana de outubro de 1990 um grupo de crianças propiciou uma das mais importantes ações de arqueologia do norte do Paraná.....	114
Imagem 44: Material lítico encontrado em Santa Dalmácia e região e que estão no acervo de Arqueologia do Museu de Cambé em 1990.	114
Imagem 45: Arqueólogo Oldemar Blasi e trabalhadores da fazenda Santa Dalmácia prospectam uma área selecionada em outubro de 1990.....	116
Imagem 46: Menina da Santa Dalmácia auxilia o Arqueólogo Oldemar Blasi na demarcação do Sítio Arqueológico em outubro de 1990.....	116
Imagem 47: A comunidade está curiosa. Jornal Nossa Cidade 01/11/1990, p. 8.....	118
Imagem 48: Valmir (Lambari), Deividson e Amadeo, alunos da Escola Rural da Fazenda Santa Dalmácia que participaram ativamente das descobertas em outubro de 1990.....	119
Imagem 49: Sérgio Brasil, filho do proprietário da Fazenda Santa Dalmácia e o Arqueólogo Miguel Gaissler em outubro de 1990.....	120
Imagem 50: Navegando pela Baía de Paranaguá a caminhada da Ilha do Arqueólogo Miguel Gaissler para realizar a entrevista. Na imagem Miguel Gaissler pilota o barco. A frente tomando chuva e passando frio Eduardo Pavinato, Aron Bailoni e Ludmila Fratucci em 13 de julho de 2022.....	122
Imagem 51: Arqueólogo Miguel Gaissler e Eduardo Pavinato logo após a entrevista. 13 de julho de 2022.....	123
Imagem 52: No Museu de Cambé a servidora Liberaci Pascueto ficou responsável pela parte de Arqueologia, assim manteve uma relação mais estreita com os arqueólogos com objetivo de registrar as informações pertinentes ao trabalho. Outubro de 1990.....	125
Imagem 53: Carta elaborada pelo Arqueólogo Oldemar Blasi datada de 08 de dezembro de 1991, respondendo alguns questionamentos feitos por Liberaci Pascueto.....	126
Imagem 54: No laboratório do Departamento de Artes da Universidade Estadual de Londrina boa parte do material de Santa Dalmácia foi limpo e depois passou por um processo de tentativa de identificação e montagem das peças quebradas.....	128
Imagem 55: Liberaci Pascueto, César Cortes, Oldemar Blasi e Miguel Gaissler na sede do Museu de Cambé em outubro de 1990.....	130
Imagem 56: Croqui da localização do Sítio Arqueológico da Fazenda Santa Dalmácia.....	131
Imagem 57: No laboratório do Departamento de Artes da Universidade Estadual de Londrina boa parte do material de Santa Dalmácia foi limpo e depois passou por um processo de tentativa de identificação e montagem das peças. Arqueóloga Cláudia Parellada, Professora Maria Scherlowski, Professor Carlos Appoloni. Ao fundo a Professora Yara Strobel e o Professor Ubirajara de Carlo Senatore em 1992.....	135
Imagem 58: Localização de parte dos sítios arqueológicos relativos às cidades coloniais espanholas (1555-1632) e missões jesuíticas do Guairá (1610 - 1631).....	139

Imagem 59: Igor Chmyz em trabalho de campo.....	141
Imagem 60: Vasilhame cerâmico Tupiguarani com influência europeia, com pintura em vermelho e preto, recuperado na Missão San Joseph, Município de Cambé- Paraná.....	145
Imagem 61: Algumas bases cerâmicas da Missão San Joseph 1625 - 1631.....	145
Imagem 62: Algumas alças e asas cerâmicas da Missão San Joseph 1625 – 1631.....	146
Imagem 63: Telhas de Cerâmica encontradas na Missão San Joseph 1625-1631.....	147
Imagem 64: Cartaz produzido pelo MHC, dando a notícia da palestra da Arqueóloga Cláudia Parellada que aconteceu em Cambé nos dias 23 e 24 de março de 2015.....	149
Imagem 65: Mapa de localização da Província del Guairá, com as comunidades espanholas e missões jesuíticas do final do século XVI/ início do século XVII.....	151
Imagem 66: Mapa de distribuição dos povos indígenas no Paraná nos séculos XVI e XVII - 1540 1640.....	152
Imagem 67: Ruínas da Villa-Rica do Espírito Santo. 1865.....	153
Imagem 68: Planta d'um Aldeamento normal de Índios Cayoás nas margens do Paranapanema.....	158
Imagem 69: Desenho: Dois Bandeirantes, realizado pelo artista Belmonte (Benedito Carneiro Bastos Barreto).....	159
Imagem 70: Desenho: Bandeirante com gualteira de couro de anta, gibão de armas, rodela, espada, arcabuz e forquilha, realizado pelo artista Belmonte (Benedito Carneiro Bastos Barreto).....	161
Imagem 71: Desenho de um Arcabuzeiro realizado pelo artista Belmonte (Benedito Carneiro Bastos Barreto).....	162
Imagem 72: A retirada dirigida por Montoya: com cerca de 12.000 índios (crianças, jovens, mulheres e adultos) pelo longo caminho percorrido pelos rios Paranapanema alcançando o lado oriental do rio Paraná.....	163
Imagem 73: Cândido Cayoá: Aldeamento do Paranapanema (S. Ignacio).....	167
Imagem 74: Toldo Kaingang do líder Jongho, no Vale do Piquiri.....	168
Imagem 75: Manoel Chefe dos Índios Coroados do Ald. de São Jerônimo. 1865.....	171
Imagem 76: Kaingang do toldo de Pinhãozinho, situado junto ao caminho indígena e ao vale do Piquiri.....	173
Imagem 77: Morada de Frei Timotheo de Castelnuevo: Diretor do Aldeamento de S. Pedro de Alcântara no Tibagy.....	174
Imagem 78: Capitão André Pahy: Aldeamento Paranapanema. 1867.....	175

Imagem 79: Habitação Kaingang do Toldo de Pinhãozinho, situado próximo ao vale do Piquiri.....176

Imagem 80: Índia "civilizada" fiando algodão.....177

LISTA DE ABREVIACOES E SIGLAS

ASAM	Associação Sociedade Amigos do Museu
CEMEART	Centro Municipal de Expressão Artística
CEOM	Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina
CEPA	Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas
CEPHA	Conselho Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico do Paraná
CNT	Central Nacional de Televisão
COMDEC	Companhia de Desenvolvimento de Cambé
FAFILO	Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Londrina
DEC	Departamento de Educação e Cultura
FGV	Fundação Getulio Vargas
IBRAM	Instituto Brasileiro de Museus
ICOM	International Council of Museums
IPAC	Inventário e Proteção do Acervo Cultural
IPHAN	Instituto do Patrimônio Artístico e Nacional
MHC	Museu Histórico de Cambé
MHL	Museu Histórico de Londrina “Padre Carlos Weiss”
NDPH	Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica
ONU	Organização das Nações Unidas
PUC	Pontifícia Universidade Católica
PUG	Pontifícia Universidade Gregoriana
RAM	Reunião de Antropologia do Mercosul
SAD	South American Datum
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UNESCO	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization
UNESP	Universidade Estadual Paulista
USP	Universidade de São Paulo
UTM	Universal Transversa de Mercator

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: A HISTÓRIA DE UMA PESQUISA.....	38
2 MUSEU HISTÓRICO DE CAMBÉ: UM MERGULHO NO TEMPO.....	41
2.1 Em Cambé: Um Museu Tradicional.....	45
2.2 Década de 1970: Movimentos culturais querem um lugar ao sol.....	49
2.3 Década de 1980: Museu Histórico uma realidade.....	56
2.4 Exposição Indígena no Museu.....	65
3. CENTRO CULTURAL: NOVA CASA, NOVOS PROJETOS, MUITAS EXPECTATIVAS.....	73
3.1 O Acervo do Professor Sabaine.....	74
3.2 Museu de Cambé: mudanças inesperadas, novas equipes, novos projetos.....	85
3.3 Museu: um ato de resistência.....	94
4 FAZENDA SANTA DALMÁCIA: FRAGMENTOS DA HISTÓRIA INDÍGENA GUARANI.....	99
4.1 Arqueologia vai à Escola.....	99
4.2 Chegam os Arqueólogos em Cambé.....	106
4.3 A procura do Arqueólogo.....	121
4.4 Cerâmica Indígena: Recuperação e Memória	128
5 A MISSÃO JESUÍTICA E O MUSEU HISTÓRICO DE CAMBÉ: OBJETOS E IDEIAS CONECTADAS E EM CONSTRUÇÃO.....	132
5.1 Introdução à Arqueologia em Cambé.....	136
5.2 Missões Jesuíticas em evidência.....	142
5.3 Parellada anuncia que Santa Dalmácia é San Joseph.....	144
5.4 O Paraná Espanhol.....	150
5.5 Paulistas: Caçadores de esmeraldas, ouro e índios.....	158
5.6 Luta e resistência de um povo.....	165
CONCLUSÃO.....	180
FONTES.....	182
REFERÊNCIAS.....	185
ANEXO A.....	192
Ofício da Diretoria de Administração da Prefeitura de Cambé, de 11 de setembro de 1979 falando de uma campanha para recolhimento de materiais históricos. Quem assina é o Diretor do Departamento de Administração Luiz Carlos Haully.....	192
ANEXO B.....	193
Ofício endereçado a Companhia de Terras Norte do Paraná datado de 17 de fevereiro de 1983, informando da ida de servidores da Prefeitura para realizar pesquisas.....	193
ANEXO C.....	194

Matéria do Jornal Cambé Notícias sobre a criação do Conselho de Arte e Cultura de Cambé em 14 de abril de 1983.....	194
ANEXO D	195
Ofício endereçado ao Museu de Cambé solicitando a criação do Dia do Pioneiro com data de 29 de abril de 1985.....	195
ANEXO E	196
Recorte de matéria do Jornal Cambé Notícias falando do Projeto Gralha Azul em 20 de maio de 1984.....	196
ANEXO F	197
Matéria da Folha de Londrina de 28 de abril de 1985 falando da Fundação do Museu de Cambé.....	197
ANEXO G	198
Protocolo de Inauguração do Museu Histórico de Cambé com data de 30 de outubro de 1985.....	198
ANEXO H	203
Cartaz confeccionado pela equipe do Museu Histórico de Cambé logo após a inauguração em 1985.....	203
ANEXO I	204
Proposta de atividades a serem desenvolvidas pelo Museu Histórico de Cambé no ano de 1986.....	204
ANEXO J	205
Comunicação Interna com data de 26 de fevereiro de 1986 solicitando a contratação de um pesquisador para o MHC.....	205
ANEXO K	206
Ofício solicitando autorização para conhecer as Ruínas de Santo Inácio com data de 28 de agosto de 1986.....	206
ANEXO L	207
Relatório com o nome dos servidores da Secretaria Municipal de Cultura em 12 de setembro de 1986.....	207
ANEXO M	
Convocação para reunião do Conselho Municipal de Arte e Cultura de Cambé em 1986.....	208
ANEXO N	210
Ofício dos servidores da Secretaria de Cultura, solicitando explicações do Diretor da Comdec quanto às obras do Centro Cultural de Cambé em 21 de outubro de 1986.....	210
ANEXO O	211
Matéria da Folha de Londrina datado de 14 de fevereiro de 1988, falando da construção do Centro Cultural de Cambé.....	211
ANEXO P	212
Termo de Encaminhamento da Guarda Mirim de Cambé apresentando ao Museu o Guarda Mirim Charles dos Anjos Aureliano o primeiro de muitos a trabalhar no MHC, com data de 07 de julho de 1987.....	212
ANEXO Q	213

Ofício convidando para homenagem aos primeiros políticos de Cambé, com data de 25 de setembro de 1987.....	213
ANEXO R	214
Matéria do Jornal Nossa Cidade, de 15 de abril de 1988 a respeito da Exposição Indígena do Museu de Cambé.....	214
ANEXO S	215
Reportagem do Jornal Nossa Cidade sobre a inauguração do Centro Cultural de Cambé em 06 de setembro de 1990.....	215
ANEXO T	216
Matéria do Jornal Nossa Cidade sobre a descoberta do Sítio Arqueológico da Fazenda Santa Dalmácia em 14 de outubro de 1990.....	216
ANEXO U	217
Reportagem do Jornal Nossa Cidade datado de 01 de novembro de 1990, sobre a descoberta do Sítio Arqueológico da Fazenda Santa Dalmácia.....	217
ANEXO V	218
Reportagem do Jornal Nossa Cidade, datado de 30 de novembro de 1990 sobre o Museu Histórico de Cambé.....	218
ANEXO W	219
Declaração emitida pela Prefeitura de Cambé informando providências que serão tomadas em relação ao Sítio Arqueológico da Fazenda Santa Dalmácia, em 27 de fevereiro de 1991.....	219
ANEXO X	220
Portaria de Criação da CEPA - Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas em 05 de dezembro de 1956. Com a reforma universitária de 1970, o Centro perdeu o seu papel no campo do ensino formal. Foi reestruturado como Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas, sendo um órgão auxiliar do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFPR conforme informa a página da instituição na Internet. http://www.humanas.ufpr.br/portal/cepa/historico Acesso em 26 de abril de 2024.....	220
ANEXO Y	221
Ofício do Museu Paranaense encaminhado ao Museu Histórico de Cambé com informação do Curso de Extensão Universitária “Arqueologia Paranaense” que aconteceria em 1993 e e-mail da arqueóloga Claudia Parellada passando as diretrizes para demarcação da Missão Jesuítica San Joseph em 19 de agosto de 2010.....	221
ANEXO Z	224
Certidão de óbito do Indígena Pedemar Maraguara Poram datado de 22 de junho de 2018.....	224

1 INTRODUÇÃO: A HISTÓRIA DE UMA PESQUISA

Em setembro de 2019, instituições museológicas de Cambé¹, Rolândia, Ibiporã e Londrina² se uniram³ para participar da 13ª Primavera dos Museus, evento organizado pelo IBRAM - Instituto Brasileiro de Museus⁴ que acontece anualmente, alusivo ao início da estação das flores, propondo uma semana de atividades, visando principalmente, mobilizar os museus brasileiros a elaborarem programações especiais voltadas para um mesmo tema - 'Museus por dentro, por dentro dos museus' - o qual fora escolhido pelo próprio IBRAM e cujos objetivos eram entre outros: a) promover, divulgar e valorizar os museus brasileiros; b) aumentar o público visitante das instituições; e c) intensificar a relação dos museus com a sociedade. No caso dos Museus participantes de Cambé, Rolândia, Ibiporã e Londrina conforme citado acima, seus membros organizaram uma agenda diversificada⁵ de forma a corresponder com a proposta elaborada pela coordenação nacional do IBRAM.

Vale destacar que esta iniciativa aliada a Semana Nacional dos Museus⁶ representam os principais eventos para as instituições de memória da região, por dois motivos fundamentais. Primeiro, eles conseguem se organizar e realizar um evento conjunto, algo que

¹ Cambé é um município localizado no norte do Paraná e compõe a região metropolitana de Londrina. Segundo estimativas do IBGE de 2021 o município contava com uma população de 108.126 habitantes. A história da formação de Cambé está relacionada ao processo de reocupação da região por meio de um processo privado de colonização capitaneado pela Companhia de Terras Norte do Paraná. Quando a Cia de Terras iniciou a venda dos loteamentos denominou a pequena vila de Nova Dantzig em homenagem ao primeiro grupo de imigrantes a adquirir terras nessa região que eram oriundos da Cidade Livre de Danzig. Posteriormente, por causa da Segunda Guerra Mundial, o nome da cidade foi mudado para Cambé, palavra do idioma Kaingang que, traduzida, significa Veado.

² Da Cidade de Londrina, participaram os seguintes museus: Museu Histórico de Londrina Pe. Carlos Weiss, Museu de Artes de Londrina, Museu do LEC - Londrina Esporte Clube, Museu da Rural (Sociedade Rural do Paraná).

³ Em várias edições do Primavera dos Museus houve a união de instituições do norte do Paraná para participarem desses eventos.

⁴ Criado por meio da Lei Federal nº 11.906 de 20 de janeiro de 2009, o IBRAM - Instituto Brasileiro de Museus, configura-se como uma autarquia federal, dotada de personalidade jurídica de direito público, com autonomia administrativa e financeira, vinculada ao Ministério da Cultura, cujas competências entre outras são, propor e implementar projetos, programas e ações para o setor museológico.

⁵ 23.09.2019 - das 09h às 17h Visitação: visita técnica aos Museus de Rolândia (Museu Municipal de Rolândia, Museu Agrícola da Colonização Japonesa, Museu do Café - Fazenda Bimini. 26.09.2019 - das 14h às 18h Encontro: Olhar os museus por dentro. Conhecer para pertencer - Encontro de Museus e espaços de memória das cidades de Londrina, Cambé, Ibiporã e Rolândia. 26.09.2019 - das 19h às 22h Palestra: Entre palavras e imagens - Famílias negras no Museu Histórico de Londrina/PR (1970-2016), com Cláudia Eliane P. Marques Martinez.

⁶ A Semana Nacional de Museus é uma temporada cultural coordenada pelo Ibram que acontece todo ano em comemoração ao Dia Internacional dos Museus (18 de maio). A cada ano, o Icom (Conselho Internacional de Museus) lança um tema diferente para a celebração dessa data, que é, também, o mote norteador das atividades da Semana Nacional de Museus.

<https://www.gov.br/museus/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/programas-projetos-acoes-obras-e-atividades/semana-nacional-de-museus>. Acesso em: 08 de fev. 2024.

raramente acontece, apesar da natureza que em geral são históricos, personalidade jurídica que na maioria são públicos e proximidade geográfica entre as cidades e seus museus.

Em segundo lugar, esta semana proporciona uma oportunidade única para a troca de conhecimentos e experiências, resolvendo uma situação recorrente de falta de cooperação entre essas instituições. Nunca é demais lembrar que o fato de serem instituições que trabalham com acervos que guardam, salvo exceções, as mesmas características, um trabalho em conjunto seria uma forma muito inteligente de encontrar soluções para resolver os problemas que afetam essas instituições. Como por exemplo falta de mão de obra, material técnico para execução de serviços, tratamento de acervos, entre outros.

A ausência de uma colaboração contínua entre as instituições de memória do Norte do Paraná já gerou debates sobre a necessidade de uma união mais sólida, de movimentos ao fortalecimento, à dinamização e à eficiência das ações em conjunto. Houve até discussões sobre a criação de uma Associação das Entidades de História e Memória (CBN LONDRINA, 2021; UNIÃO, 2021), semelhante à existente na região dos Campos Gerais⁷, embora essa proposta ainda não tenha se concretizado.

Possivelmente, em algum momento adiante, essa colaboração poderá se concretizar com um objetivo estrategicamente definido, transformando essa parceria em um catalisador para a realização de projetos, especialmente no contexto do treinamento de equipes técnicas para gerenciamento de acervos e instituições.

Na ocasião do evento Primavera de Museus, o autor da presente dissertação participou, na qualidade de representante do Museu Histórico de Cambé e no dia 26 de setembro de 2019, na sede do Museu de Londrina foi realizado um encontro denominado “Olhar os Museus por dentro - Conhecer para pertencer” coordenado pela Professora Dr^a Edméia Ribeiro⁸, tendo como ponto alto uma palestra da Professora Dr^a Claudia Martinez⁹ do

⁷ UNIÃO. Ibiporã: Museus buscam se fortalecer por meio da associação regional Norte. **União**, 2021. Disponível em: <https://jornaluniao.com.br/noticias/cultura/ibipora-museus-buscam-se-fortalecer-por-meio-de-associacao-regional-norte>. Acesso em: 03 jul. 2021.

CBN LONDRINA. Museus da região de Londrina estudam criar associação para fortalecer atuação junto à comunidade. **CBN LONDRINA**. 2021. Disponível em: <https://cbnlondrina.com.br/materias/museus-da-regiao-de-londrina-estudam-criar-associacao-para-fortalecer-atuacao-junto-a-comunidade>. Acesso em: 08 fev. 2024.

⁸ Possui graduação em História pela Universidade Estadual de Maringá (1992), mestrado em História pela Faculdade de Ciências e Letras de Assis (1996), e doutorado pela mesma instituição (2009). Na pesquisa de pós-doutorado tomou como tema a "Ideologia de gênero", analisando a produção e divulgação do discurso anti gênero no México (2018). Atualmente é professora associada da Universidade Estadual de Londrina. Tem experiência na área de História, com ênfase em História da América hispânica. Ministra a disciplina História e Gênero. Participa do Laboratório de Estudos de História das Américas/USP. Atualmente é Diretora Acadêmica do Museu Histórico de Londrina "Padre Carlos Weiss". Coordena o projeto de extensão "Museu Histórico de Londrina como múltiplo espaço na era digital: da extensão à ação cultural e educativa". (Editado pelo autor) Fonte <https://www.escavador.com/sobre/3939054/edmeia-aparecida-ribeiro>. Acesso em: 26 fev. 2024.

Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina. Apesar de já conhecer o trabalho da Professora Cláudia, principalmente por meio de seus alunos que muitas vezes pesquisavam o acervo do Museu de Cambé. Foi nesse evento que nos encontramos pessoalmente e após sua palestra, a professora Edméia incentivou iniciar um debate com objetivo de analisar o Museu de Cambé com a orientação da Professora Cláudia no âmbito do programa de Mestrado em História Social da Universidade Estadual de Londrina.

Ao assistir a palestra, o autor da presente dissertação, entendeu que seus projetos e atividades no Museu de Cambé ressoavam nas palavras da palestrante. Ela demonstrou uma paixão intensa por temas relacionados à cultura material, coordenando, orientando e publicando vários artigos com essa temática. Após receber aconselhamento, incentivo e mediação da Professora Edméia, decidiu-se apresentar um tema de pesquisa para avaliação da Professora Cláudia Martinez. Dessa forma, foi agendada uma conversa para a elaboração de uma linha de trabalho a ser desenvolvida.

Porém, em dezembro de 2019, os veículos de comunicação começaram a noticiar a existência de um novo vírus de gripe, com um grande poder de letalidade. Do continente asiático onde se supõe que começou, a Covid-19, rapidamente se alastrou para outros países e em janeiro já estava circulando no continente europeu, para no final de fevereiro de 2020 desembarcar no Brasil.

Devido a esse contratempo, somente em 05 de março de 2021 aconteceu a primeira reunião e de forma virtual por meio da plataforma digital Google Meeting¹⁰ onde na ocasião debatemos o Museu, os projetos e atividades, a experiência e conhecimento do autor do projeto e o conselho dado à época foi que o ponto inicial seria se inscrever como aluno especial do Programa de Mestrado em História Social da UEL - Universidade Estadual de Londrina.

Diante da orientação, foram iniciados os estudos como aluno especial do mestrado por meio da realização de duas disciplinas, cujas atividades apresentadas pelos professores

⁹ 13ª edição da Primavera de Museus aconteceu entre os dias 23 e 29 de setembro de 2019, com o tema “Museus por dentro, por dentro dos museus” - 26.09 das 19h às 22h Palestra: Entre palavras e imagens - Famílias negras no Museu Histórico de Londrina/PR (1970-2016), com Cláudia Eliane P. Marques Martinez. A palestra tem como tema as coleções doadas pelas famílias negras ao Museu Histórico de Londrina/PR (MHL). Em razão da ausência de objetos tridimensionais, selecionou-se o acervo audiovisual. Por meio das palavras (entrevistas e depoimentos) e das imagens (fotografias originais, negativos e reproduções digitais), um conjunto de questões foi proposto. Procurou-se, primeiramente, abordar a formação das referidas coleções com base na história do MHL. Posteriormente, o foco recaiu sobre aspectos relacionados às profissões, às relações sociais e a outras mudanças de vida das famílias escolhidas. Local: Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss.

¹⁰ A pandemia da Covid 19 obrigou as pessoas a utilizarem meios de comunicação que preservavam o distanciamento pessoal. Assim, umas das ferramentas muito utilizada para conversas e reuniões foi o *Google Meeting*.

foram fundamentais para ambientar ao universo acadêmico que, no caso específico, ficou um bom tempo distante. Daí a necessidade de uma readaptação pois a academia exige uma forma de trabalho que guardada as devidas proporções difere do local ao qual o proponente estava ambientado, no caso o Museu Histórico de Cambé.

Ainda na fase preliminar, quando cursava as disciplinas especiais da UEL, e iniciava as primeiras pesquisas, teve a oportunidade de debater o assunto com a Dra. Cláudia Parellada¹¹, arqueóloga do Museu Paranaense que naquela ocasião enalteceu a iniciativa e se propôs auxiliar nas pesquisas, indicando fontes e cedendo informações por meio de textos e entrevistas.

Vale lembrar que desde 1993 quando realizou em Cambé o Curso “Arqueologia Paranaense”¹², a Dra. Cláudia Parellada exerce assessoria na área de arqueologia ao Museu Histórico de Cambé e o assunto que seria proposto no programa de mestrado guardava relação com o trabalho executado por ela.

Em 2022 o projeto foi apresentado ao Programa de Mestrado sendo deferido a presente proposta e após o devido cumprimento dos créditos e demais formalidades, iniciamos a tarefa de consignar a termo o que foi estabelecido e aprovado que em síntese consiste em analisar como o Museu de Cambé modificou seu foco inicial, que estava centrado na reocupação com ênfase no pioneirismo, para se tornar uma instituição regional dedicada à exposição de um extenso acervo arqueológico relacionado aos povos indígenas que viveram na região norte do Paraná e também como essa transformação resultou na criação de conexões e redes sociais que inseriram a instituição em um contexto que permitiu o estabelecimento de diálogos em diferentes níveis, abrangendo o local, o regional, o estadual e o nacional.

¹¹Arqueóloga, Coordenadora do Departamento de Arqueologia do Museu Paranaense e Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal do Paraná. Doutora em Arqueologia pela Universidade de São Paulo (2006), mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Paraná (1997) e geóloga pela Universidade Federal do Paraná (1987), desenvolvendo atividades no Museu Paranaense desde 1984. Desde 1990 é a pesquisadora responsável pelo Departamento de Arqueologia do Museu Paranaense, coordenando diferentes projetos de pesquisas e publicações em periódicos nacionais e internacionais. Atua principalmente nas seguintes áreas: arqueologia pré-colonial, arqueologia histórica, métodos em arqueologia, arqueologia da paisagem, geo-arqueologia etnoarqueologia, arte rupestre, arte indígena, arte paranaense, gerenciamento de acervo, educação patrimonial, curadoria, planejamento e montagem de exposições. Fonte: <https://www.escavador.com/sobre/3452025/claudia-ines-parellada> Acesso em: 28 fev. 2024.

¹²No período de 10 a 14 de maio de 1993 a Arqueóloga Cláudia Parellada ministrou na Sede do Museu Histórico de Cambé o Curso de Extensão Universitária “Arqueologia Paranaense” e foi o primeiro contato que ela teve com o material arqueológico da Fazenda Santa Dalmácia. Em 2011, portanto 18 anos depois do primeiro contato, ela anunciou durante a IX RAM — Reunião de Antropologia do Mercosul: Culturas e Desigualdades, que o Sítio Arqueológico da Fazenda Santa Dalmácia seria a Missão Jesuítica de San Joseph. (1625-1631). Foi também durante o Curso de Arqueologia Paranaense que o autor conheceu a Dra. Cláudia Parellada, na época como estudante do 2º ano do Curso de História da Universidade Estadual de Londrina.

Iniciamos a pesquisa analisando o acervo do Museu Histórico de Cambé¹³, entidade pública, vinculada a Prefeitura Municipal de Cambé, inaugurado em 1985 e que possui em seu acervo, uma grande quantidade de matérias tais como fotografias, documentos, objetos arqueológicos, fitas de VHS¹⁴ e K7¹⁵, filmes cinematográficos, contendo entrevistas, cursos e exposições, além de relatórios de atividades, textos e livros, jornais etc. É importante ressaltar que quase a totalidade desses materiais encontram-se disponíveis para a pesquisa, porém dependendo do assunto é necessário um tempo para que a equipe do Museu consiga separar de forma que fique em condições de serem pesquisadas. Outros necessitam de conversão de formato para serem liberados, como no caso de fitas k7 e VHS, o que demanda negociação entre as partes para o acesso, porém apesar das burocracias necessárias o mais importante é que o acervo está à disposição. No aspecto organizacional, boa parte do acervo foi recepcionado no Museu por meio de registro em termos de doação e fichas de arrolamento, outro tanto ainda não foi arrolado, porém está organizado em tabelas do Excel que foi um modo que a equipe encontrou para mesmo não arrolado estar disponível para pesquisa como é o caso dos acervos da Assessoria de Imprensa, de Jornais, Acervos dos Fotógrafos Arthur e Vick Eidam e Áudio e Vídeo.

Vamos contextualizar o presente caso, pois importante será para o leitor entender como o projeto foi elaborado, e como aconteceu a pesquisa no acervo do Museu, pois o autor - servidor da Prefeitura desde 1986 e do Museu 1993, adquiriu um bom conhecimento do acervo e com isso se esforçou para trazer à luz informações que já estavam esmaecidas pelo tempo e se não fosse essa oportunidade provavelmente se perderiam.

É relevante destacar que mesmo a experiência do autor, que foi responsável por boa parte dos projetos que foram desenvolvidos pela instituição, não foram capazes de suplantar o sentimento de surpresa e satisfação ao rever páginas da história que o tempo já havia apagado da memória.

A pesquisa à documentação renovou o leque de possibilidades e pontos de vista para outros estudos que ainda podem ser realizados, tendo como objeto temáticas relacionadas a diversas linhas do conhecimento, principalmente povos indígenas do Norte do Paraná e

¹³ O Museu Histórico de Cambé foi inaugurado em 30 de outubro de 1985 em dois cômodos da antiga Casa do Promotor na rua França, número 546, que naquele tempo servia também como sede da Divisão de Cultura da Prefeitura de Cambé. Posteriormente mudou para o porão da Casa da Família Daguer na rua Holanda 200 e em 1990 para o Centro Cultural de Cambé.

¹⁴ O Vídeo Home System (VHS, ou "Sistema Doméstico de Vídeo", em português) é um padrão comercial para consumidores de gravação analógica em fitas de videoteipe. O sistema foi desenvolvido pela Victor Company of Japan (JVC). https://pt.wikipedia.org/wiki/Video_Home_System Acesso em: 09 fev. 2024.

¹⁵ A fita cassete ou cassete áudio (do inglês compact cassette), ou simplesmente cassete, abreviado K7, é um padrão de fita magnética para gravação de áudio lançado oficialmente em 1963, invenção da empresa neerlandesa Philips. https://pt.wikipedia.org/wiki/Fita_cassete. Acesso em: 09 fev. 2024.

reocupação da região a partir da década de 1930, e ao longo deste trabalho notas e referências serão apresentadas de forma direta, transversal ou em notas, para que outros pesquisadores entendendo relevância e oportunidade, utilizem em novas pesquisas.

Informações e dados da pesquisa que passavam despercebidos pelo autor na fase de projeto, foram revelados, e pensar que ao longo de anos de trabalho no Centro Cultural/Museu Histórico, uma névoa o impedia de desvendar novas informações que comporão esta dissertação e isso só foi possível porque a proposta da pesquisa levou o pesquisador além do campo de visão que lhe era proporcionado no dia a dia de seu trabalho. Foi preciso cavar, nas camadas da história do Museu, da Secretaria de Cultura, do movimento cultural que existia na cidade à época, para trazer novas e reveladoras informações que o tempo insistia em tentar apagar e como dizia Certeau (1982) em história,

Tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em "documentos" certos objetos distribuídos de outra maneira. Esta nova distribuição cultural é o primeiro trabalho. Na realidade, ela consiste em produzir tais documentos, pelo simples fato de recopiar, transcrever ou fotografar estes objetos mudando ao mesmo tempo o seu lugar e o seu estatuto (CERTEAU, 1982, p. 80).

Foi assim, por esse método que lançamos novos olhares sobre o objeto de pesquisa¹⁶. Lembrando que o privilégio narrado pelo autor no tocante a pesquisa não é uma exclusividade do mesmo e muitos outros pesquisadores já utilizaram o material do acervo do Museu de Cambé como fonte, reafirmando assim sua função como instituição de difusão cultural. Para exemplificar o uso do acervo do Museu destacamos dois ótimos trabalhos produzidos pela academia com base nas informações dessa instituição quais são o da pesquisadora Maquiele Elisabete Menegusso¹⁷ intitulado *Da cerâmica arqueológica Itararé-Taquara a cestaria Kaingang: Um estudo a partir de uma perspectiva interdisciplinar sobre a trajetória Jê no baixo Tibagi, Paraná e o trabalho da pesquisadora Bruna Garcia Catarino*¹⁸ intitulado “E assim começou a história que já havia começado”: A presença indígena e as ações educativas patrimoniais do Museu Histórico de Cambé (1985 a 2019). Importante também ressaltar que o

¹⁶CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982 p. 80.

¹⁷MENEGUSSO, Maquiele Elisabete; MARTINEZ, Cláudia Eliane P. Marques. **Da cerâmica arqueológica Itararé-Taquara à cestaria kaingang: um estudo do acervo indígena do museu histórico de Cambé**. In: Seminário De Pesquisa Em Ciências Humanas, 11., 2016, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Blucher, 2016. Disponível em: <https://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/da-ceramica-arqueologica-itarar-taquara-cestaria-kaingang-um-estudo-do-acervo-indigena-do-museu-historico-de-camb-23649>. Acesso em: 3 jul. 2022.

¹⁸CATARINO, Bruna Garcia. “**E Assim Começou A História Que Já Havia Começado**”: A Presença Indígena E As Ações Educativas Patrimoniais Do Museu Histórico De Cambé (1985 a 2019). 2021. Mestrado (Dissertação em História Social) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2021. Disponível em: <https://universidadeestadualdelondrina.academia.edu/BrunaGarciaCatarino>. Acesso em: 3 jul. 2022.

Museu possui em sua biblioteca diversos Trabalho de Conclusão de Curso – TCC de alunos de História da Universidade Estadual de Londrina que fazem relação com a história da região e comumente são utilizados como fontes de pesquisa.

A referência a essas duas dissertações de mestrado é importante pois suas autoras desenvolveram extensa pesquisa no acervo do Museu de Cambé e seguindo no mesmo caminho vamos também utilizar desse material para fundamentar a presente proposta.

A reavaliação do passado traz consigo uma série de desafios e reflexões para o autor, muitos dos quais têm sido objeto de debate entre historiadores ao longo do tempo. Um desses desafios centrais reside no confronto entre o entendimento pessoal que o autor possui sobre o estudo realizado e a interpretação que deve ser dada com base no contexto acadêmico ao qual está vinculado, assim Certeau (1982) explica que

Encarar a história como uma operação será tentar, de maneira necessariamente limitada, compreendê-la como uma relação entre um lugar (um recrutamento, um meio, uma profissão, etc), procedimentos de análise (uma disciplina) e a construção de um texto (uma literatura)¹⁹. (CERTEAU, 1982, p. 67).

Este dilema não é apenas uma questão de conciliar pontos de vista individuais com as normas acadêmicas estabelecidas, mas também envolve a consideração cuidadosa das influências e pressões inerentes ao ambiente intelectual em que o autor está inserido. Por exemplo, o autor pode se sentir compelido a adotar certas perspectivas ou abordagens teóricas predominantes dentro de sua comunidade acadêmica, mesmo que estas não ressoem completamente com sua visão pessoal ou suas descobertas de pesquisa. Como dizia Certeau - Um Lugar Social - (1982)

Toda pesquisa histórica se articula com um lugar de produção socioeconômica, política e cultural. Implica um meio de elaboração que circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um ponto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados etc. Ela está, pois, submetida a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade. É em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delinea uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam.²⁰ (CERTEAU, 1982, p. 66).

Além disso, a necessidade de legitimidade e reconhecimento dentro do campo acadêmico pode exercer uma pressão significativa sobre o autor, levando-o a moldar suas

¹⁹ CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p. 67.

²⁰ Idem p. 66.

interpretações de acordo com as expectativas da comunidade acadêmica em que está inserido. Isso pode resultar em um conflito interno entre a busca pela originalidade e a conformidade com as convenções estabelecidas, com o autor navegando habilmente entre essas duas demandas conflitantes.

No entanto, é importante ressaltar que esse confronto entre o entendimento pessoal e as expectativas acadêmicas não precisa ser encarado como uma dicotomia rígida, mas sim como uma oportunidade para o autor enriquecer sua pesquisa por meio do diálogo crítico e da reflexão sobre diferentes perspectivas. Ao reconhecer e abraçar a complexidade desse processo, o autor pode desenvolver uma abordagem mais matizada e contextualizada para a interpretação do passado, contribuindo assim para o avanço do conhecimento histórico.

Antes de entrarmos especificamente no tema, gostaríamos de tratar ainda nessa fase introdutória da pesquisa em meio digital e em uma entrevista publicada no canal do Youtube em 2010, Peter Burke²¹ ao falar sobre a influência das novas tecnologias no aprendizado, sugeria o tema de seu próximo livro que seria da “Enciclopédia à Wikipédia” onde em pequena análise ele discorre sobre a introdução das novas tecnologias no processo historiográfico e acredito que no tempo em que vivemos os meios tecnológicos de produção e difusão de conhecimento se tornaram imprescindíveis para o trabalho do historiador em particular e ao grande público em geral.

A citação do escritor britânico se dá para explicitar recursos considerados “modernos” e que foram utilizados para a elaboração da presente pesquisa. Durante a caminhada, diversas entrevistas e reuniões foram realizadas por meio virtual, demonstrando como essa ferramenta entrou definitivamente na agenda dos pesquisadores, principalmente pela rapidez e facilidade em se conseguir uma informação. O meio virtual como fonte para pesquisas é uma realidade que tem muitos benefícios e também problemas, principalmente na confiabilidade de fontes, porém é um caminho sem volta, que a academia vai ter que em momento oportuno estabelecer os parâmetros necessários para uma pesquisa virtual.

Além da plataforma digital para reuniões e entrevistas, outra ferramenta fundamental foi o telefone celular e até mesmo Henry Jenkins²² que cunhou o termo “Cultura da

²¹ Peter Burke, historiador das ideias. Vídeo do ano de 2010 com depoimento do Historiador falando do segundo volume da "História do Conhecimento". Depois de abordar o período entre Gutemberg e Diderot, o inglês aborda a longa duração entre a Enciclopédia e a Wikipédia. Acesso em 03 jul. 2022. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Uma-hist%C3%B3ria-social-conhecimento-Enciclop%C3%A9dia/dp/853780875X>.

²² “Jenkins aponta o telefone celular como exemplo representativo do período que estamos vivenciando, ressaltando o papel central que o aparelho desempenha em diversas situações, dentre elas as estratégias de marketing. Admite que estes dispositivos desprenderam-se da condição de mero telefone, tornando-se ferramenta importante para produção, envio e recebimento de vídeos, músicas, fotos e jogos eletrônicos. Jenkins ressalta a apropriação dos dispositivos móveis pelos participantes de experiências urbanas de entretenimento, como os

Convergência” que define mudanças tecnológicas, industriais, culturais e sociais no modo como as mídias que circulam em nossa cultura” não conseguiria imaginar como esse pequeno equipamento seria capaz de gerar um processo de alienação social tão grande na população, processo este que pode ser visto em quase todos os lugares, nas mais diversas camadas sociais da população, ao ponto de no caso do Brasil haver mais aparelhos celulares do que pessoas. Segundo o FGVcia, são 464 milhões de dispositivos digitais (computador, notebook, tablet e smartphone) em uso no Brasil²³.

Em particular, o uso do celular na pesquisa foi intenso e fundamental, servindo para se comunicar com as mais variadas pessoas ligadas ao projeto, enviar mensagens, imagens, gravações de áudios, dentro de um processo inicial de uso. Porém podemos ainda elencar outros usos que foram dados ao Smartfone como:

1. Máquina Fotográfica - muitas imagens foram produzidas para uso no presente trabalho, tanto da pesquisa como da produção da pesquisa.
2. Scanner - baixando um aplicativo chamado CS - CamScanner foi possível copiar muitos documentos direto para o formato PDF com a possibilidade de compartilhamento imediato;
3. WhatsApp - esse não precisa nem de explicação pois suas funcionalidades são tantas que ficaria até difícil aqui apontar uma específica, porém consegui manter contato e resolver muitas questões com as fontes da minha pesquisa por meio do WhatsApp. Daria para discorrer várias laudas sobre essas funcionalidades.
4. Administrador de outras Mídias - Por meio do celular o autor assistiu muitas aulas no Youtube, acessou as mídias sociais como Facebook, Instagram e Twitter e pesquisou nas plataformas de busca assuntos de interesse que estavam envolvidos na proposta apresentada.
5. Meet - Participou de conversas e reuniões virtuais;
6. Compras - comprou livros e materiais que estão sendo utilizados na pesquisa.

jogos de realidade alternativa (ARGs). Por outro lado, o autor mostra-se preocupado em frisar que a proposta de convergência desenhada no livro não é tecnológica, não ocorre por meio de aparelhos multifuncionais, como muita gente acredita – engano que ele chama de *a falácia da caixa preta*. O conceito de *convergência*, proposto por Jenkins, refere-se ao paradigma configurado para representar a mente dos consumidores individuais e que pode ser percebido em suas interações sociais, nas formas de consumo e nas relações dos usuários com a tecnologia contemporânea” (LABADMIN, 2009, s/p). Disponível em: <http://www.lab404.ufba.br/a-convergencia-midiatica-na-visao-de-henry-jenkins/>.

²³ Uso de TI no Brasil: País tem mais de dois dispositivos digitais por habitante, revela pesquisa. Segundo o FGVcia, são 464 milhões de dispositivos digitais (computador, notebook, tablet e smartphone) em uso no Brasil (FGVcia, 2023). Acesso em: 09 fev. 2024. Fonte: <https://portal.fgv.br/noticias/uso-ti-brasil-pais-tem-mais-dois-dispositivos-digitais-habitante-revela-pesquisa>.

7. Gravador de voz
8. Identificador de objetos
9. Tradutor
10. Administrador financeiro
11. Google Maps para localização geografia
12. Google Earth com visualizador de Imagens de Satélite

Aproveitamos também para explicar que auxiliando os textos, vamos trabalhar com imagens que guardam relação com os assuntos aqui analisados. A inclusão de imagens na produção historiográfica desempenha um papel fundamental na contextualização, ilustração e enriquecimento da narrativa histórica, além disso, vão referendar em partes o que os textos trazem de informação por meio da prática do olhar.

Assim, a análise de imagens pode revelar informações importantes sobre a sociedade, cultura e mentalidade de uma determinada época. Os historiadores podem examinar detalhes visuais, como roupas, arquitetura, expressões faciais e gestos, para extrair insights adicionais sobre a vida cotidiana e os valores de uma sociedade histórica conforme Paulo Knauss (2016) explica ao afirmar que “ao investir no estudo da prática do olhar, a gente valoriza a dinâmica histórica porque ao longo do tempo, as formas de olhar vão se alterando (...) o olhar é dinâmico, é sempre um campo de disputa. Quanto melhor for o olhar, mais ele vai ser capaz de despertar outros sentidos” (KNAUSS, 2016, p. 21)²⁴.

As imagens serão dispostas acompanhando o texto, numa sequência capaz de facilitar o entendimento uma vez que apresentam pessoas, lugares, artefatos e eventos históricos relevantes, permitindo que os leitores visualizem diretamente o ambiente histórico sendo discutido, demonstrando que o entendimento do autor é justamente que as imagens servem como evidência documental complementar aos textos históricos. Alertamos que algumas imagens utilizadas nesta dissertação são produtos confeccionados com finalidades que em muitos casos não estão preocupados em retratar a “verdade histórica”, e sim reforçar estereótipos e perpetuar preconceitos como no caso das imagens que retratam os paulistas bandeirantes, presente nesta obra.

²⁴ KNAUSS, Paulo. No domínio dos acervos: história e as práticas do olhar. **Revista Maracanan**, publicação dos docentes da PPGH-UERJ vol. 12, n 14 p. 12-24 jan./jun 2016. p. 21.

Nesse contexto, Knauss (2016) analisa a busca da relação das linguagens e dos sentidos, procurando justamente perceber como o olhar e a letra se encontram e como um estimula o outro.²⁵

Já Peter Burke no livro *Testemunha Ocular*, mostra a importância da leitura das imagens com fonte histórica, pois ela assim como textos são testemunhos orais, constituem-se numa forma importante de evidência histórica. Elas registram atos de testemunha ocular.²⁶

O termo “Testemunha Ocular” usado por Peter Burke nos faz lembrar que o uso da história oral foi fundamental para realização desse trabalho pois muitas pessoas que vivenciaram os fatos aqui narrados gentilmente concederam entrevistas ao autor, contribuindo de forma significativa para a produção historiográfica, enriquecendo e complementando as narrativas históricas por meio das vozes e experiências dos indivíduos que viveram os eventos em questão.

A história oral permite que as memórias individuais sejam preservadas e compartilhadas, fornecendo uma perspectiva única sobre eventos históricos a partir das experiências pessoais dos entrevistados e além disso ao incluir testemunhos pessoais e relatos de vida, a história oral pode ampliar o escopo da história além dos eventos políticos e institucionais, proporcionando insights sobre a vida cotidiana, as práticas culturais e as lutas sociais de grupos diversos e guardado as devidas proporções a história oral oferece uma oportunidade única para recuperar as vozes daqueles que foram historicamente marginalizados ou sub-representados nos registros históricos tradicionais, incluindo mulheres, minorias étnicas, povos indígenas, trabalhadores e outras comunidades marginalizadas.

Do uso de parte do acervo de áudio e vídeo do Museu, à produção de diversos entrevistas para a presente dissertação além da reorganização de diversos tipos de acervo, caminhamos por meio desses atos reproduzindo a narrativa de Pierre Nora quando pondera que:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais...e se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tomariam lugares de memória. É este vai-e-vem que os constitui: momentos de história arrancados do movimento da história, mas que lhe são devolvidos. Não mais inteiramente a vida, nem mais inteiramente a morte,

²⁵ idem p. 21.

²⁶ BURKE, Peter. **Testemunha Ocular**. Tradução. Santos. Vera Maria Xavier. EDUSC - Editora da Universidade Sagrado Coração.2017 p. 17.

como as conchas na praia quando o mar se retira da memória viva²⁷. (NORA, 1993, p. 7).

Diante do exposto, o desenvolvimento da proposta seguirá uma sequência lógica, abordando a história do Museu de Cambé através da análise de três atores-chave responsáveis por uma mudança significativa na instituição. Essa transformação envolve a transição de um museu histórico tradicional para um museu com foco também em arqueologia, especialmente voltado para a ocupação indígena no norte do Paraná. A presente dissertação será estruturada em 4 capítulos, cada um explorando a trajetória das pessoas e eventos que foram os agentes dessa transformação na instituição.

No primeiro capítulo discutiremos sobre a formação da Secretaria de Cultura e do Museu Histórico de Cambé, processo iniciado em 1983 pelo Prefeito Luiz Carlos Haully, e para isso realizamos entrevistas com pessoas que vivenciaram esse momento, especialmente o jornalista e poeta José Julio de Azevedo que foi o primeiro Secretário de Cultura de Cambé, o jornalista e museólogo César Cortez considerado um dos fundadores do Museu de Cambé, o ex prefeito Luiz Carlos Haully, e os primeiros servidores da instituição.

Essas entrevistas têm como objetivo evidenciar que os fundamentos da cultura em Cambé, especialmente aqueles que foram oficialmente estabelecidos, originaram-se por meio dos esforços de jovens idealistas que articulavam na cidade um movimento cultural de caráter alternativo e eventualmente realizavam, exposições, saraus, festivais, publicações e atividades como forma de expressão. Lembrando que boa parte do período de atuação desses artistas foi no pós 1964, portanto, levando em consideração que a área cultural foi extremamente perseguida pelo regime militar que governava o País, em Cambé também houve vigilância e censura do regime o que de certa forma vai explicar a euforia vivenciada quando do início da abertura política a partir da década de 80 do século 20, conseqüentemente, “liberdade de expressão”.

Desse movimento cultural, surgem aspirações para que a cidade tivesse um espaço próprio destinado às manifestações culturais, como teatro, museu e biblioteca, que serão em parte exitosas com a construção do Centro Cultural de Cambé.

Nesse contexto vamos demonstrar que o surgimento do Museu começou justamente por conta de alguns desse jovens que participavam do movimento cultural citado e que

²⁷ NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury, In: Projeto História. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História e Departamento de História da PUC**. São Paulo, 1993. p. 7.

resolveram montar um jornal comemorativo do jubileu de prata²⁸ da Cidade em 1972²⁹ com informações sobre a história do município. Assim eles começaram a entrevistar antigos moradores e reunir objetos antigos. Porém sem apoio financeiro necessário para a confecção o jornal não foi publicado, mas esse ato foi muito importante pois representou o embrião do que seria mais tarde o Museu Histórico de Cambé. Da frustração pela não publicação do material comemorativo, ficou como saldo o material produzido e as perspectivas interessantes que seria trabalhar com a história e a memória da cidade.

Ainda para essa parte da pesquisa, foi necessário buscar mais informações nas coleções de jornais do Museu, além de pesquisa no Departamento de Recursos Humanos da Prefeitura de Cambé, para saber sobre a vida funcional de várias pessoas que são citadas nesta dissertação, bem como muitas conversas de corredor com pessoas que vivenciaram parte dessa história.

Outro ponto relevante foi a entrevista que o autor realizou com os primeiros servidores do Museu³⁰ que não se reuniam há 30 anos, desde uma reorganização administrativa que aconteceu na Prefeitura de Cambé em 1993. Apesar de algumas questões que o tempo não conseguiu resolver, eles se encontraram em ambiente virtual e debateram por mais de quatro horas a instituição Museu Histórico de Cambé, Sítio Arqueológico Fazenda Santa Dalmácia e a Cultura de Cambé de uma forma geral.

Assim, caminhando um pouco mais, vamos analisar o Museu Histórico de Cambé e sua importância no contexto dos trabalhos para formação de uma política voltada a história e a memória do município de Cambé com um recorte especial no âmbito da história dos povos indígenas por meio de campanhas e projetos realizados pela instituição, relacionados à arqueologia.

Levando em consideração os ensinamentos do Professor Mário Chagas,

Para o bem e para o mal os museus não são blocos homogêneos e inteiramente coerentes. Ali mesmo em suas veias circulam corpos e anticorpos, memória e contramemória, seres vivos e mortos. De qualquer modo, para além dessa visão microscópica, não se deve desconsiderar as tendências gerais predominantes em uma instituição, em um complexo

²⁸ Entrevista realizada com César Cortez, em 11 de agosto de 2023 via *Google Meeting*, onde o mesmo disse que além dele participaram para a montagem do jornal dos 25 anos de Cambé o Poeta José Julio de Azevedo, Artista Claudio Kambé, Leonilda Bissoqui, Léo Santana Júnior e provavelmente Djalma de Souza, Carlos Alberto Cavalli e Wilson Vidoto. Disponível no Acervo de Áudio e Vídeo do Museu Histórico de Cambé.

²⁹ Autoridades saúdam o Jubileu de Prata, *Jornal Cambé Notícias* Ano IX, nº 535 de 11 de outubro de 1972. Disponível no Acervo de Jornais do Museu Histórico de Cambé.

³⁰ Participaram da entrevista, César Cortez, Elaine Garcia, Liberaci Pascueto, Rosângela Alduan e Lucilene Lisse via plataforma *Google Meet* em 14 de abril de 2021. Disponível no Acervo de Áudio e Vídeo do Museu Histórico de Cambé.

institucional ou em um conjunto de processos e práticas. Interessa aqui afirmar que alguns museus, dando provas de que a mudança é possível, buscam transformar-se em equipamentos voltados para o trabalho com o poder da memória³¹ (CHAGAS, 2002, p. 65).

Ressaltamos a importância de posicionar o Museu no contexto da presente pesquisa pois ele acabou se constituindo como o catalisador das principais iniciativas municipais cujo objeto era a temática indígena e essa história junto com todo o trabalho desenvolvido pela sua equipe, configura-se como veremos no decorrer da dissertação, um divisor de águas para o estudo da história do Paraná em especial o norte do Estado pois em Cambé, no Museu Histórico várias iniciativas foram de encontro ao discurso “oficial” onde a Companhia de Terras Nortes do Paraná e o mito do vazio demográfico ocupavam espaço de destaque, hegemônico nos debates sobre a história de Cambé.

No segundo capítulo vamos analisar os eventos que culminaram com a construção do Centro Cultural³² e a sua importância como espaço de memória, pois isso só aconteceu por causa da articulação dos grupos culturais existentes em Cambé que se organizaram e conseguiram eleger essa obra como prioridade para o município, durante as reuniões realizadas do projeto Galha Azul (Anexo E pág 196) em 1984.³³

O Centro Cultural foi concebido para abrigar uma variedade de instalações culturais, incluindo a Biblioteca Pública Municipal³⁴, um Centro Municipal de Expressão Artística³⁵,

³¹ CHAGAS, Mário. Memória e Poder: Dois Movimentos. *Cadernos De Sociomuseologia*, 19(19). Disponível em: <https://revistas.ulsofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/367>. Acesso em: 15 nov. 2023.

³² Antiga aspiração da comunidade artística cambense, o Centro Cultural foi eleito com uma obra essencial para a cidade durante as reuniões para definir as prioridades que a comunidade cambense queria incluir no Projeto Galha Azul, que foi desenvolvido pelo Governo do Estado para apoiar os municípios por meio do Banestado. Conforme matéria publicada no Jornal Cambé Notícias de 20 a 26 de maio de 1984 com a manchete Prioridades para o Galha Azul, a comunidade elegeu implantação de esgoto sanitário, pavimentação asfáltica Casa da Cultura (Teatro Municipal), nova delegacia de Polícia, e a construção de um terminal rodoviário. Segundo César Cortez várias pessoas tentaram demover o prefeito Haully à época de gastar vultosa quantia com um Centro Cultural sendo que na opinião dessas pessoas a cidade tinha coisas mais urgentes, porém Haully insistiu dizendo que a eleição do Centro Cultural foi fruto da organização da comunidade cultural que soube se articular para conseguir a aprovação da prioridade e assim manteve a obra no projeto. Em 1990, portanto 6 anos depois a cidade ganhava o seu tão sonhado Centro Cultural, uma obra moderna com arcos monumentais de concreto na entrada com uma rampa de acesso ao piso superior que daria acesso a entrada do Teatro que acabou não sendo construído nessa primeira fase da construção e como administrador não gosta de terminar obra dos outros, Cambé ainda não tem o seu Teatro Municipal. O projeto foi capitaneado pelo Arquiteto e Professor da Universidade Estadual de Londrina Nestor Razente que na época também respondia pela parte de planejamento urbano da Prefeitura de Cambé. Anexo N e O pág 210 e 211.

³³ Projeto Galha Azul, que foi desenvolvido pelo Governo do Estado do Paraná para apoiar obras nos municípios por meio do Banestado - Banco do Estado do Paraná.

³⁴ A Biblioteca Pública Municipal de Cambé iniciou sua organização em 1954 sendo criada por lei nº 214 somente em 1960. As primeiras atividades aconteceram em uma sala de aula do Colégio Estadual Olavo Bilac, para depois ganhar um prédio construído exclusivamente para servir como Biblioteca na Rua Otto Gaertner, nº 35 sendo inaugurado no dia 24 de dezembro de 1962. Com o passar do tempo e o crescimento da demanda, houve a necessidade de ampliação que aconteceu no dia 02 de setembro de 1990 com o advento da

um Teatro e o Museu Histórico de Cambé. No entanto, foi especialmente devido à nova sede do Museu que um professor local chamado João Sabaine decidiu fazer uma doação significativa para a instituição. Sabaine era detentor de um acervo de arqueologia indígena, que ele generosamente optou por doar para enriquecer o patrimônio do Museu. Essa doação não apenas ampliou os recursos disponíveis para pesquisa e exposição, como também a valorização e preservação da história indígena da região, enriquecendo a compreensão da comunidade sobre suas raízes culturais e históricas.

Analisar a contribuição do professor João Sabaine nesse processo é muito relevante para entrelaçar as histórias que culminaram com a formação do acervo arqueológico do Museu de Cambé, pois segundo o próprio professor, seu amor pela arqueologia surgiu por ocasião da participação em um curso de Introdução à Arqueologia com o Arqueólogo José Wilson Rauth que aconteceu em 1968 na antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Londrina³⁶- FAFILO, quando o mesmo cursava História. Esse momento da história vivido por Sabaine está inserido segundo Leilane Lima ao contexto acadêmico vivenciado na cidade de Londrina durante a década de 1960, quando professores dos departamentos de História e de Geografia da FAFILO de Londrina, atentos ao desenvolvimento do ensino de Arqueologia na universidade e ao crescimento exponencial de pesquisas arqueológicas no estado do Paraná, se articularam, promoveram e apoiaram atividades de extensão que visaram o preparo e a formação de alunos para a realização de pesquisas arqueológicas no norte do estado.³⁷

Assim vamos demonstrar que essa ação representou um marco para a história do Museu pois foi por meio dessa iniciativa que a equipe da instituição resolveu organizar no início de 1990, uma sala especialmente destinada a objetos arqueológicos, demonstrando

inauguração do Centro Cultural de Cambé onde a Biblioteca Pública Municipal passou a funcionar propiciando para a comunidade um grande espaço de prestação de seus serviços.

³⁵ O Centro Municipal de Expressão Artística iniciou suas atividades no ano de 1989 com a denominação de Projeto Criança 2000 cuja coordenação das atividades coube ao Artista José Anésio Montini e tinha entre seus objetivos o desenvolvimento da criatividade, conhecimento e expressividade artística em crianças de 05 a 14 anos por meio de atividades de desenho, pintura, teatro, papel artesanal, fantoches e cerâmica. Em 2001 passa a ser chamar CemeART – Centro Municipal de Expressão Artística ampliando seu espectro de atuação de forma a oportunizar a crianças e adolescentes uma proposta de arte educação não formal (fora dos limites escolares), metodológica de contextualização – expressividade – leitura estética, estimulando o conhecimento, criatividade, consciência crítica e de cidadania.

³⁶ A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Londrina (FAFILO), criada em 1956, fazia parte de um conjunto de cinco faculdades isoladas. Iniciou suas atividades em 1958. Dez anos depois, reúnem-se as faculdades criando-se a Universidade Estadual de Londrina, pela Lei Estadual 6.034 de 06/11/69, Decreto Estadual 18.110 de 28/01/1970, reconhecida pelo decreto federal 69.234 de 07/10/1971. Inicialmente criada como Fundação, foi transformada em autarquia pela lei Estadual 9.663 de 16/07/1991 Disponível em <https://www.uel.br/cch/filosofia/pages/departamento/historico.php>. Acesso em: 27 fev. 2024.

³⁷ LIMA, Leilane Patricia de. Entre sambaquis, museus e memórias: um pouco da história da Arqueologia no Paraná. **Boletim Museu Histórico de Londrina/Universidade Estadual de Londrina**. Museu Histórico de Londrina Londrina-PR: Universidade Estadual de Londrina, v.7 n. 14, jan/jun.2016.

cabalmente a mudança de perfil da instituição que passa a trabalhar com mais ênfase a temática indígena e nesse mesmo período vai acontecer a descoberta do Sítio Arqueológico da Fazenda Santa Dalmácia também 1990 reforçando ainda mais a nova opção de trabalho da instituição em contraponto a maioria dos museus do norte do Paraná, principalmente o mais importante deles, o Museu Histórico de Londrina “Pe. Carlos Weiss”, vinculado a Universidade Estadual de Londrina e que segundo o pesquisador Edson Holtz, foi estruturando seu acervo a partir desta perspectiva tradicional da história da cidade e ele acrescenta que esta visão da história local, consagrada nas exposições do museu, ganhou, em meados da década de 1990, um importante reforço para sua manutenção, com a criação de uma associação de amigos.

A Associação Sociedade de Amigos do Museu (ASAM)³⁸, formada por pessoas, em sua maioria, pertencentes às chamadas elites locais e identificadas com ideologia do pioneirismo, além do apoio financeiro ao museu, tornou-se uma forte aliada dos diretores identificados a esta narrativa tradicional.³⁹ (LEME, 2013, p. 24).

Uma seção do trabalho será dedicada à análise das questões administrativas relacionadas à gestão do Museu Histórico de Cambé, com foco especial no ano de 1993, quando a instituição experimentava um de seus períodos mais promissores. Entretanto, devido a questões internas envolvendo cargos, funções e alocação de servidores, o museu acabou perdendo toda a sua equipe.

Essa análise permitirá uma compreensão mais profunda dos desafios enfrentados pela instituição naquela época, bem como das consequências dessas questões administrativas para o desenvolvimento de atividades e programas. Essa situação local, que será retratada, será apenas um exemplo dos desafios enfrentados pelas instituições culturais no país, onde muitas vezes questões burocráticas e “administrativas” podem interferir no desenvolvimento de projetos e na preservação do patrimônio histórico e cultural, causando grande prejuízo.

Assim, justamente quando o Museu estava embarcando em um projeto estratégico voltado para o estudo dos povos indígenas, utilizando o Sítio Arqueológico da Fazenda Santa

³⁸ A ASAM foi criada em maio de 1995 por iniciativa da então diretora Conceição Geraldo. A nova entidade tinha como objetivo realizar ações que auxiliassem o MHL na manutenção e preservação do prédio e do espaço físico e, da mesma forma, apoiasse as diversas atividades promovidas pela instituição. Leme, Edson José Holtz. **O Teatro da Memória: o Museu Histórico de Londrina: 1959-2000** p. 188.

³⁹ LEME, Edson José Holtz. **O Teatro da Memória: o Museu Histórico de Londrina: 1959-2000**, Tese apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP - Universidade Estadual Paulista para obtenção do título de Doutor em História (Área de conhecimento: História e Sociedade) com orientação Prof. Dr. Hélio Rebello Cardoso Júnior, Assis, 2013. p. 24.

Dalmácia e o material doado pelo Professor João Sabaine, ele se viu obrigado, pelas circunstâncias, a interromper suas atividades e iniciar negociações administrativas para reestruturar sua equipe de servidores.

A perda de toda a equipe do Museu Histórico de Cambé em 1993 acarretou uma série de problemas e prejuízos significativos para os envolvidos, incluindo servidores, o museu e a comunidade em geral. Algumas das principais consequências desse acontecimento incluem: A saída repentina de toda a equipe deixou o museu em uma situação precária, com uma falta severa de pessoal qualificado para realizar as operações e programas necessários. Isso comprometeu a capacidade do museu de cumprir sua missão educativa e de preservação, bem como de oferecer serviços adequados à comunidade; A necessidade de redimensionamento da mão de obra levou a uma diminuição no ritmo e na prioridade das políticas municipais voltadas para o patrimônio histórico. Isso afetou negativamente o financiamento, o planejamento e a implementação de projetos destinados à preservação e promoção da história local; A redução da capacidade do museu de operar efetivamente afetou diretamente a comunidade em geral, privando-a do acesso a recursos educacionais, exposições e programas culturais que a instituição poderia oferecer. Além disso, a diminuição no investimento em políticas de preservação do patrimônio histórico gera um impacto duradouro na identidade cultural e no senso de pertencimento da comunidade.

No terceiro capítulo, será abordado o projeto mais bem-sucedido realizado pelo Museu de Cambé, que ocorreu no ano de 1990. Essa iniciativa envolveu a colaboração da equipe do museu com as escolas municipais, visando conscientizar e desmistificar questões relacionadas à arqueologia, além de buscar acervos arqueológicos. O ápice dessa campanha foi a descoberta do Sítio Arqueológico da Fazenda Santa Dalmácia, localizado ao norte do município de Cambé. Esse projeto não apenas demonstrou a eficácia da colaboração entre a instituição cultural e a comunidade escolar, mas também resultou em uma descoberta de grande importância histórica e arqueológica para a região.

Enquanto, por um lado, o Museu obteve um acervo significativo por meio da doação do professor João Sabaine, como narrado anteriormente, a descoberta do Sítio Arqueológico da Fazenda Santa Dalmácia deu destaque e visibilidade. Isso ocorreu especialmente devido à contratação de arqueólogos de Curitiba, que vieram para explorar e estudar o local, e também graças à cobertura da imprensa ⁴⁰. Durante vários dias, essa descoberta foi noticiada, levando o nome do Museu a todas as regiões do Estado.

⁴⁰ Folha de Londrina, Jornal de Londrina, Cambé Notícias, Jornal Nossa Cidade entre outros noticiaram a descoberta.

Trataremos de questões que vão além do escopo das atividades de campo no sítio arqueológico e são fundamentais para a condução de qualquer pesquisa. Entre essas questões, destacam-se as ações políticas e administrativas que envolvem todo empreendimento. Um caso específico será analisado, no qual uma conversa mal direcionada quase comprometeu todo o projeto, interrompendo, naquele momento, o trabalho dos arqueólogos. Isso evidencia a importância de considerar não apenas os aspectos técnicos da pesquisa, mas também as dinâmicas políticas e administrativas que podem influenciar seu desenvolvimento e conclusão.

No último capítulo, será dedicado espaço para discutir a trajetória da arqueóloga Cláudia Parellada desde sua primeira visita a Cambé em 1992 até suas descobertas mais recentes. Em 1993, Parellada retornou para realizar um curso de arqueologia, passando a partir daí a conduzir uma série de estudos e pesquisas na região. Em 2011, ela anunciou uma descoberta significativa: identificou que Santa Dalmácia era, na verdade, uma missão jesuíta denominada San Joseph, que existiu na região entre 1625 e 1631. Esse achado não apenas revela informações importantes sobre a história local, mas também lança luz sobre a presença e influência jesuíta na região durante o século XVII. A história de Cláudia Parellada exemplifica o papel crucial dos arqueólogos na reconstrução e interpretação do passado, assim como a importância de suas descobertas para a compreensão da história e da cultura de uma região.

Para discorrer sobre os motivos que levaram a arqueóloga a ressignificar Santa Dalmácia, é importante apresentar uma variedade de documentos argumentativos que sustentem essa mudança de interpretação. Aqui estão alguns tipos de documentos que podem ser utilizados para este fim como documentos arqueológicos tipo relatórios de escavação, análises de artefatos encontrados no local, mapas e diagramas do sítio arqueológico, fotografias e registros de campo; Documentos históricos que compreendem registros históricos, documentos de arquivo, cartas, diários e relatos de testemunhas oculares relacionados à região de Santa Dalmácia e à presença jesuíta na área durante o século XVII. Documentos acadêmicos que englobam artigos acadêmicos, teses, dissertações e estudos publicados por outros especialistas no campo da arqueologia e da história, que discutem temas relacionados à presença jesuíta na região e aos métodos de pesquisa arqueológica; Documentos de análise comparativa que podem incluir estudos comparativos de outros sítios arqueológicos jesuítas na região ou em contextos semelhantes, bem como análises de práticas e estratégias missionárias utilizadas pela Companhia de Jesus durante o período em questão; Documentos etnográficos e antropológicos: Englobam estudos sobre culturas indígenas da

região, práticas religiosas e rituais, bem como relatos contemporâneos de povos indígenas locais.

Ao apresentar uma variedade de documentos argumentativos, é possível construir uma análise robusta e fundamentada que justifique a ressignificação de Santa Dalmácia proposta pela arqueóloga. Esses documentos fornecem uma base sólida para a interpretação e permitem uma compreensão mais completa e contextualizada do passado histórico da região.

Enquanto Missão Jesuítica necessário se faz contextualizar o tempo histórico e os fatos que levaram a Coroa Espanhola a montar um projeto com os Jesuítas para por meio das Missões dominar, catequizar e ocupar todas as terras da Província do Guairá⁴¹.

A pesquisa realizada contou com várias entrevistas com a Arqueóloga Cláudia Parellada, e na oportunidade a leitura de publicações da mesma, culminando com a cedência de vários documentos e mapas que serão reproduzidos no presente trabalho.

Do sítio arqueológico da Fazenda Santa Dalmácia portanto na fase anterior a sua ressignificação o autor conseguiu encontrar e entrevistar várias pessoas que participaram do trabalho de descoberta em 1990, como o arqueólogo Miguel Gaissler, Valter Franco⁴² que foi administrador da Fazenda, e a professora Maria Célia Araújo Coelho, além disso foram consultadas várias publicações próprias do museu e matérias jornalísticas.

Da parte da fundação da Missão San Joseph utilizamos principalmente os escritos do Padre Antonio Ruiz de Montoya⁴³, jesuíta, fundador de diversas missões e autor de várias publicações onde relata sua vida e obra junto aos indígenas do Guairá inclusive relatando a fundação de San Joseph. Também será utilizado o importante trabalho de Jaime Cortesão, responsável pela organização e classificação de parte do acervo da Coleção de Angelis, em especial nesse caso as obras Jesuítas e Bandeirantes no Guairá 1549 - 1640 e Jesuítas e Bandeirantes no Tape 1615 - 1641.

⁴¹ A Província Guairá, região encravada na fronteira dos reinos de Portugal e Castela, fazia parte da governação do Paraguai e da diocese de Assunção, no extenso vice-reino do Peru, limítrofe com o estado do Brasil. Os missionários que ali trabalharam faziam parte da Província Jesuítica do Paraguai, em íntima sintonia de carisma e serviço, «poniendo todas nuestras fuerzas en la virtud de la obediencia, del Summo Pontífice primero, y después de los Superiores de la Compañía. In AGUILAR, Jurandir Coronado. **Conquista Espiritual**. A história da evangelização na Província do Guairá na obra de Antonio Ruiz de Montoya, S. I. (1585-1652). Roma: PUG. 2002 p. 15. F.

⁴² Pouco tempo depois da entrevista, recebemos a notícia do seu falecimento.

⁴³ Antonio Ruiz de Montoya nasceu em Lima, Peru, no dia 13 de junho de 1585, sendo filho natural de Ana Vargas, de Lima, e de Cristóbal Ruiz de Montoya, de Sevilha. Ficou órfão de mãe aos 5 anos de idade, e de pai aos 8 anos. Ingressou na Companhia de Jesus em 11 de novembro de 1606, iniciando seus estudos no Colégio São Paulo de Lima e foi ordenado sacerdote em fevereiro de 1611 em Santiago del Estero, pelo Bispo de Tucuman, D. Fernando de Trejo y Sanabria. Posteriormente juntou-se aos Padres José Cataldino e Simón Mascetta para trabalhar com indígenas na Província Guairá, sendo nomeado no período de 1622 - 1636 Superior das Missões do Guairá.

AGUILAR, Jurandir Coronado (Coord.). **Intrépidos missionários da igreja no Paraná**: biografias de presbíteros. Curitiba: Champagnat, 2010. p. 51.

Ainda na tentativa de contextualização e interpretação do que representou San Joseph, utilizaremos outras publicações da Companhia de Jesus pois segundo Cardoso (1993)

Os próprios jesuítas, a começar pelo fundador, espelham-se nos escritos dos santos padres da igreja conservados através dos séculos. Os exemplos do passado e a memória escrita da igreja estimularam o desejo de deixar algo edificante, digno de ser lembrado no futuro. Inácio de Loyola, claramente preocupado com a imagem que a Companhia deixaria à posteridade, lembrava ao padre Favro da importância a ser dada ao que era escrito e como era escrito, pois “a escrita fica e dá testemunho” (CARDOSO, 1993, p. 29)⁴⁴.

Dentre esses destacamos Nicolas del Techo, Pedro Lozano, Pablo Pastells, Francisco Jarque, Antonio Airtrain pois estes autores mantiveram formas bastantes variadas de contatos com as missões⁴⁵. Alguns viveram no Paraguai, conheceram a América. Padre Techo viveu mais de vinte anos entre os guaranis do Paraná e Uruguai.”⁴⁶.

Assim em poucas palavras procuramos expressar como se deu a pesquisa que está sendo apresentada a seguir e é lógico que o pensamento expresso encontra guarida na escrita da história que foi vivenciada pelo autor na academia e no seu local de trabalho que também é uma instituição pública, porém com objetivos diferentes da Universidade Estadual de Londrina.

A narrativa a ser apresentada seguirá uma linha que visa levar o leitor a entender como se deu a criação de uma entidade que desde a sua gênese por meio de seus servidores, que entenderam em determinado momento a necessidade de dar protagonismo também para os povos indígenas que habitaram nossa região e não só reproduzir o discurso oficial da Companhia de Terras, apresentando para isso documentos, depoimentos, imagens, jornais etc.

⁴⁴ CARDOSO, Armando S.J. (Org.) **Cartas de Santo Inácio de Loyola**: volume 3: servir a Deus no meio do mundo. São Paulo: Edições Loyola, 1993. p. 29.

⁴⁵ Muito do material pesquisado e aqui utilizado foi baixado de biblioteca virtuais, Assim gostaríamos de destacar apenas 3 exemplos que no caso foram fundamentais para o presente trabalho que são Biblioteca Digital Nacional do Brasil, <https://bndigital.bn.gov.br>, Biblioteca Digital Curt Nimuendajú, <http://www.etnolinguistica.org> e Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, <https://www.bbm.usp.br/pt-br>.

⁴⁶ OLIVEIRA, Paulo Rogério de Melo. Clio na Companhia de Jesus: Notas sobre a historiografia Jesuítica das Reduções do Paraguai. **Revista de Teoria da História**, Goiás, ano 7, v. 14, n. 2, nov. 2015. p. 81.

2 MUSEU HISTÓRICO DE CAMBÉ: UM MERGULHO NO TEMPO

O Museu Histórico de Cambé foi inaugurado no dia 30 de outubro de 1985, em dois cômodos de uma pequena casa de madeira alugada pela Prefeitura, na Rua França 546 no Centro de Cambé. Essa casa abrigava além do Museu, a Divisão de Cultura e era um local bem conhecido na cidade pois ali serviu como residência de promotores públicos que atuavam na comarca.

Naquela noite, a solenidade contou com a presença de muitas pessoas, principalmente antigos moradores e a inauguração foi abrilhantada por uma exposição de fotografias antigas da cidade⁴⁷ e esta pequena ação, porém muito significativa, vai marcar o início da trajetória de uma das principais instituições de história e memória do norte do Paraná.

Imagem 1: Prefeito Luiz Carlos Hauly, sua mãe Jamile Aiub Hauly e Gregorio Wladeck descerram a fita inaugural do Museu Histórico de Cambé em 30 de outubro de 1985. No segundo plano aparecem Négila Hauly, Célia Hauly, Valdinei de Moura Lopes e César Cortez.



Fonte: Acervo de Imagens do MHC. Fotografia Luiz Carlos Garcia - Bráulio em 30 de outubro de 1985.

Cabe ressaltar que segundo José do Nascimento Júnior e Mário de Souza Chagas (2007), o panorama museológico entre os anos 70 e 80 do século 20, estava em ebulição e compunha-se de novas ideias, encontros, debates e novas propostas de uma museologia ativa,

⁴⁷ César Cortez reproduziu uma série de fotografias antigas, preto e branco no tamanho 30 cm por 40 cm e fixou em uma moldura de madeira para depois plastificar de forma a preservar o material exposto. Esse material até hoje se encontra no acervo do Museu.

participativa e democrática. Na esteira das discussões de política museológica surgiu, em 1986, o Sistema Nacional de Museus (NASCIMENTO, 2007 p. 18)⁴⁸.

Para melhor contextualizar a citação de Nascimento e Chagas, Tereza Scheiner (2012 p. 22), pontua que a Mesa Redonda de Santiago⁴⁹ aconteceu em maio de 1972,

No âmbito das discussões mundiais sobre o meio ambiente integral (...) e teve como objetivo provocar o debate das nações sobre a degradação dos recursos naturais e genéticos do planeta e para os riscos que o uso abusivo desses recursos trazia para a sobrevivência da humanidade; e provocou, em âmbito mundial, uma tomada de consciência sobre os graves problemas que assolavam os países em desenvolvimento (SCHEINER, 2012 p. 22)⁵⁰.

Portanto, Scheiner entende que nada mais natural que o debate sobre a ação dos museus se tenha desenvolvido em sintonia com esses movimentos e diretrizes; e que a Mesa Redonda de Santiago,

[...] Tenha adaptado essas premissas ao âmbito da Museologia, elaborando o conceito de Museu Integral e recomendando – como bem já o sabemos – uma percepção integrada da relação entre os museus e as realidades sociais, econômicas e políticas dos museus latino-americanos. (SCHEINER, 2012 p. 22)⁵¹.

As discussões de Santiago do Chile representam um momento muito importante para a Museologia, pois os parâmetros estabelecidos neste evento vão refletir nos principais

⁴⁸ NASCIMENTO JUNIOR, José do; CHAGAS, Mário de Souza (orgs.). **Política nacional de museus**. Brasília. Ministério da Cultura, 2007. 184 p. p. 18.

⁴⁹ “Cabe ainda acrescentar que a Conferência de Santiago não se originou de nenhum movimento de base, mas sim de uma tomada de posição da UNESCO e do ICOM com relação aos museus da América Latina – cuja situação já havia sido, desde 1958, diagnosticada pelo próprio ICOM como merecedora de atenção, sob todos os pontos de vista: organizacional (estrutura, funcionamento, serviços técnicos e outros), profissional (formação e adequação dos profissionais às tarefas necessárias) e comunicacional (relações com a sociedade, incluindo exposições). O diagnóstico elaborado em 1958 por Georges-Henri Rivière, em conclusão a um seminário regional de estudos da UNESCO sobre o papel educativo dos museus, realizado no Rio de Janeiro, apontava, entre outras coisas: “O museu pode aportar à educação uma contribuição de primeira ordem. A importância de seu papel (...) não cessa de crescer” (Rivière, 1958, p. 23). O documento admite, ainda, a existência de uma apresentação “ecológica” (integral) das exposições, método já então defendido por Rivière como alternativa para melhor comunicação com os públicos, tanto nos museus tradicionais como nos parques naturais e nos museus a céu aberto: “Considerada sob o ponto de vista educativo, a apresentação ecológica é a mais atraente e espetacular, e, portanto, a mais facilmente assimilável” (Rivière, 1958, p. 23)¹⁷. Rivière defendia também a criação de museus para jovens e de museus escolares; as exposições polivalentes; os clubes de amigos; a incorporação de recursos multimídia e a mediação educativa nas exposições; e sugere alternativas para a ação educativa de base, em comunidades carentes – como um museu flutuante para a região amazônica (Rivière, 1958, p. 34-37)”. (SCHEINER, 2012, p. 22).

SCHEINER, Tereza Cristina: Repensando o museu integral: do conceito às práticas, **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, vol. 7, núm. 1, jan-abril, 2012, pp. 15-30 Museu Paraense Emílio Goeldi Belém, Brasil. p. 22.

⁵⁰ Ibidem, p. 20.

⁵¹ Ibidem, p. 22.

acontecimentos das décadas seguintes. E a semente de uma nova corrente do pensamento museal vai ser consolidado pouco tempo depois, conforme nos relataram Mário Chagas e Inês Gouveia (2014):

Em Quebec, no Canadá, uma reunião internacional que produziria um documento muito simples, objetivo e radical, que ficaria internacionalmente conhecido como a Declaração de Quebec e que daria origem ao Movimento Internacional para uma Nova Museologia que, a rigor, contribuiu para a produção de um divisor de águas no campo museal. Em pouco tempo, especialmente nas décadas de 1980 e 1990, o temário e os problemas elencados pela denominada nova museologia espalharam-se pelo mundo. A primeira década após a Declaração de Quebec foi marcada por uma disputa acirrada entre os apoiadores da nova museologia e os defensores da museologia tradicional, clássica ou ortodoxa, assim considerada a partir do ponto de vista dos seus opositores (CHAGAS; GOUVEIA, 2014, p. 12 - 13)⁵².

Como resultado do Seminário de Quebec, Maria Célia Teixeira Moura Santos (2002, p. 113) afirma que os participantes concluíram que a Museologia atua com vistas a uma evolução democrática das sociedades;

A intervenção dos museus no quadro dessa evolução passa por um reconhecimento e uma valorização das identidades e das culturas de todos os grupos humanos inseridos no seu meio ambiente, no quadro da realidade global do mundo; por uma participação ativa desses grupos no trabalho museológico (SANTOS, 2002, p. 113).

Existe um movimento, caracterizado por práticas comuns, que pode assumir formas diversas, em função dos países e dos contextos, que deverão conduzir surgimento de um novo tipo de museu correspondente a estas novas perspectivas; “Nestas condições, a interdisciplinaridade e a função social conduzem a uma mudança do papel e da função do museólogo, o que implica uma formação nesse sentido” (SANTOS, 2002, p. 113)⁵³.

Myrian Sepúlveda dos Santos (2004) apresenta um dado estatístico interessante:

Quando observamos o crescimento dos museus ao longo do século XX, o aspecto a ser destacado é que a maior parte deles, isto é, 81,24% dos museus atualmente existentes, foi criada apenas nas últimas quatro décadas, sendo que o grande aumento do número de museus ocorreu nos anos de 1980, com uma queda desse crescimento na década seguinte (SANTOS, 2004, p. 59).

⁵² CHAGAS, Mário e GOUVEIA, Inês. **Museologia social**: reflexões e práticas (à guisa de apresentação). Cadernos do CEOM - Ano 27, n. 41, 2014, p. 12 - 13.

⁵³ SANTOS, M. C. T. M. (1). Reflexões Sobre A Nova Museologia. *Cadernos De Sociomuseologia*, 18(18). Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/363>.

Complementando o espectro de análise ela afirma que:

O número cada vez maior de museus a partir dos anos de 1980 não foi uma peculiaridade brasileira. Esse fenômeno foi analisado em diversas regiões do mundo como sendo uma resposta a demandas mais localizadas e como parte de um movimento que tornou mais diversificado o processo de preservação do passado (SANTOS, 2004, p. 59)⁵⁴.

Nesse contexto Tereza Cristina Scheiner (2012) traz um panorama do final da década de 1980 onde conforme citação:

Ao final dos anos 1980, já se confirmava a existência de uma teoria da Museologia e definia-se para ela um lugar de fala no universo acadêmico. A investigação sobre a existência de metodologias próprias do campo e a análise dos limites e das interfaces com outros campos disciplinares (como a Filosofia, os Estudos Culturais, a Ciência Política e a Ciência da Informação) fortaleceram ainda mais a Museologia – definida, a partir de então, como uma disciplina de caráter transdisciplinar, dedicada ao estudo da relação específica entre o Humano e o Real, tendo como objeto de estudo o fenômeno Museu. (SCHEINER, 2012, p. 16 – 17)⁵⁵.

A década de 80 no Brasil terá também como ingrediente para o surgimento de um grande número de museus e de igual modo instituições culturais a abertura política, pois o país vivia um regime ditatorial⁵⁶ e com o afrouxamento no regime de repressão política, cultural e social, o desejo reprimido por muito tempo de muitas pessoas em restabelecer as bases para uma vida em sociedade plena sem as amarras impostas pelo governo ditatorial que ocupou o poder desde 1964 finalmente acontece e essa nova atmosfera política e social permitiu um florescimento de iniciativas culturais e o surgimento de espaços dedicados à preservação da história e da memória do país. Os museus e instituições culturais que surgiram nesse período desempenharam um papel importante na promoção da diversidade cultural, na valorização da história nacional e na democratização do acesso à cultura e à informação.

⁵⁴ SANTOS, Myrian Sepúlveda dos: Museus brasileiros e política cultural. **RBCS-Revista Brasileira De Ciências Sociais** - Vol. 19 No. 55 junho/2004.

⁵⁵ SCHEINER, Tereza Cristina. Repensando o museu integral: do conceito às práticas. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, vol. 7, núm. 1, jan-abril, 2012, pp. 15-30.

⁵⁶ A ditadura militar brasileira foi o regime instaurado no Brasil em 1 de abril de 1964 e que durou até 15 de março de 1985, sob comando de sucessivos governos militares. De caráter autoritário e nacionalista, a ditadura teve início com o golpe militar^{[1][2]} que derrubou o governo de João Goulart, o então presidente democraticamente eleito.^[3] O regime acabou quando José Sarney assumiu a presidência, o que deu início ao período conhecido como Nova República (ou Sexta República). Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ditadura_militar_brasileira Acesso em: 12 de fev. de 2024.

2.1 Em Cambé: Um Museu Tradicional

Voltando a falar do Museu de Cambé, apesar de todo o movimento que aconteceu nas décadas de 70 e 80 na tentativa de mudar o foco acerca de como deveria ser a atuação dos museus, a opção adotada para o caso em questão foi a do Museu tradicional, a começar com a solenidade de inauguração que foi cercada de toda a pompa, assim houve o descerramento da fita inaugural e a Secretária de Educação que também ocupava o cargo de Inspectora de Educação Professora Arailde Conceição fez uso da palavra, depois dela também discursou a irmã do prefeito, Négila Hauly⁵⁷, Gregorio Wladeck representando os pioneiros e o Prefeito à época Luiz Carlos Hauly. O ponto alto da inauguração foi o lançamento de um Caderno de Memória⁵⁸ intitulado “Família Hauly”⁵⁹ que homenageou a mãe do Prefeito considerada conforme matéria do Jornal Nossa Cidade⁶⁰ “a primeira mãe” pelo fato de sua filha Négila Hauly ser a primeira criança registrada em cartório na cidade de Londrina.

Imagem 2: César Cortez entregando a 1ª edição do Cadernos de Memória com o título Família Hauly para Jamile Hauly. Na imagem aparecem, entre outros, Célia Hauly, esposa do Prefeito, e Francisco Cortez, pai de César Cortez.



Fonte: Acervo de Imagens do MHC - 30/10/1985. Fotografia: Luiz Carlos Garcia - Braulio.

⁵⁷ A irmã do Prefeito discursou porque ela foi a primeira criança registrada no Cartório de Londrina, ao longo do tempo vão surgir diversas publicações com o título de primeira criança e de primeira mãe respectivamente. Nota do autor.

⁵⁸ O Museu Histórico de Cambé publicou os seguintes Cadernos de Memória: Família Hauly, Família Wladeck, Padre Symphoriano Kopf, Família Tkotz, Cambé nas lentes de Arthur Eidam que podem ser consultados na Biblioteca da Instituição.

⁵⁹ CAMBÉ. Prefeitura Municipal de Cambé/Museu Histórico de Cambé. **Cadernos de Memória: Família Hauly.** Cambé, 1985.

⁶⁰ JORNAL NOSSA CIDADE. 30 de outubro de 1985. **Jornal Nossa Cidade.** Cambé: 1985. Disponível em: <https://jnconline.com.br/jornal-pdf/>. Acesso em: 15 nov. 2023.

Na cerimônia de inauguração do Museu, o protocolo do evento (Anexo G pág 198) já informava qual seria a natureza da instituição recém formada que ao contrário de todo o movimento museal que acontecia no Brasil e América Latina ao encontro de uma “Nova Museologia” e ou do “Museu Integral”, a opção de Cambé foi pelo “tradicional” senão vejamos: “guardará a memória viva daqueles que desbravaram e construíram a cidade” e conclui; “os filhos de Cambé irão ter a oportunidade de sentir o que foi a luta de nossos pioneiros nos primeiros anos de nossa cidade e, assim compreender o presente, dando o devido valor ao passado tão rico e recente de Cambé, conclui⁶¹. Cabe ressaltar que esse título pioneiro⁶² a exemplo de muitas outras localidades, foi usado para designar os antigos moradores que chegaram na região norte do Paraná no início da década de 1930.

Assim o Museu de Cambé, se enquadra na afirmação de Mário Chagas ao dizer que os museus são a um só tempo: lugares de memória e de poder. Estes dois conceitos estão permanentemente articulados em toda e qualquer instituição museológica.⁶³ Como explica Leilane Lima ao analisar o protocolo de inauguração do MHC:

[...] O museu ele não tem só um papel social cultural ele tem um papel político mas mais do que um papel político o Museu Histórico de Cambé ele foi forjado, a natureza dele é política Nesse momento de constituição, os personagens, os acontecimentos, os lugares eles já estavam escolhidos, o museu tinha sido criado para isso então eu acho que é muito interessante...porque é um museu se forjando ali politicamente falando e dizendo a que veio é a sua natureza, mais do que a sua missão, mais do que a sua vocação a natureza dele foi política e essa escolha política que escolheu o museu tradicional e não um outro tipo de museu. Nesse contexto de amplos debates que estão acontecendo, o que eles escolheram foi um museu tradicional politicamente falando (Informação verbal)⁶⁴.

Chagas (1999) ainda afirma que

O reconhecimento de que a memória tanto pode servir para a dominação e domesticação dos homens quanto para a sua libertação, foi feito por Jacques Le Goff (1984:47) em um dos textos mais citados no meio museológico. Este reconhecimento coloca em evidência a deficiência imunológica da memória em relação à ideologização. Acrescentando a isso o fato de que a

⁶¹ Protocolo da Inauguração do Museu Histórico de Cambé de 30/10/1985

⁶² Cambé, Londrina, Rolândia, Ibiporã, Arapongas, Apucarana etc. utilizam essa expressão para designar os primeiros moradores. No caso específico de Cambé o título pioneiro era dado para aquelas pessoas que chegaram no início da década de 30, porém muitas pessoas que chegaram depois reivindicavam também o direito de ser chamado de pioneiro, situação que no caso do Museu de Cambé gerou um caso curioso pois para resolver os reclames foi criado o título de pioneiro da década de 40 para poder absorver esses antigos moradores.

⁶³ CHAGAS, Mário de Souza. **Há uma gota de sangue em cada museu**: a ótica museológica de Mário de Andrade, Edições, CADERNOS DE SOCIOMUSEOLOGIA Nº 13 – 1999, Universitárias Lusófonas.

⁶⁴ Leilane Patricia de Lima em conversa virtual com o autor no dia 14 de dezembro de 2023.

memória (provocada ou espontânea) é construção e não está aprisionada nas coisas e sim situada na dimensão inter relacional entre os seres, e entre os seres e as coisas, teremos, então, os elementos necessários para o entendimento de que a constituição dos museus celebrativos da memória do poder decorre da vontade política de indivíduos e grupos, e representa os interesses de determinados segmentos sociais. (CHAGAS, 1999, p. 20 - 21)⁶⁵.

A contribuição de Pierre Nora (1993) também é importante nesse cenário pois ele traça um interessante paralelo entre memória e história que julgamos interessante com contribuição para o debate conforme ele contextualiza: memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra.

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformidades sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e não mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo (NORA, 1993, p. 3)⁶⁶.

⁶⁵ CHAGAS, Mário de Souza. **Há uma gota de sangue em cada museu**: a ótica museológica de Mário de Andrade, Edições, CADERNOS DE SOCIOMUSEOLOGIA Nº 13 – 1999, Universitárias Lusófonas.

⁶⁶ NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury, In: Projeto História. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História e Departamento de História da PUC**. São Paulo, 1993. p. 3.

Imagem 3: Imagem da primeira sede do Museu Histórico de Cambé, na rua França, 546.



Fonte: Fonte: Acervo de Imagens MHC -Fotógrafo Luiz Carlos Garcia – Braulio.

Imagem 4: Vista interna do Museu de Cambé com a primeira exposição de imagens históricas montada em 30 de outubro de 1985.

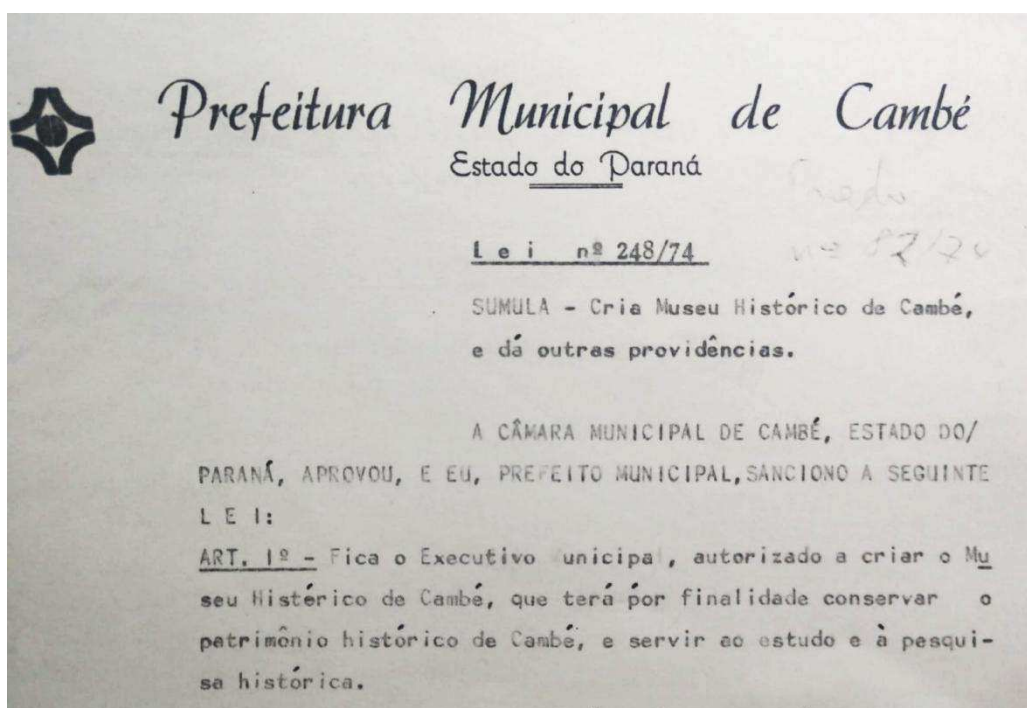


Fonte: Acervo de Imagens do MHC. Fotógrafo Luiz Carlos Garcia – Braulio.

2.2 Década de 1970: Movimentos culturais querem um lugar ao sol

Embora inaugurado em 1985, a história do Museu teve início muito antes (Anexo F pág 197), pois diversas iniciativas da comunidade evidenciaram o desejo de estabelecer, na cidade, um espaço dedicado à preservação da memória. Um exemplo que ilustra bem essa afirmação e indica que a temática de museus e arqueologia já circulava nas esferas da sociedade cambense bem antes da inauguração é a publicação de duas leis pela Câmara de Vereadores em dezembro de 1974. Essas leis autorizavam o executivo municipal a criar o Museu Histórico de Cambé e um Centro de Pesquisas Históricas e Arqueológicas.

Imagem 5: Imagem do Decreto nº 248/74 autorizando o Prefeito Municipal a criar o Museu Histórico de Cambé. Apesar de autorizado pela Câmara Municipal, somente em 1985 portanto 11 anos depois é que a instituição seria de fato fundada.

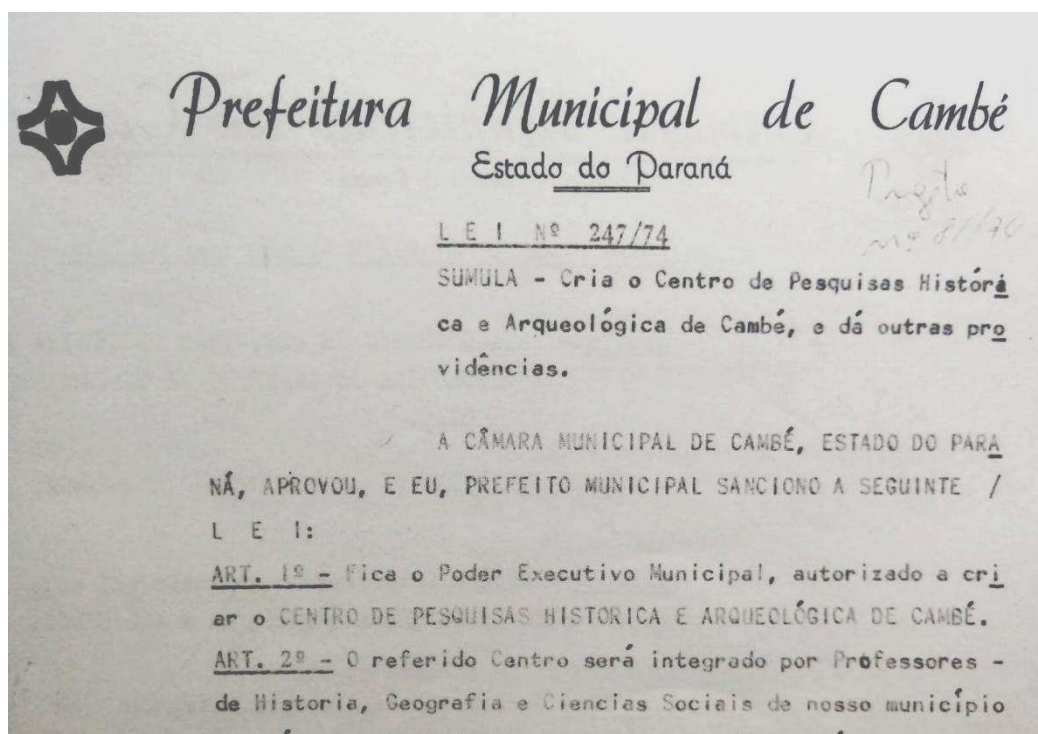


Fonte: Acervo de documento do MHC.

O Projeto de autoria da Vereadora Maria Joana Tonczak⁶⁷ foi aprovado pelos vereadores⁶⁸ e sancionado pelo prefeito, porém naquele momento nem o Museu, nem o Centro de Pesquisas Arqueológicas foram criadas, mas a semente fora plantada pois outras ações similares vão aparecer demonstrando que no seio da comunidade já nascera o sentimento de necessidade de criação de um local que fosse o guardião da história e da memória da cidade⁶⁹.

A título de informação a respeito das duas leis citadas, é que no processo legislativo (os vereadores), como forma de pressionar o executivo aprovaram leis com essa característica de ser autorizativa, ou seja, o Prefeito está autorizado a fazer, assim é dado para o chefe do executivo a discricionariedade do ato, evidentemente por sua conta e risco e da parte do legislativo fica o salvo conduto ou álibi para justificar a sua atuação.

Imagem 6: Imagem do Decreto nº 247/74 autorizando o Prefeito Municipal a criar o Centro de Pesquisa Histórica e Arqueológica de Cambé, porém efetivamente nunca foi criado.



Fonte: Acervo de documentos do MHC.

⁶⁷ Maria Joana Tonczak foi professora e a primeira mulher a se eleger vereadora em Cambé para a legislatura de 1973 - 1977. Além de lecionar, ela gostava de música, poesia, teatro e outras atividades culturais, sempre incentivando seus alunos nestes quesitos, sendo qualificada por várias pessoas que a conheceram como uma pessoa à frente do seu tempo.

⁶⁸ O relator do projeto foi o vereador Luiz Carlos Haully que tempos depois em 1985 como prefeito de Cambé vai criar o Museu Histórico.

⁶⁹ Lei municipal nº 247 e 248 de 02 de dezembro de 1974.

Maria Joana Tonczak, segundo relato de diversas pessoas que foram seus alunos, era uma pessoa muito dinâmica e como diretora escolar exerceu forte influência na comunidade fato comprovado com a sua eleição para vereadora um feito por ser a primeira mulher a ocupar uma cadeira no legislativo municipal.

Em pesquisa nas atas da Câmara Municipal não foi encontrado nenhum documento que pudesse contribuir na pesquisa quanto aos motivos que levaram a vereadora a realizar tal proposta. Sabemos que a década de 70 foi um ano muito propício para discussões a respeito de museus e patrimônios como tratamos anteriormente e Londrina recebeu também um Curso do Arqueólogo José Wilson Rauth que trataremos na sequência, na antiga Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Londrina. Apesar da documentação dos participantes não constar o nome da Professora Maria Joana Tonczak, pode ser que por influência de outras pessoas ela tenha feito a proposta para a criação do Centro de Pesquisa Histórica e Arqueológica para Cambé.

Contribuindo um pouco mais com a história dos antecedentes que levaram a criação do Museu, na cidade existiam vários grupos alternativos de cultura, que desenvolviam uma série de atividades ligados à pintura, poesia, literatura, música e muitos projetos nasciam e morriam nas longas noites de conversas desses jovens sonhadores. Entre os assuntos, devido provavelmente ao fato de muitos deles serem filhos de pioneiros da cidade, era o de que a cidade deveria ter um museu histórico, um teatro, uma casa de cultura⁷⁰.

A febre de juventude dos garotos cambeenses não representa um movimento isolado, ele vem na esteira de outro movimento que acontecia por quase toda Europa e América Latina, movimento esse marcado principalmente pela contestação aos valores existentes na sociedade naquele momento. Contribuindo com esse pensamento Maria Célia Teixeira Moura Santos afirma que:

Os anos 60 foram marcados pelo movimento artístico-cultural, que destaca o novo, com a participação da juventude, na recusa aos modelos estabelecidos, preparar o terreno, lançar as sementes. O inconformismo com os esquemas comerciais e com as imposições dos meios de comunicação de massa, a crítica à sociedade de consumo, a recusa a modelos anteriores e a busca de maior liberdade temática ou de linguagem e, ainda, a intenção de provocar a desacomodação ou a desalienação (SANTOS, 2002, p. 95)⁷¹.

⁷⁰ Quando começou a ser organizada a Secretaria de Cultura foi feita uma eleição para escolha do futuro Secretário e o vencedor foi José Julio de Azevedo o primeiro Secretário de Cultura de Cambé, curiosamente um dos que debatiam a necessidade de criação de espaço de memória.

⁷¹ SANTOS, M. C. T. M. Reflexões sobre a nova museologia. *Cadernos De Sociomuseologia*, 18(18). Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/363>. p. 95.

No âmbito político, os anos 70 foram marcados por movimentos de contestação e luta por direitos civis, igualdade de gênero, liberdade de expressão e contra a guerra. Os jovens se engajaram em protestos e manifestações em todo o mundo, lutando por mudanças sociais e políticas. Movimentos como o feminismo, o movimento negro, o movimento LGBT e o movimento estudantil ganharam força e visibilidade durante essa década.

Além disso, os anos 70 foram também uma época de grande efervescência intelectual, com debates acalorados sobre questões como o meio ambiente, o consumismo, a globalização e a crise do petróleo. Os jovens buscavam novas formas de viver e se relacionar com o mundo, questionando as normas e os valores estabelecidos pela sociedade.

Nesse contexto César Cortez, que mais tarde seria um dos fundadores do Museu, juntamente com um grupo de amigos,⁷² resolveram publicar um jornal por ocasião do jubileu de prata da cidade em 1972⁷³. A esse respeito assim ele se manifestou:

Naquela época, quando eu era muito jovem com meus 14, 15 anos, Cambé era uma cidade pequena, entendeu. E tinha muito pouco a oferecer com relação à cultura ao esporte, então o jovem ele não tinha muito o que fazer entendeu, e eu lia muito naquela ocasião e eu conhecia várias pessoas que também gostavam de ler na cidade e um deles era o José Júlio de Azevedo, José Júlio, a gente trocava livro e tal. Você vê naquela época a gente lia Krishnamurti, Khalil Gibran... surgiu uma oportunidade de a gente fazer um jornal, uma publicação para comemorar os 25 anos de emancipação política de Cambé se não me engano 1972 eu acho, eu tinha acho que 15 a 16 anos nessa época. E aí várias pessoas participavam desse projeto José Júlio, Cláudio Cambé que era ilustrador, então eu fiquei incumbido de procurar contato com pioneiros e com publicações históricas que se referiam a história de Cambé para fazer a parte histórica da publicação. Mas aí eu comecei a procurar. Eduardo não achava nada rapaz, não tinha o que fazer entendeu não tinha publicações, mas por outro lado eu digo assim publicações oficiais né mas por outro lado existia ainda o grande número de pioneiros na cidade e eu conheci alguns pioneiros e aí eu comecei a fazer contato com esses pioneiros e comecei a gravar depoimentos com eles mas nesse espaço de tempo a publicação em que a gente pretendia fazer não deu certo, a gente dependia de um patrocínio da prefeitura, um patrocínio oficial e de algumas empresas, que acabou não acontecendo, então a publicação para comemorar esses 25 anos ela não saiu, mas eu já tinha começado a fazer esse contato com esses pioneiros (Informação verbal)⁷⁴.

César narra que a medida em que começou a fazer alguns trabalhos passou a contar com o apoio de Luiz Carlos Haully (Anexo A e B pág 192, 193) que tempos depois viria a ser

⁷² Em entrevista ao autor César Cortez falou que participou do projeto também, o poeta José Julio de Azevedo, Artista Claudio Kambé, Leonilda Bissoqui, Léo Santana Júnior e provavelmente Djalma de Souza.

⁷³ A emancipação de Cambé em relação ao Município de Londrina aconteceu por meio da Lei número 2 de 11 de outubro de 1947 e a instalação em 31 de outubro do mesmo ano.

⁷⁴ César Cortez em entrevista ao autor em 11 de agosto de 2023. Disponível no acervo de áudio e vídeo do MHC

Prefeito de Cambé, e contrataria ele para ser Repórter da Prefeitura e fundar o Museu conforme narra a seguir:

E aí nesse mesmo tempo eu tive uma conversa com o Luiz Carlos Haully que na época ele já tinha sido candidato a prefeito uma ocasião e perdeu a primeira eleição e ele já tava já pavimentando a segunda candidatura, eu conversando com ele e ele falou olha você continua com esse trabalho que um dia a gente vai fundar um Museu Histórico de Cambé para preservar a memória desses pioneiros e tal. Ele como filho de pioneiro, pai e a mãe, ele tinha essa importância para parte histórica do município e sabia que nada tava sendo feito então. Eu acabei dando continuidade nesse meu contato com os pioneiros e a partir do momento que ele passou que ele passou a ser presidente da Comdec⁷⁵ eu tinha muito contato com ele, conversava com ele, assim várias vezes, e ele me ajudava a comprar as fitas cassete, eu tinha um gravador e ele me ajudava a comprar as fitas cassete e *eu* fui fazendo entrevista com Pioneiros e guardando esse material. Nesse tempo eu guardava e raramente algum pioneiro me dava uma fotografia me emprestava e eu ia guardando esse material em casa e aí quando fiz isso fiz isso acho que alguns anos (Informação verbal)⁷⁶.

Sob o aspecto de direcionamento dos objetivos daquilo que viria a ser o Museu, fica evidente na fala do entrevistado a importância dada aos pioneiros, considerados agentes da história, memória viva dos acontecimentos que marcaram o início da cidade e a importância do testemunho deles que por meio das vivências distintas poderiam dar um panorama mesmo que parcial do processo de reocupação do norte do Paraná, especialmente a Vila de Nova Dantzig/Cambé senão vejamos:

Exatamente esses depoimentos que eu gravava dos pioneiros eu guardava em casa porque eu tinha essa promessa do Haully de que um dia a gente fundaria o Museu Histórico de Cambé, então tudo que eu conseguia com relação a história do município eu guardava entendeu. E aí foi que eu fui juntando esse material e aí ele ganhou eleição né em oitenta três, então já eram mais de dez anos que eu guardei esse material (Informação verbal)⁷⁷.

Cabe destacar que vários artistas dos grupos culturais citados anteriormente foram convidados e assumiram posições chaves na administração municipal a partir de 1983, com a eleição de Haully, cuja atuação vai contribuir decisivamente para que a cultura em Cambé passasse a ter um orçamento, equipe, agenda de atividades, espaços próprios e participação nas decisões administrativas da prefeitura de Cambé.

⁷⁵ COMDEC - Companhia de Desenvolvimento de Cambé, Empresa Pública da Prefeitura Municipal de Cambé.

⁷⁶ César Cortez em entrevista ao autor no dia 11 de agosto de 2023. Disponível no acervo de áudio e vídeo do MHC

⁷⁷ Idem.

Exemplo dessa participação dos grupos culturais na administração municipal foi a eleição do diretor da divisão de cultura da cidade. Haully havia firmado um compromisso de nomear o escolhido pelo grupo para gerir essa área na instância municipal. Assim foi convocada uma Assembleia Permanente de Arte e Cultura e em reunião realizada no dia 08 de abril de 1983 foi criado o Conselho de Arte e Cultura de Cambé (Anexo C e M pág 194 e 208, 209) e no dia 16 do mesmo mês, a Assembleia elegeu sete membros conselheiros, sendo respectivamente: César Cortez, Leonilda Bissoqui de Freitas, Wilson Vidoto, Carlos Alberto Cavalli, Silvio Vidoto, José Julio de Azevedo e Márcia Sambatti, sendo indicado para ocupar o cargo na Prefeitura, o jornalista e poeta José Julio de Azevedo, que foi nomeado como Diretor da Divisão Municipal de Cultura e Turismo, símbolo CC5⁷⁸ a partir de 19 de setembro de 1983. Posteriormente a Divisão de Cultura e Turismo ganha o status de Secretaria. (Anexo L pág 207) Essa foi a primeira e única vez até o presente momento que um cargo dessa natureza fora escolhido por eleição, cujos eleitores fossem seus pares.

Imagem 7: Recorte de matéria jornalística do Jornal Final de Semana noticiando a eleição do Conselho de Arte e Cultura de Cambé e indicação de José Júlio, em 22 de abril de 1983.



Fonte: Acervo de Jornais do MHC

⁷⁸Conforme pesquisa a ficha funcional no Departamento de Recursos Humanos da Prefeitura de Cambé, realizada em outubro de 2022.

Imagem 8: Ofício de 22 de abril de 1983, endereçado ao Prefeito Municipal de Cambé, Luiz Carlos Haully informando os nomes das pessoas que comporão o Conselho de Arte e Cultura de Cambé e a indicação de José Júlio de Azevedo para ocupar o cargo de Chefe da Divisão.


*21. GABINETE PROVIDENCIA
A NOMEAÇÃO DO SR. JOSÉ JULIO
DE AZEVEDO COMO DIR. DE TURISMO DA
DIVISÃO DE CULTURA E TURISMO DO MUNICÍPIO
CAMBÉ, 22/04/83
Luiz Carlos Haully*

ASSEMBLÉIA PERMANENTE DE ARTE E CULTURA
Cambé, 22 de abril de 1.983
*Arquivo de
Azevedo - 22/04-83
A. AMF*

Tem este a finalidade de comunicar a Vossa
Senhoria algumas decisões tomadas pela Assembléia Permanente de Arte
e Cultura. Na reunião do dia 8 de abril foi criado o Conselho de Arte
e Cultura de Cambé. No dia 16 de abril a Assembléia elegeu sete conse-
lheiros: Cesar Cortez, Leonilda Bissoqui de Freitas, Wilson Vidoto,
Carlos Alberto Cavalli, Silvio Vidoto, José Julio de Azevedo e Márcia
Sambatti. Como Diretor Cultural foi indicado o nome de José Julio de
Azevedo.

Aproveitamos a oportunidade para apresen-
tar estes nomes para a aprovação de Vossa Senhoria. Certos de contar-
mos com a colaboração da Prefeitura Municipal, firmamo-nos com respei-
to e consideração.

*Pode assistir
17 de abril de 1983*


José Julio de Azevedo
Coordenador

Exmo. Sr.
Luiz Carlos Haully
M.D. Prefeito Municipal de Cambé

Fonte: Acervo de documentos do MHC.

2.3 Década de 1980: Museu Histórico uma realidade

Quando Luiz Carlos Jorge Haully ganhou a eleição, aquele sonho que embalavam juntos, foi se tornando realidade pois após assumiu a prefeitura em 01 de fevereiro de 1983⁷⁹ contratou César Cortez como repórter,⁸⁰ em 16 de março de 1983. Naquela época em Cambé, e na maioria das cidades brasileiras, o serviço público municipal não exigia concurso como atualmente regulamentado, assim além de César muitas outras pessoas que estiveram com Haully na campanha eleitoral foram contratadas na Prefeitura de Cambé. Esse modus operandi utilizado por ele não é novidade no cenário político brasileiro e esse expediente, de contratar aliados políticos foi muito utilizado também pelos seus antecessores que já aproveitavam para demitir os opositoristas ou mandá-los para algum lugar distante da cidade.⁸¹ Outra questão importante de se analisar é que a contratação dele foi para o cargo de Repórter para trabalhar na Assessoria de Imprensa da Prefeitura, assim executava as atividades de jornalista e também de “museólogo” pois havia recebido a incumbência de organizar o Museu, tarefa esta que foi oficializada em 1985 com a sua inauguração. Assim ele se recorda desse momento:

Haully ganhou eleição e ele no mesmo dia, assim que terminou a cerimônia de posse dele na prefeitura, no dia primeiro de março de 1983 nesse dia eu tava lá tava eu e o meu amigo Carlinhos, Carlos Alberto Cavali⁸², ele chamou nós dois para o gabinete e falou: olha a partir de amanhã, de manhã eu quero vocês dois aqui, nessa época eu já era jornalista formado eu e o Carlinhos e ele falou olha vocês dois vão ser contratado pela prefeitura para trabalhar só que o Carlinhos fica na Assessoria de Imprensa, ele falou, você fica na Assessoria de Imprensa mas com a incumbência, com a função de começar a organizar a fundação do museu, então foi aí que começou oficialmente isso em 83 e o museu foi fundado oficialmente em 85.

⁷⁹ Segundo relatório de dados estatístico eleitorais de Cambé produzido por Camila Bonacin Garcia do Cartório Eleitoral de Cambé.

⁸⁰ César Cortez é Jornalista formado pela Universidade Estadual de Londrina e Museólogo por reconhecimento quando da regulamentação da profissão.

⁸¹ Politicamente, dentro da tradição brasileira do poder local, começou a ser posta em prática na administração pública cambense, o princípio de que ao vencedor pertencem os despojos dos vencidos. "Assim é que mudando uma situação local, vencendo o adversário de um chefe que estava no poder, dava-se a "derrubada" geral, juizes de paz, delegados, tudo mudava, ocupando os postos os asseclas do vencedor". Na administração pública cambense, a aplicação desse princípio se traduziu na demissão de alguns funcionários da prefeitura e alguns professores, caracterizados como simpatizantes ou adeptos do adversário político e que, ou eram transferidos de uma região para outra ou simplesmente demitidos. Queiróz, p. 70 apud Gonzales Neto, José Garcia. **Cambé: confronto e composição política 1947-1968 Prefeitura Municipal de Cambé**, 1987. pg 84|F

⁸² Carlos Alberto Cavali, César Cortez, Luiz Carlos Garcia faziam parte de uma equipe que cuidava da Assessoria de Imprensa sob a batuta de Walter Ricieri. Eles montaram um jornal intitulado Final de Semana que já na 8ª edição passou a se chamar Jornal Nossa Cidade e se tornou a voz da Prefeitura de Cambé pois todos da Assessoria de Imprensa atuavam no sentido de produzir conteúdo para o Jornal que era publicado às sextas feiras. Num misto de matérias editoriais, com assuntos corriqueiros da cidade e com um completo alinhamento com a Prefeitura e seus mandatários.

Imagem 9: Requisição deferida em 16/03/1983 e assinada por Luiz Carlos Haully Prefeito e Antonio Avelino Bertan Secretário de Administração para admissão de César Cortez, como servidor da Prefeitura Municipal de Cambé. Apesar de contratado com Repórter, recebeu a incumbência do Prefeito para criar o Museu Histórico de Cambé.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMBÉ Estado do Paraná	
REQUISIÇÃO PARA ADMISSÃO DE EMPREGADO	
EXMO SR. PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMBÉ	
O encarregado do DEPARTAMENTO _____	
vem requerer a admissão de <u>CEZAR CORTEZ</u>	
para:	<input checked="" type="checkbox"/> substituir cargo de funcionário demitido.
	<input type="checkbox"/> preencher cargo novo.
a partir de	<u>16/03/83</u> na profissão de <u>REPORTER U-52/13E</u>
seção _____	departamento de _____
OBS _____	

<input checked="" type="checkbox"/> deferido	<input type="checkbox"/> indeferido
<u>04/04/83</u>	
<u>Luiz Carlos Haully</u> visto	
Nestes termos Aguardo deferimento Cambé, _____ <u>Antonio Avelino Bertan</u> ENCARREGADO	

Fonte: Acervo de documentos do MHC.

quando entrevistado pelo autor para falar sobre a fundação do Museu, Haully assim se posicionou:

Já na Câmara Municipal⁸³ eu idealizava que nós temos que ter museus, teatro então eu já era um vereador que ia nos eventos, eu procurava participar dos eventos que tinham seminários congressos para tudo quanto é lado e sedento de aprender. Queria aprender muito as coisas. Aí fui ler o livro do San Thomas More, Utopia, A Cidade Ideal aí aprofundi né Platão A República, todos esses ideólogos, que desenvolveram... Dentro desse contexto foi na gestão do Roberto⁸⁴ e nós começamos o César Cortez, O Cabeça o César Cortez o Valtinho o Walter Ricieri, eu falava vocês compram tudo que tiver na cidade aí eu como eu era muito amigo do Abdnur Fatu⁸⁵ o Du, do cinema

⁸³ Foi vereador municipal no período de 1973 a 1977 tendo sido relator dos projetos sobre a criação do Museu e de um Centro de Pesquisa Histórico e Arqueológica.

CAMBÉ. Prefeitura Municipal de Cambé, Secretaria Municipal de Cultura. **Cambé: Repensando sua História.** Museu Histórico de Cambé, 1992. p. 34

⁸⁴ Roberto Conceição, eleito para gestão 1977 - 1983, porém faleceu em 16 de março de 1979 assumindo em seu lugar o vice Jehovah Almeida Gomes que concluiu o mandato.

CAMBÉ. Prefeitura Municipal de Cambé, Secretaria Municipal de Cultura. **Cambé: Repensando sua História.** Museu Histórico de Cambé, 1992. p. 44.

⁸⁵ Era um antigo projetorista do Cine Universo que após o fechamento guardou vários objetos daquela época. Entre os materiais o mais importante, um filme no formato 16mm de 1947 produzido pela Rilton Filmes, que registrava vários aspectos do recém emancipado município. Esse filme foi copiado para as antigas fitas em VHS para serem transmitidas nos Videocassetes. Posteriormente esse documento histórico foi digitalizado e

e sabia que na casa dele ele tinha um acervo imenso de fotos e filmes das famílias de Cambé então eu falei olha vai lá no Du, vai comprando tudo que vê, aos poucos você traz, a gente vai pagando ele, e eu arrumava o dinheiro pela Prefeitura de Cambé e fomos comprando tudo que tinha aí o César e o Valter traziam, falei copia a foto e devolve para família deixa ali que nós vamos montar o nosso museu...quando ganhei a Prefeitura em 82 então nosso ideal era criar um museu. Então eu falava manda brasa vamos criar um museu e lá junto com o museu vamos fazer a biblioteca e o teatro municipal então quando nós construímos eu e o Forastieri⁸⁶ era prefeito e vice-prefeito e a nossa equipe construiu a biblioteca onde está o museu hoje a Biblioteca Municipal de Cambé nós queríamos que aquele espaço do fundo fosse feito o museu (Informação verbal)⁸⁷.

No começo, após a inauguração, o Museu carecia de credibilidade junto à comunidade, e por esse motivo as pessoas não tinham confiança em fazer entrevista ou doar qualquer tipo de material para instituição. Assim foi solicitado ajuda de um antigo morador e a época empresário chamado Ronald Tkotz pioneiro que chegou em 1932 oriundo da Cidade Livre de Danzig⁸⁸, cuja família adquiriu uma propriedade rural na Colônia Neu Danzig e posteriormente se estabeleceram na Vila de Nova Dantzig (Cambé), onde o pai Pedro Tkotz montou uma oficina de ferreiro. Ronald, pessoa muito educada e carismática, gozava de um círculo grande de amizades na cidade e se propôs a ligar para seus amigos no sentido de conseguir ajuda para o Museu de Cambé.

Eu me lembro que no começo eu reclamei com o Haully, falei Haully, tá difícil de conseguir material né e aí o Haully conversou com o senhor Ronald Tkotz e eu fui conversar com o Ronald e já tinha gravado um depoimento com Seo Ronald para o Museu, ele é uma pessoa que deu um depoimento maravilhoso, aí eu voltei lá, aí o Seo Ronald disse assim: Olha eu vou fazer contato com alguns Pioneiros amigos meus para te receber, para gravar depoimento, e para começar a passar algum material para você ter lá no museu entendeu. Para fazer parte do acervo do Museu aí Eduardo foi virado uma chave entendeu. Aí que eu consegui conversar com outros Pioneiros e

transformou-se em um acervo multiplataforma de exibição. Renato Melito possuía um acervo significativo de filmes em formato 35 mm e no começo da década de 90 vendeu parte desse material para o Museu Histórico de Cambé.

⁸⁶ Luiz Forastieri foi eleito vice-prefeito na chapa de FHaully.

⁸⁷ Luiz Carlos Haully em entrevista ao autor em 16 de abril de 2021. Disponível no acervo de áudio e vídeo do MHC.

⁸⁸ O primeiro grupo de imigrantes que vieram para fundar uma colônia na futura cidade de Cambé eram oriundos da cidade livre de Danzig e a vinda deles se deu pela crise em que passava a Europa, ocasionado principalmente pela quebra da Bolsa de Valores de Nova York que causou muitos prejuízos na economia de Danzig levando o Senado da cidade entrar em contato com a Companhia de Terras Norte do Paraná e estabelecer os termos para o projeto de venda de lotes. Pelo contrato caberia a Cia. de Terras, após receber o dinheiro, realizar os serviços de abertura de uma estrada primitiva da Vila de Nova Dantzig até a Colônia, construir uma hospedaria para recepcionar e alojar os futuros colonos e construir também uma casa para servir de residência do diretor da Colônia, Franz Bloch. Constava também no contrato a derrubada de três alqueires de mata virgem na propriedade do colono, além das orientações técnicas de agricultura. in **Cambé: repensando a sua História**. Prefeitura Municipal de Cambé, Secretaria Municipal de Cultura, Museu Histórico de Cambé, 1990.

comecei a receber material em doação para formar o acervo do museu (Informação verbal)⁸⁹.

Desde que foi contratado em 1983 até a efetiva inauguração em 1985 o material que foi sendo doado para acervo do Museu ficou sob a responsabilidade de César que conseguiu uma pequena sala no DEC - Departamento de Educação e Cultura que ficava instalado em um sobrado alugado na esquina das ruas Dinamarca com Avenida Inglaterra conforme relatado por ele:

Se não me engano era Secretária de Educação e Cultura, naquela ocasião a Arailde Conceição⁹⁰, então eu estava, o futuro Museu estava subordinado a ela, e ela foi uma pessoa que, como ela era professora de história, ela entendia muito bem essa importância da criação do museu, então ela me ajudou também materialmente, ela que me dava material, papel, grampeador, essas coisas básica que a gente não tinha né, na época, no começo a Secretaria de Educação ficava localizada ali na esquina, quase em frente o posto Shell, sabe ali onde tem um sobradinho, na parte de cima era a parte administrativa da Secretaria de Educação na parte de baixo era o almoxarifado da secretaria e bem na esquina nós temos uma porta na esquina, que era tinha assim uma salinha de uns três por três, três por quatro, que ela cedeu para mim ficar ali. Então eu tinha uma escrivaninha e comecei a juntar o material ali fiquei algum tempo ali entendeu, ali foi o começo (Informação verbal)⁹¹.

Posteriormente, todo o acervo que havia sido reunido foi transferido para a casa localizada na rua França por ocasião da inauguração. Desde sua fundação, o Museu de Cambé dedicou uma parte significativa de suas atividades à temática dos "pioneiros". Isso inclui a realização de entrevistas, encontros, passeios e homenagens (Anexo D e Q pág 195, 213) em honra aos pioneiros da região. Além disso, o museu empreendeu esforços para a denominação de vias públicas com o nome dos pioneiros, reconhecendo assim sua importância e contribuição para o desenvolvimento da comunidade local (Anexo H pág 203).

Nos desfiles cívicos em comemoração à emancipação política do município, era comum que os pioneiros abrissem as festividades, tradicionalmente a bordo da "Catita", o primeiro ônibus a circular pela nossa região. Enquanto desfilavam pela Avenida Inglaterra, o locutor enaltecia o desenvolvimento de Cambé, atribuindo-o ao "trabalho pioneiro" desses indivíduos.

⁸⁹ César Cortez e entrevista ao Autor no dia 11 de agosto de 2023. Disponível no acervo de áudio e vídeo do MHC

⁹⁰ Arailde Conceição ingressou na Prefeitura Municipal de Cambé em 01 de março de 1977 a convite de seu irmão Roberto Conceição que assumiu como Prefeito Municipal naquele ano. Exerceu o cargo de Diretora do Departamento de Educação e Cultura, posteriormente Secretária de Educação e permaneceu no cargo até 31/08/1985. Ficha funcional do Departamento de Recursos Humanos da Prefeitura de Cambé.

⁹¹ César Cortez em entrevista ao autor em 11 de agosto de 2023. Disponível no acervo de áudio e vídeo do MHC

Outro evento que demonstra bem esse culto aos pioneiros era uma Festa que o Museu realizava denominado “Encontro de Pioneiros” que acontecia no mês de outubro e contava com um coquetel, banda de músicas, sorteio de brindes e bingo. Grande parte dos brindes distribuídos no evento eram conseguidos por meio da ação dos servidores do Museu que percorriam o comércio pedindo doações (Anexo I pág 204).

Nesse contexto conforme pontua Mário Chagas:

A tendência para a celebração da memória do poder é responsável pela constituição de acervos e coleções personalistas e etnocêntricas, tratadas como se fossem a expressão da totalidade das coisas e dos seres ou a reprodução museológica do universal, como se pudessem expressar o real em toda a sua complexidade ou abarcar as sociedades através de esquemas simplistas, dos quais o conflito é banido por pensamento mágico e procedimentos técnicos de purificação e excludência. As relações estreitas entre a institucionalização da memória e as classes privilegiadas têm favorecido esta concepção museal. Não é fruto do acaso o fato de muitos museus estarem fisicamente localizados em edifícios que um dia tiveram uma serventia diretamente ligada a estâncias que se identificam e se nomeiam como sedes de poder ou residência de indivíduos “poderosos” (CHAGAS, 2002 p. 64)⁹².

Para explicar a forma como funcionavam muitas instituições de memória e a forma como aconteciam suas atividades, devemos lembrar que grande parte das pessoas que exerciam o mando político em nível municipal eram filhos de antigos moradores, inclusive o prefeito Luiz Carlos Haully e o primeiro diretor do Museu, César Cortez, que mesmo antes de ocupar o cargo no Museu já realizava alguns trabalhos de entrevistas e recolhimento de documentos e objetos pois vislumbrava a criação do referido espaço de memória daí a opção em direcionar os trabalhos com viés voltado quase que exclusivamente para o pioneirismo ligado a reocupação da região por meio da Cia de Terras Norte do Paraná.

É importante destacar que em Cambé, a figura do pioneiro já era reconhecida pela comunidade há bastante tempo como uma referência aos primeiros moradores. Um exemplo disso foi a realização de uma sessão cívica no Cine Universo por ocasião do 10º aniversário da emancipação política da cidade em 1957, na qual os pioneiros e beneméritos de Cambé⁹³ foram homenageados (PAVINATO, 2022). Naquela época, o slogan da administração

⁹² CHAGAS, Mário. Memória e Poder: Dois Movimentos. **Cadernos De Sociomuseologia**, 19(19). 2002. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/367>.

⁹³ PAVINATO, Eduardo, **Hino à Cambé: A Canção Oficial da Cidade**, Prefeitura de Cambé, Secretaria Municipal de Cultura, Museu Histórico de Cambé 2022.

Na ocasião foram homenageados os pioneiros Pedro e Marta Tkotz, João Neudam, Adelino Costa, Gines e João Lopes Lopes, Mikitaro Otake, José Hesciko, Atilio e Carlos Codatto, João Torrezam, Fouad Tarram, José Cilião de Araújo, José Candido Rodrigues, José Lucas Pinheiro Neto, Giacomo Rossini, Richard Noske, Antonio Vansan e Athanzio Belo. Jornal Folha de Londrina de 14 de dezembro de 1957.

municipal era "Cambé: Fruto do Trabalho Pioneiro", e até mesmo um chaveiro com o escudo da cidade e a frase ufanista foi distribuído durante as comemorações do aniversário da cidade.

A criação do Museu como uma instituição de memória destinada a atender aos interesses e enaltecer os feitos dos protagonistas da história da época era uma prática comum. Assim como em Cambé, outras cidades da região seguiram o mesmo padrão. Leme (2013) também debate esse assunto tendo como cenário o Museu de Londrina Padre Carlos Weiss nos seus primeiros tempos, conforme relata:

Ao evidenciar os “pioneiros que realmente marcaram [...] Sua passagem” os holofotes dos pesquisadores, e formadores do futuro acervo, dentre as inúmeras doações recebidas, acabaram por priorizar os chamados homens de destaque da sociedade. Aqueles que, socialmente, economicamente e/ou politicamente, alcançaram postos-chaves no poder local. Foi dentro dessa perspectiva seletiva que o acervo do MHL foi sendo constituído (LEME, 2013, p. 128)⁹⁴.

Posteriormente por ocasião de um projeto de revitalização a instituição manteve a narrativa tradicional da história da cidade e a esse respeito Martinez (2020) nos conta que

Nos anos 1990, o MHL chegou a “descartar” alguns artefatos, provenientes da aquisição pelo primeiro diretor, que em suas viagens trazia diversas peças (...) Enfim, objetos que deixaram de interessar à política que envolveu a reorganização do Museu entre os anos de 1996 e 2000, quando a partir do projeto “Memória Viva”, a instituição adota a figura do “pioneiro” e da atuação da Companhia de Terras, da prosperidade e riqueza econômica advinda do trabalho (MARTINEZ, 2020, p. 139)⁹⁵.

Pierre Bourdieu⁹⁶ nos apresenta o conceito de “Campo de Poder” como o espaço onde se manifesta as relações de poder, as quais se materializam pela prática dos agentes tem no contexto da criação do Museu de Cambé um exemplo interessante pois o entendimento político da época⁹⁷ era que a criação de uma instituição que realizasse um trabalho junto aos antigos moradores e suas famílias era uma oportunidade de angariar o bônus político de tal

⁹⁴ LEME, Edson José Holtz. **O Teatro da Memória: o Museu Histórico de Londrina: 1959-2000** – Assis, 2013. P. 128.

⁹⁵ MARTINEZ, Cláudia Eliane Parreiras Marques. **Patrimônio religioso e museus em perspectivas: Paraná e Minas Gerais/ Cláudia Eliane P. Marques Martinez** - São Paulo: Humanitas, 2020. p 139.

⁹⁶ LAHIRE, Bernard. Campo. In: CATANI, Afrânio Mendes et al. (Orgs.). **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017, p. 64.

⁹⁷ Luiz Carlos Haully foi eleito prefeito para o mandato de 1983 a 1985, porém já apoiava iniciativas para a criação do Museu e um dos exemplos é um ofício expedido por ele quando o mesmo exercia o cargo de Secretário de Administração da Prefeitura em 1979, organizando uma reunião com a comunidade para discutir um trabalho de coleta de dados, objetos e informações sobre a história de Cambé.

ação, pois devido a reocupação recente, início da década de 30, muitas famílias se intitulavam pioneiras e ser reconhecido com tal era motivo de muito regozijo para elas.

De igual modo, em Londrina - distante 12 km de Cambé - conforme afirmam, Arruda e Proença:

Nas décadas que antecedem a presença da universidade e, por conseguinte, a formação de um campo acadêmico historiográfico, já havia sido elaborado um saber sobre o passado da região, conexo ao campo do poder, de autoria de profissionais de diferentes áreas, como jornalistas, geógrafos, cronistas, publicando em revistas, jornais, murais ou encartes comemorativos, especialmente “[...] Durante as décadas de 1950 e 1960”. O campo do poder – que tem como peculiaridade a imposição do princípio legítimo de dominação, sendo irreconhecível enquanto arbitrário – matiza os saberes produzidos, legitimando interesses políticos, vinculados ao mando de elites locais.⁹⁸ (ARRUDA; PROENÇA, 2020, p. 34).

O cenário vai mudar de foco no momento em que surgem novos personagens dispostos a rediscutir as relações de poder e o papel de cada um nessa história, assim Proença esclarece que:

A criação de instituições universitárias no interior do país, na década de 1970, com a oferta de cursos superiores em História, possibilitou o encontro entre a historiografia – produção acadêmica, com suas regras próprias – e o memorialismo já estabelecido nas respectivas regiões, elaborado por cronistas, romancistas, jornalistas e outros agentes. No caso da cidade de Londrina-PR, estes saberes que precedem à universidade, atrelados às elites de mando, promoveram exclusão de grupos diversos, como indígenas, posseiros e afrodescendentes, ignorados ou intencionalmente silenciados. Mesmo com a criação da primeira instituição pública de ensino superior, não houve inicialmente ruptura com o memorialismo, ao contrário, a produção acadêmica teria sido, em parte, uma ampliação do campo de saberes já existentes. A formação mais tradicional em termos historiográficos dos poucos docentes - aliada ao conceito de museu e de arquivo de História, prevalentes naquele momento – teriam influenciado nesta perspectiva. Somente nos anos de 1980 novas histórias, produzidas no lugar social da universidade, representaram uma ruptura, com a exploração de territórios do conhecimento até então ignorados ou silenciados, quando narrativas memorialísticas foram submetidas a uma leitura crítica. Tal revisionismo resultou no enfoque de novos personagens, com a desconstrução de determinadas “verdades” até então intocadas e sedimentadas, questionando-se inclusive lugares de memória que serviam como suporte material das representações regionais (PROENÇA, 2021, p. 1)⁹⁹.

⁹⁸ ARRUDA, Gilmar; PROENÇA, Wander de Lara. **Conflitos no campo do saber: universidades, historiadores e usos do passado na fronteira - Londrina, 1970-1980** Revista de História Regional 25(1): 27-55, 2020 p. 34.

⁹⁹ PROENÇA, Wander de Lara. **O ensino de história na fronteira: entre a historiografia e o memorialismo - Londrina-Pr 1960-1980. VI Encontro Estadual de Ensino de História - ANPUH - Bahia. 2021. P. 21.**

De fato, o Museu Histórico de Cambé dedicou muito do seu tempo e esforço para tratar da história da reocupação e dos pioneiros considerados “memória viva” da história do norte do Paraná. Assim era entendimento que existia uma corrida contra o tempo e desta forma era fundamental que se conseguisse o máximo de informações deles, pois muitos já eram idosos e devido às condições adversas vividas no início, com o desbravamento das propriedades e as dificuldades devido à falta de estrutura mínima para se viver com dignidade não iriam “durar muito tempo”. Esse era o discurso ouvido na época que deveria se fazer alguma coisa pois os pioneiros estavam morrendo. Outros fatores são aqueles já falados anteriormente que seria a aproximação com viés político.

Acontece que dentre os objetos que iam sendo incorporados ao acervo do Museu, eventualmente aparecia um ou outro artefato indígena, tipo mãos de pilão, lâminas de machado de pedra e ou vasilhas de cerâmica inteiras ou pedaços e somado a isso o então diretor tinha muito interesse pela temática, tanto que havia publicado em 1978 um Jornal com o nome de “Cambirimba”¹⁰⁰ onde estampou nas suas três edições matérias que retratavam a realidade indígena daquela época, inclusive em uma das matérias registra a atuação do Professor João Sabaine, que lecionando em várias escola de Cambé, conseguiu reunir um grande acervo de peças de arqueologia indígena. Porém a respeito do professor Sabaine e a sua contribuição vamos tratar em um capítulo específico mais à frente.

Em matéria publicada no Jornal Nossa Cidade de 29 de junho de 1990 intitulada Museu lança campanha de objetos indígenas, é possível ler no final da matéria um registro do interesse pela pesquisa arqueológica citando incursões que foram realizadas pela equipe do Museu, no município de Cambé, principalmente no km 12¹⁰¹ onde foram encontrados vários fragmentos de objetos indígenas e que passaram a fazer parte do acervo da instituição. Reforça ainda a matéria o interesse do Museu no assunto ao dizer que “essas pesquisas visam interpretar a ocupação dos indígenas que, no passado, habitavam algumas regiões que atualmente fazem nosso município.”¹⁰²

Quando destacamos que antes do início das atividades até as primeiras ações do Museu, o foco principal era a reocupação e os pioneiros o fizemos para explicar que aquela

¹⁰⁰ Os responsáveis pelo Jornal eram Walter Antonio Ricieri e César Cortez, colaboradores: José Julio de Azevedo e Antônio Cláudio Marcelino dos Santos (Cláudio Cambé) e em uma de suas matérias eles explicam que o nome “Cambirimba” dando ao jornal, surgiu com base em pesquisas que eles fizeram em publicações escritas por antropólogos e constataram que uma das últimas tribos que permaneceram em Cambé foram os Cambirimbas, originários dos Caingangues pertencentes a Nação Gê Tapuias e por esse motivo fizeram a homenagem. Jornal Cambirimba ° 1 de 30 de abril de 1978.

¹⁰¹ O km 12 é uma região rural localizada ao norte do município de Cambé que também é conhecido como pé de galinha devido ao fato de a estrada naquele km se abrir em três.

¹⁰² JORNAL NOSSA CIDADE. Museu lança campanha de objetos indígenas. **Jornal Nossa Cidade**. Cambé: 1990, p. 12.

temática representava o “carro chefe” das ações do Museu. No entanto, não foram as únicas, e ao longo do tempo, vamos revelar como um assunto - povos indígenas- que foi anteriormente relegado à "margem da história" em nossa cidade, gradualmente, por meio de pesquisas, campanhas, exposições, palestras e entrevistas, passará a adquirir um papel proeminente no cenário cultural se tornando uma referência em estudo arqueológico indígena.

Imagem 10: Imagem da capa do Jornal Cambirimbá de 30 de abril de 1978. Ilustração Cláudio Kambé.



Fonte: Acervo de Jornais MHC - Doação César Cortez.¹⁰³

¹⁰³ A imagem ilustrando o Jornal foi feita pelo artista Cláudio Kambé, que participou de diversas atividades culturais na cidade. Antônio Cláudio Marcelino dos Santos, o Kambé, nasceu em Matão, interior de São Paulo, em 27 de outubro de 1950, em 1969, quando se mudou para Cambé, cidade próxima a Londrina, passou a se dedicar à arte, escolhendo o giz de cera como um de seus principais materiais, por ser mais barato e fácil de adquirir. Nos anos 1970 e 1980, trabalhou como desenhista e chargista de jornais, como o Panorama, de Londrina; O Diário do Paraná, de Curitiba; Folha de S. Paulo e a imprensa alternativa da capital paulista. Em 1978, devido às charges em que representava políticos importantes da época, teve que se refugiar com a família em Guaraqueçaba, no litoral paranaense. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/realidade-absurda-e-inutil-b85xa6vh46s3416v3bn70bmmm/>. Acesso em: 11 fev. 2024.

2.4 Exposição Indígena no Museu

No sentido inverso ao movimento que estava acontecendo em Cambé, referente a memória indígena, em Londrina, no Museu Histórico, segundo Martinez (2020)

A etnografia, a arqueologia e a ênfase dada a outras etnias e grupos sociais, presente nos momentos iniciais da fundação de Museu, foram aos poucos perdendo dimensão e importância dentro da referida instituição. Seguindo movimento contrário, a figura do “pioneiro” e a história da (re)ocupação recente no século XX passam a ganhar espaço cada vez maior nas exposições e na política de aquisição de acervo e coleções (MARTINEZ, 2020, p. 109)¹⁰³.

Martinez (2020) acredita que o primeiro diretor, Pe Carlos Weiss determinou a escolha e prioridade dada a alguns objetos e artefatos específicos. Ela explica que seu histórico familiar, a formação acadêmica e sua inserção na universidade, assim como sua receptividade à dinâmica das pesquisas arqueológicas no Paraná foi responsável pela formação de um significativo acervo de artefatos arqueológicos e etnográficos¹⁰⁴.

Porém ao longo do tempo, com as sucessivas e naturais trocas na direção do Museu, novos rumos se descortinam e conforme afirma Martinez:

O apagamento da importância da presença indígena no MHL se dá assim, pelo descarte, pela narrativa expográfica adotada que privilegia a história da região a partir da compra das terras pela Companhia de Terras Norte do Paraná e pela recusa de recebimento de acervo arqueológico.¹⁰⁵(MARTINEZ, 2020, p. 139).

Está amplamente documentado que os povos indígenas sofrem uma representação estereotipada na sociedade, enfrentando marginalização e tratamento desproporcional. Como afirma Manuela Carneiro da Cunha, “durante muito tempo os indígenas não foram vítimas apenas da eliminação física, mas também da eliminação enquanto sujeitos históricos. Essa imagem dos “índios sem história” percorreu durante décadas a historiografia brasileira” (CUNHA, 1998, *apud* MENEGUSSO, 2017, p. 11)¹⁰⁶.

¹⁰³ MARTINEZ, Cláudia Eliane Parreiras Marques. **Patrimônio religioso e museus em perspectivas: Paraná e Minas Gerais/ Cláudia Eliane P. Marques Martinez** - São Paulo: Humanitas, 2020. p. 109.

¹⁰⁴ Idem p. 133 e 139.

¹⁰⁵ MARTINEZ, Cláudia Eliane Parreiras Marques. **Patrimônio religioso e museus em perspectivas: Paraná e Minas Gerais/ Cláudia Eliane P. Marques Martinez** - São Paulo: Humanitas, 2020. p. 139.

¹⁰⁶ MENEGUSSO, Maquiele Elisabete; MARTINEZ, Cláudia Eliane P. Marques. Da cerâmica arqueológica Itararé-Taquara à cestaria kaingang: um estudo do acervo indígena do museu histórico de Cambé. *In: Seminário De Pesquisa Em Ciências Humanas*, 11., 2016, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: Blucher, 2016.

Eles frequentemente são relegados à periferia da atenção estatal no Brasil, compartilhando a menor escala na pirâmide social que também inclui pessoas pobres, negras, membros da comunidade LGBTQIA + e pessoas com necessidades especiais.

Foi a partir da percepção dos primeiros servidores do Museu de que existia uma lacuna na história da cidade, especificamente a ausência da história dos povos indígenas, que eles decidiram realizar uma "Exposição Indígena" poucos meses após a inauguração. Para ilustrar esse momento, optamos por reproduzir uma "chamada de jornal" da época, datada de 20 de setembro de 1986.

Imagem 11: Recorte do Jornal Nossa Cidade anunciando a Exposição Indígena no Museu Histórico de Cambé publicado em 20 de setembro de 1986.



Fonte: Acervo de Jornais do MHC.

Como explica Burke (1992),

A história tradicional oferece uma visão de cima, concentrando-se nos feitos dos grandes homens. Ao resto da humanidade foi destinado um papel secundário no drama histórico. A "história vista de baixo" vem conferir

importância às opiniões das pessoas comuns, das classes subalternas, dos hereges, das bruxas e dos rebeldes (BURKE, 1992, p. 12)¹⁰⁷.

O que se destaca na primeira atividade realizada no Museu de Cambé com a temática indígena em 1986 é, além da exposição de objetos do acervo, como vasilhas de cerâmica, objetos de pedra e outros utensílios, a presença significativa de indígenas das Terras do Apucarantina. Eles participaram do evento confeccionando artesanato, principalmente cestarias, que eram vendidas aos visitantes da exposição e a outras pessoas que passavam pelo local. Essa participação direta dos indígenas na exposição contribuiu para enriquecer a experiência dos visitantes/curiosos e tentava promover uma maior valorização e compreensão da cultura indígena na região.

A vinda de indígenas para participar de exposições em Cambé ocorreu em vários momentos e sempre envolveu um procedimento em que eles, os indígenas, se propuseram a realizar uma determinada atividade. Um servidor do Museu era responsável por entrar em contato e fazer o convite e, em comum acordo, estabelecer as condições para sua participação. Geralmente, essas condições incluíam providenciar um local para hospedagem¹⁰⁸ fornecer alimentação e organizar o transporte. Como era costume na Terra Indígena, os indígenas sempre viajavam em família, com várias crianças que ficavam ao redor de suas mães enquanto elas trançavam suas cestarias. Esse processo não apenas permitia a participação ativa dos indígenas nas exposições, mas também proporcionava uma troca cultural enriquecedora.

A Exposição Indígena sempre alcançou grande sucesso (Anexo R pág 214), sendo por vários anos a atividade que mais recebeu visitantes no Museu e era muito comum já nos primeiros dias ter a agenda completamente lotada ficando várias escolas aguardando uma vaga para a visita. A presença indígena na exposição era um atrativo à parte. Aconteciam também oficinas de modelagem em argila onde se reproduzia o método utilizado pelos guaranis para fabricação de vasilhas de cerâmica, fabricação de peteca com palha de milho e também pintura com tintas extraídas da natureza.

É importante destacar que a presença dos indígenas no Museu de Cambé despertava o interesse, tanto entre os visitantes da exposição - em sua maioria crianças da rede pública de

¹⁰⁷ BURKE, P. (org.) (1992). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo, Brasil: UNESP. p. 12.

¹⁰⁸ Em uma ocasião participou da exposição o Cacique da Terra do Apucarantina Juscelino Vergílio e sua família, e ficaram hospedados em dois cômodos no Estádio Municipal José Garbelini. Nessa ocasião uma das filhas do Cacique estava com uma alopecia e a esposa do Prefeito na época era Médica dermatologista que prontamente atendeu e remediou a menina. Tempos depois, quando foi se casar, ela se lembrou do caso e pediu para o pai o Cacique que convidasse o pessoal do Museu para a solenidade em agradecimento ao tratamento realizado. Reminiscência do autor.

ensino - quanto entre membros da comunidade que nunca haviam tido contato com “essas pessoas diferentes”. Em muitas ocasiões, testemunhamos a reação de curiosidade misturada com comentários jocosos e deslocados da realidade de algumas pessoas que se deparavam com os indígenas. Infelizmente, era comum presenciar visões preconceituosas e etnocêntricas sendo expressas sem qualquer receio por parte dessas pessoas. Esse comportamento destoado reflete a falta de compreensão e respeito pela diversidade cultural e étnica, e destaca a importância contínua da educação e sensibilização para promover a tolerância e a aceitação das diferenças.

No mesmo ano de 1986 a equipe do Museu com objetivo de arrecadar peças e objetos usados foram até a Missão Jesuítica de Santo Inácio (Anexo K pág 206)¹⁰⁹. A expedição do pessoal de Cambé conseguiu ainda a doação do Museu Patrimônio Histórico de Santo Inácio, de uma telha em perfeitas condições, fabricada entre 1610 e 1630 na própria redução.¹¹⁰ Posteriormente esse material foi devolvido para a Arqueóloga Cláudia Parellada responsável por estudos na região¹¹¹.

As “Exposições Indígenas” promovidas pelo Museu, viraram uma tradição no mês de comemoração dos povos indígenas. Desta forma, todo mês de abril havia uma expectativa das escolas para conseguir agenda na visita a referida exposição. Para levar os estudantes até o Museu era necessário ônibus, que as escolas não dispunham - assim muitas professoras por conta própria propiciavam o transporte ciente da importância para suas crianças em participar do referido evento.

Em 1988 o Museu já tinha mudado de endereço e estava funcionando no porão da “Casa dos Daguer”, que também tinha sido alugado pela Prefeitura, e naquela ocasião a exposição indígena foi no pátio interno do casarão contando novamente com a participação de uma família indígena do Apucarantina e de outro indígena chamado Pedemar Maraguará Poram¹¹².

¹⁰⁹ A Missão Jesuítica de Santo Inácio Mini ou Ipaumbucu está diretamente ligada à formação da Província do Guairá, que, sob a jurisdição espanhola de Assunção do Paraguai existiu entre os séculos XVI e XVII. Esta província abrangia um território que corresponde à porção central e ocidental do atual território paranaense, envolvendo as bacias hidrográficas do rio Iguaçu, rio Piquiri, rio Iraí, rio Tibagi e as margens esquerda dos rios Paranapanema e Paraná. **Localização:** Município de Santo Inácio: Foz do Ribeirão Santo Inácio afluente do rio Paranapanema. Fonte: <https://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/Bem-Tombado/Sitio-Arqueologico-da-Reducao-Jesuistica-de-Santo-Inacio-Mini>.

¹¹⁰ JORNAL NOSSA CIDADE. 6 de setembro de 1986. **Jornal Nossa Cidade**. Cambé: 1986. p. 3.

¹¹¹ Nota do autor.

¹¹² Pedemar atuou ativamente contra o alagamento de Sete Quedas, inclusive fazia palestras Paraná e Brasil fora lutando para tentar evitar a obra faraônica de Itaipu que iria definitivamente sepultar aquela maravilha de natureza. E foi durante essas palestras que ele conheceu o pessoal da cultura de Cambé.

Imagem 12: Exposição Indígena realizada em 1988 ou 1989 quando o Museu estava funcionando no porão da Casa dos Daguer. Na imagem podemos ver crianças realizando algumas atividades e uma Família Indígenas do Apucarantina.



Fonte: Acervo de Imagens do MHC.

Os indígenas da Terra do Apucarantina eram o Kaingang Dorico Pereira, sua tia Hermínia, a esposa Leonilda e cinco crianças. A esse respeito o Jornal Nossa Cidade de 15 de abril de 1988 fez uma reportagem com o indígena ao qual transcrevemos:

De fala cabreira e mansa, Dorico dá pouca atenção aos visitantes. Mal responde quando interrogado. Só depois, longe dos olhares aguçados dos escolares, resolve conversar com a reportagem. Avisa que no domingo vai ter festa na Reserva, com churrascada e jogo de futebol. Formaliza um convite meio seco, mas sincero: Vai lá que a festa vai ser boa. Não há muito o que falar. Dorico com seu jeito introvertido, é a própria história de uma nação (JORNAL NOSSA CIDADE, 1988, s/p).

Se o Kaingang Dorico Pereira era introvertido, como dizia a reportagem, por outro lado o Pixuna Pedemar era um verdadeiro “coach”, termo muito em moda hoje em dia. Ele costumava aparecer no mês de abril, coincidentemente o mês de comemorações dos povos indígenas e acertava com o pessoal do Museu estadia, refeições e eventualmente conseguia um pró-labore na Prefeitura. Atribuimos a vinda constante dele a Cambé pelo fato das amizades aqui conquistadas principalmente depois da campanha pela preservação de Sete

Quedas, onde contou com a simpatia de várias pessoas da comunidade cambeense, entre eles César Cortez e José Júlio de Azevedo.

Pedemar gostava de público, de gente, então passava a visitar as escolas da cidade para falar da realidade indígena. Tinha muita habilidade com as palavras, espontaneidade no estilo e brincalhão nas atitudes. Era ambidestro e uma de suas brincadeiras preferidas era escrever na lousa verde com as duas mãos ao mesmo tempo. A molecada adorava ver o indígena falar sobre suas peripécias e quando via uma criança muito branquinha comentava que na sua tribo daria uma bela sopa. Com o passar do tempo, as visitas de Pedemar a Cambé foram ficando mais esparsas até que não apareceu mais¹¹³.

Imagem 13: Pedemar com crianças durante Exposição Indígena no Museu de Cambé 1988 ou 1989.



Fonte: Acervo de Imagens do MHC.

¹¹³ Quando era estudante no Colégio Olavo Bilac de Cambé o autor da presente dissertação assistiu várias palestras do Velho Pixuna.

Imagem 14: Centro Cultural, Pedemar realiza monitoria com crianças durante Exposição Indígena, em 1994.



Fonte: Acervo de Imagens do MHC.

Em pesquisas na internet foi possível encontrar alguns vídeos dele postados no YouTube¹¹⁴ e ao perceber que as postagens foram feitas pelo poeta José Júlio nos sentimos impelidos a questioná-lo que fim levou o velho indígena. José Júlio por sua vez disse que a última vez que o viu ele estava morando no Apucarantina e já tinha mais de 100 anos, porém devido a idade avançada provavelmente já teria falecido.

Por lógica resolvemos consultar o Cartório de Registro Civil de Tamarana para saber se porventura havia algum registro de óbito do Pedemar. A cartorária confirmou que Pedemar Maraguara Poram havia falecido no dia 22 de junho de 2018 (Anexo Z pág 224) e que pelas informações contidas na certidão de óbito ele contava 106 anos e estava nos seus últimos dias vivendo em um asilo para idosos da Cidade de Tamarana. A cartorária narrou ainda que na cidade existe um tipo de prainha denominada “Prainha do Pedemar”.

¹¹⁴<https://www.youtube.com/watch?v=6q-ZswLDBmg&t=3s>.
<https://www.youtube.com/watch?v=Zjms3hBgflw&t=319s>.
<https://www.youtube.com/watch?v=YFoHiRB1nnI&t=1s>.

Imagem 15: Página inteira do Jornal Nossa Cidade de 22 de abril de 1988 com entrevista do Indígena Pixuna Pedemar Maraguara Poram.

NOSSA CIDADE, 22 de Abril de 1988 Pág. 7

Entrevista: Pedemar Maraguara Poram, um índio

O cacique da tribo Pixuna, do alto do Rio Negro, Pedemar Maraguara Poram, esteve em Cambé na última semana, falando para alunos das escolas do Município sobre a questão indígena. A promoção do Museu Histórico de Cambé fez parte das comemorações da Semana do Índio. Pedemar visitou a Redação do Jornal Nossa Cidade, onde descreveu parte das suas andanças pelo País, na tentativa de preservar a natureza e os costumes, tradições e cultura dos índios.

A defesa da natureza, numa preocupação constante:
"Quando eu fiquei lá nas Sete Quedas, pensei uma coisa que sempre defendi é a natureza. Deixo jeito que está indo, vai acabar tudo, e daí? O que nós vamos mostrar para as nossas crianças mais tarde? Estão acabando com tudo. Estou preocupado com isso porque nós não podemos deixar só prédios, concreto e ódio para as nossas crianças".

A situação indígena no Brasil e a política da FUNAI:
"A tendência do índio é acabar, porque não tem ajuda de lado nenhum. Se você ver a devastação que estão fazendo no Amazonas, com destruição de matas e de tribos, vai sentir que coisa incrível. E o governo não está nem aí".


"Quando eu participei de um debate em Londrina, sobre a questão do índio brasileiro, mas isso não adianta nada, porque o índio é lembrado somente um dia por ano. Por isso, as tribos estão se acabando no Brasil. A doença que os elementos brancos estão levando está dizimando as tribos indígenas, enquanto que a FUNAI está aí de braços cruzados, sem fazer nada. Eles só sabem botar lei, lá, lá..."

A inoperância da Delegacia de Londrina da FUNAI:
"Aqui em Londrina nós temos a Delegacia, mas o delegado não tem como ajudar o índio. Ele faz de tudo. Pede aqui, pede de lá e briga em favor dos índios, mas os Kaingang aqui do Paraná vão acabar sendo exterminados".

A miséria e exploração dos índios:
"Você vai para o norte e ver a miséria dos índios é de lamentar. As empresas americanas que entram no Amazonas exploram as tribos de todas as formas. Esse lado nunca é mostrado para a população".

"As equipes de televisão que vão ao Xingu filmam o bonito do índio, mas a podridão que estão fazendo no Amazonas, no Pará e até aqui no Paraná, a porcaria que estão fazendo contra os índios não são mostradas. Em Tamarana, as camaradas que tomaram as terras dos índios hoje impedem eles de passar pelo que antes era seu. Ninguém tomou providência e agora a luta nossa é para ver se conserva o restante de índio que ainda tem no Brasil".

A informação errada e tardia sobre os índios:
"Há poucos dias é que começaram a divulgar as coisas sobre o índio. Tem gente que só conhece o índio através de fotografia. Ele nunca foi em uma Aldeia, apesar da gen-



Pedemar: falando sobre a problemática indígena

te convidar eles para visitarem as tribos. As explicações são as mais diversas: o índio vai me matar, vai me atacar, mas o índio não mata ninguém. Ele só ataca por causa do medo, provocado pelas explorações que sofreu ao longo de todo esse tempo. Exemplo recente foi o massacre contra a tribo dos Tikunas, na região Amazônica. Praticamente acabaram com a tribo e os responsáveis nem presos vão ser".

Milhões de índios morreram na TRANSAMAZÔNICA:
"Vai ter que isolar as tribos para que elas sejam preservadas. Se eu estou doente, eu não posso ir em uma tribo. Primeiro tenho que me curar. Os órgãos é que devem cuidar disso, porque na Transamazônica mataram milhões de índios e se aproveitaram das "indinhas", mocinhas novas. O índio não vem na civilização pegar moça nova. Diante disso, eu falei desesperado na televisão que dava vontade de entrar no palácio e pegar um presidente desse e matar, nem que matem a gente".

Juruna era um palhaço imposto:
"Não adianta subir em um palanque dizendo que eu vou fazer isso, vou fazer aquilo e chegar lá em Brasília e esquecer tudo. O índio não tem ninguém que defenda ele. Veja a palhaçada que fizeram no Rio; botaram o Juruna como deputado federal, um ho-

mem que não sabe escrever, não sabe falar, não sabe onde está o nariz. Quando tem uma pessoa capacitada de ser eleita para defender o índio, eles não aceitam, então eles botam o índio palhaço. Vai ser sempre assim: o branco é o mocinho e o índio é bandido".

Marcos Terena não representa a questão indígena:
"O Terena só ajuda aqueles índios que estão em Brasília. Você nunca viu ele se posicionar a favor de um Kaingang aqui do Paraná. É sempre a tribo dele lá do Xingu. Eles só mostram as danças bonitas e os ritos das tribos do Xingu e esquecem da miséria em que vivem as outras tribos brasileiras. Eu quero que eles apresentem o outro lado da situação".

O índio está passando fome:
"O índio se toma fraco para bebida porque ele não come. Eles vem vender aqueles balaios aqui na cidade e em vez de comprar um pão, um sanduiche, uma comida a tendência dele é para a cachaca. Se houvesse um órgão para cuidar disso, resolveria em parte o problema".

O casaco do deputado não fala:
"Tem um casaco lá em Brasília ganhando "300 milhão" e não fazendo nada pelo povo brasileiro. Cheguei lá e perguntei se o deputado estava e a moça me respondeu que não, mas o casaco dele estava na cadeira. Vai ver ele está lá na casa tomando um uisque e nas festas, enquanto que o casaco dele está em Brasília. O que adianta um casaco lá no gabinete? Uma vez eu perguntei: seu casaco, o senhor pode me atender?".

Esse é o resultado do Brasil: um casaco ganhando 300 milhão e um monte de brasileiros morrendo de fome, inclusive os índios".

Um final triste e melancólico:
"Os índios do Paraná estão na miséria. Não adianta eu lhe falar que eles estão comendo pão-de-ló, porque não estão. Estão na miséria e vão se acabar. O que adianta ter um trator e não ter óleo. E quem é que aguenta trabalhar com fome?".

O fim da cultura indígena:
"Vou lhe dizer uma coisa lamentável, o índio do Paraná, do Rio Grande do Sul e de quase todo o País está perdendo completamente a cultura dele. Os Kaingang tinham uma cultura maravilhosa, mas está perdendo tudo e a Funai não está nem aí. Você vai nessas tribos e não vê mais nada, nem danças, nem ritmos e nem nada. Os velhos já não querem mais nada e deixam para os novos e estes já estão entrando na civilização branca e sendo engolidos por ela".

3 CENTRO CULTURAL: NOVA CASA, NOVOS PROJETOS, MUITAS EXPECTATIVAS

Imagem 16: Vista da fachada do Centro Cultural de Cambé logo após a inauguração em 02 de setembro de 1990.



Fonte: Acervo de Imagens do Museu Histórico de Cambé. Fotografia Luiz Carlos Garcia – Braulio.

Olhando para o passado, sem dúvida nenhuma 1990 foi um ano muito promissor para o Museu Histórico de Cambé, (Anexo V pág 218) pois no mês de junho daquele ano a instituição lançou uma campanha para conscientizar a comunidade sobre a existência de objetos indígenas em toda a região e a consequente arrecadação desses objetos, em 02 de setembro o Museu, ganha uma “Casa Nova” com a inauguração do Centro Cultural de Cambé (Anexo S pág 215)¹¹⁵ onde novas, maiores e mais modernas instalações colocavam o Museu como uma instituição modelo no Paraná, e para coroar esse ano maravilhoso, é anunciada a descoberta do Sítio Arqueológico da Fazenda Santa Dalmácia (Anexo T e U, pág 216 e 217) e a vinda dos Arqueólogos Miguel Gaissler e Oldemar Blasi a Cambé para pesquisarem na área.

Além da descoberta de Santa Dalmácia, outro fato de fundamental importância que aconteceu para o reposicionamento do Museu de Cambé como uma instituição com viés

¹¹⁵ Antiga aspiração da comunidade artística cambense, o Centro Cultural foi eleito com uma obra essencial para a cidade durante as reuniões para definir as prioridades que a comunidade cambense queria incluir no Projeto Galha Azul, que foi desenvolvido pelo Governo do Estado para apoiar os municípios por meio do Banestado - Banco do Estado do Paraná. Matéria publicada no Jornal Cambé Notícias, de 20 à 26 de maio de 1984: “Prioridades para o Galha Azul”: A comunidade elegeu a implantação de esgoto sanitário, pavimentação asfáltica, casa da cultura (teatro municipal), nova delegacia de polícia, e a construção de um terminal rodoviário. Segundo César Cortez várias pessoas tentaram demover o prefeito Haully à época de gastar vultosa quantia com um Centro Cultural, sendo que na opinião dessas pessoas a cidade tinha coisas mais urgentes, porém Haully insistiu dizendo que a eleição do Centro Cultural foi fruto da organização da comunidade cultural que soube se articular para conseguir a aprovação da prioridade e assim manteve a obra no projeto.

voltado não só para a reocupação, mas também para o estudo dos povos indígenas da nossa região foi o recebimento em doação de um importante acervo arqueológico fruto do trabalho de um professor de história da cidade ao qual vamos narrar a seguir.

3.1 O Acervo do Professor Sabaine

Na cidade de Cambé, João Sabaine, professor de História, formado pela antiga Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Londrina, antecessora da Universidade Estadual de Londrina, desde muito jovem, logo após iniciar sua docência na cidade por volta de 1970 começou a colecionar objetos arqueológicos dos povos indígenas.

Em entrevista ao autor, ele conta que em suas aulas explicava para os alunos a importância de se estudar os povos indígenas e perguntava para eles se eles já tinham visto principalmente nas propriedades rurais algum material do tipo vasilhas, mãos de pilão, lâminas de machado de pedra etc. De vez em quando algum aluno acenava com um positivo e o Professor ia em muitos casos até a propriedade para constatar in loco a existência das referidas peças, chegando a encontrar uma grande quantidade.

Sabaine conta que o interesse por arqueologia surgiu por meio de uma curso de extensão universitária sobre “Introdução à Arqueologia”¹¹⁶, que ele realizou com o Arqueólogo José Wilson Rauth¹¹⁷ que ao final do curso vendo o entusiasmo da turma propôs “encher” um ônibus e descer para conhecer os sambaquis conforme narra Sabaine “ao término do curso, todo mundo estava contente, entusiasmado, ele ficou, fez uma proposta, um

¹¹⁶ “O Professor José Wilson Rauth, ministrou um curso de extensão sobre “Introdução à Arqueologia”, durante cinco dias do mês de março de 1968, nas dependências do Colégio Londrinense. A atividade em Londrina foi promovida pelo Centro de Estudos Históricos Romário Martins, grupo do Departamento de História, e contou com a participação de mais de 200 pessoas dos cursos de Geografia e História. (LIMA, 2016, p. 9)
LIMA, Leilane Patricia de. Entre sambaquis, museus e memórias: um pouco da história da Arqueologia no Paraná. **BOLETIM MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA**, v. 7, número 14, 2016. p. 9 - 42.

¹¹⁷ José Wilson Rauth foi arqueólogo e professor da Faculdade de Filosofia de Paranaguá. Atuou em importantes expedições e escavações nos anos 1950 e 1960. Segundo Jandira Neto, “[...] José Loureiro Fernandes fundaria em 1958 no Paraná o CEPA (Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas) com o objetivo de formar pesquisadores brasileiros em arqueologia. O primeiro arqueólogo a ser convidado para dar essa formação foi o americano Wesley Hurt (Indiana University) que trouxe as premissas da metodologia americana de campo, originando o primeiro movimento com viés mais profissional na arqueologia brasileira. Foram seus alunos Wilson Rauth (PR) e Oldemar Blasi (PR). Destes, o Prof. Wilson Rauth foi o discípulo que adotou e adaptou o método para estudos em sambaquis brasileiros, enquanto o Prof. Oldemar Blasi passou a atuar no Museu Paranaense”. Disponível em: <<http://arqueologia-iab.com.br/publications/download/28>>. Apud Martinez pág 142. No Anexo X pág 220 a Portaria de Criação da CEPA - Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas em 05 de dezembro de 1956. Com a reforma universitária de 1970, o Centro perdeu o seu papel no campo do ensino formal. Foi reestruturado como Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas, sendo um órgão auxiliar do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFPR conforme informa a página da instituição na Internet. <http://www.humanas.ufpr.br/portal/cepa/historico> Acesso em 26 de abril de 2024.

desafio, vocês não querem fazer um ônibus, lotar um ônibus lá para praia e eu vou com vocês nós vamos, lá fazer o estudo direto no Sambaquis.¹¹⁸

Sabaine que durante a entrevista faz a ressalva da idade pois já conta mais de 70 anos calcula que a viagem para visitar as Ilhas do Paraná e conhecer os Sambaquis¹¹⁹ ocorreu provavelmente em 1970 pois em 1969 ele havia terminado sua graduação em história e esclarece que justamente por causa desse contato com o Arqueólogo Rauth e a viagem ao litoral nasceu seu desejo em colecionar arqueologia e formar uma das mais importantes coleções de arqueologia Norte do Paraná.

Imagem 17: A convite do Arqueólogo José Wilson Rauth, um grupo de estudantes do curso de História da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Londrina viajou até o litoral paranaense para conhecer os sambaquis. A paixão do Professor Sabaine pela arqueologia nasce justamente por causa dessas atividades realizadas primeiro em Londrina com o Curso de Introdução à Arqueologia e depois com a viagem ao litoral. Na imagem, Sabaine e outros alunos conhecem os sambaquis. Doação da Imagem: João Sabaine Ano 1970.



Fonte: Acervo de Imagens do MHC.

Imbuído dessa paixão, Sabaine adotou como método em suas aulas explicar aos alunos sobre seu interesse pela arqueologia. De tempo em tempo, algum aluno relatava saber o paradeiro das peças mencionadas por ele:

¹¹⁸ Entrevista ao autor realizada em 23 de agosto de 2023. Disponível no acervo de áudio e vídeo do MHC.

¹¹⁹ Além da viagem ao litoral narrada por Sabaine, outro evento muito importante que aconteceu foi a concessão de 4 bolsas de estudos a alunos da Faculdade para pesquisa de Cambé com o Professor Rauth em Paranaguá que foram oferecidas para complementar o curso teórico.

LIMA, Leilane Patricia de. Entre sambaquis, museus e memórias: um pouco da história da Arqueologia no Paraná. **BOLETIM MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA**, v. 7, número 14, 2016 p. 22.

O projetor de slide eu usava ele para dar minhas aulas, e eu me lembro tanto, no Estadual¹²⁰, que depois se tornou Érico Veríssimo, eu estava dando uma projeção de slide la, enfim, da cultura indígena, mas não do Brasil, Cuzco no Peru. Aí eu me lembro que quando eu comentei, foi justamente olha a coincidência, coincidiu que foi naquele ano que a gente tinha feito o curso, aí o aluno falou essas peças assim como tem ali pecinhas machadinhas indígenas, tudo isso aí nós temos, meu pai, olha só que a imaginação como eles eram ignorante coitados, ele não sabiam, ah meu pai mandava jogar longe porque cria um mistério um questionamento na pessoa, uma peça que não é da natureza, você percebe que o homem mexeu ali, né mas o que é que eles pensavam as pessoas sempre mistério então joga longe é perigoso atrair raio tempestade, então eles me ensinaram primeiro a palavra eu me lembro de alguns deles japoneses jovens e que vinha ali da região km 9 aquela região aí eles falava assim professor lá tem tanto, que meu pai, aí eu lembro que uma ta até ai, não pode jogar fora né, aí joga coitado não sabia né aí eles começaram a guardar (Informação verbal)¹²¹.

A disposição do professor Sabaine em resgatar o material arqueológico era tanta que em algumas ocasiões ele chegou a comprar vasos de cerâmica ornamentais no comércio da cidade, para trocar por peças arqueológicas que estavam em posse de sítiantes, conforme narra:

Imagem 18: Família de agricultores posam para fotografia exibindo artefatos arqueológicos encontrados em meio ao cafezal da propriedade. Início da década de 1970.



Fonte: Acervo de Imagens do MHC. Doação Professor João Sabaine.

¹²⁰ Colégio Estadual Érico Veríssimo em Cambé.

¹²¹ Entrevista ao autor realizada em 23 de agosto de 2023. Disponível no acervo de áudio e vídeo do MHC.

Imagem 19: Professor João Sabaine exibe a primeira cerâmica indígena que ele encontrou e desenterrou. Início década de 70.



Fonte: Acervo de Imagens do MHC. Doação: Professor João Sabaine.

As pessoas da família Tomeleri as moças, na época, hoje são senhoras (...), mais aí elas tinham dois vasos em casa, e que eles tinham contado para mim, - só que uma minha irmã já pintou-, eu levo assim mesmo..., mas aí eu combinei com ele.... Ir de sábado só depois das cinco horas, a hora que terminar a aula, porque a aula começava às três e terminava cinco e pouco, eu catei ele lá de fusca e fui, só que antes eu passei no Comercial Radigonda e comprei dois vasos para ir lá e trocar, e fui cheguei lá quando as mulheres viram ficaram toda feliz, porque eu dou um vaso novo e ficou tudo contente de ganhar um vaso novo...e foi assim que eu resgatei (Informação verbal)¹²².

Sabaine conta ainda que ao proceder a troca dos vasos um deles estava pintado e que manteve assim para demonstrar o uso diferenciado de acordo com a cultura que o utilizava.¹²³ Outro fato curioso narrado na entrevista é que em algumas operações de resgates das peças arqueológicas que ele fazia pelos sítios algumas peças serviam como ninho de galinha e vaso de plantas.

¹²² Entrevista ao autor realizada em 23 de agosto de 2023. Disponível no acervo de áudio e vídeo do MHC.

¹²³ Esta peça arqueológica atualmente faz parte do acervo do Museu Histórico de Cambé, que assim como o professor manteve a pintura prateada que a família executou para decorá-lo em novo uso.

Imagem 20: Professor Sabaine com diversas pessoas durante a inauguração da Sala de Arqueologia que levou seu nome. No detalhe ele explica as características das peças, especialmente a que foi pintada e transformada em item de decoração de uma residência.



Fonte: Acervo de Imagens do MHC.

Entrelaçando as histórias, importante ressaltar também o interesse por parte do Padre Carlos Weiss nas peças da coleção de Sabaine pois como afirma Edson Holtz em sua tese de Doutorado:

Mesmo priorizando a história de Londrina e região Norte do Paraná, Weiss, por ser especialista em História Antiga, buscou trazer para o Museu peças arqueológicas. Algumas delas foram doadas pelo departamento de Antropologia da Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Paranaguá, litoral do Estado, ao Museu, atendendo ao pedido feito por Weiss (LEME, 2013, p. 137)¹²⁴.

Weiss foi professor de Sabaine na FAFILO e sabendo que ele já havia reunido um acervo significativo começou a procurá-lo com a intenção de convencê-lo a doar o material para o Museu de Londrina conforme relato a seguir:

Uma coisa interessante, até vou te revelar do próprio Carlos Weiss. O Carlos Weiss sempre vinha na minha casa, só que eu levava sempre sorte, eu sabia que ele queria as peças para o Museu de Londrina, eu sabia que a intenção dele era conquistar me para doação dessas peças. Aí ele nunca me encontrava em casa, que eu tava jogando bola, ele vinha de sábado à tarde,

¹²⁴ LEME, Edson José Holtz. **O Teatro da Memória: o Museu Histórico de Londrina: 1959-2000** / Edson José Holtz Leme. – Assis, 2013. p. 137.

quando eu ficava sabendo, ele me contava, o Padre Carlos Weiss, falava fui lá, ainda bem ainda bem, ele nem tocava no assunto depois durante as aulas só uma vez ele falou é eu estive lá. Pois é Padre a gente vai jogar bola todo sábado (Informação verbal)¹²⁵.

Essa iniciativa do Padre Weiss revela o estilo adotado por ele para a formação do acervo do Museu de Londrina pois segundo Holtz,

Analisando o período e a documentação disponível no MHL sobre a sua gestão, pode-se constatar a ênfase dada por Weiss ao acervo e às coleções de caráter arqueológico e etnográfico. É provável que o fato de ele ser professor de História Antiga e Medieval da então Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, assim como sua atuação no Departamento de História, principalmente, tenha contribuído para sua postura (LEME, 2013, p. 140)¹²⁶.

Apesar da ênfase em coleções de arqueológico e etnográfica conforme apontado por Holtz destacamos aqui também o estilo açambarcador do Padre Weiss, muito característico da época em que foi formado o acervo, conforme aponta Martinez (2020) narrando que além de “viagens de estudo ao Exterior”, Weiss também percorria outras partes do Brasil, com a intenção de coletar e levar para o Museu objetos de natureza diversa, como: o “vaso de pedra sabão com tampa adquirido em Ouro Preto (MG)”¹²⁷.

A esse respeito, Lygia Martins Costa (2002) explica que essa situação de formação de acervo sem muitos critérios, eram muito comuns, senão vejamos:

Que uma das características dos museus regionais era, exatamente, a formação de coleções ecléticas e heterogêneas. Etnografia, arqueologia, animais taxidermizados, bules, chaleiras e, no caso do MHL, uma “cabeça de índio” e uma múmia conviveram, simultaneamente, no mesmo espaço, a despeito dos conflitos e disputas inerentes às redes de poder que, paulatinamente, iam se constituindo (COSTA, 2002 *apud* MARTINEZ, 2020, p. 128)¹²⁸.

Ainda a respeito das peças de Cambé, apesar das insistências do Padre Weiss, Sabaine ficou bastante tempo arrecadando objetos e colecionando, tanto que até construiu na sua casa um espaço especial na forma de um armário de madeira para acondicionar as peças

¹²⁵ Entrevista ao autor realizada em 23 de agosto de 2023. Disponível no acervo de áudio e vídeo do MHC

¹²⁶ LEME, Edson José Holtz. **O Teatro da Memória: o Museu Histórico de Londrina: 1959-2000** / Edson José Holtz Leme. – Assis, 2013. p. 140.

¹²⁷ MARTINEZ, Cláudia Eliane Parreiras Marques. **Patrimônio religioso e museus em perspectivas: Paraná e Minas Gerais**/ Cláudia Eliane P. Marques Martinez - São Paulo: Humanitas, 2020. p 144.

¹²⁸ COSTA, Lygia Martins. **De museologia, artes e políticas de patrimônio**. Pesquisa: Clara Emília Monteiro de Barros. Rio de Janeiro: IPHAN 2002. *apud* MARTINEZ, Claudia Eliane Parreiras Marques. **Patrimônio religioso e museus em perspectivas: Paraná e Minas Gerais**/ Cláudia Eliane P. Marques Martinez - São Paulo: Humanitas, 2020. p. 158.

arqueológicas de maneira que elas ficassem seguras e guardassem as suas características originais.

Em 1978 o Jornal Cambirimbá publicou um artigo enaltecendo o trabalho do professor. Esse jornal foi criado para debater questões indígenas e um dos responsáveis era justamente César Cortez que anos mais tarde, especificamente em 1990 iria estar à frente do Museu de Cambé para receber em doação o acervo de Sabaine. Mas falando do artigo de 1978 entre outras palavras conta que

O professor João Sabaine, uma das poucas pessoas preocupadas com nosso passado, realizou um trabalho muito importante para manter nossa história, recolhendo vários objetos indígenas encontrados em Cambé, representando um valioso subsídio para execução e desdobramento de uma memória local. (CAMBIRIMBÁ, 1978, s/p).

Em outra parte, do artigo enaltece a iniciativa do professor senão vejamos:

Atraído pela paixão, o professor Sabaine realizou escavações em vários locais, onde recebesse a notícia de ter sido achado algum objeto, nas quais ele conseguiu encontrar urnas funerárias, potes, tacapes e vários outros objetos, que somados a doações de amigos e alunos da zona rural, hoje ele conserva um valioso patrimônio histórico (CAMBIRIMBÁ, 1978, s/p)¹²⁹.

Imagem 21: Jornal Cambirimbá falando da importância em se pesquisar os indígenas e citando como referência o trabalho do professor João Sabaine. Edição nº 01 de 30/04/1978. Doação: César Cortez.



Fonte: Acervo de Jornais do MHC.

¹²⁹ MUSEU HISTÓRICO DE CAMBÉ. **Jornal Cambirimbá, nº 1, 30 de abril de 1978.** Acervo de jornais do Museu Histórico de Cambé.

Sabaine se tornou pessoa muito conhecida na cidade tanto pela docência quanto pela participação na política da cidade, concorrendo por vezes a algum cargo do executivo ou do legislativo e era muito comum em reuniões, encontros e até atividades familiares as pessoas indagar ao professor da possibilidade de doação das peças arqueológicas ao qual ele respondia que: “o dia que Cambé tivesse um Museu onde eu possa doar as peças vocês podem ter certeza que eu doarei” (informação verbal)¹³⁰.

Imagem 22: Sequência de 6 imagens doadas pelo Professor Sabaine onde aparece uma visita que ele fez acompanhada de alunas do Magistério da Cidade de Cambé a Reserva Indígena do Apucarantina, provavelmente na década de 1970.



Fonte: Acervo de Imagens do MHC.

¹³⁰ Entrevista ao autor realizada em 23 de agosto de 2023. Disponível no acervo de áudio e vídeo do MHC.

Em 1990, como já citamos anteriormente houve a inauguração do Centro Cultural e o prefeito da época José do Carmo Garcia¹³¹ que era primo de Sabaine o procurou e insistiu para que procedesse a doação do material para o Museu porque no prédio novo teria condições de bem receber o acervo dele.

Com o pedido do então Prefeito/Primo e levando em consideração que o novo espaço era uma obra impactante ele resolveu entregar em doação seu acervo e este ato representou um momento muito importante para a história de Cambé e dos povos indígenas, pois configurava se em um acervo privado que estava guardado em uma residência, passando assim para uma instituição pública, portanto disponível para que todas as pessoas da comunidade tivessem acesso àquele material. A retribuição do poder público veio em forma de homenagem, onde a Sala de Arqueologia do Museu foi batizada com seu nome e no evento de abertura da exposição foi lhe conferida uma placa de prata pelo prefeito.

Imagem 23: Solenidade de Inauguração da Sala Professor João Sabaine e abertura de Exposição com temática Indígena em 1991.



Fonte: Acervo de Imagens do MHC.

¹³¹ Advogado e Servidor Público foi prefeito de Cambé por quatro legislaturas de 1989-1992, 1997-2000, 2001-2004 e 2017-2020.

Imagem 24: João Sabaine com um grupo de estudantes de escola municipal em palestra sobre arqueologia indígena no Museu Histórico de Cambé.



Fonte: Acervo de Imagens do MHC.

A sala com dimensões modestas ganhou módulos brancos com redomas de vidro sob medida para melhor aproveitamento dos espaços e bem guardar o acervo. Esse importante momento foi registrado pelo Jornal Nossa Cidade que estampava a auspiciosa notícia intitulado “Centro Cultural terá sala arqueológica” narrando que:

O Centro Cultural de Cambé passa a contar com uma sala de arqueologia em homenagem ao Professor João Sabaine e que será inaugurada no próximo dia 12. Na mesma data, a Secretaria Municipal de Cultura, através do Museu Histórico, abrirá duas exposições: a do acervo do Sítio Arqueológico Fazenda Santa Dalmácia e a exposição de objetos indígenas (JORNAL NOSSA CIDADE, 1991, p. 10)¹³².

¹³² JORNAL NOSSA CIDADE. 05 de abril de 1991. **Jornal Nossa Cidade**. Cambé: 1991. p. 10.

Imagem 25: O Jornal Nossa Cidade de 05 de abril de 1991, publica matéria jornalística acerca da criação da sala de arqueologia do Museu Histórico de Cambé.



Fonte: Acervo de Jornais do Museu Histórico de Cambé.

A doação do material do acervo do Professor João Sabaine e a iniciativa do Museu em direcionar parte do seu trabalho para investigar a ocupação indígena, marca uma “quebra de paradigma” em relação aos objetivos da instituição quando da sua inauguração em 1985 pois no início o foco principal do trabalho era a história de Cambé com ênfase na reocupação promovida a partir da chegada da Companhia de Terras Norte do Paraná e a vida dos pioneiros da cidade. Assim a instituição passa a reforçar ainda mais seus trabalhos com a temática indígena pois já no segundo ano de fundação o Museu começou a realizar no mês de abril uma “Exposição Indígena”¹³³, com artesanatos, objetos, livros, documentos e em algumas situações convidando famílias Indígenas da Reserva do Apucarantina que traziam as cestarias para vender durante a exposição. Comungando com essa assertiva de quebra de paradigma e inclusão da temática indígena na historiografia do norte do Paraná, Bruna Garcia Catarino afirma que

Tal silêncio forçado dos indígenas perante a sociedade nacional por vezes é quebrado, e em alguns casos a tônica desta mudança é tão plena que realiza um realinhamento na memória local e em seus discursos de pertencimento. É

¹³³ Relatório do Museu Histórico de Cambé do ano 1985.

importante apontar que no Município de Cambé, região metropolitana de Londrina, tem-se destacado por meio de seu acervo e por tal quebra deste silêncio (CATARINO, 2020, p. 145)¹³⁴.

Em 2019, ocorreu uma significativa expansão do espaço destinado à exposição do material arqueológico visando tanto aumentar a quantidade de objetos expostos quanto proporcionar uma melhor organização temática para uma compreensão mais aprofundada por parte da comunidade. Essa nova sala de exposição fica em local estratégico, logo na entrada da parte superior do Centro Cultural, de forma que qualquer pessoa que acessar o local vai inevitavelmente passar pela frente da sala. Quanto à disposição da sala, no começo foi exposto um material referente aos povos indígenas do Paraná, depois mais especificamente da região norte para ao final mais ao canto o material da Missão Jesuítica San Joseph. Os objetos expostos em sua grande maioria material arqueológico provenientes da cidade de Cambé e alguns de cidades vizinhas, complementado com reprodução de mapas históricos fornecidos pela Dra. Cláudia Parellada e um pouco de cestarias Kaingang.

Ao entrar nesta sala, o visitante se depara com uma exposição simples, sem muitos recursos tecnológicos para prender a atenção. No entanto, apesar da simplicidade, cada item ali exposto tem um significado profundo para o Museu Histórico de Cambé, que dedicou grande parte de sua existência à formação desse acervo. Além disso, a exposição desses objetos é uma forma de trazer à tona a história dos povos indígenas que habitaram essa região. Através da exposição e de outras atividades realizadas, o museu mantém aberto um canal de debate sobre uma história que muitos na sociedade prefeririam apagar. No entanto, graças aos esforços de professores historiadores, pesquisadores, membros da comunidade e indígenas, assim como de muitas instituições, essa história continua a ser estudada, resistindo bravamente ao tempo.

3.2 Museu de Cambé: mudanças inesperadas, novas equipes, novos projetos

Para abordar de maneira abrangente as situações relacionadas às atividades do Museu, é crucial reconhecer que, além dos projetos e atividades internas, os fatores externos exercem também muita influência nas dinâmicas da instituição, apresentando desafios por vezes contribuindo e em outros casos atrapalhando. Neste sentido, exploraremos algumas questões administrativas ocorridas durante o período pesquisado, consideradas relevantes para elucidar

¹³⁴ CATARINO, Bruna Garcia. O ingresso do tema indígena no espaço museal: O caso do Museu Histórico de Cambé (1985-2016), **Revista Latino-Americana de História**, vol. 9, nº 24, jul/dez de 2020. P. 144 - 165.

situações que aconteceram diferente do planejado, influenciando sobremaneira os desenvolvimentos das atividades.

Imagem 26: Após a saída das professoras do Museu a equipe ficou reduzida ao Diretor César Cortez e o Servidor/Estagiário Eduardo Pavinato, com a valorosa colaboração de 2 Guardas Mirins, Valdinei de Moura Lopes e Solange de Paula Fernandes que ajudavam a cuidar das salas, faziam recortes de jornais, higienizavam os vidros e distribuíam correspondências.



Fonte: Acervo de Imagens do MHC.

Em 1993 o autor da presente dissertação foi convidado para trabalhar no Museu Histórico de Cambé. O convite foi feito pelo então Diretor da entidade César Cortez, e aconteceu por diversos motivos e dentre eles destacamos; o mesmo cursava o 2º ano em História, era membro do IPAC- Inventário e Proteção do Acervo Cultural¹³⁵ - Projeto de Extensão da Universidade de Londrina e desenvolvia no referido Museu às quartas-feiras a tarde o subprojeto “Os Signos de Nova Dantzig e a memória coletiva de Cambé”.

¹³⁵ IPAC - Inventário e Proteção do Acervo Cultural - Projeto de extensão da Universidade Estadual de Londrina que iniciou em 1985 inventário do Patrimônio Cultural do Norte do Paraná. Em Cambé foi estabelecido com o Museu Histórico de Cambé o subprojeto denominado “Os Signos de Nova Dantzig e a Memória Coletiva de Cambé”, coordenado pelo Professor Jorge Cernev do Departamento de História e o objetivo era entre outras atividades identificar, inventariar, e contextualizar as edificações das décadas de 30 no Município de Cambé, nas áreas rurais e urbanas, reconhecendo os signos arquitetônicos interpretando “representações” coletivas dos moradores de Cambé acerca de seu patrimônio.

Imagem 27: Equipe do Projeto Ipac - Inventário e Proteção do Acervo Cultural da Universidade Estadual de Londrina, realizando atividade no Museu em 1993. Da esquerda para a direita César Cortez, Marcelo da Silva, estagiário de História, Samantha Karen de Freitas, funcionária contratada do Museu, ao fundo Alaertes Karoleski Arquiteto do Departamento de Arquitetura, Jorge Cernev, Historiador do Departamento de História, Antonio Del Rios, estagiário de Arquitetura e Eduardo Pavinato Servidor/Estagiário do Museu de Cambé. Poucos meses depois o convênio seria interrompido por falta de recursos.



Fonte: Acervo de Imagens do MHC.

A instituição contava com um quadro de 4 professoras, 01 servidora administrativo, 02 Guardas Mirins e um Diretor que apesar de ser servidor de carreira, recebia um valor adicional pelo exercício do cargo de confiança¹³⁶. Acontece que com o advento da Constituição de 1988 e a consequente regulamentação dos quadros funcionais dos servidores públicos, o cargo de professor municipal, ficou adstrito ao exercício da atividade exclusivamente em sala de aula, sendo considerado desvio de função as atividades realizadas por professores fora desse contexto. (Cambé, 1993).¹³⁷.

Dessa forma, todas as professoras que estavam lotadas no Museu foram obrigadas a retornar para a Secretaria de Educação e assumir suas funções em salas de aula. Com essa

¹³⁶ Desde a sua fundação o MHC recebeu muitos estagiários, sendo em sua grande maioria do Curso de História da Uel e a atuação e dedicação desses estudantes muito contribuiu para o desenvolvimento dos trabalhos realizados na instituição.

¹³⁷ MUNICÍPIO DE CAMBÉ. **Lei Municipal nº 866, de 1993**. Dispõe sobre o Estatuto dos Servidores da Administração Direta das Autarquias e das Fundações Municipais. Cambé, 1993.

ART. 256. – Os servidores em desvio de função deverão optar pela função a qual ou retornar à função de origem dentro do prazo de 180 (cento e oitenta) dias da vigência desta Lei, sob pena de demissão por justa causa.

medida, o Museu ficou sem uma equipe técnica de trabalho, e qualquer ajuda seria bem-vinda como forma de mitigar os prejuízos causados pela saída das professoras.

Naquela época, eram comuns casos de disfunção funcional, e essa medida representaria mais uma tentativa de reorganizar a estrutura administrativa da Prefeitura de Cambé. O objetivo era alocar cada indivíduo para desempenhar a função específica a sua contratação.

Cabe lembrar que o Museu desenvolvia uma grande quantidade de atividades como descreve a publicação estampada no *Jornal Nossa Cidade*¹³⁸ de 29 de abril de 1994, onde demonstra que eram desenvolvidos dois projetos de extensão com a Universidade Estadual de Londrina, e outros como Museu de Rua, Resgate da História Oral, Homenagens aos Pioneiros, Exposição Indígena, atividade monitoradas com crianças do 3º ano e ainda houve naquele ano a compra de um acervo de imagens do fotógrafo Arthur Eidam¹³⁹ que exerceu sua profissão em Cambé na década de 40 e também a compra do acervo cinematográfico do cineasta Renato Melito¹⁴⁰.

Imagem 28: Liberaci Pascueto, César Cortez e Rosangela Alduan em reunião no MHC no ano de 1990.



Fonte: Acervo de Imagens do MHC.

¹³⁸ O Museu de Cambé detém em seu acervo a coleção do *Jornal Nossa Cidade*.

¹³⁹ Foram adquiridos um total de 1192 negativos das décadas de 40 e 50, sendo que posteriormente o filho do Senhor Arthur Eidam, Vick que sucedeu o pai na profissão de fotógrafo doou outra quantidade de material fotográfico, aproximadamente 4.000 negativos. Curiosamente, quando o autor entrou no Museu a primeira tarefa que lhe foi atribuída foi limpar os negativos da coleção Arthur Eidam e o processo era feito com uma flanela e tricoloroetano, um solvente altamente cancerígeno que atualmente está proibido o uso salvo em capela de exaustão.

¹⁴⁰ Renato Melito, nasceu em 1918, na capital paulista. Começou a filmar por intuição. Era vocação mesmo, disse ele. Mais tarde passou a trabalhar com o Governador de São Paulo, Adhemar de Barros. O Governador do Paraná, Moisés Lupion, em uma de suas visitas a São Paulo, viu Melito filmando e convidou-o para fazer o mesmo trabalho aqui no Paraná. Renato Melito foi para Curitiba em 1945. Não se adaptou ao clima frio da capital paranaense. Veio para Londrina, onde se fixou com a Rilton Filmes, empresa cinematográfica de sua propriedade. Viveu quarenta anos no Paraná, dos quais trinta em Londrina.

CESARO, Caio Julio, <http://cinemadelondrina.blogspot.com/p/renato-melito.html>. Acesso em 23 set. 2024.

Essas ações, deram muita visibilidade ao Museu, a ponto de se tornar referência no Estado do Paraná, sendo os servidores da época convidados a apresentar seus trabalhos no 12º Congresso Nacional de Museus¹⁴¹ e em outra oportunidade receber a visita da Secretária de Estado da Cultura Gilda Poli¹⁴² onde a mesma se expressou “dizendo impressionada com a organização do Museu Histórico de Cambé, o qual qualificou como um dos mais bem montados e organizados do Paraná” (POLI *apud* JORNAL NOSSA CIDADE, 1991, s/p).

Com a saída das professoras, o funcionamento do Museu foi muito prejudicado. A ausência de uma equipe e a inexperiência daqueles que assumiram as funções resultaram em uma demora significativa para a retomada, ainda que em uma escala reduzida, das atividades que ocorreram até meados de 1993.

Outro fato que também contribuiu para essa reorganização foi que o Prefeito da época Gilberto Martin havia feito uma reforma administrativa¹⁴³ e umas das consequências foi a união da Secretaria de Educação com a Cultura onde o prédio do Centro Cultural que desde a sua inauguração em 1990 tinha suas atividades voltadas exclusivamente para área cultural teve que abrigar a sede administrativa da Secretaria de Educação, que ocupou por muitos anos o subsolo do prédio, espaço que foi originalmente concebido para funcionar a Biblioteca Infantil.

Importante lembrar que, a equipe do Museu começou a se formar logo após sua inauguração em 1985 com a chegada da Professora Elaine Garcia que naquela ocasião já exercia um padrão de 20 horas na Prefeitura e foi contactada pela companheira de trabalho Neusa Pavan, trazendo a informação de que havia inaugurado o Museu em Cambé e que o diretor necessitava de ajuda e se a mesma queria dobrar o padrão para cumprir ¹⁴⁴ no Museu. Elaine Garcia lembra que:

Eu fui a primeira funcionária do museu depois do César que já era diretor né e eu entrei no museu minha formação (...) em história - em 1983 e depois que eu já estava lecionando o César precisava de uma funcionária e eu fui contactada por uma pessoa da prefeitura se eu queria dobrar o período que a gente chamava né fazer a às 20 horas no museu e 20 horas dando aula então eu entrei no museu em 1985 e fiquei com 20 horas até 1987 depois eu parei

¹⁴¹ JORNAL NOSSA CIDADE. O Museu em Congresso Nacional. **Jornal Nossa Cidade**. Cambé: 1991. p. 3

¹⁴² JORNAL NOSSA CIDADE. Gilda Poli explica em Cambé a interiorização da cultura. **Jornal Nossa Cidade**. Cambé: 1993. p. 7

¹⁴³ JORNAL NOSSA CIDADE. Gilberto promove contenção de despesas. **Jornal Nossa Cidade**. Cambé: 1983. p.7

¹⁴⁴ O quadro de servidores do magistério previa um padrão funcional de 20 horas, podendo o professor ter dois padrões que em muitos casos era realizado apenas por um ato administrativo do executivo municipal. Posteriormente o ingresso no magistério municipal passou a ser realizado por meio de concurso público.

de lecionar e fiquei integralmente no museu de 1988 até 1993 depois disso eu voltei para sala de aula né (Informação verbal).

Imagem 29: Liberaci Pascueto, Elaine Garcia e Rosangela Alduan com Valéria Yassuda e Rui Cabral - Fotógrafo do Museu de Londrina - durante um Curso de Conservação no Museu Histórico de Cambé no ano de 1992.



Fonte: Acervo de Imagens do MHC.

Logo após a chegada da primeira servidora Elaine, veio a Professora Rosângela Alduan que em entrevista ao autor conta que era muito amiga da Elaine pois sempre estudaram juntas inclusive na UEL onde Elaine fazia História e Rosangela Ciências Sociais. Ela conta que foi convidada para ser estagiária com um salário irrisório, porém rapidamente César conseguiu uma dobra de padrão, no que ela registra ser muito agradecida por isso. Nesse mesmo contexto o Professor José Carlos Rodrigues Pereira também atuou dobrando padrão de professor para ficar meio período no Museu apesar da solicitação para que o mesmo fosse contratado como pesquisador conforme anexo J página 205. Segundo informações do Departamento de Recursos Humanos da Prefeitura a dobra de padrão aconteceu no período de 1987 a 1988 perfazendo 1 ano e 10 meses. Outra servidora que também executou importante atividade no Museu foi Ângela Ribeiro, contratada como Escriturária permaneceu na instituição de 01 de março de 1987 até 05 de fevereiro de 1988 em meio período. Ressaltamos que tanto José Carlos com Ângela Ribeiro conforme consta nos documentos do Museu exerceram atividades administrativas e técnicas respectivamente.

Pouco tempo depois, em 1990 ingressou no Museu, Liberaci Pascueto, que recebeu o convite e ficou com certa dúvida, mas aceitou e logo no início sua atividade foi datilografar fichas, porque o acervo era controlado por fichas que tinham que ser todas datilografadas. Ficou pouco tempo, pois como narrou em entrevista ao autor “eu não aguentava ficar sentada

datilografando e vendo tanta coisa legal acontecendo” (Informação verbal), assim ingressou no projeto de Arqueologia do Museu e participou ativamente da descoberta de Santa Dalmácia. Ela conta ainda que sua chegada ao Museu coincidiu com a mudança da casinha para o Centro Cultural e foi um desafio todas as mudanças que aconteceram. O Museu contou ainda com a servidora Lucilene Lisse¹⁴⁵ - por breve período - e Marlene Sawade complementando assim o grupo inicial de professoras da rede pública municipal em exercício no Museu.

Voltando a falar da saída das professoras, o entendimento à época era que se o profissional do magistério quisesse manter todos os “benefícios” do cargo deveria exercê-lo em sala de aula, assim para não ter prejuízo na carreira profissional a opção foi voltar para as salas de aula.

Em depoimento ao autor Liberaci Pascueto e Elaine Garcia afirmaram que não houve naquele momento diálogo para tentar encontrar uma solução para o caso. Elas estavam dispostas até terem condições menos favoráveis profissionalmente se conseguissem ficar no Museu, porém essa condição sequer foi aventada e acabaram voltando para sala de aula. A esse respeito Liberaci Pascueto em áudio enviado ao autor via WhatsApp explica que:

Nós retornamos para sala de aula, reenviado para sala de aula simplesmente, elas a equipe da Salete¹⁴⁶ nos colocou em alguma sala. A Elaine e a Rosângela foram para zona rural e eu fui para Pedro Tkotz¹⁴⁷, numa sala de arte educação que eu não tinha domínio mínimo, mas fui obrigada a ir. Não foi oferecida nenhuma condição, nós simplesmente tivemos que voltar as funções originais que era o argumento da prefeitura que todos os funcionários da Prefeitura voltariam às suas funções originais, mas a gente sabe que não foi isso que aconteceu né (Informação verbal)¹⁴⁸.

Com essa mudança, o Museu sofreu a perda de um quadro técnico que vinha sendo formado desde sua inauguração em 1985. Ao longo desse período, esses profissionais participaram de diversos cursos, palestras, simpósios e atividades que desempenharam um papel fundamental na capacitação profissional. Essa formação proporcionou as condições necessárias para a realização tanto das atividades técnicas relacionadas à organização e preservação do acervo, quanto das atividades didáticas, educativas e comunitárias.

¹⁴⁵ Lucilene ficou pouco tempo no Museu pois foi convidada a exercer suas funções no Departamento Artístico da Secretaria de Cultura. N/A.

¹⁴⁶ Salete Maria de Camargo, que na época era Secretária Municipal de Educação e Cultura.

¹⁴⁷ Escola Municipal Pedro Tkotz do Parque Residencial Manela em Cambé.

¹⁴⁸ Entrevista realizada ao autor via WhatsApp em 10 de agosto de 2023. Disponível no acervo de áudio e vídeo do MHC.

Imagem 30: Alunos vencedores de concurso de redação vão visitar a Reserva Indígena do Apucarantina. Acompanhando as crianças está Rosângela Alduan, César Cortez com seu filho Pablo e o Motorista da Prefeitura de Cambé Valentin. de Andrade em 1986.



Fonte: Acervo de Imagens do MHC.

Cabe ressaltar o caráter paradoxal do processo de formação dos profissionais pois a grande maioria dos eventos de aperfeiçoamento foi custeado com recursos públicos da Prefeitura Municipal de Cambé, para depois ser desprezado no que tange ao exercício de atividade museal. Exemplo dessa situação é o caso da professora Elaine Garcia que pouco tempo depois, mercê de sua formação profissional no Museu de Cambé, prestou e foi aprovada em concurso público para trabalhar no Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss, participando inclusive de um dos projetos mais importantes que aquela entidade organizou que foi o Projeto Memória Viva¹⁴⁹.

Ao integrar efetivamente o quadro funcional do Museu, o autor desta dissertação, embora inicialmente contratado como servidor administrativo, na prática, desempenhou uma ampla variedade de funções. Não havia distinção rígida de atribuições, resultando em uma

¹⁴⁹ O projeto “Memória Viva” foi criado com objetivo de revitalizar o Museu Histórico de Londrina Pe. Carlos Weiss e durou quatro anos, mobilizando centenas de pessoas e instituições públicas e privadas. A busca inicial por apoio levou a direção do museu e membros da ASAM a formalizarem um pedido de auxílio, sob a forma de um projeto cultural, para o Colégio Maxi de Londrina, o qual, durante o período de junho de 1996 a março de 1997, colaborou na campanha pela valorização do museu junto à comunidade, assim como, aliando-se na arrecadação de recursos.

abordagem em que todos os colaboradores se envolviam em atividades que iam desde tarefas de higienização até aquelas mais técnicas relacionadas ao manejo do acervo.

Esse cenário contribuiu de maneira decisiva para a sua formação profissional. Vale ressaltar que, por se tratar de um museu histórico, o acervo engloba uma diversidade de itens, incluindo fotografias, documentos, objetos tridimensionais, filmes cinematográficos e artefatos arqueológicos, daí a necessidade de na maneira do possível conhecer bem o acervo e as diversas técnicas no serviço de conservação.

Por mais curioso que possa parecer, no caso narrado sobre a saída das professoras o problema alegado era disfunção e devida adequação do quadro funcional, porém essa regra nunca foi aplicada para os servidores que entraram depois pois a prática era a realização de todas as atividades características do Museu não havendo preocupação nenhuma se o servidor era administrativo, operacional ou técnico e essa realidade permanece até hoje. Num dia está organizando exposições, noutro fazendo monitoria para as crianças das escolas e noutro com luvas máscaras e jaleco procedendo a limpeza e higienização de acervo fotográfico para devido arrolamento, pois como nos ensinou Fernando Pessoa, navegar é preciso...

Imagem 31: Equipe do Museu reunida. De pé Eduardo Pavinato, Camila Fernandes, Rafael Alfieri Sartori (Estagiário), o Secretário de Cultura João Sgobero e sentados Inês Meneghetti (Estagiária), Tatiane Grilo (Estagiária), Gisele Meyer (Estagiária), Janaina Carnellosi (Servidora) e Daniela Casoni Moscato (Pesquisadora) em 1997.



Fonte: Acervo de Imagens do MHC.

3.3 Museu: um ato de resistência

Quando analisamos o cenário em que vivem os Museus no Brasil, percebemos que a palavra que os define é resistência e isso se dá devido às dificuldades enfrentadas para cumprir as propostas ao qual foram criados, e uma vez resistindo outro dilema que é vivido no dia a dia é com relação a formação de equipes. No caso específico do Museu de Cambé, desde a perda da equipe inicial até o presente momento, nunca mais se conseguiu reunir um grupo de profissionais para administrar a instituição de maneira condizente, ficando prejudicado muitos projetos de interesse da comunidade, e ou acervos que já poderiam estar disponíveis, porém devido à falta de servidores os mesmos aguardam o devido processo técnico para serem acessados (RESK, 2007; ALVES, 2023)¹⁵⁰.

Sabemos que esse não é um problema exclusivo de Cambé pois na região os demais Museus sofrem com a falta de profissionais como pode ser verificado por meio de matérias publicadas em veículos de comunicação regional:

O Museu Histórico de Londrina passa por momentos delicados. O local que é visitado por aproximadamente 10 mil pessoas por ano já chegou a ter 20 funcionários, hoje tem apenas 9. Muitos se aposentaram e outros devem se aposentar em breve. De acordo com Edméia Ribeiro, Diretora do Museu, a situação compromete a existência do local e sua função histórica na cidade e na região. O Museu Histórico de Londrina é um órgão suplementar da Universidade Estadual de Londrina. Segundo a diretora o apelo é para que o Governo do Estado reveja a situação e possibilite a reposição de funcionários no local. Perguntada sobre a possibilidade do Museu fechar diante do que ocorre, a diretora diz que não, mas o museu pode ser seriamente desconfigurado (CBN Londrina, 2023, s/p)¹⁵¹.

Cabe ressaltar que o Museu citado acima é vinculado a Universidade Estadual de Londrina, portanto tem uma administração com características diferentes dos outros Museus da região que são vinculados principalmente às prefeituras municipais, porém também sofre dos mesmos dilemas dos outros museus históricos coirmãos. E assim de tempos em tempos

¹⁵⁰ RESK, Sucena Shkrada. Cultura - Museus à beira de um ataque de nervos. **Revista Ipea**. Ano 4. Edição 33 - 10/4/2007. Disponível em:

https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=1151:reportagens-materias&Itemid=39#:~:text=Museus%20p%C3%ABlicos%20e%20privados%20brasileiros,principais%20dificuldades%20apontadas%20pelas%20institui%C3%A7%C3%B5es. Acesso em 20/07/23.

ALVES, Eliane. **Desafios e conquistas dos museus brasileiros: sucateamento, financiamento e reconstrução**. AUN - Agência Universitária de Notícias. 2023. Disponível em: <https://aun.webhostusp.sti.usp.br/index.php/2023/07/20/desafios-e-conquistas-dos-museus-brasileiros-sucateamento-financiamento-e-reconstrucao/>.

¹⁵¹ CBN Londrina. "Museu Histórico de Londrina pode ser configurado por falta de funcionários.". **CBN LONDRINA**. 2023. Disponível em: <https://cbnlondrina.com.br/matérias/museu-histórico-de-londrina-pode-ser-configurado-por-falta-de-funcionários>. Acesso em 07/03/2023.

novas matérias jornalísticas estampam o noticiário regional com a mesma cantilena, num eterno devir, senão vejamos:

Sem dinheiro, Museu Histórico de Londrina pode fechar as portas

Com poucos servidores, o museu Histórico de Londrina está correndo o risco de fechar as portas. A instituição já não consegue abrir para o público o Laboratório de Fotografia e outras áreas também estão ameaçadas, como o Laboratório de sons e imagens. O museu já contou com 17 servidores. Hoje, dos 5 funcionários que continuam trabalhando, 3 já entraram com o pedido de aposentadoria. Sem contratações, o museu que conta com um acervo de mais de 500 mil itens e recebe aproximadamente 45 mil pessoas por ano, pode fechar por inteiro. Uma das preocupações da administração, é que os técnicos que trabalham atualmente com conhecimentos e especializações adquiridos fora de Londrina, se aposentem sem repassar essa experiência para os novos contratados (TAGLIARI, 2017, s/p)¹⁵².

Uns vinculados às Universidade Estaduais, outros as prefeituras e outros a Secretaria de Estado da Cultura órgão do Governo do Estado, porém guardam em si o fato de serem públicos, vinculados ao Estado, assim se municipal, estadual ou universitário padecem do mesmo problema a falta de envolvimento da comunidade, e de uma política pública capaz de dar as condições necessárias para que esses espaços de memória possam desenvolver as atividades para o fim ao qual se propõe. Essa situação acaba se desdobrando em outras tantas pois interferem decisivamente no desenvolvimento das atividades sejam elas pedagógicas sejam elas conservacionais. Só por amor ao debate vamos reproduzir aqui outra notícia que descortina a realidade dos museus regionais e estaduais:

Quatro museus de Curitiba fecham por falta de pagamento pela segurança
Museus de Arte Contemporânea do Paraná, Alfredo Andersen, Paranaense e do Expedicionário não abrem por dívida de R\$ 1,5 milhão do governo com empresa terceirizada de vigilância
O público que quiser visitar os museus de Arte Contemporânea do Paraná, Alfredo Andersen, Paranaense e do Expedicionário vai encontrar as portas fechadas nesta terça-feira (3). Esses locais deixaram de abrir pela primeira vez no domingo (1^o) [na segunda-feira esses museus não abrem] pois a Force, empresa terceirizada de vigilância, decidiu escalar para o trabalho apenas um efetivo mínimo de seguranças devido à inadimplência do governo estadual (VANINI, 2015, s/p)¹⁵³.

Embora a região norte do Paraná possua um padrão econômico mais elevado em comparação com muitas outras regiões brasileiras e uma reocupação relativamente recente, a

¹⁵² TAGLIARI, Giovanni. "Museu Histórico pode fechar as portas." **Alma Londrina**. 2017. <https://almalondrina.com.br/museu-historico-pode-fechar-as-portas/>. Acesso em 07/03/2023.

¹⁵³ VANINI, Felipe. "Quatro museus de Curitiba fecham por falta de pagamento pela segurança." **Gazeta do Povo**. 2015. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/quatro-museus-de-curitiba-fecham-por-falta-de-pagamento-pela-seguranca-72ktcfz3xeuiv7f2zd2pvmeu2/>.

situação dos museus e espaços de memória nessa área deixa muito a desejar. Ao realizar uma análise mais aprofundada, torna-se evidente a precariedade em que essas instituições operam.

Muitos dos museus na região enfrentam desafios significativos, desde a falta de financiamento até a escassez de pessoal qualificado e a falta de infraestrutura adequada. Esses obstáculos impedem que essas instituições desempenhem plenamente seu papel crucial na preservação e divulgação da história local.

Por exemplo, o Museu Histórico de Londrina, uma das instituições mais proeminentes da região, luta para manter suas coleções e exposições devido à falta de recursos financeiros. Da mesma forma, outros museus em cidades como Cambé, Rolândia, Ibiporã, Araçongas, Apucarana, Jataizinho e Maringá, por exemplo, enfrentam desafios semelhantes.

No entanto, apesar dessas dificuldades, há uma oportunidade única para a região norte do Paraná aproveitar seu padrão econômico relativamente melhor para obter o máximo de informações sobre a história de sua comunidade. Investir na melhoria dos museus e espaços de memória locais não apenas enriqueceria a compreensão da história regional, mas também promoveria o turismo cultural e fortaleceria o senso de identidade local.

Para alcançar esse objetivo, é essencial uma colaboração mais estreita entre a comunidade local, as autoridades municipais e estaduais e os setores privados. Estratégias de captação de recursos, programas educacionais e iniciativas de engajamento comunitário podem desempenhar um papel fundamental na revitalização dos museus e na promoção do patrimônio cultural do norte do Paraná.

Em última análise, é imperativo reconhecer e enfrentar os desafios vividos pelos espaços de memória na região, a fim de garantir que a rica história e cultura do norte do Paraná sejam preservadas e celebradas para as gerações futuras.

Se pudermos elaborar um índice da situação dos museus, podemos identificar diversos tipos no Paraná, como veremos a seguir:

Pretensos museus: Estes são locais que aspiram um dia se tornarem museus ou espaços de memória. Embora tenham potencial para isso, por diversos motivos, a proposta muitas vezes permanece apenas no papel, sem se concretizar.

Museus de fachada: Este tipo de museu é caracterizado pela superficialidade. Os gestores se esforçam em criar uma imagem de que a localidade possui um museu, geralmente investindo em uma fachada atraente e expondo uma quantidade mínima de material. No entanto, esses museus não resistem a um exame mais detalhado,

revelando-se insuficientes para atender às demandas educacionais e culturais da comunidade, sendo incapazes de sustentar um debate mais profundo.

Museus mortos/vivos: Estes museus podem parecer ativos à primeira vista, mas uma análise mais aprofundada revela que estão há muito tempo em estado de estagnação. Embora possuam potencial, acervo e algum nível de apoio, carecem de atividades museológicas significativas. Estão presentes fisicamente, mas não cumprem efetivamente seu papel na promoção da história e da cultura local.

Museus Sóbrios: Por outro lado, estes são museus que foram concebidos com uma proposta objetiva desde o início. São instituições bem estruturadas, que compreendem claramente o papel que devem desempenhar na sociedade. Com uma abordagem sólida e uma visão clara de sua missão, esses museus são capazes de realizar seus objetivos de forma eficaz e sustentável. Representam sonhos realizáveis e contribuem de maneira significativa para a preservação e divulgação do patrimônio cultural da região.

Este índice nos permite compreender a diversidade de situações enfrentadas pelos museus no Paraná, desde aqueles que lutam para se estabelecer até os que se destacam como modelos de excelência na ação museológica. É essencial reconhecer essas realidades e buscar soluções para fortalecer e valorizar o papel dos museus na sociedade.

Para finalizar, é crucial destacar a questão da falta de mão de obra nos museus e espaços de cultura, especialmente em situações em que servidores são transferidos para essas instituições não necessariamente devido à afinidade ou competência na área, mas muitas vezes por motivos como dificuldade de adaptação em suas funções de origem, readaptação médica ou para ocupar um cargo comissionado disponível no local. É fundamental reconhecer que essas movimentações nem sempre refletem as habilidades ou interesses dos indivíduos, mas frequentemente resultam de conveniências administrativas.

Se, após essa movimentação, a pessoa desenvolver afinidade, aprender e passar a desempenhar funções relevantes dentro da instituição, integrando-se e executando atividades pertinentes aos Museus, podemos considerar que, guardadas as devidas proporções, houve um ganho. No entanto, caso contrário, a situação pode ser interpretada como mais um exemplo de um local para onde são destinados servidores considerados indesejáveis aos olhos do administrador, sem uma real integração ou contribuição para as atividades da instituição.

É importante ressaltar que, nas atividades realizadas pelo Museu de Cambé, era frequente a presença de representantes de museus de cidades vizinhas que estavam envolvidos mais por conveniência ou situações distantes de considerações técnicas ligadas efetivamente à área de museus.

Em regra, a comunidade espera que o administrador da cidade crie espaços de memória. No entanto, muitas vezes, esse gestor, visando ganhos políticos, estabelece um museu apenas para afirmar que criou um local dedicado à história e memória da cidade, sem oferecer estrutura ou apoio para que a instituição possa funcionar efetivamente. Em diversos casos, quando há mudança na administração, o novo gestor tende a desfazer as ações do antecessor, resultando no fechamento do museu. Esse cenário evidencia a ausência de uma solução de continuidade, uma base sólida e um trabalho que possa resistir às instabilidades políticas comuns na sociedade brasileira.

Essas considerações enfatizam a importância de um planejamento e organização na gestão dos museus e espaços de cultura, garantindo que as movimentações de servidores sejam baseadas em critérios adequados e que as instituições sejam devidamente apoiadas para garantir sua continuidade e relevância na preservação da memória e da cultura local.

4 FAZENDA SANTA DALMÁCIA: FRAGMENTOS DA HISTÓRIA INDÍGENA GUARANI

Já discorremos anteriormente sobre a fundação do Museu, o trabalho do Professor Sabaine e a concretização de um antigo sonho da comunidade cultural de Cambé, que foi a construção do Centro Cultural. O Museu, inserido nesse novo espaço, ganhou um novo impulso para a realização de diversas atividades. Com apenas cinco anos desde a sua fundação, a instituição já ocupava uma posição de destaque na região, especialmente no que se refere aos aspectos ligados à organização e conservação de acervos.

4.1 Arqueologia vai à Escola

Assim dando continuidade aos projetos que se encontravam em andamento, o pessoal do Museu decidiu iniciar uma campanha para conscientizar e arrecadar objetos de arqueologia existentes no município de Cambé. O trabalho do Professor Sabine já era de conhecimento deles e talvez foi o estímulo que faltava para iniciar a campanha, pois a iniciativa tinha o condão de demonstrar o compromisso do Museu e de seus colaboradores em ampliar e aprofundar o conhecimento sobre a história e a cultura indígena na região. Ao envolver a comunidade na conscientização e na coleta de objetos arqueológicos, o entendimento era de que o Museu não apenas enriqueceria suas coleções, mas também promoveria a preservação do patrimônio cultural local.

A campanha também ofereceu uma oportunidade única para os moradores de Cambé se envolverem ativamente na preservação e divulgação da história de sua região. Ao contribuírem com objetos arqueológicos, os cidadãos têm a oportunidade de compartilhar suas próprias histórias e conexões com o passado, fortalecendo o vínculo entre a comunidade e o Museu.

Além disso, ao criar um espaço dedicado à temática indígena, o Museu proporcionou um ambiente propício para a educação e o diálogo intercultural. Exposições, palestras e outras atividades realizadas nesse espaço ajudam a promover uma maior compreensão e respeito pela cultura indígena entre os moradores de Cambé e além.

Em suma, a iniciativa do Museu em colaboração com o professor Sabaine representa um passo importante na promoção da preservação do patrimônio cultural local e na promoção da consciência e valorização da cultura indígena na comunidade de Cambé.

Outro ponto muito relevante para o Museu era tentar desmistificar o medo de muitas pessoas a respeito desse tipo material, pois segundo a tradição da comunidade rural não era uma boa ideia guardar pedras indígenas encontradas no campo pois poderia acontecer algo de muito ruim. Muitos moradores da zona rural chamavam objetos arqueológicos de “pedra de raio”, como no caso das mãos de pilão e lâminas de machado, e o costume quando encontrado era jogar no rio pois tratavam aqueles artefatos como de mau agouro, algo sobrenatural, de forma que quem possuísse a referida peça poderia ser castigado e cair um raio na cabeça da pessoa. Valter Franco administrador da Fazenda Santa Dalmácia a época, conta que o “pessoal morria de medo achando que era raio né que nós vamos consumir com isso porque vai cair o raio de novo aqui no mesmo lugar e essa pedra para onde ela bate ela abre uma árvore no meio né” (Informação verbal)¹⁵⁴.

Elaine Garcia funcionária do Museu em reportagem da Folha de Londrina à época, explicava que as pessoas tinham medo das pedras que encontrava: “eles diziam que eram pedras-de-raio e que deveriam ser jogadas ao rio para que não atraíssem raios, com isso muitas coisas se perderam” (GARCIA *apud* FOLHA DE LONDRINA, 1990, p. 20), e termina a matéria afirmando que com o esclarecimento do valor das peças, identificação e o diagnóstico dos objetos, o acervo está recebendo diariamente novas aquisições¹⁵⁵.

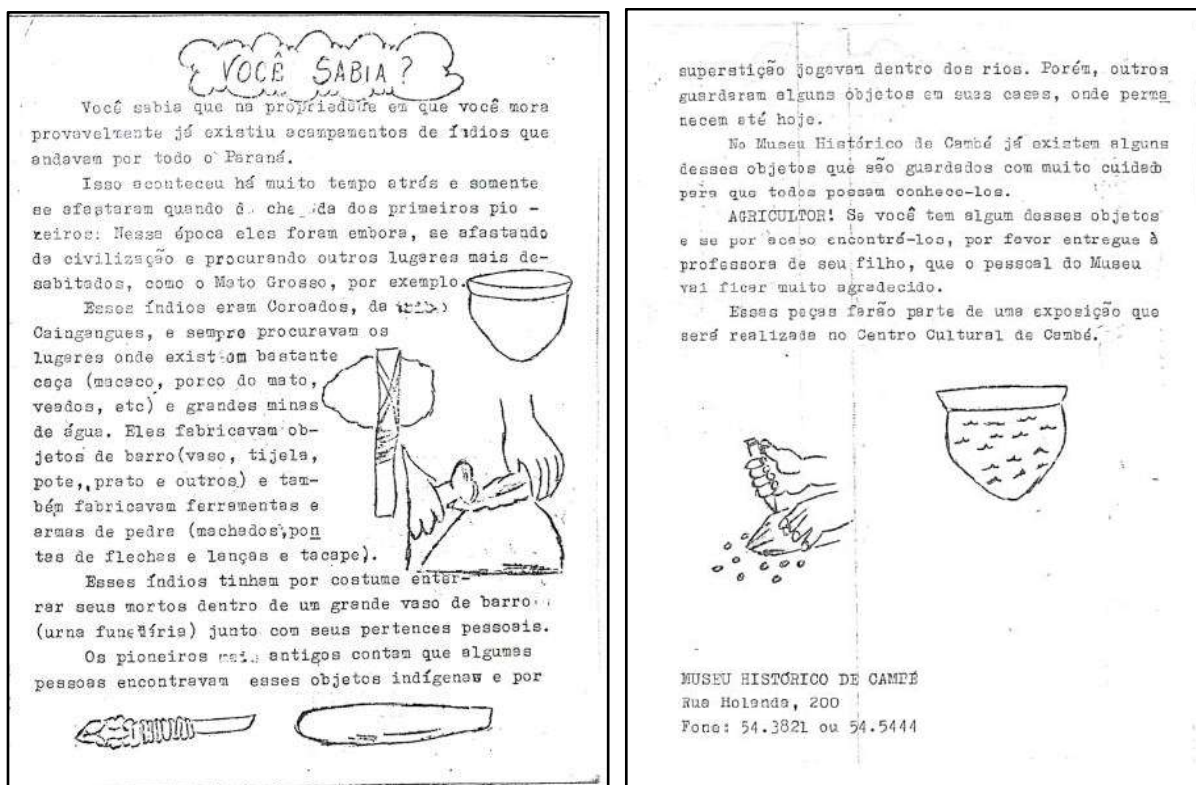
Com base nessas informações, a equipe do Museu montou um projeto e na época como estratégia de ação, eles confeccionaram sem muitas pretensões, um panfleto de forma bem artesanal com texto escrito à máquina de escrever, e uma parte manuscrita, com desenhos que procuravam reproduzir peças arqueológicas do acervo. Uma pequena explanação sobre arqueologia, ao qual também apresentava vários exemplos de objetos arqueológicos indígenas¹⁵⁶.

¹⁵⁴ Entrevista concedida ao autor em 25 de março de 2022. Disponível no acervo de áudio e vídeo do MHC.

¹⁵⁵ FOLHA DE LONDRINA. Caderno Paraná. Londrina: **Folha de Londrina**, 07 out. 1990. p. 20.

¹⁵⁶ Panfleto organizado pela equipe do MHC. - Relatório de Atividades de 1990 do MHC.

Imagem 32: Panfleto produzido pela equipe do Museu de Cambé para o projeto de Arqueologia Indígena em 1990.



Fonte: Acervo de Documentos do MHC.

O método de divulgação, era por meio de corrente, ou seja, o pessoal do Museu encaminhava para a Secretaria de Educação, que distribuía para as coordenadoras, que despachava pela Kombi para as Escolas, onde a Diretora entregava para as professoras que entregavam para os alunos explicando para eles, como se fosse um “dever de casa” mostrar para a família o panfleto, e em caso positivo ou seja, se tivesse algum tipo de material parecido com os desenhos, que trouxesse até a escola.

O Jornal Nossa Cidade de Cambé de 29 de junho de 1990 publicou uma matéria falando da campanha do Museu, dando conta que os primeiros resultados vieram com a doação de uma mão de pilão pelo agricultor Jair Moreto, morador da Fazenda Santa Lina. O texto traz ainda a informação “de que o Museu pretende com essas pesquisas interpretar a ocupação indígena que, no passado, habitavam algumas regiões que atualmente fazem parte do nosso município”(JORNAL NOSSA CIDADE, 1990, p. 12)¹⁵⁷.

¹⁵⁷ JORNAL NOSSA CIDADE. Museu lança campanha de objetos indígenas. **Jornal Nossa Cidade**. Cambé: 1990. p. 12.

Imagem 33: Museu lança campanha de objetos indígenas, Jornal Nossa Cidade de 29 de junho de 1990.

Página 12 JORNAL NOSSA CIDADE, 29 de Junho de 1990

Museu lança campanha de objetos indígenas

O Museu Histórico de Cambé lançou uma campanha, com a colaboração da Secretaria de Educação, para coletar peças indígenas encontradas no Município, principalmente nos locais em que os índios Coroados, da tribo caingangue, viveram.

"Agricultor. Se você tem algum objeto ou se por acaso encontrá-lo, por favor, entregue à professora de seu filho, que a pessoal do Museu vai ficar muito agradecido" — diz um folheto distribuído entre os escolares da zona rural.

Os primeiros resultados da campanha chegaram através de Jair Moreto, que doou uma peça indígena, provavelmente uma mão-de-pilão, encontrada na Fazenda Santa Lina no ano passado. Fernando Onório da Silva doou uma peça semelhante a uma lâmina de machado, encontrada no Distrito da Prata.

No artigo do diretor do Museu Histórico, Cesar Cortez, ele esclarece a importância desse trabalho:

"Desde o princípio da vida do homem na Terra, a pedra constitui a matéria prima, por excelência, para a confecção de artefatos de uso cotidiano. A partir dos primeiros lascamentos de fragmentos de rocha dura, há mais de dois milhões de anos, o trabalho de pedra aprimorou-se acompanhando a evolução biológica e cultural do homem. No Brasil, as datações abrangem um período que vai desde 3.100 anos a.C. até 1.500 d.C.

PEDRA POLIDA

O polimento da pedra representou nova etapa do aprendizado do patrimônio cultural. Surgiu da necessidade referente a outros tipos de relacionamentos entre o homem pré-histórico e o meio ambiente. A diversificação de atividades, somadas às já existentes, passou a exigir artefatos que os auxiliassem ainda

rocha lascada.

A confecção e uso de objetos de pedra polida ocorreu no interior dos estados de São Paulo e Paraná, ao redor de 1.000 anos antes do presente, paralelamente à utilização da cerâmica, e as lâminas de machado de diversas formas, mãos de pilão e adornos variados constituem parte significativa da indústria de pedra polida.

CERÂMICA

As populações pré-históricas empregaram, principalmente, o acordelado como técnica de manufatura, esta consistia na confecção de roletes de comprimento variável que, dispostos em espiral a partir da base, formavam as paredes da vasilha. Um alisamento posterior eliminavam as marcas dos roletes.

A decoração dos objetos da superfície seguiu-se comumente de um revestimento branco ou vermelho, com a superposição de desenhos variados. Por outro lado, decorações diversas foram obtidas com pressões dos dedos, das unhas, estiletes e outros objetos e eventualmente, foram moldados apêndices de diferentes formas.

O interesse do Museu Histórico de Cambé pela pesquisa arqueológica data praticamente da sua instalação em 1983. Algumas incursões foram realizadas no município, principalmente na região do quilômetro 12, onde foram encontrados vários fragmentos de objetos indígenas e que fazem parte do acervo do Museu. Essas pesquisas visam interpretar a ocupação dos indígenas que, no passado, habitaram algumas regiões que atualmente fazem parte de nosso município.



Pedras polidas encontradas em Cambé, com aproximadamente 1000 anos.



O alu no Fernando Onório da Silva, entrega um objeto indígena que encontrou à Rosângela Alduan.

mais com a nova ordem econômica, os utensílios de pedra lascada, mais apropriada à caça e à pesca, mostraram-se insuficientes para a execução de certos trabalhos, dentre eles, as atividades agrícolas. Desta forma, a aquisição das técnicas de polimento foi gradativa e algumas escavações arqueológicas demonstram que a pedra polida conviveu, ao mesmo tempo, com artefatos de

Fonte: Acervo de Jornais do MHC.

Ocorre que a substituição gradual do café, principalmente a partir do fenômeno climático denominado "Geadas Negras" em 1975, fez com que uma diversificação agrícola mais intensa passasse a ocorrer no norte do Paraná. Assim, com a retirada dos pés de café, as propriedades agrícolas dependendo da nova cultura a ser trabalhada deveria dar um novo tratamento nas terras e em muitos casos elas teriam que ser mexidas, revolvidas, mecanizadas o que significa usar equipamentos que operam nas camadas iniciais da terra e esse procedimento levou ao aparecimento de muitos objetos pertencentes a grupos indígenas que habitavam o norte do Paraná.

Antes mesmo do Museu realizar uma campanha institucional, era muito comum aparecer pessoas com peças arqueológicas para doação que foram encontradas nas plantações na zona rural ou em alguma obra da zona urbana¹⁵⁸.

Imagem 34: Liberaci Pascueto, servidora do Museu ministrando atividades para um grupo de crianças em 1990, sobre os diversos aspectos que envolvem os objetos indígena encontrados no Município de Cambé.



Fonte: Acervo de Imagens do MHC.

¹⁵⁸ O autor enquanto servidor do Museu recebeu em várias ocasiões pessoas com a intenção de doar objetos encontrados no perímetro da cidade de Cambé.

Imagem 35: Liberaci Pascueto, Elaine Garcia do Museu de Cambé Elizaine Isabel dos Santos Costa, Maria Mamprim e Lucilene Lisse do CEMEART - Centro Municipal de Expressão Artística em atividade com professores e alunos da Escola Rural Fazenda Santa Dalmácia em 1990



Fonte: Acervo de Imagens do MHC.

Vale lembrar que quando as primeiras pessoas chegaram no início da década de 30 para desbravar a mata e começar a plantar as primeiras sementes tudo era muito rústico e não existiam equipamentos sofisticados para limpeza da propriedade recém adquirida e coberta por exuberante vegetação de floresta tropical, era na base do machado e do trançador, que acontecia a retirada das árvores e, depois de um tempo os tocos. Mas enquanto isso não acontecia, a plantação já ia ocorrendo nos espaços abertos que iam surgindo. Posteriormente era feita a destoca que exigia grande esforço dos agricultores para realizar tal serviço. Assim as propriedades iam sendo desbravadas e tudo que tinha abaixo da terra em tese e guardada as devidas proporções ficavam preservados, intactas quanto ao material arqueológico que porventura pudesse existir. Vez ou outra uma peça saltava da terra, para o espanto e curiosidade dos agricultores.

Após o lançamento da proposta do Museu, acompanhada pela distribuição de panfletos, restava a desafiadora tarefa de ter paciência e aguardar para verificar se haveria

algum resultado plausível. Entretanto, em certo dia, chega a notícia positiva do norte da cidade, informando que um grupo de crianças da Escola Municipal da Fazenda Santa Dalmácia¹⁵⁹ descobriu não apenas algumas peças, mas sim uma grande quantidade de material arqueológico nas terras dessa fazenda.

A descoberta consistia principalmente em fragmentos de cerâmica indígena dispersos pela superfície de uma área de aproximadamente 5.000 m². As crianças, empolgadas com a descoberta, chegaram até a usar suas camisetas para armazenar os fragmentos que encontravam e coletavam. Além dos fragmentos cerâmicos, também foram identificados artefatos líticos, como lâminas de machado de pedra e mãos de pilão.

O material recolhido foi entregue à professora da turma¹⁶⁰, que posteriormente repassou-o à equipe do Museu Histórico de Cambé. Ao receberem o material, decidiram fazer uma visita à Fazenda¹⁶¹ onde as crianças encontraram os artefatos. Durante a visita, perceberam que o local poderia ter uma importância maior do que apenas algumas peças encontradas aleatoriamente. Diante dessa percepção, convidaram o arqueólogo Miguel Gaissler¹⁶² para colaborar nos trabalhos planejados para o local.

¹⁵⁹ A fazenda Santa Dalmácia fica localizada ao norte do Município de Cambé, a uma distância de 27 km do centro da cidade e na época pertencia à família do Dr. Landulfo Mendes de Souza, e a sua Escola foi fundada em 16 de fevereiro de 1964 deixando de funcionar em 1995 com o processo de nuclearização das escolas da cidade de Cambé.

¹⁶⁰ Maria Célia Araújo Coelho, que na época era Professora da turma multisseriado da Escola Rural da Fazenda Santa Dalmácia, foi a responsável por encaminhar o material para a equipe do Museu.

¹⁶¹ Foram até a fazenda os técnicos do Museu César Cortez, Elaine Garcia, Liberaci Pascuetto e Rosangela Alduan.

MUSEU HISTÓRICO DE CAMBÉ. **Nota Prévia de Arqueologia**. Publicações Avulsas, 1991.

¹⁶² O profissional é formado em História pela Universidade Federal do Paraná, onde também teve a oportunidade de trabalhar com Arqueologia durante seus estudos. Realizou trabalhos de salvamento em Itaipu, posteriormente foi Diretor do Museu Paranaense, ocupando também o Departamento de Arqueologia da instituição.

4.2 Chegam os Arqueólogos em Cambé

Imagem 36: Arqueólogo Miguel Gaissler, César Cortez, Elaine García, Arqueólogo Oldemar Blasi, Liberaci Pascueto e a Engenheira Agrônoma Marli Simões posam para fotografia em frente ao prédio da Prefeitura Municipal de Cambé em outubro de 1990.



Fonte: Acervo de Imagens do MHC.

Gaissler aceitou o convite e veio a Cambé e em companhia de técnicos do Museu de Cambé, efetuou uma avaliação, com certa profundidade, das possibilidades do sítio, visando executar no local sistemáticas pesquisas. Foi verificado então que, a área de ocorrência dos indícios vinha, já algum tempo, sofrendo intensa modificação nas suas características primitivas, pelo emprego de máquinas tais como tratores, subsolador, arado, colheitadeira etc (MUSEU HISTÓRICO DE CAMBÉ, 1991)¹⁶³.

Essa atividade agrícola mecanizada interferiu seriamente nos depósitos arqueológicos não somente revolvendo as peças dos seus lugares originais, como também quebrando-as e espalhando-as para longe do seu lugar primitivo. Apesar disso, o Museu de Cambé achou conveniente realizar no local um trabalho de salvamento, tendo, para tanto,

¹⁶³ MUSEU HISTÓRICO DE CAMBÉ. **Nota Prévia de Arqueologia**. Publicações Avulsas, 1991.

convidado a participar da equipe o arqueólogo Oldemar Blasi (MUSEU HISTÓRICO DE CAMBÉ, 1991)¹⁶⁴.

Imagem 37: Valmir (Lambari), Deivison, Amadeo e Criança não identificada recolhem cerâmica no campo de Santa Dalmácia em outubro de 1990.



Fonte: Acervo de imagens do MHC.

¹⁶⁴ MUSEU HISTÓRICO DE CAMBÉ. **Nota Prévia de Arqueologia**. Publicações Avulsas, 1991
Oldemar Blasi nasceu em Curitiba em 13 de julho de 1920, formando-se em Geografia e História pela Universidade Federal do Paraná. Aluno e auxiliar de Loureiro Fernandes, participou de pesquisas arqueológicas desde 1949, sendo assistente do arqueólogo Wesley Hurt em Lagoa Santa, Minas Gerais, e depois estagiário em projetos nos Estados Unidos. Em 1951, foi nomeado Chefe do Setor do Patrimônio Histórico, Artístico e Natural do Estado do Paraná, onde travou luta incessante na preservação dos sambaquis do litoral paranaense. Foi o responsável pelo Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas (CEPA) da UFPR, entre 1957 e 1959. Coordenou inúmeros projetos de pesquisa especialmente no Paraná, como também em outros estados brasileiros, tendo reconhecimento internacional pela atuação no Museu Paranaense, onde foi Diretor entre 1967 e 1983. Publicou intensamente, e fez da divulgação científica uma rotina através das exposições e de periódicos, como os Arquivos e o Boletim do Museu Paranaense. Blasi foi um dos precursores da arqueologia histórica no Brasil, com os estudos sobre a ocupação espanhola e as missões jesuítas do Guairá nos séculos XVI e XVII, bem como se tornou um dos primeiros a utilizar métodos científicos na arqueologia pré-colonial do país. Estudou os sambaquis, a arte rupestre nos Campos Gerais do Paraná, e sítios de populações ceramistas Tupiguarani e Itararé-Taquara. Possibilitou a formação de inúmeros profissionais através da supervisão de cursos e estágios nas áreas de arqueologia, antropologia, história e museologia, consolidando as pesquisas científicas no Museu Paranaense. A persistência na luta pela proteção ao Patrimônio Arqueológico Brasileiro e pela divulgação do conhecimento científico foi uma constante até 21 de setembro de 2013. https://www.sabnet.org/download/download?ID_DOWNLOAD=195 Sociedade de Arqueologia Brasileira. Acesso em 10 de outubro de 2022.

Os trabalhos sistemáticos foram então realizados entre os dias 22 e 30 de outubro (1990), e o material resultante dessa pesquisa encaminhado aos laboratórios do Museu para os necessários estudos de gabinete (MUSEU HISTÓRICO DE CAMBÉ, 1991, p. 6)¹⁶⁵.

Em pesquisa nos arquivos do Museu de Cambé não foi encontrado nenhum contrato, recibo de pagamento e nem um documento de parceria com o Museu Paranaense que esclarecesse o tipo de relação profissional estabelecida para vinda dos arqueólogos. Porém em uma pesquisa um pouco mais apurada junto ao Departamento de Contabilidade da Prefeitura de Cambé foi possível identificar vários pagamentos por serviços prestados aos Arqueólogos, além de outras despesas realizadas por ocasião da atividade realizada conforme descrição:

**Ordens de Pagamento emitidas pela Prefeitura de Cambé
referente aos serviços de Arqueologia.**

Nome do Credor	Data	Histórico	Valor
Miguel Gaissler e outro	20/11/1990	Serviços prestados na área de arqueologia no período de 22 a 30/10/1990	Cr\$ 80.000,00 (Oitenta mil cruzeiros)
César Cortez	19/12/1990	Reembolso de despesas com Técnicos em Arqueologia	Cr\$ 80.000,00 (Oitenta mil cruzeiros)

**Ordens de Pagamento emitidas pela Prefeitura de Cambé,
referente a outras despesas com o trabalho de Arqueologia.**

Nome do Credor	Data	Histórico	Valor
César Cortez	19/12/1990	Despesas de aluguel de quartos para Miguel Gaissler e Oldemar Blasi na pensão da Dona Carolina	Cr\$ 5.000,00 (Cinco mil cruzeiros)
César Cortez	19/12/1990	Despesas de transporte dos arqueólogos (Gasolina)	Cr\$ 22.136,00 (Vinte e dois mil, cento e trinta e seis cruzeiros)
César Cortez	21/12/1990	Despesas com refeições dos Arqueólogos	Cr\$ 42.000,00 (Quarenta e dois mil cruzeiros)

¹⁶⁵ MUSEU HISTÓRICO DE CAMBÉ. **Nota Prévia de Arqueologia**. Publicações Avulsas, 1991.

Para realização dos trabalhos de campo, foi feito um acerto entre Sérgio Brasil de Souza, filho do proprietário da fazenda e a equipe do Museu para os arqueólogos ficariam hospedados na sede da propriedade que se configurava num local capaz de bem atendê-los e estava localizado praticamente ao lado do Sítio Arqueológico.

Imagem 38: Vista parcial da Sede da Fazenda Santa Dalmácia. Local onde os arqueólogos Oldemar Blasi e Miguel Gaissler ficaram hospedados no período de 22 a 30 de outubro de 1990, quando trabalharam no Sítio Arqueológico.



Fonte: Acervo de Imagens do MHC.

Imagem 39: Arqueólogo Oldemar Blasi prospectando o Sítio Arqueológico em outubro de 1990.



Fonte: Acervo de Imagens do MHC.

Imagem 40: O Arqueólogo Oldemar Blasi observa o trabalho de agricultores da Fazenda Santa Dalmácia em outubro de 1990.



Fonte: Acervo de Imagens do MHC.

Essa hospedagem foi providencial para os arqueólogos pois facilitou a dinâmica diária de trabalho, quanto ao restante da equipe - o pessoal do Museu - o caminho era longo

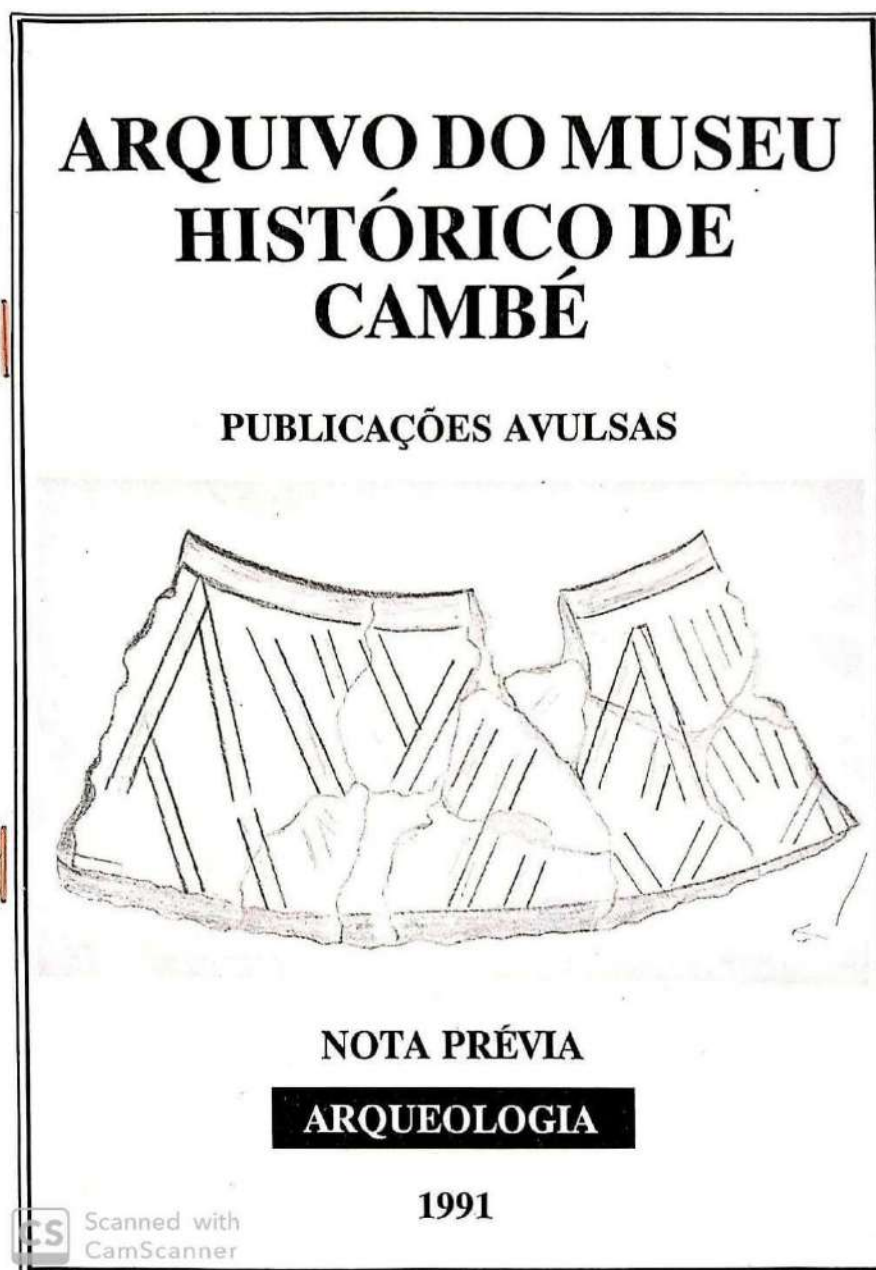
cerca de 27km, com um bom trecho em estrada de terra. Lembrando que na maioria das vezes o transporte disponibilizado pela Prefeitura era uma Kombi que comparado aos utilitários de hoje em dia não oferecia muito conforto, sem falar no barulho do motor e no calor gerado por ele e que era irradiado para dentro da cabine por meio do bagageiro interno.

Em 1991, o Museu Histórico de Cambé publicou um livreto intitulado Nota Prévia de Arqueologia onde apresenta um relatório sobre o trabalho de campo que foi realizado pelos arqueólogos sendo interessante destacar os principais apontamentos apresentado por eles:

O sítio arqueológico Fazenda Santa Dalmácia, localizado entre as coordenadas 51.º 15'WG e 23.º 15'LS, foi avaliado em aproximadamente 5.000 m², ocupando trecho do pequeno vale, no fundo do qual está o córrego Palmeira. Recentemente o pasto foi substituído pela cultura do milho e do trigo e deverá receber, ainda esse ano, a cultura da soja. Todas essas atividades possibilitaram uma intensa modificação nas características primitivas do local e, conseqüentemente, nos depósitos arqueológicos ali localizados. Foi, pois, tomando como referência as concentrações de fragmentos cerâmicos evidenciados através daquelas atividades agrícolas que resolveu-se demarcar a área para sistemático trabalho de coleta e prospecção. Para tanto, resolveu dividir a área de ocorrência dos indícios em 20 quadras de leste a oeste, tendo cada uma 50m e medindo 26m. Por outro lado essas quadras foram numeradas de 1 a 20 e, em cada uma delas foi realizada minuciosa coleta de superfície. Posteriormente essas quadras foram prospectadas, visando-se encontrar locais com maior concentração de indícios arqueológicos. Resultou dessa investigação a descoberta de cinco núcleos com grandes concentrações de cacos cerâmicos. Esses núcleos estavam distribuídos em distância irregular na superfície do sítio (MUSEU HISTÓRICO DE CAMBÉ, 1991, p. 7)¹⁶⁶.

¹⁶⁶ MUSEU HISTÓRICO DE CAMBÉ. **Nota Prévia de Arqueologia**. Publicações Avulsas, 1991.

Imagem 41: Capa da única publicação oficial do Museu de Cambé sobre a descoberta de Santa Dalmácia em 1991.



Fonte: Reprodução realizada pelo autor.

A nota prévia de arqueologia explica ainda que:

Foi justamente sobre essas concentrações que resolveu se proceder cortes sistemáticos de medidas, visando com isso, se possível, uma estratigrafia dos remanescentes arqueológicos não perturbados pelos trabalhos agrícolas. Lamentavelmente, nada pode ser averiguado, pois a mecanização, intensivamente, havia revolvido de maneira definitiva todos os níveis arqueológicos do sítio. Em face da não possibilidade de se obter informações estratigráficas, procedeu-se então em distintas quadras raspagem superficial

para obtenção de uma amostragem mais substancial de indícios para, com isso, proceder-se um estudo sistemático dos tipos cerâmicos ali ocorrentes. Os trabalhos de Campo foram encerrados com a retirada de um aglomerado de Cacos cerâmicos que ocupavam um espaço de 80cm, em um dos pontos da quadra de 26 metros, já mencionada. De todo esse trabalho resultou a coleta de aproximadamente 2.000 amostras cerâmicas e uma dezena de implementos líticos. Convém lembrar que o material removido das áreas prospectadas foi passado por uma peneira com malha de 1cm. Finalmente os indícios foram acomodados em sacos plásticos devidamente etiquetados e encaminhados ao laboratório do museu (MUSEU HISTÓRICO DE CAMBÉ, 1991, p. 7).

Imagem 42: Os trabalhos realizados em Santa Dalmácia aconteceram de 22 a 30 de outubro de 1990 e nesse período os Arqueólogos e Técnicos do Museu conviveram com as crianças, repórteres, pesquisadores da Universidade de Londrina, curiosos que queriam saber o que realmente haviam encontrado naquela localidade.



Fonte: Acervo de Imagens do MHC.

Imagem 43: Na semana de outubro de 1990 um grupo de crianças propiciou uma das mais importantes ações de arqueologia do norte do Paraná.



do MHC.

Imagem 44: Material lítico encontrado em Santa Dalmácia e região e que estão no acervo de Arqueologia do Museu de Cambé em 1990.



Fonte: Acervo de Imagens do MHC.

Outra parte importante da publicação do Museu é o tópico que trata dos indícios arqueológicos, onde afirma que a pesquisa permitiu constatar que no local, por tempo não

muito prolongado, uma população indígena desenvolveu intensa atividade da qual resultou, entre outras coisas, elevada produção oleira. Os fragmentos cerâmicos encontrados apresentam tipologia que permitem caracterizá-los como pertencentes a indivíduos de cultura tupi guarani. Realmente, os tipos simples, corrugadas, unglados, escovados, engobados e pintados, presentes em todas as áreas prospectadas são identificados como pertencentes àquela cultura (MUSEU HISTÓRICO DE CAMBÉ, 1991)¹⁶⁷.

Posteriormente em entrevista para uma matéria da Folha de Londrina, Blasi complementa e melhora a contextualização do Sítio Arqueológico de Cambé ao afirmar que:

As pessoas que habitavam o lugar pertenciam à grande família linguística tupi-guarani, numa época com certeza anterior ao contato com o homem branco, pois não há sinais de aculturação nos artefatos. É um fato que os produtos da cultura indígena se modificam depois do contato com os ocidentais. Mas vale lembrar: é um erro dizer que esse povo somente se modificaram depois da colonização. Antes, passaram também por mudanças. Estas apenas não coincidiram com as mudanças ocorridas no modo de produção e na cultura do Velho Mundo. Não se pode ter uma noção precisa de quando eles viveram (faltam análises química físicas mais exatas). Mas pode-se conhecer à sua maneira de viver. Era povos que utilizavam a agricultura, seminômades, costumavam passar de quatro a seis anos no mesmo lugar. A vegetação - floresta subtropical - era queimada. Esperava-se a chuva. As cinzas eram utilizadas como adubo para o plantio de milho. Não o milho que conhecemos, mas de um outro tipo de cor roxa. Também plantavam mandioca e amendoim entre outros produtos. A maior parte do que se encontra hoje em Santa Dalmácia, foi legado pelas mulheres. Elas trabalhavam o barro e cuidavam da roça. Os homens se dedicavam à caça e a pesca. A informação de que as mulheres cuidavam da Agricultura é confirmada por relatos de colonizadores (BRIGUET, 1994, s/p)¹⁶⁸.

Paulo Briguet, jornalista responsável pela matéria acima, também entrevistou a arqueóloga Cláudia Parellada que contribui na análise feita pelo Professor Blasi:

[...] os povos da tradição guarani são um grupo amazônico que desce em direção ao sul há cerca de 2 milênios ocupando também a região do atual Paraná”. Claudia Inês, que trabalha no museu Paranaense, diz que, pela etno-história (ciência que estuda as culturas através do tempo), é possível saber que os grupos tribais dessa tradição possuíam uma visão circular de tempo. A cronologia do homem guarani era fruto de sua cultura, não coincidia com as noções ocidentais, baseadas em outro modo de vida, outras necessidades, outra visão de mundo. O tempo dos antigos habitantes de Santa Dalmácia se ligava entre outras coisas à volta circular, anual, periódica da colheita. Até as aldeias eram redondas. A fonte para chegarmos a essas informações inclui os achados da arqueologia, mas também levamos em conta os relatos de viajantes. Apesar da mentalidade parcial dos

¹⁶⁷ MUSEU HISTÓRICO DE CAMBÉ. **Nota Prévia de Arqueologia**. Publicações Avulsas, 1991

¹⁶⁸ BRIGUET, Paulo. Sítios Arqueológicos, espelhos do passado. **Folha de Londrina**, 1994.

colonizadores, são documentos importantes para descrever o modo de vida dos indígenas antes da aculturação. Até o século 16 existiam 200 mil guaranis, e um total de 1 milhão de indígenas, só na região do Paraná (BLASI *apud* BRIGUET, 1991, s/p)¹⁶⁹.

Imagem 45: Arqueólogo Oldemar Blasi e trabalhadores da fazenda Santa Dalmácia prospectam uma área selecionada em outubro de 1990.



Fonte: Museu Histórico de Cambé

Imagem 46: Menina da Santa Dalmácia auxilia o Arqueólogo Oldemar Blasi na demarcação do Sítio Arqueológico em outubro de 1990.



Fonte: Acervo de Imagens do MHC.

¹⁶⁹idem.

É importante destacar nos depoimentos cedidos, para a entrevista da Folha de Londrina, que em nenhum momento os pesquisadores mencionam a possibilidade de Santa Dalmácia estar ligada à fase da ocupação jesuítica por meio das missões. No entanto, estudos posteriores irão ressignificar aquele lugar, como veremos mais adiante. Por enquanto, a contextualização dos aspectos culturais narrados pelos pesquisadores é de fundamental importância para entendermos quem eram os indígenas que viveram nessas terras, seu modo de vida, tradições e sua cultura de um modo geral. Essa compreensão inicial é essencial para lançar luz sobre a história, a significância e a ressignificação de Santa Dalmácia, preparando o terreno para futuras descobertas e interpretações que virão a seguir quando da ampliação dos estudos com o material coletado e outras tecnologias que ajudarão nos trabalhos.

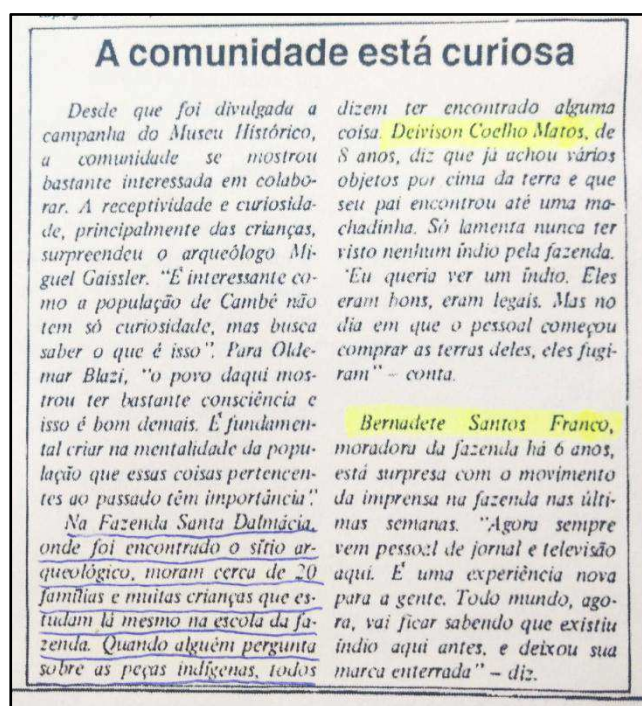
E como contribuição Parellada na mesma matéria jornalística citada descreve um ritual de morte que achamos interessante reproduzir, porém, atentando para o fato de ser uma publicação de 1994 portanto 30 anos atrás e de lá para cá as pesquisas avançaram bastante. Senão vejamos;

Quando alguém morria, dobrava-se o cadáver em posição fetal; depois de coberto por uma rede, o morto era colocado dentro de uma vasilha junto a alguns de seus pertences (adornos, machados de pedra, comida e etc.) Eram enterrados dentro de casa ou no meio do pátio. A casa do falecido era então incendiada e depois reconstruída. Aconteciam certas variações no ritual: às vezes, os mortos eram enterrados junto ao córrego mais próximo - em Santa Dalmácia há o Córrego Palmeira. De 3 a 6 meses depois, os ossos principais eram desenterrados, lavados e empenados, repetindo-se o incêndio que marcava todas as mortes. Podemos concluir que havia certas diferenças de status dentro de tais grupos indígenas -os mortos mais importantes eram enterrados com maior pompa, mas sabemos, ao mesmo tempo, que eles tinham uma organização mais ou menos homogênea (BRIGUET, 1991, s/p)¹⁷⁰.

O Jornal Nossa Cidade dedicou uma matéria de página inteira em 01 de novembro de 1990 à descoberta, e parte do artigo destaca a curiosidade da comunidade, surpreendendo o arqueólogo Miguel Gaissler, que pontuou quanto é interessante como a população de Cambé não tem só curiosidade, mas busca saber o que é isso” (JORNAL NOSSA CIDADE, 1990, p. 8). Já Oldemar Blasi explica que “o povo daqui mostrou ter bastante consciência e isso é bom demais. É fundamental criar na mentalidade da população que essas coisas pertencentes ao passado têm importância” (BLASI *apud* JORNAL NOSSA CIDADE, 1990, p.8).

¹⁷⁰ BRIGUET, Paulo. Sítios Arqueológicos, espelhos do passado. **Folha de Londrina**, 1994.

Imagem 47: A comunidade está curiosa. Jornal Nossa Cidade 01/11/1990, p. 8.



Fonte: Museu Histórico de Cambé.

Na mesma matéria os jornalistas reproduzem a opinião de duas pessoas da propriedade, que seriam Bernadete Santos Franco¹⁷¹, cunhada do Administrador da Fazenda e de Deivison Coelho Matos filho da Professora da Escola Rural conforme transcrevemos:

Na Fazenda Santa Dalmácia, onde foi encontrado o sítio arqueológico, moram cerca de 20 famílias e muitas crianças que estudam lá mesmo na escola da fazenda. Quando alguém pergunta sobre as peças indígenas, todos dizem ter encontrado alguma coisa. Deivison Coelho Matos, que na época contava 8 anos de idade, diz que já achou vários objetos por cima da terra e que seu pai encontrou até uma machadinha. Só lamenta nunca ter visto nenhum índio pela fazenda". Eles eram bons, eram legais. Mas no dia em que o pessoal começou a comprar as terras deles, eles fugiram (JORNAL NOSSA CIDADE, 1990, p. 8)¹⁷².

¹⁷¹ Bernardete Franco doou algumas peças arqueológicas para o Museu, conforme Termo de Doação da entidade.

¹⁷² JORNAL NOSSA CIDADE. 01 de novembro de 1990. **Jornal Nossa Cidade**. Cambé: 1990. p. 8.

Imagem 48: Valmir (Lambari), Deividson e Amadeo, alunos da Escola Rural da Fazenda Santa Dalmácia que participaram ativamente das descobertas em outubro de 1990.



Fonte Acervo de Imagens do MHC.

Ato contínuo, empolgados pelo sucesso das descobertas, o Museu iniciou um projeto de educação que visava visitar as escolas apresentando objetos arqueológicos para conhecimento e valorização desse importante patrimônio. A atividade envolvia inclusive a realização de algumas oficinas de pintura e de manuseio com argila para envolver as crianças numa dinâmica representativa do uso dos povos indígenas quanto a argila. A esse respeito matéria jornalista da publicidade para o assunto:

Aproveitando o momento favorável, a equipe do Museu iniciou um projeto denominado Educação e Arqueologia que tinha como objetivo levar à comunidade escolar o conhecimento da pré-história do Município, fazendo com que as crianças se sintam motivadas a conhecê-la e resgatá-la. A primeira escola a ser incluída no Projeto foi justamente a da Santa Dalmácia, cujas crianças envolvidas no trabalho científico realizado na fazenda estavam interessadas no assunto. No primeiro dia de atividades, eles visitaram o Centro Cultural, tiveram contato com os objetos indígenas expostos na sala de Arqueologia do Museu e apresentaram as informações que coletaram e dispunham sobre a civilizações indígenas, assistiram aulas sobre arqueologia, assistiram filmes sobre a vida e o cotidiano do povo indígena. O projeto prevê, para o segundo dia de atividades, uma visita ao sítio arqueológico da Fazenda Santa Dalmácia. Lá, as crianças, orientadas por funcionários do museu e do setor de artes plásticas da Secretaria de Cultura, coletam a argila do Rio. Após o conhecimento das técnicas indígenas, as crianças colocam em prática o que lhes foi ensinado. Para finalizar o trabalho, posteriormente as crianças vão realizar a queima das peças confeccionadas em argila através de técnicas indígenas (fogueira) e

vão elaborar relatório sobre tudo o que aprenderam no decorrer do projeto (JORNAL NOSSA CIDADE, 1990, p. 10)¹⁷³.

Tudo transcorria tranquilamente em Santa Dalmácia: a equipe do Museu e os arqueólogos prosseguindo com a prospecção do Sítio Arqueológico, as crianças, apesar da curiosidade inicial, retomaram suas atividades cotidianas na escola, as famílias, em sua maioria envolvidas no cuidado com a cultura do café, seguiram com suas vidas, e o administrador da Fazenda Valter Franco cuidava tanto dos empregados da fazenda quanto dos ilustres visitantes.

Imagem 49: Sérgio Brasil, filho do proprietário da Fazenda Santa Dalmácia e o Arqueólogo Miguel Gaissler em outubro de 1990.



Fonte: Acervo de Imagens do MHC.

Em determinado momento, o filho do proprietário da Fazenda, Sérgio Brasil, expressou preocupação em relação ao futuro das terras onde os trabalhos estavam sendo conduzidos e questionou o arqueólogo Miguel Gaissler sobre o assunto. A resposta foi que, dependendo do desenvolvimento do trabalho, poderia haver uma intervenção do Estado, conforme narrado por César Cortez.

Nesse espaço de tempo, que a gente tava recolhendo esse material e escavando um ponto aqui outro ali, o proprietário da fazenda principalmente

¹⁷³ JORNAL NOSSA CIDADE. Museu: Um mergulho no tempo. **Jornal Nossa Cidade**. Cambé: 30 de novembro de 1990, p. 10.

o Sérgio, que era um dos proprietários, ele acompanhava esse material, e aí ele teve uma conversa com o Miguel Gaissler com relação ao futuro, o que que poderia acontecer ali, naquela terra, se o Estado resolvesse por exemplo embargar a terra dele, alguma coisa nesse sentido, ele começou a se preocupar com isso, e ele veio conversar com Miguel. E o Miguel disse para ele que se o Estado quisesse as terras, ele seria indenizado e o Estado tomaria e passaria a administrar aquela área que seria delimitada e ele não podia fazer nada, entendeu. Mas isso dependia, se fosse um local de grande importância, se fosse né um local pequeno, não ia acontecer. Então o Sérgio ficou muito preocupado, e não quis mais que o trabalho fosse continuado. Ele falou: - olha chega e não quero mais ninguém aqui. E ele passou informação para o administrador da fazenda proibindo a nossa entrada e aí o Miguel e o Professor, teve que sair também da fazenda que ele estava alojado na sede da Fazenda, muito bem alojado, então foi isso. A pesquisa foi interrompida por causa dessa preocupação que o Sérgio tinha e que o Miguel confirmou que de fato poderia acontecer (Informação verbal)¹⁷⁴.

4.3 A procura do Arqueólogo

Diante dessa informação e até pelo direito de confirmar a informação e oportunizar o contraditório das narrativas, resolvemos ouvir a versão do Arqueólogo Miguel Gaissler. Essa foi uma missão difícil pois em contato com as instituições de cultura onde ele havia trabalhado, curiosamente ninguém tinha informação do seu paradeiro, nem mesmo no Museu Paranaense, onde o mesmo já havia exercido o cargo de Diretor.

Pesquisando um pouco mais, recebemos a informação que o mesmo tinha sido membro do Conselho de Cultura de Curitiba, e rapidamente fizemos contato com o pessoal que cuida da parte administrativa do referido Conselho e novamente sem sucesso. Descobrimos posteriormente que ele estava residindo em uma ilha na Baía de Paranaguá pois estava pesquisando alguns sambaquis na localidade. Dando um Google em seu nome, descobrimos uma empresa de serviços e assessoria ligado a área de Arqueologia e em uma dessas pesquisas apareceu um número de celular que poderia pertencer ao Velho Arqueólogo. De posse do número realizamos inúmeras tentativas de contato, por ligação direta, mensagem e WhatsApp. As tentativas foram tantas que um dia ele respondeu às mensagens enviadas via WhatsApp, já justificando que não atendia telefone de número não identificado. Daí a dificuldade de contato.

¹⁷⁴ César Cortez em entrevista ao autor no dia 11 de agosto de 2023. Disponível no acervo de áudio e vídeo do MHC.

Imagem 50: Navegando pela Baía de Paranaguá a caminhada da Ilha do Arqueólogo Miguel Gaissler para realizar a entrevista. Na imagem Miguel Gaissler pilota o barco. A frente tomando chuva e passando frio Eduardo Pavinato, Aron Bailoni e Ludmila Fratucci em 13 de julho de 2022.



Fonte: Acervo do autor.

Após as devidas apresentações e considerando que ambos já haviam participado de atividades culturais no Estado do Paraná, sobretudo Conferências de Cultura, foi acertado que ele receberia o autor desta pesquisa para uma entrevista em sua ilha pois assim considerava o local, onde morava totalmente sozinho, por conta e risco, como narrado por ele que mantinha uma barco tipo voadeira para se locomover na região, construiu um embarcadouro tipo rampa para melhorar o acesso até a ilha no tocante a entrada e saída de objetos e equipamentos, construiu uma casa de tijolos que carecia ainda de acabamentos, mas satisfatório para moradia e instalou uma série de equipamentos para viver com comodidade. Ao ser questionado quanto a condição legal para a permanência dele sozinho naquela ilha da Baía de Paranaguá, o mesmo não conseguiu emitir uma explicação convincente.

Imagem 51: Arqueólogo Miguel Gaissler e Eduardo Pavinato logo após a entrevista. 13 de julho de 2022.



Fonte: Acervo do autor.

No dia e hora marcada, ao lado do Mercado Municipal da Cidade de Paranaguá, ele apareceu navegando com seu barco e após as apresentações de praxe embarcamos¹⁷⁵ e iniciamos a navegação em direção a ilha. Nesse dia estava muito frio, ventava muito e caía uma chuvinha muito fina dando uma sensação térmica abaixo do previsto e essa situação dava um ar de dramaticidade à aventura da entrevista, até porque nem o autor nem seus acompanhantes têm familiaridade com navegação, depositando assim toda a confiança no anfitrião. Por fim chegamos até a ilha, e como esperado encontramos um local exuberante com todo esplendor da costa paranaense.

A entrevista foi muito bem-sucedida, e de uma maneira geral, Miguel Gaissler, já na casa dos 70 e pouco anos, narrou a sua trajetória acadêmica e profissional. Falou de sua relação com o Professor Blasi com quem desenvolveu muitos projetos e revelou que a ideia em relação a Cambé era a criação de um Centro Regional de Arqueologia tendo como justificativa a descoberta de Santa Dalmácia e o nível de trabalho desenvolvido pelo Museu Histórico. Porém para confirmar essa informação indagamos aos outros personagens dessa história como por exemplo César Cortez, Liberaci Pascueto, Elaine Garcia e levando em

¹⁷⁵ Na ocasião estava acompanhado da minha esposa Ludmila e do meu filho Aron.

consideração o tempo que já passou desde a vinda dos arqueólogos a Cambé, nenhum deles confirmou essa hipótese de criação de um Centro Regional de Arqueologia.

Quanto ao trabalho em Cambé ele fez uma breve explanação, falou da Fazenda, da importância do lugar, comentou que seria necessário pesquisar no Ribeirão Vermelho¹⁷⁶ que fica próximo do local onde foi encontrado o material arqueológico e disse também para procurar no referido rio um porto, pois provavelmente todos os personagens dessa história tinham como hábito preferencial para locomoção o uso de rios que era muito mais fácil do que pela floresta. Inclusive essa tese de uso dos rios por parte dos indígenas, jesuítas e sertanistas pode ser aferida por meio das muitas publicações de relatos onde havendo possibilidade, era pelo rio a preferência em se locomover por esses sertões.

É interessante notar como os rios desempenharam um papel crucial na história e na vida das comunidades indígenas e de outros povos que habitavam a região. Os rios serviam não apenas como fonte de água e recursos naturais, mas também como rotas de transporte, facilitando a comunicação e trocas entre diferentes grupos, que em muitos casos se estabeleciam em locais estratégicos próximos a rios, aproveitando a sua importância para a vida cotidiana das comunidades locais, reconhecendo a necessidade de se integrar às práticas e à geografia locais para estabelecer uma presença eficaz e sustentável. Portanto, ao estudar a história das missões jesuíticas e a ocupação humana na região, é fundamental considerar o contexto dos rios e sua importância como elementos essenciais da paisagem e da vida das pessoas que ali habitavam.

Na continuação da entrevista com Miguel Gaissler, ao ser indagado sobre o incidente envolvendo o proprietário da área e a viabilidade da desapropriação, Gaissler declarou não ter recordações desse evento específico. Ele esclareceu que a partida de Santa Dalmácia ocorreu devido a questões relacionadas ao término do trabalho arqueológico na região, e não em decorrência de disputas com o proprietário.

Valter Franco administrador da Fazenda a época lembra que:

Ficou meio estranho, é que conversando ali o Miguel Gaissler falou qualquer coisa nós vamos desapropriar isso aqui. Entendeu, nós vamos nos apropriar porque aí porque na época o Sérgio ficou meio assustado, aquele monte de gente entrando e saindo, televisão e coisa e falou nossa que vai virar né, ele falou Valter que que tá acontecendo. Falei não, é tranquilo né. Aí o cara me

¹⁷⁶ O Ribeirão Vermelho tem suas nascentes no Município de Rolândia e flui ao norte de Cambé, atravessando uma porção da Fazenda Santa Dalmácia, próxima à Missão Jesuítica de San Joseph, antes de seguir por outros municípios até desaguar no Rio Paranapanema. Ao examinarmos os registros históricos da era das missões jesuíticas, é evidente que o Rio Paranapanema, o Rio Paraná, o Rio Tibagi, o Rio Ivaí, o Rio Piquiri, e outros corpos d'água eram amplamente utilizados por indígenas e outros povos que habitavam essa região.

fala uma dessa. Aí eu fiquei apavorado, falei nossa e agora se ele fizer isso, o cara vai me matar aqui né, porque na verdade quem intermediou aquilo ali para poder que na verdade ele não queria né ele falou ah será esse negócio aí né ficou meio assim falei não é coisa à toa isso aí e tal mas foi aonde que ele deixou né aí o cara me fala isso nossa quase morri aquela noite eu não dormi falei agora lascou mesmo mas deu tudo certo (Informação verbal)¹⁷⁷.

O Administrador da Fazenda relata ainda que apesar dessa situação eles continuaram o trabalho, não foi esse o motivo da interrupção, indagou ele, e César Córtez diz que sim que a fala da desapropriação foi o motivo da saída abrupta dos arqueólogos de Santa Dalmácia. Tanto que posteriormente a Prefeitura de Cambé emitiu uma declaração informando as providencias que seriam tomadas em relação ao Sítio Arqueológico (Anexo W pág 219). Ato contínuo eles passaram alguns dias no Museu elaborando uma publicação denominada Nota Prévia de Arqueologia além de análises de outras peças que vieram do sítio arqueológico. No Museu, Liberaci Pascueto ficou encarregada de cuidar mais atentamente das questões relacionadas à arqueologia e manteve por breve período contato com os arqueólogos chegando a consultar o Professor Oldemar Blasi por meio de carta a respeito de dúvidas que ela tinha no trato do acervo.

Imagem 52: No Museu de Cambé a servidora Liberaci Pascueto ficou responsável pela parte de Arqueologia, assim manteve uma relação mais estreita com os arqueólogos com objetivo de registrar as informações pertinentes ao trabalho. Outubro de 1990.



Fonte: Acervo de Imagens do MHC.

¹⁷⁷ Entrevista realizada pelo autor no MHC em 25 de março de 2022. Disponível no acervo de áudio e vídeo do MHC

Esse período passado em Santa Dalmácia foi a única presença dos arqueólogos Blasi e Gaissler naquele local, sendo sucedidos tempo depois pela Arqueóloga Claudia Parellada que em companhia de Cortez chegou a fazer várias visitas ao local e em certa ocasião ministraram um Curso de Arqueologia Paranaense na sede do Museu para os técnicos da instituição, profissionais de Museus da região e alunos do curso de História da Universidade Estadual de Londrina¹⁷⁸.

Continuando a abordar a saída dos arqueólogos de Santa Dalmácia devido a uma declaração controversa sobre desapropriação, que, especialmente naquela época em que o instituto da desapropriação não estava completamente regulamentado, soava como uma espécie de declaração de guerra para os agricultores, César Cortez relata que, mesmo com o acesso à fazenda proibido, ele ia de moto até lá, às vezes acompanhado do filho Pablo. Entrava pela porteira lateral e conduzia algumas prospecções na área onde os arqueólogos haviam trabalhado, chegando a encontrar alguns materiais cerâmicos.

Posteriormente Sérgio Brasil passou a ter uma relação amistosa em relação ao Museu de Cambé, chegando a visitar uma vez ou outra a instituição. Certa ocasião veio se queixar com Cortez a respeito de uma reportagem da Folha de Londrina, escrita pelo jornalista Paulo Briguet. Na matéria, Briguet questionou a existência de mais objetos em Santa Dalmácia e confrontou a versão do proprietário com a de Blasi e Cortez, como reproduzimos aqui para contextualizar a dinâmica entre eles.

Quer dizer que existe algo mais em Santa Dalmácia? O Arqueólogo Oldemar Blasi diz que sim. Acontece que o dono da fazenda diz que não. “O sítio arqueológico não está mais na fazenda, agora é no Museu”. Declara Sérgio Brasil de Souza. Ele também acha que são inúteis novas visitas ao local do sítio arqueológico: “Não tem mais nada por lá.” O arqueólogo e o diretor do Museu de Cambé dizem que, a princípio, os pesquisadores foram bem recebidos. “Mas depois ficou mais difícil, o proprietário começou a ficar um pouco arredo. “Se for medo de desapropriação, o dono da fazenda pode ficar tranquilo e permitir novas pesquisas na área. Não há risco de desapropriação. As pessoas precisam se conscientizar disso. - garante o arqueólogo Oldemar Blasi, com muitos anos de experiência em Arqueologia (BRIGUET, 1994, s/p)¹⁷⁹.

¹⁷⁸ Entrevista César Cortez concedida ao autor em 11 de agosto de 2023. Disponível no acervo de áudio e vídeo do MHC.

¹⁷⁹ BRIGUET, Paulo. Sítios Arqueológicos, espelhos do passado. **Folha de Londrina**, 1994.

4.4 Cerâmica Indígena: Recuperação e Memória

Com o material recolhidos de Santa Dalmácia o Museu firmou um convênio com a Universidade Estadual de Londrina por meio do Departamento de Artes no ano de 1992 para realização de um projeto intitulado Cerâmica Indígena: Recuperação e Memória ao qual as professoras Dr^a Maria Scherlowski e Dr^a Yara Strobel e uma equipe de estagiários, analisaram, montaram e desenharam um bom número de peças desse quebra cabeça.

Esse trabalho foi importante para ajudar a contextualizar a produção oleira do Sítio Arqueológico, além de permitir conhecer melhor as características do material pois o que a equipe tinha em mãos para trabalhar eram milhares de cacos de cerâmica indígena das mais variadas formas, sejam elas pintadas, ungladas, corrugadas etc. O importante é que devido a forma com que esse material chegou foi possível manusear as peças para tentar montar de forma que o pesquisador passa a ter familiaridade com o objeto de pesquisa.

No relatório final assinado pela coordenadora Maria Scherlowski, ela pontua pleno êxito nos objetivos ao qual se propunham e ressalta o envolvimento de acadêmicos de Artes Plásticas e Desenho Industrial, desenvolvendo o trabalho de identificação, classificação e recuperação dos fragmentos cerâmicos que perfazem um total de 7.000 unidades¹⁸⁰.

Imagem 54: No laboratório do Departamento de Artes da Universidade Estadual de Londrina boa parte do material de Santa Dalmácia foi limpo e depois passou por um processo de tentativa de identificação e montagem das peças quebradas.



Fonte: Acervo de Imagens do MHC.

¹⁸⁰ Relatório Final de Projeto de Extensão Universitária. Cerâmica Indígena Recuperação e Memória 15/11/1998. Coordenação de Extensão à Comunidade. Universidade Estadual de Londrina.

O relatório apresenta ainda o envolvimento do Departamento de Física do Centro de Ciências Exatas da Uel, através do projeto de Pesquisa “Caracterização de Cerâmicas do Sítio Arqueológico da Tradição Tupiguarani “Fazenda Santa Dalmácia”, por métodos nucleares não destrutivos”¹⁸¹ desenvolvido pelo Professor Dr. Carlos Roberto Appoloni, no âmbito do Convênio de Cooperação Técnica e Científica entre a Universidade Estadual de Londrina e a Secretaria de Estado da Cultura com a interveniência do Museu Paranaense¹⁸².

O Museu, especialmente a partir de 1990, experimentou um período de efervescência com sua mudança para o Centro Cultural, marcado pela execução de diversos projetos e atividades. A instituição viu-se envolvida em uma multiplicidade de iniciativas, pois o Centro Cultural conferiu uma aura de grandiosidade à Secretaria de Cultura, gerando uma série de demandas, sobretudo para a equipe do Museu.

Essa situação teve um aspecto positivo, pois destacou o Museu de Cambé, tornando-o uma referência para outras instituições em diversas áreas. Constantemente, pesquisadores, técnicos e representantes de outras instituições visitaram a instituição para conhecer o trabalho que estava sendo desenvolvido em Cambé.

Nesse contexto, para melhor organizar o trabalho, foi decidido a divisão das especialidades no Museu entre os funcionários, com uma equipe responsável por documentos, outra por imagens, outras pela área de arqueologia e todas envolvidas na parte didática-educativa, realizando monitorias para estudantes, teatro de bonecas e diversos cursos, como introdução à fotografia e restauração de papel.

Falando diretamente sobre Santa Dalmácia, os arqueólogos já haviam encerrado os trabalhos e não retornaram ao local onde haviam feito a pesquisa. A fazenda estava fechada, e o acesso apenas clandestino, parte do acervo encontrava-se na Universidade de Londrina e, além da publicação de uma Nota Prévia de Arqueologia em 1991 pelo Museu, algumas matérias esparsas em jornais locais e, por fim, o relatório do projeto de extensão do Departamento de Artes. Parte do acervo ficou exposto na Sala de Arqueologia João Sabaine no Museu e outra parte foi guardada na Reserva Técnica da instituição.

¹⁸¹ Certa ocasião atendendo a uma solicitação do Professor Appoloni o autor da presente dissertação foi acompanhado de um estagiário que ele havia enviado, até Santa Dalmácia para recolher amostra de argila do Córrego da Palmeiras que fica imediatamente ao lado do local onde foram achados os materiais arqueológicos.

¹⁸² Relatório Final de Projeto de Extensão Universitária. Cerâmica Indígena Recuperação e Memória 15/11/1998. Coordenação de Extensão à Comunidade. Universidade Estadual de Londrina.

Imagem 55: Liberaci Pascueto, César Cortes, Oldemar Blasi e Miguel Gaissler na sede do Museu de Cambé em outubro de 1990.



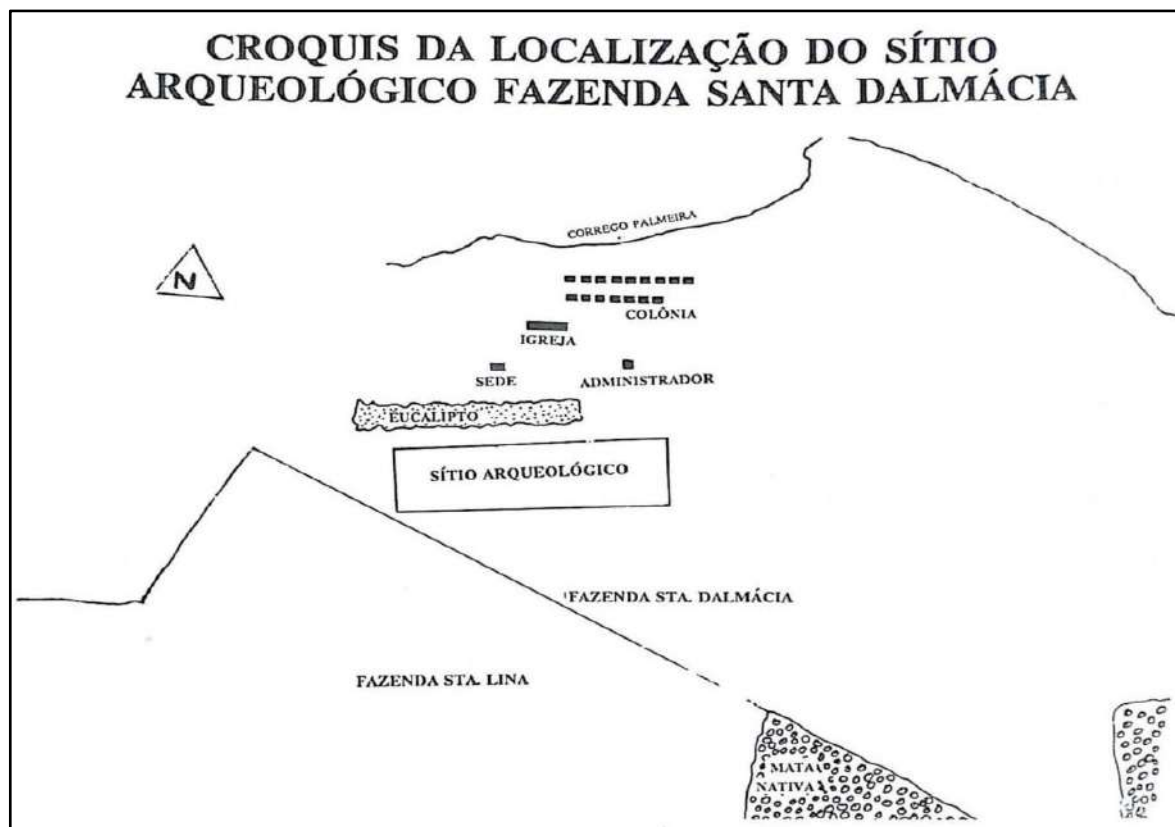
Fonte: Acervo de Imagens do MHC.

Excepcionalmente alguma exposição especial acontecia em Cambé ou região e as atividades alusivas ao Dia do Indígena geravam motivo para que uma outra peças do acervo fossem exposta, principalmente quando aconteciam atividades no Parque Histórico Municipal Danziger Hof¹⁸³, uma área de proteção ambiental pertencente ao município de Cambé onde a equipe do Museu organiza atividades comemorativas aos povos indígenas de forma a propiciar exposição de fotografias e objetos, passeios pelas trilhas rústicas do parque, oficinas de modelagem em argila reproduzindo técnica indígena de confeccionar vasos, pintura com tintas naturais, confecção de petecas e colares com conta.

A perda de servidores, conforme narrado no capítulo anterior, dificultou o desenvolvimento das atividades do Museu. No entanto, a chegada da arqueóloga Claudia Parellada em 1992 marca o início de uma nova fase para Santa Dalmácia, redefinindo o sítio arqueológico e colocando toda a nossa região na área de domínio da Coroa Espanhola por meio da Companhia de Jesus.

¹⁸³ Inaugurado em 1995, o Parque Histórico Municipal Danziger Hof é considerado o marco inicial da colonização do município de Cambé. Em janeiro de 1932, o primeiro grupo de imigrantes alemães oriundos da Cidade Livre de Danzig (atualmente Gdansk, na Polônia) ficou hospedado naquele local até que a Companhia de Terras proporcionasse as condições mínimas para que pudessem ocupar os lotes adquiridos na região, que recebeu a denominação de Gleba Nova Dantzig. Na ocasião, a Cia de Terras mandou construir uma hospedaria rústica de pinho lascado coberto com tabuinhas para abrigar o pessoal de Danzig. A divisão interna era feita com panos e as camas eram forquilhas de galhos enfiadas na terra e os colchões palhas seca. O nome Danziger Hof foi dado pelos hóspedes em alusão a um luxuoso hotel existente na cidade ao qual eles vieram, Danzig, e traduzindo do alemão para o português significa algo como quintal ou pátio de Danzig.

Imagem 56: Croqui da localização do Sítio Arqueológico da Fazenda Santa Dalmácia.



Fonte: Acervo de Documentos do MHC.

5 A MISSÃO JESUÍTICA E O MUSEU HISTÓRICO DE CAMBÉ: OBJETOS E IDEIAS CONECTADAS E EM CONSTRUÇÃO

Em 1993, o Museu Histórico de Cambé vivia o seu apogeu, ocupava boa parte dos espaços do Centro Cultural de Cambé, realizava cursos relacionados a área de Museus com especialistas vindos dos grandes centros do país, participavam de programas do governo do Estado de aperfeiçoamento técnico onde uma vez por mês principalmente as professoras do Museu se deslocavam até Curitiba para as atividades e realizavam com a participação de professores¹⁸⁴ da Universidade Estadual de Londrina um projeto denominado “Cambé: repensando sua história”¹⁸⁵ voltado principalmente aos professores da rede municipal de ensino, com objetivo de capacitá-los no tocante a história do município principalmente para a docência com as crianças do 3º ano primário cuja grade curricular previa o ensino da história do município.

A descoberta do Sítio Arqueológico, trouxe para a equipe do Museu a possibilidade da criação de um Departamento de Arqueologia para trabalhar exclusivamente com o acervo que fora recolhido da fazenda. Assim, eles poderiam criar uma agenda própria e ampliar o espaço de exposição do material arqueológico, inclusive com a construção de um Memorial para abrigar o acervo, realizar atividades temáticas etc.

À medida que esse projeto estava em seus estágios iniciais, exigindo um planejamento cuidadoso e investimento substancial, a primeira ação foi assegurar uma pequena sala no Museu para expor o material de Santa Dalmácia e do Professor Sabaine. Embora modesta em tamanho e quantidade de itens, essa sala era de extrema importância, pois representava um novo caminho de atuação, reforçando a ideia de reconhecimento da história dos povos indígenas nos espaços do Museu Histórico de Cambé.

Concomitantemente às atividades relacionadas à temática indígena, o acervo do professor João Sabaine e o material proveniente de Santa Dalmácia, o Museu de Cambé estava gradualmente se preparando para se posicionar como uma instituição com objetivos cada vez mais voltados para a arqueologia indígena.

Portanto, em 1993, o Museu Histórico de Cambé organizou um Curso de Arqueologia, ministrado pela arqueóloga Cláudia Parellada do Museu Paranaense. Segundo ela, este foi o primeiro curso que ministrou. O evento ocorreu na sala de exposições

¹⁸⁴ José Garcia Gonzales Neto e Enezila de Lima ambos os professores do Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina proferiram palestras para os professores de Cambé no decorrer do Curso Cambé Repensando a sua História. Fonte: Relatório de Atividades do Museu Histórico de Cambé 1992.

¹⁸⁵ Cambé: repensando a sua história também é o título do livro que foi elaborado pela equipe do Museu em 1992 para trabalhar o ensino da história de Cambé nas escolas municipais do município.

temporárias do Museu, no período de 10 a 14 de maio de 1993, e contou com a participação de 41 pessoas, incluindo servidores de museus e estudantes da Universidade de Londrina¹⁸⁶.

Na época, Claudia Parellada tinha 26 anos de idade e já demonstrava um impressionante conhecimento e maturidade diante dos desafios no campo da arqueologia. Embora tenha ingressado no Museu Paranaense em 1984¹⁸⁷ como estagiária do Curso de Geografia na Universidade Federal do Paraná, ela rapidamente se integrou ao quadro de servidores e passou a lidar com as demandas de todo o estado.

Claudia Parellada, conforme relatou em entrevista ao autor, foi discípula de Oldemar Blasi.

A minha formação como pesquisadora em campo foi principalmente com o professor Oldemar Blasi, que era do Museu Paranaense, já era um arqueólogo e ex-diretor, que estava aposentado, mas continuava no museu, e que deu realmente minha formação de campo. Na arqueologia fiz um mestrado com o professor Igor¹⁸⁸, mas foi em materiais que já tinham sido escavados, o material de Vila Rica do Espírito Santo da segunda Fundação escavado em 1959 e 60. Então especialmente nesse material de 84, 85, eu fui como estagiária do professor Oldemar Blasi para Vila Rica (Informação verbal)¹⁸⁹.

Nesse contexto a jovem Parellada passa a representar para o Museu Paranaense “uma nova geração de arqueólogos que repensou os horizontes teóricos e metodológicos, com estudos de maior abrangência, discutindo a diversidade dos povos que vem ocupando diferentes territorialidades, especialmente o Paraná, ao longo de quinze mil anos” (MUSEU PARANAENSE, 2020, s/p)¹⁹⁰.

¹⁸⁶ Relatório de Atividades do MHC do ano de 1993.

¹⁸⁷ Conforme entrevista concedida ao autor em 01 de junho de 2021. Disponível no acervo de áudio e vídeo do MHC.

¹⁸⁸ Igor Chmyz, Graduado em História e Geografia pela Universidade Federal do Paraná, em 1963, assumiu a disciplina de Arqueologia Pré-Histórica, tornando-se posteriormente docente do Departamento de Antropologia desta instituição. Realizou diferentes cursos de aperfeiçoamento, tendo sido aluno de Annette Laming-Emperaire, Clifford Evans, Betty J. Meggers e João José Bigarella. Concluiu seu doutorado na área de Antropologia e Arqueologia na Universidade de São Paulo em 1972, sob orientação de João Batista Borges Pereira. Pioneiro no desenvolvimento da Arqueologia no Paraná, aposentou-se compulsoriamente aos 70 anos de idade, em 2007, mantendo-se como docente colaborador do Programa de Pós-graduação em Antropologia e Arqueologia da instituição. É membro consultor do Conselho Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico do Paraná (CEPHA) na gestão 2019-2021. https://pt.wikipedia.org/wiki/Igor_Chmyz. Acesso em 10/10/2023.

¹⁸⁹ Conforme entrevista concedida ao autor em 01 de junho de 2021. Disponível no acervo de Áudio e Vídeo do MHC

¹⁹⁰ Texto institucional do Museu Paranaense acesso em 15 fev. 2024. <https://www.museuparanaense.pr.gov.br/Pagina/Nucleo-de-Arqueologia>.

O Museu Paranaense,¹⁹¹ considerado o terceiro museu mais antigo do país que desenvolve uma infinidade de projetos relacionados à arqueologia com o registro de 3.750 coleções arqueológicas, principalmente líticos e cerâmicos, além de, em menor número, vestígios ósseos e paleontológicos associados conforme informa a apresentação do Departamento de Arqueologia constante no site do Museu Paranaense. Lá é possível verificar também, uma pequena descrição dos campos de atuação da instituição:

As coleções do acervo representam vestígios materiais e biológicos de um período que recua até cerca de quinze mil anos atrás, com recorte especial no Paraná, com materiais relacionados a grupos caçadores-coletores, como os Paleoíndios, os Umbu e os Sambaquieiros no litoral, avançando ao longo do tempo com indícios de povos ceramistas e agricultores, como Jê Arqueológico Meridional, Tupi e Guarani. Ainda, através de materialidades ocidentais, orientais e africanas, com enfoque maior a partir do século XVI até evidências recuperadas em ruínas de construções do início do século XX, em áreas urbanas e rurais (MUSEU PARANAENSE, 2020, s/p)¹⁹².

Desde sua primeira visita a Cambé em 1992, Parellada sempre demonstrou muita disposição e comprometimento no trabalho que realizava, porém sempre ficou a impressão que a pesquisadora nunca dispunha de grande estrutura, pois ao examinarmos a atuação do Museu Paranaense, percebe-se o âmbito estadual dado ao trabalho da instituição, porém com um número reduzidíssimo de colaboradores, ficando em muitas vezes salvo engano desse pesquisador, somente ela respondendo praticamente sozinha pela maioria dos projetos executados pela aquela instituição relacionados à arqueologia.

Em Cambé, Cláudia Parellada cultivou uma relação profissional e de amizade com a equipe do Museu e em diversas ocasiões, ela viajou até a cidade para prestar consultoria, aconselhamento e verificar objetos do acervo da instituição. Além disso, colaborou no desenvolvimento de estratégias de ação, na organização de exposições, na realização de palestras, entrevistas e outras atividades.

O primeiro contato dela com o acervo de Santa Dalmácia aconteceu de forma transversa pois em 1992 o Museu de Cambé realizou dois projetos em convênio com a Universidade Estadual de Londrina, um com o Departamento de Artes intitulado Cerâmica

¹⁹¹ Fundado em 25 de setembro de 1876, o Museu Paranaense (MUPA) é considerado o terceiro museu mais antigo do Brasil. Ao longo de sua história, a instituição passou por diversas transformações físicas e conceituais, que abarcam as transferências da sede, e mudanças na sua missão e relação com a sociedade. Atualmente, o Museu Paranaense passa tanto por um processo de resgate de sua própria história quanto busca se fortalecer enquanto instituição museológica, abrindo caminho para novas narrativas expositivas e perspectivas metodológicas de pesquisa, além da reformulação de sua identidade e comunicação institucional. Disponível em: <https://www.museuparanaense.pr.gov.br/Pagina/Apresentacao> Acesso em: 12 jan. 2024.

¹⁹² Disponível em: <https://www.museuparanaense.pr.gov.br/Pagina/Nucleo-de-Arqueologia> Acesso em: 15 fev. 2024.

Indígena: Recuperação e Memória e outro com o Departamento de Física intitulado Caracterização de Cerâmicas do Sítio Arqueológico da Tradição Tupi Guarani “Fazenda Santa Dalmácia” por métodos nucleares não destrutivos conforme já citado anteriormente, assim ela foi convidada pelos professores responsáveis a conhecer o material de Santa Dalmácia. Parellada em entrevista concedida ao Produtor Alisson Miotto, para um documentário sobre a história de Cambé conta a forma como aconteceu os primeiros contatos, conforme transcrevemos:

Tive acesso acho que foi entre 91 e 92 a professora Maria Scherlowski, da Universidade Estadual de Londrina trabalhava com o Físico Nuclear, o Professor Carlos Appoloni que também é da Universidade Estadual de Londrina e que conhecia o meu tio que mora em Londrina que é médico e meu tio também sempre gostou da arqueologia falou: “ah eu tenho a minha sobrinha que é arqueóloga do Museu Paranaense” e é uma rede de contatos, de repente veio o diretor do Museu Histórico de Cambé que era o César Cortez e falou puxa Cláudia será que você não quer nos ajudar a ver esse material (Informação verbal)¹⁹³.

Imagem 57: No laboratório do Departamento de Artes da Universidade Estadual de Londrina boa parte do material de Santa Dalmácia foi limpo e depois passou por um processo de tentativa de identificação e montagem das peças. Arqueóloga Cláudia Parellada, Professora Maria Scherlowski, Professor Carlos Appoloni. Ao fundo a Professora Yara Strobel e o Professor Ubirajara de Carlo Senatore em 1992.



Fonte: Acervo de Imagens do MHC.

¹⁹³ Entrevista realizada por Alisson Miotto da Empresa Barões Produtora no dia 08/06/2022. Disponível no acervo de áudio e vídeo do MHC.

Na documentação que tramitou entre a Prefeitura de Cambé e a Universidade de Londrina para formalizar o projeto com o Departamento de Artes já havia a previsão de assessoria vinda de Curitiba conforme segue:

O levantamento sistemático deste projeto tem sido feito pelo Museu Histórico de Cambé cuja equipe contou no início com a assessoria dos arqueólogos Oldemar Blasi e Miguel Gaissler e a partir de setembro deste ano (1992), essa assessoria passou para o Museu Paranaense na pessoa da arqueóloga e pesquisadora responsável pela Seção Arqueológica do Museu Paranaense Cláudia Inês Parellada¹⁹⁴.

5.1 Introdução à Arqueologia em Cambé

Quando aconteceu o Curso de Introdução a Arqueologia em Cambé, ao qual já nos referimos, os organizadores trataram o tema como o próprio nome do curso dizia de forma introdutória, sem atividades práticas nem estudos de campo, com um viés voltado mais para conceitos e métodos básicos¹⁹⁵. Para a equipe do Museu era a oportunidade de introduzir a nova Arqueóloga nos assuntos do recém-descoberto Sítio Arqueológico. Gaissler e Blasi, como já citamos, não tiveram mais contato com o acervo de Cambé, e manter com ela e com o Museu Paranaense um relacionamento de forma que o material de Cambé ganhasse alguma relevância em nível estadual era muito interessante.

Já para Cláudia Parellada, que inaugurou seu primeiro Curso de Extensão Universitária¹⁹⁶, era a oportunidade de conhecer e analisar o acervo, incluir Cambé no mapa de seus estudos, cadastrar o sítio arqueológico no IPHAN e quiçá desenvolver alguma atividade nessa “descoberta” do norte do Paraná. Embora já tenha instruído e conduzido algumas negociações com a equipe que trabalhava com o material na Universidade de Londrina, a visita a Cambé para ministrar o curso de arqueologia proporcionou a Claudia Parellada uma afinidade ainda maior com o pessoal do Museu de Cambé.

Para melhor contextualizar o cenário analisado nesta dissertação, compilamos a programação proposta para o Curso de Cambé (MUSEU PARANAENSE, 1992)¹⁹⁷

¹⁹⁴ Projeto de Extensão Cerâmica Indígena: Recuperação e Memória, Coordenação Professora Maria Scherlowski, Supervisora Professora Yara Strobel, Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação, Comunicação e Artes, Departamento de Artes, Londrina Paraná - 1992. p. 7.

¹⁹⁵ Conforme apostila entregue aos participantes do curso ao qual o autor participou na qualidade de aluno do Curso de História da Uel.

¹⁹⁶ Conforme entrevista concedida ao autor em 01 de junho de 2021. Disponível no acervo de Áudio e Vídeo do MHC.

¹⁹⁷ Correspondência enviada do Museu Paranaense ao Museu Histórico de Cambé, em 15 de abril de 1992.

encaminhado pelo Museu Paranaense por meio de ofício em 15 de abril de 1992 Anexo Y pág 221), ao Museu de Cambé, informando a programação do referido

Curso de Extensão Universitária conforme descrevemos:

1. Introdução a Arqueologia Paranaense,
2. Os caçadores e coletores do interior e do litoral do Paraná,
3. Os ceramistas na pré-história paranaense,
4. Pinturas rupestres,
5. Arqueologia histórica,

6. Saída a campo de um dia para visitar um sítio aldeia de tradição tupi-guarani no município de Cambé - Pr. À época, o documento já apresentava Parellada como pesquisadora responsável pela seção de Arqueologia do Museu Paranaense.

Percebe-se claramente na documentação acima citada que naquele momento, 1992 as tratativas e 1993 a realização do curso, que a temática Missões Jesuíticas não ocupava um lugar de destaque no cenário paranaense, ficando relegado a um item de uma pauta extensa ligada à arqueologia. Entendemos que nem Parellada, nem a equipe do Museu de Cambé, faziam ideia de que Santa Dalmácia poderia ser a Missão Jesuítica de San Joseph. Assim no tópico Arqueologia Histórica, o conteúdo foi assim definido: Os sítios arqueológicos históricos do Paraná: as ruínas de cidades coloniais espanholas e de reduções jesuíticas; a reocupação do litoral do Paraná, as ruínas de tropeiros e quilombos.

Apesar de mesmo naquela época ser do conhecimento de muitos pesquisadores que o território paranaense fora outrora ocupado e disputado por espanhóis e portugueses e que os jesuítas a serviço de Castela empreenderam um grande projeto de ocupação fundando diversas missões, naquele momento não era destinados grandes esforços para se trabalhar a temática. Posteriormente como veremos alguns movimentos vão tentar dar mais visibilidade para a presença jesuítica no Paraná.

Pelo fato de conhecer melhor o material, visitar o local onde foi encontrado e depois realizar novos estudos, Parellada ficou com a impressão de que Santa Dalmácia oferecia mais que um simples espaço de ocupação Guarani, como veremos a seguir.

Havia na programação do curso uma visita à Santa Dalmácia conforme descrito no programa: saída a campo de um dia para visitar um sítio aldeia de tradição tupi-guarani no município de Cambé. Acontece que a visita não aconteceu e para os presentes não houve uma explicação dos reais motivos da mudança do programa. Simplesmente avisaram que não seria possível realizar a visita onde salvo engano justificaram pela falta de ônibus. Porém Parellada explica os reais na sua entrevista conforme relata:

Porque infelizmente houve alguns conflitos entre os proprietários do sítio e os arqueólogos anteriores. Então eu tinha medo que enquanto essa situação não fosse resolvida toda pessoa que entrasse lá pudesse de alguma forma fazer a irritação maior do proprietário da área piorar esse estado de tensão que tinha prejudicado muito o sítio então é essa que era a minha preocupação (Informação verbal)¹⁹⁸.

Por ocasião da presente pesquisa o autor questionou a arqueóloga se a época do curso em Cambé ela desconfiou que Santa Dalmácia poderia ser algo mais que um monte de cacos de cerâmica espalhados pelo campo, ao que ela respondeu que:

Fiquei espantada e fui rever os documentos históricos. Você pode achar que realmente está falando de outro local, mas é porque as missões de uma forma em geral jesuíticas elas não permaneciam no mesmo ponto se sofriam ataques de outras aldeias indígenas que não aceitavam. Geralmente uma missão era fundada sobre uma antiga área de aldeia indígena, então isso também tem uma certa confusão. Se você olhar o material, mas não olha de uma forma abrangente, então foi quando eu fui rever a documentação. Primeiro foi o material que me chamou atenção, que eu achei que tinha materiais que são pós contato, que tem influência europeia com aquelas bases de estatueta e alças asas que não são características Guarani, que era para se esperar uma aldeia Guarani, então era uma no mínimo, uma aldeia pode contar, mas pelo volume de material e daí eu comecei a buscar documentos e percebi que houve uma mudança lá na missão jesuítica de San Joseph, você vê que era então bem no Vale do Rio Tibagi, mas que tava muito próxima de aldeias que não aceitavam a existência de uma missão jesuítica naquele ponto então houve realmente a transferência e ficava no meio do caminho entre Santo Inácio e Loreto e São Francisco Xavier (Informação verbal)¹⁹⁹.

Evidentemente que alguns achados arqueológicos já figuravam no rol de patrimônio do estado, porém isso aconteceu pela relevância e as características intrínsecas dos próprios locais pois ao longo do tempo vários viajantes relatam ter encontrado ruínas proveniente das ocupações jesuíticas e espanholas como por exemplos Ciudad Real del Guairá, Villa Rica del Espiritu Santo, Missão Jesuítica de Nuestra Senhora Loreto e Missão Jesuítica San Ignacio Mini, mas no caso de Cambé, não era tão evidente assim, carecendo então de pesquisas para sua definição.

Claudia Parellada, por ocasião de sua participação no IX RAM - Reunião de Antropologia do Mercosul: “Culturas, encontros e desigualdades” realizado em julho de 2011

¹⁹⁸ Conforme entrevista concedida ao autor em 01 de junho de 2021. Disponível no acervo de áudio e vídeo do MHC.

¹⁹⁹ Conforme entrevista concedida ao autor em 01 de junho de 2021. disponível no acervo de Áudio e Vídeo do MHC.

em Curitiba, apresentou um artigo denominado Resistência e mudança Guarani: A linguagem visual nas missões jesuíticas do Guairá (1610-1631)²⁰⁰.

Nesse artigo entre muitas informações importantes chama atenção uma tabela com a localização de parte dos sítios arqueológicos relativos às cidades coloniais espanholas (1554-1632) e missões jesuíticas do Guairá (1610-1631) conforme compilação a seguir:

Imagem 58: Localização de parte dos sítios arqueológicos relativos às cidades coloniais espanholas (1555-1632) e missões jesuíticas do Guairá (1610 - 1631).

– Localização atual de parte dos sítios arqueológicos relativos às cidades coloniais espanholas (1554-1632) e missões jesuíticas do Guairá (1610 – 1631).

Nº	SÍTIO ARQUEOLÓGICO	COORD. EM UTM/ SAD 69	MUNICÍPIO PARANÁ	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
1	<i>Ciudad Real del Guairá</i> (1554-1632)	7.338.410 185.520	Terra Roxa	Guzman (1612), Watson (1947), Chmyz (1976)
2	Primeira fundação <i>Villa Rica del Espiritu Santo</i> (1570-1589), Tambo das Minas de Ferro	7.272.411 348.919	Nova Cantu	Blasi et al (1989), Parellada (2009)
3	Segunda fundação <i>Villa Rica del Espiritu Santo</i> (1589-1632)	7.355.400 404.100	Fênix	Blasi (1963), Parellada (1993, 1995, 1997)
4	Missão Jesuítica <i>N. Sra. Loreto</i>	7.506.680 394.270	Itaguajé	Blasi (1966), Parellada (2009)
5	Missão Jesuítica <i>San Ignacio Mini</i> (1610-1631)	7.496.740 413.800	Santo Inácio	Blasi (1966), Chmyz (1963, 1964, 1976)
6	Missão Jesuítica <i>San Francisco Javier</i> , a segunda fundação	7.430.250 503.000	Ibiporã	Parellada et al. (1996)
7	Missão Jesuítica <i>San Joseph</i>	7.444.505 467.460	Cambé	Blasi & Gaissler(1991), Parellada (1997)
8	Missão Jesuítica <i>San Pablo del Iniaí</i>	7.356.995 414.482	São Pedro do Ivaí	Parellada & Maranhão(1996)

201

Fonte: Parellada, 2011.

A data apresentada na tabela traça bem um panorama dos trabalhos realizados pelos arqueólogos no Paraná mostrando claramente a incipiente (evidentemente falta de profissionais, estrutura, investimento, apoio etc.) ação dos pesquisadores em relação às atividades com a temática missioneira. A partir da década de 1990, o cenário apresenta um trabalho mais acentuado, coincidindo com as descobertas realizadas em Cambé. A esse

²⁰⁰ PARELLADA, Claudia. Resistência e mudança Guarani: a linguagem visual das Missões Jesuíticas do Guairá (1610-1631). IX - **Reunião de Antropologia do Mercosul:** “Culturas, encontros e desigualdades” GT48 - Pensando el cambio entre los Guaranies: situaciones, contextos y escalas de análisis. Curitiba - Paraná (Brasil), 10 a 13 de julho de 2011.

²⁰¹ Idem, p. 4.

respeito Claudia Parellada em entrevista concedida ao Repórter Luiz César Lazari do Programa Pauta em Debate da Rede CNT - Central Nacional de Televisão, de Londrina fez as seguintes considerações:

Quando eu fui convidada para dar um curso aqui no Museu Histórico de Cambé eu comecei a olhar o material e fiquei encantada, pensei puxa esse material pode estar relacionado a uma das Missões perdidas porque das 15 missões que foram fundadas pela Companhia de Jesus financiadas pela Coroa Espanhola aqui na Província do Guairá, a gente naquele momento em 1994 tinha identificado apenas a 3, então faltavam mais a localização de 12 Missões que como tiveram um tempo mais curto tem essa dificuldade de reconhecimento porque elas são como fossem aldeias grandes e essa malha urbana muitas vezes tá difícil de ser caracterizada (Informação verbal)²⁰².

Recapitulando a fala da Arqueóloga, até 1993 apenas 3 Missões haviam sido descobertas e faltavam outras 12 segundo as contas de Parellada. Importante dizer que é comum encontrar outros estudos que identificam números diferentes a respeito das quantidades de missões, pois como a própria arqueóloga já pontuou, aconteciam mudanças, fundação e refundação por conta das situações de conflito que aconteciam nessas terras e isso acabava causando certa divergência entre os pesquisadores na hora de caracterizar as missões.

A respeito das dificuldades encontradas por Arqueólogos para realização de seus trabalhos, extraímos do canal do Youtube Arqueologia e Pré História²⁰³ uma parte de um depoimento realizado em 07 de junho de 2016 onde o Arqueólogo Igor Chmyz que é considerado um dos pioneiros da arqueologia no Paraná e da arqueologia histórica brasileira, sendo reconhecido com a Medalha Mário de Andrade do IPHAN, contextualiza o cenário de sua vivência:

Já mencionei várias vezes, não tinha um conhecimento da arqueologia foi uma fase da descoberta mesmo, foi com muita dificuldade porque tudo era difícil não havia estradas, não havia hotéis, pensões, para parar, tinha que levar acampamento, sujeitando a intempérie aquela umidade toda que acabava acontecendo nos acampamentos prejudicando a saúde. Eu saía daqui

²⁰² Entrevista concedida ao Programa Pauta em Debate com Luiz Cesar Lazari. Rede CNT- TV Tropical, em 27/03/2015. Disponível no acervo de áudio e vídeo do MHC.

²⁰³ Igor Chmyz é historiador e geógrafo formado pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), onde também realizou cursos voltados à arqueologia com João José Bigarella, Annette Laming-Emperaire, Betty Meggers e Clifford Evans. Possui doutorado em Antropologia/Arqueologia pela Universidade de São Paulo. Atualmente é professor e pesquisador do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas (CEPA) da UFPR.

Neste especial, Igor conta sua trajetória até iniciar seus estudos em Arqueologia; fala sobre os seus professores de arqueologia durante os anos 60 e 70; sobre seu doutorado com sítios arqueológicos da região do Paranapanema; conta sobre alguns projetos realizados; fala sobre os pontos positivos e negativos da arqueologia de hoje comparada há décadas; as lições e arrependimentos tiradas em décadas de experiência; e deixa lições para os atuais e futuros arqueólogos. Esta entrevista foi filmada no dia 04 de maio de 2016, no escritório do Dr. Igor Chmyz, no Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal do Paraná, em Curitiba.

Produção: João Carlos Moreno de Sousa (JuCa) - Câmera, edição, roteiro Gabriela Sartori Mingatos - Entrevista e roteiro Roseli Ceccon - Auxílio Técnico <https://www.youtube.com/watch?v=UAKMO2FvcB0&t=43s>. Acesso em: 20 fev. 2024.

de Curitiba de carro, esperando chegar um dia na margem do rio Paraná, porque era complicado o negócio, quase nenhuma estrada asfaltada, se chovia um lamaçal, se não chovia um poeirão que tem que limpar o pára-brisa do carro. Hoje eu saio daqui cedo chego no meio da tarde no Rio Paraná, na margem do Rio Paraná, de leste a oeste do Estado do Paraná. Hoje é bem mais fácil, em compensação os sítios são péssimos, em questão de conservação, eu tive sítios incríveis que eu tenho aqui guardados que eu fico olhando e pensando os arqueólogos hoje não tem mais essa possibilidade, a não ser que vai fazer pesquisa na Amazônia, lá existe essa situação que eu tinha aqui quando comecei a trabalhar. Eu voltei para algumas áreas que eu pesquisei na década de 60 70 até 80 por exemplo no Paranapanema, junto ao Itararé, é uma área riquíssima em sítios da tradição Itararé a origem da tradição é o Rio Itararé, porque ali eu encontrei o primeiro sítio com esse material. É uma cerâmica muito frágil muito frágil então o revolvimento do solo faz com que ela comece a fragmentar, a trincar, ela desagrega, ela some, teve uma cerâmica que eu encontrei que era um perfil típico do Itararé nivelado eu tive que desenhar aquele perfil na ficha de campo porque eu tinha dúvida se ele chegaria intacto aqui no laboratório tão frágil ele estava. Então eu tenho percorrido áreas eu até não gosto de voltar mais, tenho percorrido a área onde eu sei que existia o sítio. Quando acha alguma coisa são lascas então arqueólogos de hoje quando encontram essas evidências vão dizer, não cerâmica, caçador coletor, é o que sobrou do Itararé, a cerâmica sumiu, ficaram os líticos que eles têm muitas lascas do Itararé conforme o sítio então vejam como fica difícil hoje uma boa avaliação de uma área e por exemplo já havia a prática agrícola na minha época só que era plantação de café, não era tão impactante no solo e a coisa começa a piorar quando implanta a cultura do soja, do trigo, com revolvimento, grande revolvimento de camada e agora o ponto final é a cana de açúcar que destrutura completamente o solo a grande profundidade então o que nós temos aqui é referência de coisas que não vão ser mais encontradas. (CHMYZ, 2016, Informação verbal).

Imagem 59: Igor Chmyz em trabalho de campo.



Fonte: Portal Academia https://0.academia-photos.com/44711256/11882638/14362712/s200_igor.chmyz.jpg.

5.2 Missões Jesuíticas em evidência

A partir de 2000, começa a acontecer um movimento que vai dar mais visibilidade para o estudo das missões jesuíticas:

Em nível estadual, entre 2008 e 2009 a Secretaria de Estado da Cultura promoveu uma série de eventos visando divulgar e aprofundar o conhecimento da história do Paraná dos séculos XVI e XVII. Esses eventos, unidos sob o título de Projeto Guaranis e as Reduções Jesuíticas no Território do Paraná, tiveram como foco as ações ditas como civilizatórias e missionárias conduzidas por europeus, principalmente espanhóis, em localidades hoje pertencentes ao território paranaense (SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA, 2010, p. 7)²⁰⁴.

O primeiro destes eventos foi o Seminário Internacional Indígenas, Espanhóis e Missionários: o Paraná no contexto da Bacia do Prata - séculos XVI e XVII que foi realizado entre os dias 15 e 17 de outubro de 2008. Na sequência, o concurso de monografias “Espanhóis e Indígenas no Território Paranaense da Província do Guairá, séculos XVI e XVII, aberto a estudantes universitários e profissionais residentes no país. Houve ainda, por parte do governo, a exposição de pinturas da artista Janete Burda (1930-2004) que retratam o cotidiano das missões no Brasil e foi realizada na Sala do Artista Popular nos meses de setembro a outubro de 2009. Continuando aconteceu a mostra do filme Os Guaranis e as Missões Jesuíticas, realizada em 13 e 16 de outubro de 2009 no Auditório Brasília Itiberê e, por fim, a mostra Missões: Conquistando Almas e Territórios, que aconteceu entre 28 de agosto a 22 de novembro de 2009 na Casa Andrade Muricy, inclusive contando com peças do acervo do Museu Histórico de Cambé (SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA, 2010)²⁰⁵.

A participação do Museu de Cambé, por meio da cessão de peças representa um momento muito importante pois apesar do anúncio de que Santa Dalmácia era San Joseph ter acontecido oficialmente em 2011 como veremos na sequência, neste evento de 2009 em Curitiba, Parellada já apresentava as peças de Cambé como sendo da Missão Jesuítica e esta apresentação aconteceu justamente num evento de nível internacional com a participação de

²⁰⁴ SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA, Curitiba, PR. **Missões:** conquistando almas e territórios. Registro da exposição. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 2010.

²⁰⁵ SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA, Curitiba, PR. **Missões:** conquistando almas e territórios. Registro da exposição. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 2010.

muitos pesquisadores e segundo o registro da exposição, cerca de 4300 pessoas do Brasil e do mundo visitaram o evento (SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA, 2010)²⁰⁶.

Em palestra na Casa Andrade Muricy, Parellada conta que indagou Blasi sobre os achados de Cambé e obteve como resposta que não analisou todo o material, daí talvez o porquê de não definir o local como uma Missão Jesuítica como ela explica:

Quando a gente estava conversando sobre a questão de Cambé, eu falei puxa Professor Blasi o senhor me deixou com a faca e o queijo na mão ali, (risos) porque o Senhor não olhou todo o material. Ele falou que não olhou. Começaram as escavações, mas por causa de todas os conflitos ele achou, ele disse, que quando foi chamado pelo Miguel na cabeça dele existia a possibilidade de ser uma missão, mas que pela documentação ele achou que não fosse e pelos primeiros materiais que ele olhou, mas depois ele não chegou a olhar a fazer análise (Informação verbal)²⁰⁷.

Ela concluiu que quando Blasi veio para Cambé ele tinha o entendimento sim de que poderia ser uma missão, porém por motivo não conhecido o Professor abandonou a ideia e manteve a posição de que Santa Dalmácia era um Sítio Arqueológico de grandes proporções. Outra hipótese aventada por Parellada é que apesar do afastamento dos arqueólogos de Santa Dalmácia por conta da insatisfação do proprietário, Gaissler e Blasi poderiam ter continuado a análise no Museu, porém como eles viram que talvez o sítio não tivesse tanta relevância assim eles se afastaram ao que ela agradece: “De qualquer forma eu agradeço a ele e o professor Oldemar Blasi por terem feito a escavação e ter aquele material para ser verificado que eu acho que a gente ainda falta uma parte para ser analisado” (Informação verbal)²⁰⁸.

Cabe ressaltar que, era de conhecimento dos pesquisadores que estudam a região, a história da ocupação espanhola e do trabalho dos jesuítas nessas terras, inclusive a existência de cidades e missões, e que algumas já tinham sido encontradas, outra não, de forma que qualquer anúncio de descobrimento de material arqueológico do tipo de Cambé já chamava a atenção para a possibilidade de ser uma missão, principalmente porque em 1990 como discorremos anteriormente, várias delas ainda não tinham sido descobertas. Inclusive na publicação feita pelo museu sobre o achado em 1990, nenhum texto traz qualquer tipo de análise que desse para o material a possibilidade de ser mais que um sítio arqueológico de grandes proporções.

²⁰⁶ SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA, Curitiba, PR. **Missões:** conquistando almas e territórios. Registro da exposição. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 2010. p. 8

²⁰⁷ Conforme entrevista concedida ao autor em 01 de junho de 2021. Disponível no acervo de áudio e vídeo do MHC.

²⁰⁸ Idem

Depois do primeiro encontro em 1992 com o material retirado de Santa Dalmácia, Parellada manteve relação muito estreita com a equipe do Museu Histórico de Cambé, seja prestando assessoria, seja participando de atividades, seja estudando o material arqueológico. Ela relata que a sistematização, organização e até a montagem de peças feita pela equipe do museu e o trabalho da equipe da professora Maria Scherlowski, da Universidade Estadual de Londrina, contribuíram muito na tarefa de análise das peças pois já haviam feito uma boa limpeza organização e montagem de algumas vasilhas.

Com o passar do tempo os pesquisadores passam a ter acesso a novas tecnologias, como imagens por satélite, programas de computador²⁰⁹ que permitem várias aplicações como forma de analisar os sítios arqueológicos de forma a propiciar novos estudos que ajudarão Parellada a redefinir o Sítio Arqueológico Santa Dalmácia como sendo a Missão Jesuítica San Joseph (1625-1631), inserida no contexto da primeira fase das missões jesuíticas, no período conhecido pela história geral como da União Ibérica.

5.3 Parellada anuncia que Santa Dalmácia é San Joseph

Essa notícia foi dada em primeira mão por ela ao Diretor do Museu César Cortez em 2009, conforme relato dele, que ficou extremamente feliz com a descoberta pois um novo cenário surgiu na história do município e nos objetivos do Museu, passando a cidade a ingressar no rol dos espaços que detém acervo referente a fase da ocupação espanhola e jesuítica nas terras onde hoje é o Estado do Paraná. Em 2010 já haviam tratativas para demarcação da área de interesse para novos estudos (Anexo Y pág 223).

Oficialmente, Parellada escolheu a IX RAM - Reunião de Antropologia do Mercosul que aconteceu em Curitiba no período de 10 a 13 de julho de 2011, e contando com a presença de várias autoridades de Cambé ela apresentou a comunicação “Resistência e Mudança Guarani: A linguagem visual nas missões jesuíticas do Guairá (1610-1631)” onde explicou os motivos que a levaram concluir que Santa Dalmácia seria San Joseph:

Blasi & Gaissler (1991) estudaram o sítio Fazenda Santa Dalmácia, no município de Cambé, que possuía grandes dimensões. Parellada (2009) ampliando as análises sobre os materiais encontrados, especialmente a cerâmica, com engobo vermelho e formas diferenciadas, além das estruturas identificadas em imagens de satélite, redefiniu o sítio como a missão jesuítica de San Joseph, do início do século XVII (...). É importante a

²⁰⁹ *Google Earth, Maps, Street View* são exemplos de programas de computador de fácil acesso que fornecem visualização e permitem vários tipos de análise. Outras tecnologias mais avançadas que conseguem fazer análises de solos e outras interpretações mais aprofundadas dependem de convênios e investimento para uso.

proteção da área para que novos estudos possam detalhar a memória colonial da região. Techo (1673/ 2005) comenta que, em 1625, os padres Montoya e Mascetta decidiram fundar uma missão, na região dos Ticutis, que ficasse no meio do caminho, por terra, entre as de San Ignacio e Loreto, no vale do Paranapanema, e a de San Javier, junto ao Tibagi. San Joseph foi criada com cerca de duzentos famílias, de seis aldeias diferentes, e lá permaneceu o padre Mascetta para construir o templo e as casas, administrar os sacramentos, enquanto Montoya encontrava um novo caminho para San Javier (PARELLADA, 2011, p. 7)²¹⁰.

Imagem 60: Vasilhame cerâmico Tupiguarani com influência europeia, com pintura em vermelho e preto, recuperado na Missão San Joseph, Município de Cambé- Paraná.



Fonte: Acervo de Arqueologia do MHC.
Fotografia: Cláudia Parellada.

Imagem 61: Algumas bases cerâmicas da Missão San Joseph 1625 - 1631.



Fonte: Acervo de Arqueologia do MHC -
Fotografia Cláudia Parellada

²¹⁰ PARELLADA Cláudia Inês. Resistência e mudança Guarani: uma linguagem visual nas Missões Jesuíticas do Guairá (1610-1631) IX RAM – **Reunião de Antropologia do Mercosul:** “Culturas, encontros e desigualdade” GT48 - Pensando na mudança entre eles Guarani: situações, contextos e escalas de análise Curitiba –Paraná (Brasil), 10 a 13 de julho de 2011 p. 7.

Imagem 62: Algumas alças e asas cerâmicas da Missão San Joseph 1625 – 1631.



Fonte: Acervo de Arqueologia do Museu de Cambé. Fotografia: Cláudia Parellada.

Especial atenção merecem as análises da cerâmica pois foi por meio dela que os arqueólogos começaram suspeitar de San Joseph pois é justamente a cerâmica nesse caso que denuncia o encontro de culturas e dá as pistas para que os arqueólogos consigam chegar a alguma conclusão conforme relata Parellada:

A presença da cerâmica com engobo vermelho e a decoração escovada são características, além da ocorrência de asas, alças, bicos e bases planas. Existe grande variação nos artefatos cerâmicos modelados, como cachimbos, figuras humanas, castiçais, bases de estatuetas, carimbos de rolo e adornos, alguns evidenciando as manifestações estéticas indígenas com influência jesuítica. Outros destaques são os materiais de construção usados no Guairá, como tijolos maciços, lajotas e as telhas de canal desenhadas de Loreto do Pirapó e San Ignacio Mini, seja por incisões ou através de prensagem de objetos ou moldes. Essas telhas aparecem também junto às ruínas de missões no Paraguai, e devem ter sido confeccionadas por índios Guarani, com supervisão dos religiosos, e algumas repetem motivos e grafismos de objetos oriundos do mesmo contexto. A linguagem visual encontrada nas telhas articula-se com a simbologia jesuíta, a mitologia Guarani, o cotidiano das missões, a alfabetização e a experimentação de motivos decorativos. As dimensões das telhas em canal variam de 49x 24x 8cm a 50x 23x 18cm, e a espessura varia de 1,6 a 1,8cm, com as cores variando entre o laranja e o bege. As lajotas medem de 16,5x 16,5x 6cm a 20x 20x 6cm (PARELLADA, 2011, p. 12).

Imagem 63: Telhas de Cerâmica encontradas na Missão San Joseph 1625-1631.



Fonte: Acervo de Arqueologia do Museu Histórico de Cambé. Fotografias: Eduardo Pavinato.

Também foram identificadas estruturas em imagens de satélite, e o sítio caracterizado como uma das fundações da Missão Jesuítica de *San Joseph*, financiada pela Coroa espanhola, que existiu no Guairá no início do século XVII. As coordenadas em UTM-

SAD 69 do ponto central deste sítio histórico são N- 7.444.505m e E- 467.460m, 22 sul, com os vestígios ocorrendo em área com diâmetro de 400m, em matriz de sedimentos argilo-arenosos marrom avermelhados com embasamento de rochas básicas Lavas da Serra Geral (PARELLADA, 2013)²¹¹.

Em nível local o Museu Histórico de Cambé, organizou uma palestra no Salão Paroquial da Igreja Matriz, no dia 3 de agosto de 2011 cujo tema foi exatamente “A descoberta da Missão Jesuítica San Joseph” e para enriquecer ainda mais a temática, além de Cláudia Parellada o evento contou também com a presença do Padre Jurandir Coronado Aguilar,²¹² Doutor pela Pontifícia Universidade Gregoriana com um tese doutoral intitulada Conquista Espiritual: A História da Evangelização na Província Guairá na obra de Antônio Ruiz de Montoya (1585-1652).

Naquela ocasião, os participantes da palestra tiveram o privilégio de assistir à apresentação da Arqueóloga Parellada, cujo trabalho se baseia amplamente em sua experiência empírica através de escavações e estudos arqueológicos e do Padre Jurandir com vasta experiência em missões jesuíticas, resultado de pesquisas minuciosas em arquivos localizados no Brasil, Argentina, Paraguai, Espanha e Vaticano. Tanto o trabalho de Parellada quanto o do Padre Jurandir são considerados referências para muitos pesquisadores que se dedicam a essa temática específica. Em outra visita técnica a Cambé, Parellada novamente ministrou palestra para professores e comunidade sempre procurando contextualizar San Joseph da melhor maneira possível e “alertando para necessidade de preservação desses sítios arqueológicos para que novos estudos possam detalhar a memória colonial da região e revelar de forma mais ampla um importante capítulo da história do Paraná”²¹³ (PARELLADA, 2013, p. 4).

²¹¹ PARELLADA, Claudia Inês. Sítio arqueológico Fazenda Santa Dalmácia: uma das fundações da missão jesuítica de San Joseph, Guairá, século XVII. **Bol. Museu Histórico de Londrina**, v.4, n.8, p.8-12, jan-jun 2013. P. 4 e 5.

²¹² Possui graduação em Teologia pelo Instituto Teológico de Santa Catarina (1989), graduação em Filosofia pelo Seminário Nossa Senhora da Glória (1985), mestrado em História da Igreja pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma (1999), doutorado em História da Igreja pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma(2002).

²¹³ PARELLADA, C.I. Sítio arqueológico Fazenda Santa Dalmácia: uma das fundações da missão jesuítica de San Joseph, Guairá, século XVII. **Bol. Museu Histórico de Londrina**, v.4, n.8, p.8-12, jan-jun 2013. p. 4.

Imagem 64: Cartaz produzido pelo MHC, dando a notícia da palestra da Arqueóloga Cláudia Parellada que aconteceu em Cambé nos dias 23 e 24 de março de 2015.

Palestra

*Missão Jesuítica de San Joseph:
Revelando vestígios do Século XVII
no Município de Cambé - Paraná*

*Palestrante:
Dra. Cláudia Inês Parellada, Arqueóloga do Museu Paranaense.*

Data: 23 e 24 de Março de 2015
Local: Centro de Artes e Esportes Unificados - CEU
Rua Genésio Geraldo dos Santos, 451 - Jardim Tarobá
Horário: 20:00 horas

Os interessados em obter certificado de participação deverão fazer a inscrição antecipada.
Informações pelo telefone (43) 3174-0291




 Apoio: 

Fonte: Acervo de Documentos do MHC.

É importante ressaltar que

Algumas missões do Guairá duraram pouco tempo, como a de San Joseph, entre 1625 e 1631, e foram transferidas à medida dos ataques dos paulistas, o que provoca dificuldades na localização desses sítios coloniais. Afinal, as evidências arqueológicas encontradas muitas vezes se assemelham a de grandes aldeias da etnia Guarani, e somente com uma análise refinada dos materiais, somada a presença de estruturas em taipa de pilão e alvenaria em pedra, e a dados recuperados em documentos impressos, estes sítios históricos podem ser caracterizados de forma definitiva (PARELLADA, 2013, p. 9)²¹⁴.

²¹⁴ PARELLADA, C.I. Sítio arqueológico Fazenda Santa Dalmácia: uma das fundações da missão jesuítica de San Joseph, Guairá, século XVII. **Bol. Museu Histórico de Londrina**, v.4, n.8, p.8-12, jan-jun 2013. p. 9.

5.4 O Paraná Espanhol

Segundo Cardoso (1938 p 80) em 1599 o Rei da Espanha deu permissão à Companhia de Jesus para exercer sua missão no Tucumán e Paraguai. O bispo da Província do Paraguai e Rio de Plata, chamou os padres jesuítas do Brasil, como conhecedores da língua guarani, para iniciar a evangelização dos naturais do Paraguai (CARDOSO, 1938)²¹⁵.

Aguilar (2002) afirma que os primeiros Jesuítas que entraram no Guairá foram, precisamente, os padres Manuel Ortega e Tomás Fields, ambos provenientes do Brasil. Em 1609 dirigiram-se à região os padres José Cataldino e Simón Mascetta. Anos depois, 1612, incorporou-se às missões no Guairá o Padre Antonio Ruiz de Montoya acompanhado do padre Antônio Moranda que retornou a Assunção por problemas de saúde. Seguido depois pelo padre Martin Javier de Urtasun²¹⁶.

A Coroa da Espanha, buscando ampliar as cidades e diminuir os conflitos com os indígenas, fomentou, a partir de 1610, a criação de 15 missões jesuíticas fixas no Guairá. Estas missões, em sua maioria, eram formadas sobre antigas aldeias Guarani, inclusive a de *San Joseph*²¹⁷.

Entre 1610 e 1630 foram criadas 15 missões jesuíticas no Guairá:²¹⁸

- 1610: Nuestra Señora de Loreto, San Ignacio Mini
- 1624: San Francisco Xavier
- 1625: San Joseph, Nuestra Señora de Encarnación
- 1626: Santa Maria
- 1627: San Pablo del Iniaí, Santo Antônio, Los Angeles, San Miguel, San Pedro
- 1627-28: Concepción de Nuestra Señora de Guañaños
- 1628: San Thomas, Ermida de Nuestra Señora de Copacabana
- 1630: Jesus-Maria

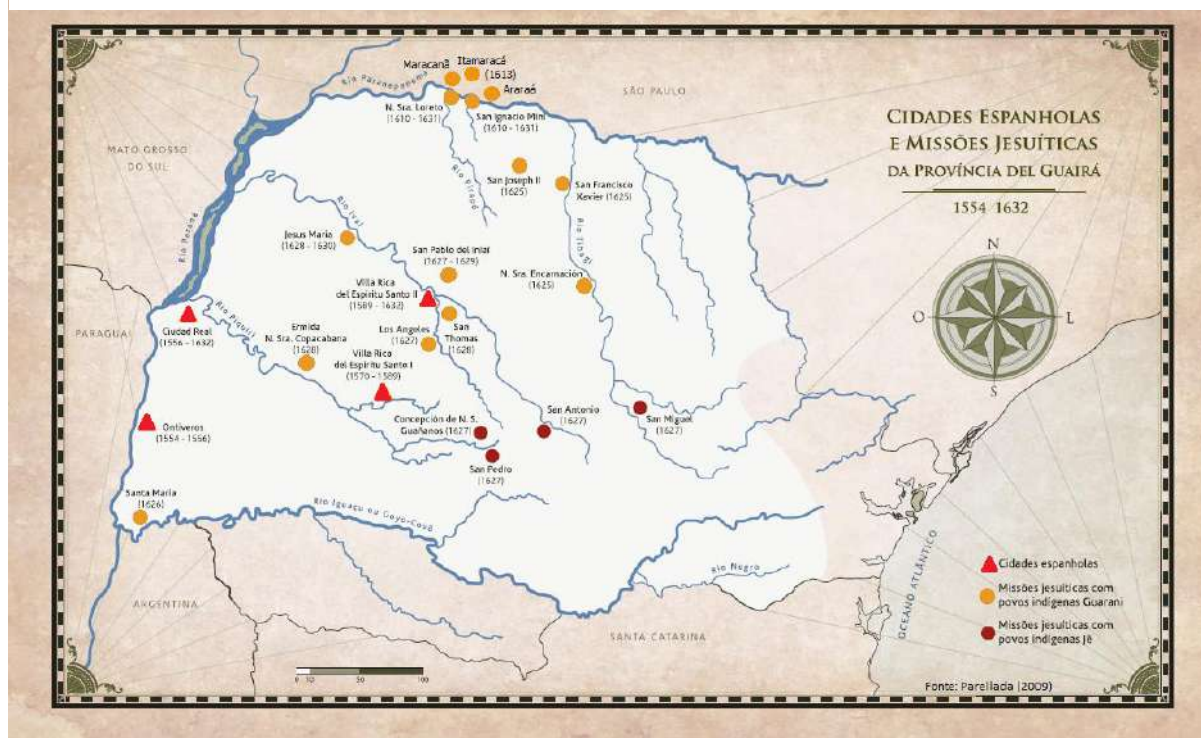
²¹⁵ CARDOSO, Ramón. **El Guairá**. Historia de la antigua provincia - 1554-1676. - Buena Ayres, Jesus Menendu, 1938.

²¹⁶ AGUILAR, Jurandir Coronado. **Conquista Espiritual**. A História da Evangelização na Província do Guairá na obra de Antonio Ruiz de Montoya S.I. (1585-1652). Pontificia Università Gregoriana Roma 2002. p. 142 e 143

²¹⁷ PARELLADA, C.I. Sítio arqueológico Fazenda Santa Dalmácia: uma das fundações da missão jesuítica de San Joseph, Guairá, século XVII. **Bol. Museu Histórico de Londrina**, v.4, n.8, p.8-12, jan-jun 2013. P. 2.

²¹⁸ PARELLADA, Claudia Inês. Arqueologia das Fortificações no Paraná, In: LINO, J.F. & FUNARI, P.P.A. (org.). **Arqueologia da guerra e do conflito**. Erechim: Editora Habilis, 2013. p. 12.

Imagem 65: Mapa de localização da Província del Guairá, com as comunidades espanholas e missões jesuíticas do final do século XVI/ início do século XVII.



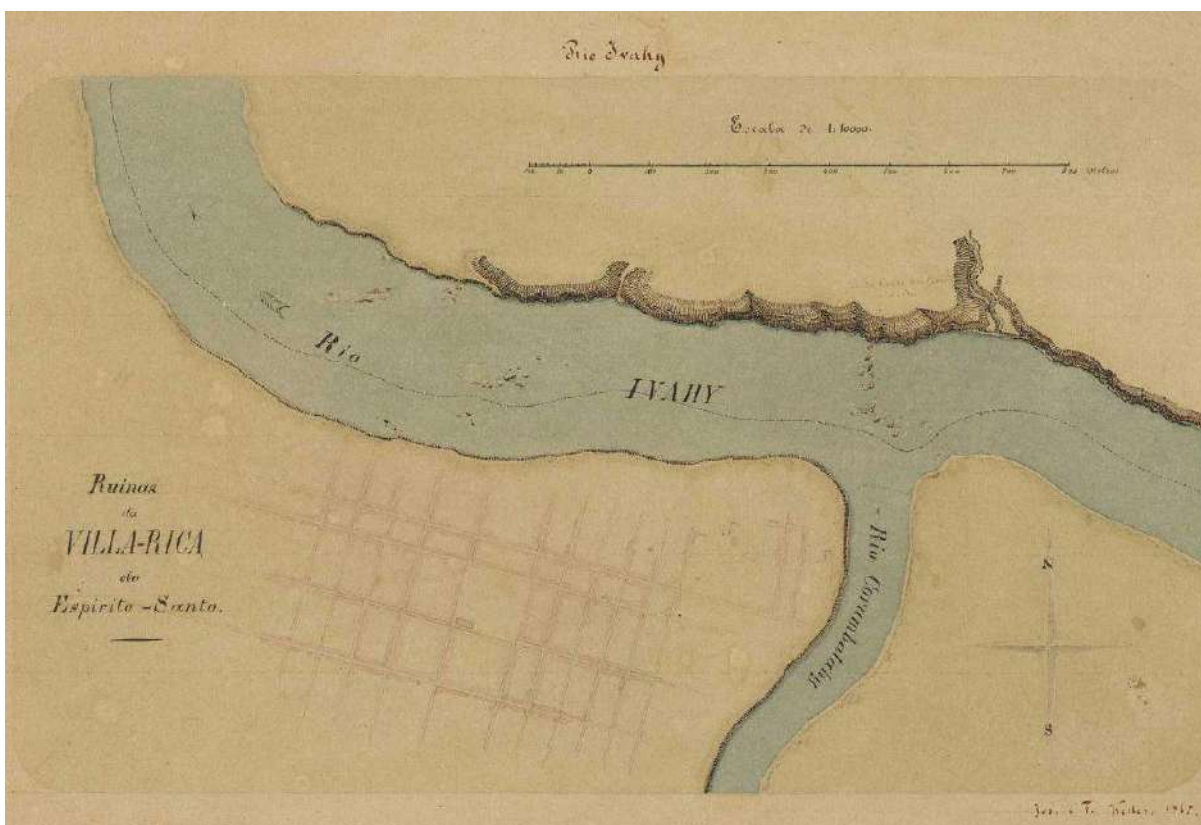
Fonte: PARELLADA E CARVALHO (2009), adaptado de ERNOT, (1645-1649), CARDOZO, (1970), CHMYZ (1976), BLASI (1963) e PARELLADA (1997).

A maior parte das missões foi criada com índios Guaraní, mas quatro delas tiveram grupos da família linguística Jê, que são as de Santo Antonio e San Miguel que foram fundadas com índios Camperos, e as de Concepción de Nuestra Señora de Guañanos e San Pedro com Gualachos (MCA I, 1951, p. 293-298). Nos documentos do início do século XVII descrevem-se estruturas subterrâneas, e diferenças linguísticas e culturais entre esses grupos e os Guaraní (PARELLADA, 2009, p. 66)²¹⁹.

²¹⁹ PARELLADA, Claudia Inês. 2009. O Paraná espanhol: cidades e missões jesuíticas no Guairá. In: SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA DO PARANÁ (org.) **Missões: conquistando almas e territórios**, p.59-80.

A Província Guairá, pertencente à governação do Paraguai. Território de terra fértil e de grande população indígena, permeada de rios navegáveis e caminhos ancestrais, atual estado do Paraná (Brasil) era, então, limite fronteiriço entre as coroas castelhana e portuguesa, confluência de trânsito e de demanda na defesa da posse e de legitimação dos direitos²²².

Imagem 67: Ruínas da Villa-Rica do Espírito Santo. 1865.



Fonte: KELLER, Joseph. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart525981/cart525981.html. Acesso em: 21 Feb. 2024.

San Joseph era estratégica pois a intenção era que servisse de entreposto para os Jesuítas fazerem o caminho de Santo Inácio a São Francisco Xavier. Aguilar (2002, p. 214, 215):

Na Província de Tucutí os padres Ruiz de Montoya e Mascetta deram início, no mês de maio de 1625, à redução de São José, cujo objetivo principal era assegurar a comunicação entre as reduções do rio Paranapanema e Tibagi, abrindo-se um caminho terrestre entre esta redução e a de Santo Inácio, evitando-se, assim, o percurso fluvial, longo e perigoso, por causa das extensas corredeiras próximas à foz do rio Tibagi. A busca do lugar onde implantar a redução foi muito penosa. Os padres foram acompanhados por um índio principal e seu

²²²Ibidem. p. 11.

filho, fazendo uma viagem «con mui grande trabajo e incomodidad por no aver omino ninguno», maltratados pelas feridas do caminho e pela falta de sol, estabelecendo-se, finalmente, a redução em um riacho (rio Abóbora) afluente do rio Tibagi, reunindo, a princípio poucos índios. Os padres chegaram a propor a transferência dos índios a outras reduções, mas os índios intercederam junto ao padre provincial que não os levassem de suas terras. (AGUILAR, 2002, p. 214 - 215)²²³.

Jaime Cortesão, no livro *Jesuítas e Bandeirantes no Guairá*, reproduz essa parte da carta do Padre Montoya ao Padre Nicolas Duran provincial do Paraguai, narrando a dificuldade para abrir o caminho e fundar San Joseph:

Redução de São José

Não seguindo a ordem de sua fundação, mas sim de sua localização, a terceira redução desta província é a de São José, novamente fundada e situada entre as passadas e a de São Francisco Xavier, sobre a qual falarei em seguida, seguindo os passos de uma viagem que durou seis meses inteiros para estabelecer esta e as outras reduções, o Padre Antônio Ruiz (cujo glorioso trabalho enche os anais passados e enriquecerá os presentes). A ocasião para a fundação desta redução foi a grande importância que os padres reconheceram na comunicação entre São Francisco Xavier e as antigas reduções por terra, pois o rio Tibagi, sobre o qual está localizada, é muito difícil de navegar, como mencionei anteriormente. Assim, o Padre Antônio Ruiz partiu para explorar este caminho com o Padre Simão Mazeta. Os trabalhos que enfrentaram foram descritos pelo próprio Padre em sua carta da seguinte forma:

"No mês de maio passado de 1625, saímos destas reduções o, Padre Francisco Diaz, pelo rio, seguindo na direção da redução de São Francisco Xavier, e o Padre Simão e eu por terra até o Tucuti. Dali, após enviar mensageiros para explorar a terra, recebemos boas notícias, enviando-nos um cacique principal com seu filho e alguns vassallos, com os quais continuamos nossa viagem com grande dificuldade e desconforto, pois não havia estrada alguma, e mal encontrávamos vestígios daquelas que havíamos deixado à frente, marcadas pelos galhos das árvores cortadas pelos índios para sinalizar sua viagem. E pela frescura ou não dessas marcas, sabíamos há quanto tempo os índios haviam passado por ali. Às vezes, devido à espessura da floresta, levávamos três ou quatro horas para percorrer uma quadra. Este medo também era sentido por aqueles que nos acompanhavam, pois, apesar de termos o filho do cacique como garantia, eles não estavam satisfeitos de que seriam bem recebidos, temendo que, para nos atacar, o cacique tivesse enviado seu filho como isca. Todo tipo de maldade e astúcia daquela gente podia ser presumido. Chegamos a uma aldeia onde não havia ninguém, aumentando assim o medo deles. No dia seguinte, partimos dali, feridos pelas feridas causadas pelo caminho ruim, e logo encontramos o cacique, cujo filho tínhamos levado. Ele nos recebeu com amor e nos guiou até sua

²²³ ibidem p. 214 e 215.

aldeia por um caminho que dificilmente poderia ser chamado de caminho, por ser tão fechado pela floresta e cheio de ravinhas. No final do dia, subimos a uma colina onde pudemos ver o sol e respirar um pouco, dali descemos a uma profundidade que me parecia o Limbo, e foi aí que ele queria que fundássemos a aldeia. Não disse nada a ele naquele momento, mas no dia seguinte o persuadi de que não era possível viver naquele lugar, pois não havia onde respirar. Finalmente, procuramos um local mais adequado e o encontramos ao pé de um rio que deságua no Tibagiva, o que facilitará a comunicação com a redução de São Francisco Xavier. Logo, os caciques das terras vizinhas vieram, embora com algum receio de que os levaríamos embora para as reduções antigas. Para dissipar esses temores, providenciamos para que eles fossem bem recebidos e deixamos o Padre Simão lá para começar a instruí-los e reduzir os outros. Esta redução é muito importante para o comércio, juntamente com a de São Francisco Xavier, Nossa Senhora da Encarnação, Tayaova e outras, que, se Deus quiser, a Companhia poderá ter até a carta de até aqui. Quando cheguei para visitar estas reduções, descobri que alguns dos padres estavam insatisfeitos com a redução de São José por não haver muitos índios e por acharem que ela não poderia se sustentar por si só. Por isso, propuseram que os índios que ali estavam fossem levados para as outras reduções. Eles perceberam o que os padres estavam planejando e vieram me suplicar com grande insistência para que não permitisse que fossem retirados de suas terras para outras, nem que os padres os abandonassem, mas que, no local onde estavam, fossem instruídos e batizados. Prometeram ordenar como eu pedisse. E o Senhor São José, que desde o início assumiu esta redução, parece tê-la protegido, pois, além dos mais de duzentos índios já reduzidos, todos cristãos, foram descobertos seis pequenos povoados de índios nas proximidades, e o Padre Antônio me escreve que suspeita que sejam mais de quinze, e todos, com a ajuda de Nosso Senhor e de seu glorioso padroeiro, serão reduzidos a esta aldeia, o que a tornará muito populosa” (CORTESÃO, 1951, p. 229)²²⁴.

É crucial reconhecer que os relatos históricos podem ser influenciados por diferentes perspectivas, interesses e preconceitos dos autores. No caso dos relatos jesuítas é muito comum uma escrita com o objetivo de promover a imagem das missões e justificar a presença deles na região. Portanto, é fundamental examinar criticamente esses documentos e considerar outras fontes e perspectivas para obter uma compreensão mais completa e precisa dos eventos históricos aqui debatidos.

Uma das justificativas para a criação de San Joseph era justamente para proporcionar um caminho por terra de Santo Inácio Mini até São Francisco Xavier pois a dificuldade de navegação na foz do Rio Tibagi, deixava a viagem muito demorada e penosa de forma que quando alcançavam as corredeiras era necessário descarregar os barcos e transpor os obstáculos pela margem do rio. Na visita que fez à Região do Guairá, o Provincial do

²²⁴ CORTESÃO, Jaime. **Jesuítas e Bandeirantes no Guairá 1549-1640**, Organizador, Manuscritos da Coleção de Angelis. Biblioteca Nacional, Divisão de Obras Raras e Publicações, 1951. p. 229.

Paraguai, Padre Nicolas Duran em Carta Ânua²²⁵ datada de 12 de novembro de 1628 relata a situação das Missões nos anos de 1626 e 1627 e cita as dificuldades de navegação no Rio Tibagi, dizendo que:

Depois de visitar as duas reduções, embarquei para visitar a nova redução de São Francisco Xavier. Deixando o rio Paraná à minha esquerda, entrei pelo rio chamado Tivagiba. Quando o rio se estreita, a navegação é fácil, mas quando se alarga, navegar se torna extremamente difícil, pois as balsas e canoas encalham, e os índios as levam escalando as pedras com esforço, e há passagens tão difíceis que às vezes não se percorre mais do que uma légua em um dia, e às vezes encontramos correntezas tão furiosas ao descer que parece impossível subir as balsas. Assim, gastamos 15 dias para percorrer trinta léguas, até chegarmos ao porto, que fica a duas léguas da aldeia. Todos nós caminhamos alegremente, desfrutando da vista de muitos campos muito férteis e dos pinheiros daquela região, que se assemelham um pouco aos da Europa (CORTESÃO, 1951, 216)²²⁶.

O relato acima serve também para esclarecer que Jesuítas, Sertanistas, Espanhol e Indígena preferiam navegar pelos rios e córregos para empreender suas atividades a ter que se embrenhar na mata. Tanto que os arqueólogos quando em trabalho de campo destinam especial atenção às margens dos rios para procurar possíveis portos ou até oficinas de produção de machados e mãos de pilão. O Arqueólogo Miguel Gaisler e a Arqueóloga Cláudia Parellada falaram da importância de investigar as margens do Ribeirão Vermelho perto do local onde foi encontrado San Joseph para saber se existem vestígios de uso do rio para navegação.

Quanto a mata, para se ter uma ideia das dificuldades várias cronistas se referem a ela como um deserto verde, e como exemplo trazemos o relato do Padre Montoya para ilustrar:

²²⁵ Padre Cláudio Aquaviva enviou em setembro de 1598 às diferentes Províncias Jesuíticas uma missiva com diversas orientações para elaboração de uma história geral da Companhia. (...) Foi nesse período que as cartas ânuas - “litterae annuae”- começaram a ser publicadas. Depois de apontar os motivos que presidem a laboração dos relatos históricos, Aquaviva desfiou as instruções. Solicitou aos provinciais que informassem os acontecimentos mais relevantes de suas províncias, que servirão de matéria para a história geral. Recomendou que a narrativa deveria obedecer a uma ordem, começando pelos fatos mais antigos e terminando com os mais recentes. Orientou também que recorressem aos arquivos e as pessoas confiáveis, e que dessem maior atenção aos “asuntos antiquísimos y grandes.” Tudo deveria ser “ratificado e confirmado” respeitando “lugares, tiempos y personas” (BOJORGE 2008, p. 5). Em seguida, Aquaviva propôs um conjunto de temas, dividido em três blocos. O primeiro dizia respeito às atividades dos jesuítas, como as fundações e os progressos dos colégios e casas, os nomes dos fundadores e as respostas que as cidades davam à presença dos jesuítas. O segundo conjunto de temas registraria os sucessos “prósperos y adversos” da Companhia. O terceiro abordaria as virtudes e grandes gestos dos jesuítas mortos, com destaque para a vida santa que cultivaram. Estas orientações e indicações temáticas serviram de norte para a produção historiográfica dos jesuítas. Ao instruir os provinciais sobre os temas merecedores de figurar nos registros históricos, Aquaviva definia os contornos da imagem da Companhia que gostaria de deixar para a posteridade.

OLIVEIRA, Paulo Rogério de Melo. Clio na Companhia de Jesus: Notas sobre a historiografia Jesuítica das Reduções do Paraguai. *Revista de Teoria da História*, Goiás, ano 7, v. 14, n. 2, nov. 2015. P. 79 e 80.

²²⁶ CORTESÃO, Jaime. *Jesuítas e Bandeirantes no Guairá 1549-1640*, Organizador, Manuscritos da Coleção de Angelis. Biblioteca Nacional, Divisão de Obras Raras e Publicações, 1951. p. 216.

Vivi todo o tempo indicado na Província do Paraguai e por assim dizer no deserto, em busca de feras, de índios bárbaros, atravessando campos e transpondo selvas ou montes em sua busca para agregá-los ao aprisco da Santa Igreja e ao serviço de Sua Majestade. E de tais esforços, unidos aos de meus companheiros, consegui o surgimento de treze "reduções" ou povoações. Foi, em suma, com tal afã, fome, desnudez e perigos frequentes de vida, que a imaginação mal consegue alcançar. Certo é que nessa ocupação exercida parecia-me estar no deserto. Porque, ainda que aqueles índios que viviam de acordo com os seus costumes antigos em serras, campos, selvas e povoados, dos quais cada um contava de cinco a seis casas, já foram reduzidos por nosso esforço ou indústria a povoações grandes e transformados de gente rústica em cristãos civilizados com a contínua pregação do Evangelho (MONTROYA, 1997, p. 18)²²⁷.

Guzman (1882, p. 27 - 28) da sua contribuição para explicar o Guairá daquela época conforme descreve:

Três léguas más arriba está fundada una ciudad, que llaman Ciudad Real, en la boca de un río que se dice Pequiri; esta en el mismo Trópico de Capricornio, por cuya causa es lugar enfermísimo, y lo es todo lo mas del río y provincia que llaman de Guairá, tomando el nombre de un cacique de aquella tierra. Doce léguas más adelante entran dos ríos, el uno a mano derecha, que se dice Ubay, y el otro la izquierda, llamado Muñu, que baja de la Provincia de Santiago de Jerez, de la cual y su población, a su tiempo se hará mención. El otro viene de hacia el este, donde está fundada 50 leguas por el adentro, la Villa Rica del Espíritu Santo, en cuya jurisdicción y comarca hay más de 200 mil indios Guaraníes poblados, así por ríos y montañas, como en los campos y piñales (GUZMAN, 1882, p. 27 – 28)²²⁸.

Cardoso (1938, p. 97) nomina as cidades e missões do Guairá conforme segue:

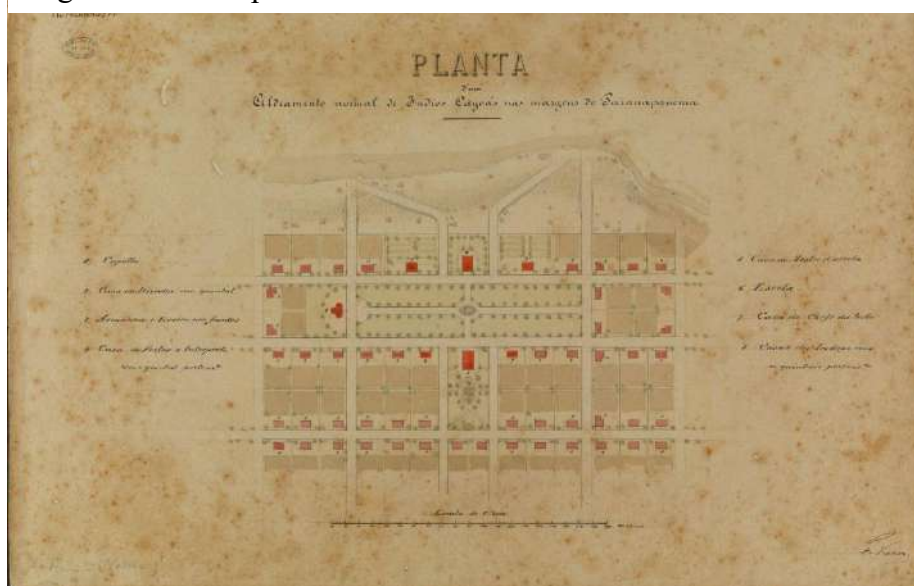
En el año de 1630, la Provincia del Guairá tenía dos ciudades de españoles, la Villa Rica Del Espíritu Santo y la Ciudad Real, con una población de ciento cincuenta y cincuenta almas respectivamente, gobernadas por un Teniente Gobernador, con sus "respectivos Cabildos o Ayuntamiento, y doce reducciones religiosas: la Virgen de Loreto (fundada en 1610), San ignácio (1610), San Francisco Javier (1622), San José (1625), Encarnación (1625), San Pablo (1626), Arcángeles (1627), Concepción (1627), San Miguel (1626), San Antonio (1627), Santo Tomás (1628), Jesús y María (1630), de las cuales, las dos primeras eran las principales, capitales y centros de actividad de las Misiones (CARDOSO, 1938, p. 97)²²⁹.

²²⁷MONTROYA, Antonio Ruiz. **Conquista Espiritual feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape**. Tradução: Arnaldo Bruxel, Arthur Rabuske, 2 ed - Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997, 296p; p. 18.

²²⁸ GUZMÁN, Ruy Diaz. **Argentina. História Del Descubrimiento, Conquista Y Población Del Río De La Plata 1612**. Buenos Aires 1882 p. 27 e 28.

²²⁹ CARDOSO, Ramón I. **El Guairá: História de la Antigua Provincia 1554-1676**. Librería y Casa Editora - 1938 (baixada da Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai www.etnolinguistica.org). p. 97.

Imagem 68: Planta d'um Aldeamento normal de Índios Cayoás nas margens do Paranapanema.



Fonte: KELLER, Franz:

http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=35596. Acesso em: 21 Feb. 2024.

5.5 Paulistas: Caçadores de esmeraldas, ouro e índios

Apesar das coroas de Espanha e Portugal estarem unida, naquilo que ficou conhecido como União Ibérica (1580-1640), nas colônias as disputas e conflitos eram recorrentes, principalmente com as investidas de paulistas nas terras do Guairá caçando esmeralda, ouro e índios, para serem levados para São Paulo, São Vicente e outros centros urbanos.

Los "cazadores de esmeraldas" y más tarde de "índios" desempeñaron, al sentir de los historiadores brasileños, papel importantísimo en la formación del país de ellos; hicieron lo que no ejecutaron los amos europeos enseñorearse de la costa del Atlántico. "¿Qué sería el Brasil sin las entradas?., Se pregunta Taunay: "estrangulado por el meridiano de Tordesillas, reducido a menos de un tercio del que lo es" contesta (TAUNAY, 1938, p. 132)²³⁰.

A destruição (evacuação segundo Cardoso, 1938) da Missão Jesuítica de San Joseph ocorreu em 1631 no contexto das incursões das chamadas bandeiras paulistas ou vicentinas que, habituadas a percorrer o território guairenho, disseminaram por toda a região o terror e a

²³⁰ TAUNAY, Affonso. **Índios, Ouro, Pedra**, in: CARDOSO, Ramón. **El Guairá**. Historia de la antigua provincia - 1554-1676. - Buena Ayres, Jesus· Menendu, 1938.

destruição. Na linguagem do padre Ruiz de Montoya no momento em que se buscava penetrar nas grandes províncias de gentios, chegou à catástrofe: “llego el juízo final de aquellas reducciones, y de las esperanzas que auia de hazer otras” (AGUILAR, 2002, p. 257)²³¹.

Os bandeirantes paulistas capturavam índios Guarani já na metade do século XVI, para vendê-los para trabalhos domésticos e agrícolas. Em 1627, com a bandeira comandada por Raposo Tavares, ocorreu a destruição da primeira missão jesuítica, Santo Antônio; e daí por diante as outras foram sendo sucessivamente arrasadas pelos paulistas, ou abandonadas pelos índios e jesuítas até 1631 (PARELLADA, 2011, p. 16)²³².

Imagem 69: Desenho: Dois Bandeirantes, realizado pelo artista Belmonte (Benedito Carneiro Bastos Barreto).

NO TEMPO DOS BANDEIRANTES

177



Fonte: BELMONTE (Benedito Carneiro Bastos Barreto). No tempo dos bandeirantes, a vila de São Paulo no século XVII São Paulo: Prefeitura de São Paulo, 1939. (Col. Depto de Cultura, 24). p. 177.

²³¹ AGUILAR, Jurandir Coronado. **Conquista Espiritual. A História da Evangelização na Província do Guairá na obra de Antonio Ruiz de Montoya S.I. (1585-1652).** Pontifícia Università Gregoriana Roma 2002. p. 257.

²³² PARELLADA, Claudia Inês. Resistência e mudança Guarani: uma linguagem visual nas Missões Jesuíticas do Guairá (1610-1631) IX RAM – **Reunião de Antropologia do Mercosul:** “Culturas, encontros e desigualdade” GT48 - Pensando na mudança entre eles Guarani: situações, contextos e escalas de análise Curitiba –Paraná (Brasil), 10 a 13 de julho de 2011 p. 16.

²³³Nota: A generalização do gibão como vestimenta do bandeirante, convenção que fora estabelecida por lugares de memória instituídos ou chancelados pelo Estado, ganhou força e consagração muito maior por meio das artes gráficas, com amplo uso no mercado editorial em função da generalização de publicações ilustradas que se processou a partir da década de 1910. Benedito Carneiro Bastos Barreto, o Belmonte, foi um dos artistas gráficos responsáveis pela difusão do gibão como a “armadura” que caracterizava os sertanistas, especialmente por meio

Para boa parte da sociedade brasileira o paulista/bandeirante é apresentado como herói da nação, responsável pelo avanço para o interior e o estabelecimento das fronteiras nacionais e a fabricação desta imagem aconteceu principalmente durante a gestão de Afonso d'Escagnolle Taunay (1917-1945) a frente do Museu Paulista que encomendou muitas obras de artes criando assim representações de tipos heroicizados, como definição dos desbravadores brasileiros. Assim, as imagens dos Bandeirantes apresentadas nesta dissertação, não representam o caçador de esmeraldas, ouro e de índios descritos por Montoya. Eles são uma criação concebida por Belmonte, a partir do projeto de Taunay que segundo Brefe, o objetivo era “contar a história da constituição da nação brasileira sob o ponto de vista de São Paulo, isto é, como resultado do esforço paulista desde os primórdios da colonização”²³⁴

Em carta ao Provincial Nicolas Duran em 1628 Montoya desabafa sobre a falta de proteção contra os ataques que sofrem dos portugueses de um lado e os espanhóis do outro:

Y yo muy desengañado de que los españoles no nos han de ayudar (...). Cosa, porque ni quieren ni pueden y así este v. R. Certíssimo de que ni contra los portugueses, ni contra los indios an de haçer en nuestra ayuda cosa ninguna. Muestran buenos deseos v descubren malos efectos, diçen buenas palabras y hacen malas obras, y mostrándose amigos de la compañía impiden nuestros ministerios (cortesão, 1951, p. 287)²³⁵.

Para se ter uma idéia do que representou as ações dos paulistas Monteiro (1994, p.79) conta que houve, entre 1628 e 1630, o transporte de cerca de 50 mil índios do Guairá para São Paulo, sendo que os irmãos André, Domingos e Baltasar Fernandes, alguns dos chefes da invasão do Guaíra, com a cota na partilha dos índios formaram a base das vilas paulistas de Parnaíba, Itu e Sorocaba. (PARELLADA, 2011, p. 16)²³⁶.

Parellada (2011, p. 16) narra que na bandeira de 1628, Manuel Preto, um dos mais ativos naquela região, acabou sendo morto, o que provocou uma reação de grandes proporções comandada por Raposo Tavares que assolou o Guairá em 1631 (Parellada, 2009)

de sua obra *No tempo dos bandeirantes*, publicada em 1939 e reeditada quatro vezes até 1948. Nela, Belmonte figura o bandeirante com a iconografia fixada pelas obras do Museu Paulista e pelo monumento de Zadig, em que o gibão de armas aparece juntamente com os bacamartes, chapéus de abas largas e botas, além das couras de anta. Marins, Paulo. (2020). **Uma personagem por sua roupa: o gibão como representação do bandeirante paulista**. Tempo. 26. 404-429. p. 417.

²³⁴ BREFE, Ana Cláudia Fonseca. **O Museu Paulista**. Afonso de Taunay e a memória nacional. Editora Unesp, 2005. pg 25.

²³⁵ CORTESÃO, Jaime. **JESUÍTAS E BANDEIRANTES NO GUAIRÁ 1549-1640**, Organizador, Manuscritos da Coleção de Angelis. Biblioteca Nacional, Divisão de Obras Raras e Publicações, 1951. p. 287.

²³⁶ PARELLADA Claudia Inês. Resistência e mudança Guarani: uma linguagem visual nas Missões Jesuíticas do Guairá (1610-1631) IX RAM – **Reunião de Antropologia do Mercosul**: “Culturas, encontros e desigualdade” GT48 - Pensando na mudança entre eles Guarani: situações, contextos e escalas de análise Curitiba –Paraná (Brasil), 10 a 13 de julho de 2011 p. 16.

Imagem 70: Desenho: Bandeirante com gualteira de couro de anta, gibão de armas, rodela, espada, arcabuz e forquilha, realizado pelo artista Belmonte (Benedito Carneiro Bastos Barreto).



Fonte: BELMONTE (Benedito Carneiro Bastos Barreto). No tempo dos bandeirantes, a vila de São Paulo no século XVII São Paulo: Prefeitura de São Paulo, 1939. (Col. Departamento de Cultura, 24) p. 241.

Contextualizando o tamanho das bandeiras empreitadas pelos paulistas no Guaíra, reproduzimos a seguir um trecho de uma carta enviada ao Rei e ao Provincial Francisco Vazques de Trujillo datado de 10 de agosto de 1629, onde os Padres Justo Mancill e Simão Masseta faziam uma descrição da ação e dos estragos causados pela grande bandeira de Raposo Tavares.

[...] No início do mês de agosto de 1628, saíram da vila de São Paulo até novecentos portugueses com espingardas, espadas, lanças, rodela, facões e muita munição de balas, pólvora e outras armas, acompanhados por dois mil e duzentos índios anteriormente capturados injustamente, entre eles os dois juizes da mesma vila de São Paulo, Sebastião Fernandes Camacho e Francisco de Paiva, dois vereadores, Maurício de Castilho e Diego Barbosa, o Procurador do Conselho, Cristóvão Mendes, o filho, genro e irmão do mesmo ouvidor da vila, Amador Buenos; e da vila de São Ana de Parahyba, que fica a sete léguas de São Paulo, o Capitão André Fernandes e o juiz Pedro Álvares, seu genro, de modo que em São Paulo, fora dos velhos que pela sua velhice não podiam ir, mal ficaram 25 homens capazes de pegar em armas (CORTESÃO, 1951, p. 311)²³⁷.

Imagem 71: Desenho de um Arcabuzeiro realizado pelo artista Belmonte (Benedito Carneiro Bastos Barreto).



Arcabuzeiro

Fonte: BELMONTE (Benedito Carneiro Bastos Barreto). *No tempo dos bandeirantes, a vila de São Paulo no século XVII* São Paulo: Prefeitura de São Paulo, 1939. (Col. Departamento de Cultura, 24). p. 203.

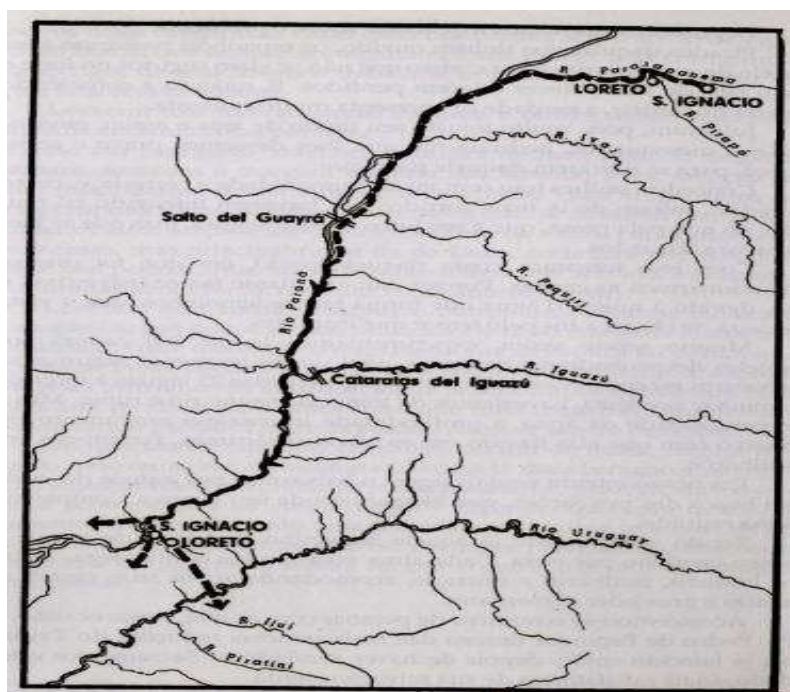
No ano de 1932, o Bispo de Assunção Fray Cristóbal de Aresti foi fazer uma visita pastoral ao Guairá. Era a primeira visita de uma chefe da igreja àquela província e a última. Mas foi com tanta má sorte que a presença dele coincidiu com as grandes invasões dos mamelucos a mando do célebre chefe dos “caçadores de índios” Antônio Raposo Tavares.

²³⁷ CORTESÃO, Jaime. **JESUÍTAS E BANDEIRANTES NO GUAIRÁ 1549-1640**, Organizador, Manuscritos da Coleção de Angelis. Biblioteca Nacional, Divisão de Obras Raras e Publicações, 1951. p. 311.

Sem esperanças para lograr êxito no embate, o Bispo ordenou o abandono do Guairá para radicar-se na banda oriental do Paraná (TAUNAY, 1938)²³⁸.

Montoya relata que as sentinelas que estavam a postos deram aviso da vinda do inimigo e devido a isso começou a movimentação para o abandono do Guairá. Outro fator que contribui para o fato foi uma notícia da justiça da Cidade de Guaíra²³⁹ pedindo que eles mudassem aquela gente, visto que eles (os guairenhos), por causa de suas forças, não podiam ajudar contra um inimigo tão poderoso. O ruído das ferramentas, a pressa e a confusão, davam a impressão de aproximar-se do juízo final. Fabricaram 700 balsas, sem contar canoas soltas em quantidade, embarcando-se nelas mais de 12.000 almas as quais importam nas únicas a escaparem deste tão tempestuoso dilúvio²⁴⁰.

Imagem 72: A retirada dirigida por Montoya: com cerca de 12.000 índios (crianças, jovens, mulheres e adultos) pelo longo caminho percorrido pelos rios Paranapanema alcançando o lado oriental do rio Paraná.



Fonte: MONTOYA, Antonio Ruiz. **Conquista Espiritual feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape**. Tradução: Arnaldo Bruxel, Arthur Rabuske, 2 ed. - Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997, p. 155.

²³⁸ TAUNAY, Affonso **Índios, ouro e pedra** - História de la Conquista del Paraguay, por El P Lozano. Tomo 3º p. 481. In CARDOSO, Ramón. **El Guairá**. Historia de la antigua provincia - 1554-1676. - Buena Ayres, Jesus· Menendu, 1938.

²³⁹ Montoya afirma que o requerimento foi repleto de dolo e engano pois os espanhóis tinham também a intenção de capturar e aprisionar os indígenas. MONTOYA, Antonio Ruiz. **Conquista Espiritual feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape**. Tradução: Arnaldo Bruxel, Arthur Rabuske, 2 ed - Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997 p. 150

²⁴⁰ Ibidem p. 150, 151, 152.

O grupo em fuga sai pelo Rio Paranapanema, alcançam o Rio Paraná e Montoya (1997) narra que quando tudo parecia estar resolvido na grande fuga pelo rio Paraná, até que veio o aviso que os espanhóis, moradores de Guaíra, estavam aguardando num espaço estreito e perigoso, próprio do célebre Saldo do Paraná, em cuja ribanceira eles haviam levantado uma fortaleza de troncos, visando, impedir a passagem e cativar os indígenas²⁴¹.

Coube aos padres a missão de conversar os espanhóis em permitir a passagem para seguirem a difícil jornada. Depois de várias negociações deixaram os espanhóis os palanques da tocais que haviam armado para liberar a passagem para o grupo.

Cardoso afirma que:

Ao se aproximar das Cataratas do Salto, tiveram que desembarcar em terra firme para contornar os obstáculos. Divididos em grupos, cada um liderado por um jesuíta, desceram a encosta da catarata, levando oito dias para percorrer as catorze léguas da travessia. Nessa jornada, a mais penosa, muitos idosos e crianças faleceram, incapazes de suportar o cansaço, a fome e a sede. Já na planície, construíram novas canoas de troncos de árvores para se lançarem novamente no Paraná. Por três meses, alimentaram-se apenas de frutas silvestres até receberem auxílio das Missões do Paraná. Os indígenas pereciam de fome, sede e exaustão. As doenças os dizimavam. Contudo, a caravana humana continuava avançando, encorajada por seus líderes religiosos e impulsionada pelo terror instilado pelos bárbaros, mais bárbaros que eles, os mamelucos (CARDOSO, 1938, p. 145 – 146).

Em Acatay, seiscentas pessoas faleceram, sendo presa fácil para os tigres da selva. Conforme relata Techo, "das treze mil pessoas que saíram do Guairá fugindo dos mamelucos, apenas quatro mil permaneceram no ano seguinte" (CARDOSO, 1938, p. 145 – 146)²⁴².

Parellada narra que:

Com a bandeira de 1632, Villa Rica foi sitiada por três meses e seus moradores acabaram se transferindo para a banda ocidental do rio Paraná, com alguns villarriquinhos mudando-se para São Paulo (Parellada, 1993). Com o cerco de Villa Rica, os habitantes de Ciudad Real abandonaram a cidade, ficando o Guairá sem núcleos de colonização européia, e os paulistas continuaram transitando naquela região até o sul do Uruguai, para capturar indígenas (PARELLADA, 2011, p. 16)²⁴³.

²⁴¹ MONTROYA, Antonio Ruiz. **Conquista Espiritual feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape**. Tradução: Arnaldo Bruxel, Arthur Rabuske, 2 ed - Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997 p. 153, 154.

²⁴² CARDOSO, Ramón. **El Guairá**. Historia de la antigua provincia - 1554-1676. - Buena Ayres, Jesus· Menendu, 1938.

²⁴³ PARELLADA Claudia Inês. Resistência e mudança Guarani: uma linguagem visual nas Missões Jesuíticas do Guairá (1610-1631) IX RAM – **Reunião de Antropologia do Mercosul**: “Culturas, encontros e desigualdade” GT48 - Pensando na mudança entre eles Guarani: situações, contextos e escalas de análise Curitiba –Paraná (Brasil), 10 a 13 de julho de 2011 p. 16.

Aguilar (2002 p. 269) pontua que:

a ação impetuosa e devastadora dos paulistas atingiu um duplo resultado: devastaram as reduções jesuíticas na Província Guairá e expulsaram os castelhanos para além do rio Paraná. Nesta história de expansão e violência paulista, os jesuítas não titubearam em apontar o principal promotor ou, no mínimo, o verdadeiro cúmplice da agressão dos bandeirantes: o governador do Paraguai, dom Luis de Céspedes Xeria. Requerer a imediata intervenção das autoridades da Coroa Real foi a única esperança dos missionários para, como concluem os padres Van Suerck e Mascetta na relación de los agravios, garantir a salvação «nuestra y destes pobres yndios desamparados de todo el mundo», remediar «tan abominables agravios» e «impedir los venideros», não ficando «serrada la puerta para la predicacion dei santo evangelio a tan numerosa gentilidad» (AGUILAR, 2002, p. 339)²⁴⁴.

Taunay (1975) afirma que:

Vitoriosas no Guairá continuavam as bandeiras na faina do combate ao domínio jesuítico espanhol. Voltara-se para Sul de Mato Grosso, para o Itatim (...) Onde as reduções de San José, Angeles, San Pedro e San Pablo achavam-se praticamente aniquiladas e (...) Em 1636 a primeira grande entrada paulista ocorreu em território sul-rio-grandense no Tape, com Raposo Tavares a frente de 150 brancos e 1.500 tupis (TAUNAY, 1975, p. 56 - 58)²⁴⁵.

5.6 Luta e resistência de um povo

Encerrado o capítulo trágico da história dos Guarani no que fora o Território do Guairá, tem início uma outra fase da história indígena na região. A partir da primeira metade do século XVIII, outras tribos começam a ocupar a região. São os grupos Jê abrindo um outro capítulo da saga da presença/resistência indígena no Paraná (MOTA, 2008)246.

Após o ataque dos bandeirantes e a destruição das reduções e dos povoados espanhóis, conseqüentemente sucedeu-se o abandono de toda a região ocidental do Estado do Paraná, praticamente por mais de um século. Sem os índios, não tendo nem ouro nem prata, perdeu-se a atração. Uma presença portuguesa constatava-se na região litorânea, em Paranaguá e Curitiba²⁴⁷, sendo que no ano de 1686 o litoral foi assolado por uma grande peste

²⁴⁴ AGUILAR, Jurandir Coronado. **Conquista Espiritual**. A História da Evangelização na Província do Guairá na obra de Antonio Ruiz de Montoya S.I. (1585-1652). Pontificia Università Gregoriana Roma 2002. p. 269, apud CORTESÃO, Jaime. **JESUÍTAS E BANDEIRANTES NO GUAIRÁ 1549-1640**, Organizador, Manuscritos da Coleção de Angelis. Biblioteca Nacional, Divisão de Obras Raras e Publicações, 1951 p. 339.

²⁴⁵ TAUNAY, Afonso d'Escagnolle, 1876-1958. **História das Bandeiras Paulistas**. 3 ed. São Paulo, Melhoramentos; Brasília 1975. p. 56,57,58.

²⁴⁶ MOTA, Lúcio Tadeu. **As guerras dos índios Kaingang**: a história épica dos índios Kaingang no Paraná (1769-1924) / Lúcio Tadeu Mota, apresentação de Carmem Sylvia de Alvarenga Junqueira. -- 2. ed. rev. e ampl. -- Maringá: Eduem, 2008.298 p.: il., fotos., mapas p. 90.

²⁴⁷ Curitiba foi elevada à categoria de Vila a 29 de março de 1693, sendo sede de comarca pelo Alvará Imperial de 19 de dezembro de 1812, e elevada à categoria de cidade a 5 de fevereiro de 1842. Com a criação da

(AGUILAR, 2002)²⁴⁸.

A concepção de abandono da região do antigo Guairá gerou a noção de um vazio demográfico, alimentando um discurso que perdura até os dias atuais: a ideia de que nessa área não havia nada, apenas vastas extensões de terras abandonadas ou devolutas, prontas para serem ocupadas e colonizadas.

Porém no seio da comunidade acadêmica do Paraná, principalmente Universidade Estadual de Londrina e Universidade Estadual de Maringá, vão surgir diversos historiadores que assumem o desafio de reanalisar a historiografia da região norte para ao final iniciar um movimento no sentido de combater essa ideia de vazio demográfico. Assim Mota (2008) pontua que

Os agentes dessa projeção são vários: a história oficial das companhias colonizadoras; as falas governamentais e sua incorporação nos escritos que fazem a apologia dessa colonização exaltando seu pioneirismo; os geógrafos que escreveram sobre a ocupação nas décadas de 30 a 50 do século XX; a historiografia sobre o Paraná produzida nas universidades e, por fim, os livros didáticos, que são uma síntese das três fontes, repetindo para milhares de estudantes do Estado a ideia da região como um imenso vazio demográfico, até o início da década de 30 deste século, quando começa, então, a ser colonizada (MOTA, 2008, p. 19)²⁴⁹.

Contribuindo com a análise acima, Tommasino (1995, p. 147) afirma que:

[...] a historiografia oficial "esvaziou" as terras habitadas pelos indígenas entre 1641 e 1700 e produziu um marco zero para "explicar" a colonização. Por outro lado, percebe-se que essa mesma historiografia reconhece a presença espanhola no Paraná e só por isso as missões jesuíticas aparecem no mapa. A presença indígena está negada porque a história oficial²⁵⁰ é a da

Província do Paraná, cuja população não ultrapassava 63 mil habitantes, pela Lei Imperial de 20 de agosto de 1853, Curitiba foi elevada à categoria de capital, a 26 de julho de 1854. Neste período a Província do Paraná constava de duas cidades (Curitiba e Paranaguá), sete vilas (Guaratuba, Antonina, Morretes, São José dos Pinhais, Lapa, Castro e Guarapuava), seis freguesias (Campo Largo, Palmeira, Ponta Grossa, Jaguariaíva, Tibagi e Rio Negro) e quatro capelas curadas (Guaraqueçaba, Iguazu, Votuverava e Palmas). No primeiro censo geral realizado no Brasil, em 1872, a Província do Paraná apresentava uma população de 126.692 pessoas: livres — 116.132 (59.308 homens e 56.828 mulheres), escravos — 10.560 (6.506 homens e 5.054 mulheres). Informações básicas: J.A. CARDOSO — C.M. WESTPHALEN, Atlas histórico; J.C.V. FERREIRA, O Paraná.

²⁴⁸ AGUILAR, Jurandir Coronado. **Conquista Espiritual**. A História da Evangelização na Província do Guairá na obra de Antonio Ruiz de Montoya S.I. (1585-1652). Pontifícia Università Gregoriana Roma 2002. p. 14.

²⁴⁹MOTA, Lúcio Tadeu. **As guerras dos índios Kaingang**: a história épica dos índios Kaingang no Paraná (1769-1924) / Lúcio Tadeu Mota, apresentação de Carmem Sylvia de Alvarenga Junqueira. -- 2. ed. rev. e ampl. -- Maringá: Eduem, 2008.298 p.: il., fotos., mapas p. 19.

²⁵⁰ A autora faz uma ressalva para algumas caso como por exemplo o caso do Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense. A revista contém textos que reconstituem os aldeamentos indígenas do Estado e tem sido uma das poucas fontes que sistematizam o processo que envolve as populações indígenas. Leônidas Boutin faz uma reconstituição de todos os aldeamentos indígenas paranaenses e apresenta alguns quadros comparativos da população nacional, africana e indígena aldeada, de forma a podermos delinear o

sociedade ocidental. Reconhecer a presença das sociedades indígenas representaria o reconhecimento dessas nações. Portanto, os mapas expressam essa operação de "apagamento" dos índios ao mesmo tempo que expressam a evidência da presença da população ocidental²⁵¹.

Nesse sentido, Romário Martins (1995) nos alerta que:

O território paranaense não foi habitado somente por tupis-guaranis e suas variedades etnográficas, e até foi, depois das invasões e destruição do Guairá, dominado mais vasta, embora menos volumosamente pelo Crens (Caingangos e suas variedades) e pelo Gês (Botocudos). Desbaratadas, no segundo século do descobrimento, as populações guaranis aldeadas pelos jesuítas e escravizadas pelos castelhanos no sertão entre os rios Tibagi, Paranapanema e Paraná, começaram, tempos depois, a se infiltrar nesse sertão e no de Palmas, ao sul do Iguaçu, as hordas dos Caingangos (MARTINS, 1995, p. 130)²⁵².

Imagem 73: Cândido Cayoá: Aldeamento do Paranapanema (S. Ignacio).



Fonte: KELLER, Franz.

http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=35581.

Acesso em: 21 Feb. 2024.

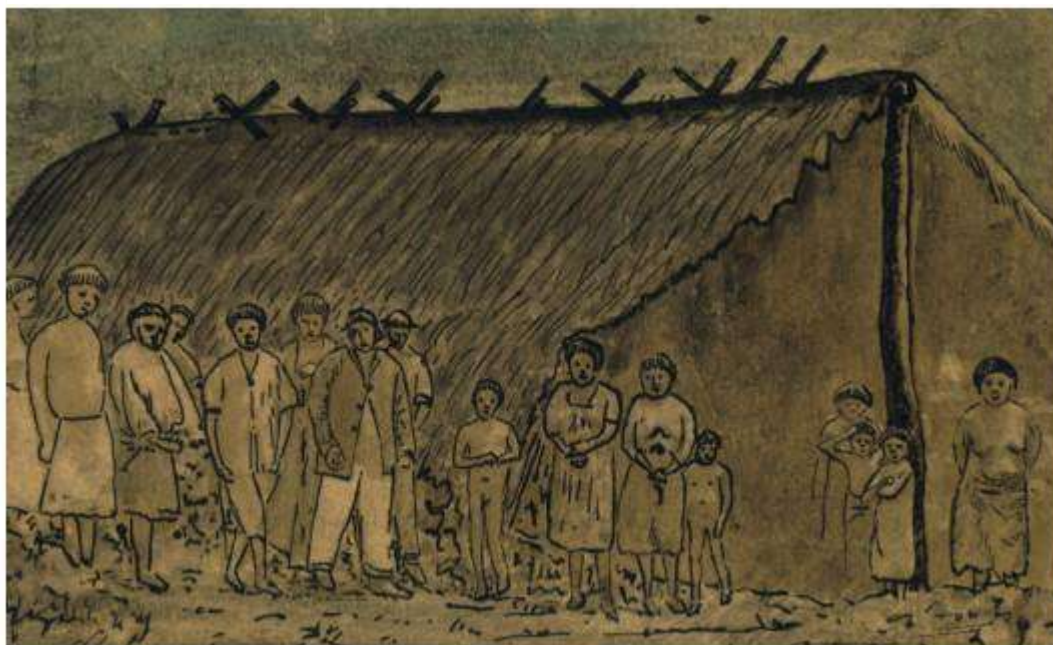
movimento dos três grupos no Paraná, não apenas quanto à densidade demográfica, mas também quanto à produção, educação, batizados e casamentos de pessoas indígenas e nacionais, até os primeiros anos deste século. TOMMASINO, Kimiye. **A História Dos Kaingáng Da Bacia Do Tibagi:** Uma Sociedade Jê Meridional em Movimento. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. USP 1995 p. 147.

²⁵¹ Ibidem p. 147.

²⁵² MARTINS, Romário. 1874-1948. **História do Paraná**, Curitiba: Travessa dos Editores, 1995. p. 130.

Tommasino (1995 pág 61) traz importante contribuição ao explicar que depois da destruição das reduções, é possível que muitos grupos tenham se dispersado pela região, voltando à vida livre nas florestas. A maioria dos índios foi levada como mão-de-obra escrava, outros fugiram para o sul do país onde os jesuítas fundaram novas reduções e uma minoria certamente permaneceu, apesar da afirmação de Wachowicz de que a região voltou a ficar abandonada. Nossa interpretação é que os índios (Guarani e Jê) retornaram à vida livre, com predominância da expansão Kaingáng que, fugindo das frentes de ocupação luso-brasileira do Leste para o oeste, foram empurrados para o interior, isto é, em direção ao rio Paraná e depois, para o sul. Os dados históricos indicam que muitos Guarani (Kayoá e Ñandeva) (...) vieram da imigração patrocinada pelo Barão de Antonina ou são remanescentes dos movimentos messiânicos dos Guarani no século XIX e XX. Mas grupos como os Xetá ainda merecem estudos específicos de etno-história²⁵³.

Imagem 74: Toldo Kaingang do líder Jongho, no Vale do Piquiri.



Fonte: Elaborado, em 1885, pela expedição de Nascimento (1886), Acervo: Museu Paranaense. PARELLADA, Claudia Inês. **Arqueologia Do Peabiru:** Entrelaçando caminhos e conflitos. *Habitus*, Goiânia. V 19 nº 2 p 276-301 ago/dez 2021. p. 290.

Os povos indígenas sempre representaram uma ameaça aos governos e aos adeptos do desenvolvimentismo e quando esses grupos convergem em seus interesses podemos esperar as ações mais brutais, a ponto de atuar contra os povos primitivos para subjugar,

²⁵³ TOMMASINO, Kimiye. **A História Dos Kaingáng Da Bacia Do Tibagi:** Uma Sociedade Jê Meridional em Movimento. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. USP 1995. p. 61.

escravizar ou exterminar. Como melhor nos explica Tomazi (1997 pág 102): Mas o mais significativo na esteira do contato, no sentido da conquista dos territórios Kaingang, aparece através de um documento. Este documento, o mais importante que podemos assinalar no período anterior ao processo de (re)ocupação efetiva das terras da região em estudo, é a Carta Régia de 05 de novembro de 1808, assinada por D. João, e encaminhada a Antonio José da França e Horta, Capitão General da Capitania de São Paulo, que permite esclarecer, sem sombra de dúvida, uma declaração de guerra contra os índios, principalmente aos Xokleng e Kaingang dos atuais estados do Paraná e Santa Catarina. É aquele momento em que o índio é reconhecido como um povo, uma nação, mesmo que seja em condições de aniquilamento²⁵⁴.

D. João afirma que sendo servido por estes e outros justos motivos, que por si só fazem suspender os efeitos de humanidade que com eles tinha mandado praticar anteriormente, ordena em seu primeiro item que²⁵⁵:

[...] Deveis considerar como principada a guerra contra estes bárbaros índios; que deveis organizar em corpos aqueles Milicianos de Curitiba e do resto da Capitania de São Paulo que voluntariamente quizerem armar-se contra elles, e com a menor despeza possível da minha Real Fazenda, perseguir os mesmos índios infestadores do meu território; procedendo a declarar que todo Miliciano, ou qualquer morador que segurar algum destes índios, poderá considerá-lo por quinze annos como prisioneiro de guerra, destinando-os ao serviço que mais lhe convier; tendo porém todo o cuidado em fazer conhecer entre os mesmos índios, que aquelles que quizerem aldear e viver debaixo de suave jugo das minhas Leis, cultivando as tenras que se lhes aproximarem, já não só não ficarão sujeitos a serem feitos prisioneiros de guerra, mas serão considerados cidadãos livres e vassallos especialmente protegidos por mim e por minhas Leis, protetoras de sua segurança e de sua propriedade²⁵⁶.

Com o passar do tempo muitos viajantes e aventureiros vão registrar a presença dos indígenas, seus costumes e tradições e esses relatos são fundamentais para demonstrar a luta e a resistência indígena frente a todas as ações cujo objetivo era expropriá-los, escravizá-los e exterminá-los. Mota em apertada síntese apresenta um rol de viajantes que tiveram contato com indígenas conforme segue:

No dia oito de janeiro de 1772, logo de manhã, os Kaingang dos campos de Guarapuava fizeram uma visita ao acampamento da expedição do tenente-coronel Afonso

²⁵⁴ TOMAZI, N. D.. “Norte do Paraná”: Histórias e fantasmagorias. Tese (Doutorado em História) - UFPR, Curitiba, 1997; p. 102.

²⁵⁵ TOMAZI, N. D.. “Norte do Paraná”: Histórias e fantasmagorias. Tese (Doutorado em História) - UFPR, Curitiba, 1997; p. 103.

²⁵⁶ A transcrição desta Carta Régia está em SANTOS, Sílvio Coelho dos (1978, p. 19 e ss.).

Botelho, que estava acampada nas margens do rio Jordão, bem no centro dos referidos campos (BOTELHO, *apud* MOTA, 2008, p. 95)²⁵⁷.

Em dezembro de 1773, uma nova expedição militar comandada pelo capitão Paulo Chaves penetra nos territórios Kaingang de Guarapuava (...) chegam a um grande alojamento Kaingang, constituído de várias moradias: “Acomodar-se-iam nestes sete ranchos de quatrocentas pessoas para cima, não só julgando pelos que viram fugir como pelas camas, que d’ua, e outra parte de dentro dos ranchos se viram” (BOTELHO, *apud* MOTA, 2008, p. 95)²⁵⁸.

Em maio de 1809, o Príncipe Regente volta a escrever para o governador da província de São Paulo, Antônio José da França Horta, saudando-o pelas medidas tomadas para “[...] dar início princípio ao grande estabelecimento de Povoar os Campos de Goarapuava de Sivilisar os Indios Barbaros que infestão aquele” (*apud* MOTA, 2008, p. 96)²⁵⁹.

A 2 de julho de 1810, sob um frio rigoroso, a grande expedição de Diogo Pinto chega ao lugar denominado Atalaia, no centro dos campos de Guarapuava. Encontraram poucos índios na localidade. Apenas no dia 16 de julho do mesmo ano é que se aproximou do acampamento uma patrulha de reconhecimento Kaingang com cerca de 30 ou 40 índios (FRANCO, *apud* MOTA, 2008, p. 97)²⁶⁰.

A presença indígena no Paraná também é registrada por Saint-Hilaire em 1820. Nas imediações do rio Jaguariaíva, na estrada para São Paulo, ao norte da vila de Castro (*apud* MOTA, 2008 p 98)²⁶¹.

Em 1845, o barão de Antonina envia seus homens para explorar os territórios adjacentes aos rios Paranapanema, Tibagi, Paraná e Ivaí. No dia 28 de outubro de 1845, encontram um alojamento Kaingang. Pela quantidade de camas de palha encontradas nos ranchos, julgam serem cerca de duzentos e cinquenta (*apud* MOTA, 2008)²⁶².

²⁵⁷ Cf. Afonso BOTELHO. Anais p. 42. *apud* MOTA, Lúcio Tadeu. **As guerras dos índios Kaingang**: a história épica dos índios Kaingang no Paraná (1769-1924) / Lúcio Tadeu Mota, apresentação de Carmem Sylvia de Alvarenga Junqueira. -- 2. ed. rev. e ampl. -- Maringá: Eduem, 2008. p. 95.

²⁵⁸ Cf. Afonso BOTELHO. Anais p. 60. (*apud* MOTA, 2008, p. 95).

²⁵⁹ 138 Carta Régia de 1 de abril de 1809. In: Romário MARTINS. Documentos Comprobatórios, v II, p.81. (*apud* MOTA, 2008, p. 96).

²⁶⁰ Arthur Martins FRANCO. Diogo Pinto e a Conquista de Guarapuava. 1943, p. 94. *Apud* (*apud* MOTA, 2008, p. 97).

²⁶¹ RIBEIRO Darcy. Os Índios e a Civilização. p. 49-90. (*apud* MOTA, 2008, p. 97).

²⁶² ELLIOT, John H.. Resumo do Itinerário de uma Viagem. p. 31. (*apud* MOTA, 2008, p. 99).

Imagem 75: Manoel Chefe dos Índios Coroados do Ald. de São Jerônimo. 1865



Fonte: KELLER, Franz.

http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=35579.

Acesso em: 21 Feb. 2024.

Em 1846, os sertanistas Elliot e Lopes organizam a exploração dos campos situados nas margens ocidentais do rio Tibagi a nordeste da vila de Castro. Em 20 de novembro de 1846, com uma expedição composta de trinta homens, chegam aos campos do Inhonhô (*apud* MOTA, 2008, p. 95)²⁶³.

Em 1854, o primeiro presidente da província do Paraná, Zacarias de Goes e Vasconcelos, escrevia em seu relatório sobre a colonização indígena.

He huma desgraça, mas a verdade obriga-me a dizer-vos que, nesta província, onde os índios selvagens aos milhares (a câmara municipal de Guarapuava avalia em mais de dez mil os que percorrem os sertões do Paraná) habitam o território de certos municípios²⁶⁴ (VASCONCELOS, Zacarias de Goes *Apud* MOTA, 2008, p. 101).

²⁶³ ELLIOT, JOHN H.. Resumo do Itinerário de uma Viagem p. 157. (*apud* MOTA, 2008, p. 101).

²⁶⁴ VASCONCELOS, Zacarias de Goess. Relatório de 15/7/1854. Publicado no Boletim do Arquivo do Paraná, ano 6, n. 8, 1981, p. 11, (*apud* MOTA, 2008, p. 101.)

Em 23 de março de 1855, a Câmara Municipal de Guarapuava escrevia ao presidente da província sobre a ameaça dos índios às vilas de Guarapuava e Palmas e aos moradores de suas adjacências. Os índios vinham dos campos do Payquerê, pequenos campos localizados a oeste de Guarapuava, em direção ao vale do rio Piquiri²⁶⁵ (*apud* MOTA, 2008, p. 102).

Em 1856, Henrique Beaurepaire Roham (*apud* MOTA, 2008, p. 102), vice-presidente da província, em seu relatório sobre a catequese e colonização dos índios, também falava na existência de milhares de índios.

[...] Convêm, senhores, não nos esquecermos desses milheiros de selvagens, que, habitando os nossos sertões, partilham a sorte das feras, e são mais hostís que ellas. Segundo calculos, que não estão mui longe da verdade, orça-se 10.000 o número de selvagens contidos no território inculto da nossa província (ROHAM, *apud* MOTA, 2008, p.102)²⁶⁶.

Em 1858, Robert Ave-Lallemant percorre os campos de Lages em Santa Catarina e diz que: “Ao Norte, subindo os limites com a Província do Paraná, os coroados ainda hoje formam bandos errantes de bandidos” (*apud* MOTA, 2008, p. 102)²⁶⁷.

Francisco F. da Rocha Loures (*apud* MOTA, 2008, p. 103), informa em seu relatório de 23 de novembro de 1861, a situação das colônias e aldeamentos indígenas na província: “Existem nesta Provincia cinco aldeamentos indígenas que são: o de Nossa Senhora do Loreto do Pirapó, o de São Pedro de Alcantara, o de São Jeronimo, o do Chagu e o de Palmas, (...)”²⁶⁸.

²⁶⁵ Câmara Municipal de Guarapuava ao presidente da Província. OFÍCIOS, 23/3/1855, v. 3, p. 220. Apep, doc. manuscrito. (*Apud* MOTA, 2008, p. 102).

²⁶⁶ ROHAM, Henrique Beaurepaire. Relatório de 1 de março de 1856. p. 49. Microfilme da Biblioteca Pública do Paraná. (*Apud* MOTA, 2008, p. 102).

²⁶⁷ AVE-LALLEMANT, Robert. Viagens Pelas Províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo. 1858, p. 72. (*apud* MOTA, 2008 p. 102).

²⁶⁸ Diretor Geral dos índios, Francisco Ferreira da Rocha Loures ao presidente da Província Antonio Barbosa Gomes Nogueira, OFÍCIOS, 23/11/1861, v. 19, 149-152. (*Apud* MOTA, 2008, p. 103).

Imagem 76: Kaingang do toldo de Pinhãozinho, situado junto ao caminho indígena e ao vale do Piquiri.



Fonte: Elaborado, em 1885, pela expedição de Nascimento (1886), acervo: Museu Paranaense. PARELLADA, Claudia Inês. **Arqueologia Do Peabiru:** Entrelaçando caminhos e conflitos. *Habitus*, Goiânia. V 19 n° 2 p 276-301 ago/dez 2021 p. 29.

Em seu relatório de fevereiro de 1863, o presidente Gomes Nogueira traz a seguinte estatística sobre o número de índios da província: São Pedro de Alcântara Cayuás 450, Pirapó Cayuás/ Guaranís 225, São Jerônimo Coroados 500, Palmas (mansos) Coroados 250. Em estado de completa selvageria, errantes pelas matas pode calcular-se em mais de 40.000 das tribos Cayuás, Guaranis, Coroados e Botocudos, além de outras pequenas tribos pouco conhecidas (NOGUEIRA, *apud* MOTA, 2008)²⁶⁹.

A estatística do presidente André de Pádua Fleury, em 1865, constata a existência de 284 Kaingang em São Jerônimo. Nesse mesmo relatório, o diretor do aldeamento de São Pedro de Alcântara informava a Fleury a existência de 270 índios Cayuá e 330 Kaingang (FLEURY, *apud* MOTA, 2008)²⁷⁰.

A 6 de abril de 1866, o frei Timóteo de Castelnuovo escreveu reclamando da falta de condições financeiras para administrar o aldeamento de São Pedro de Alcântara, pois:

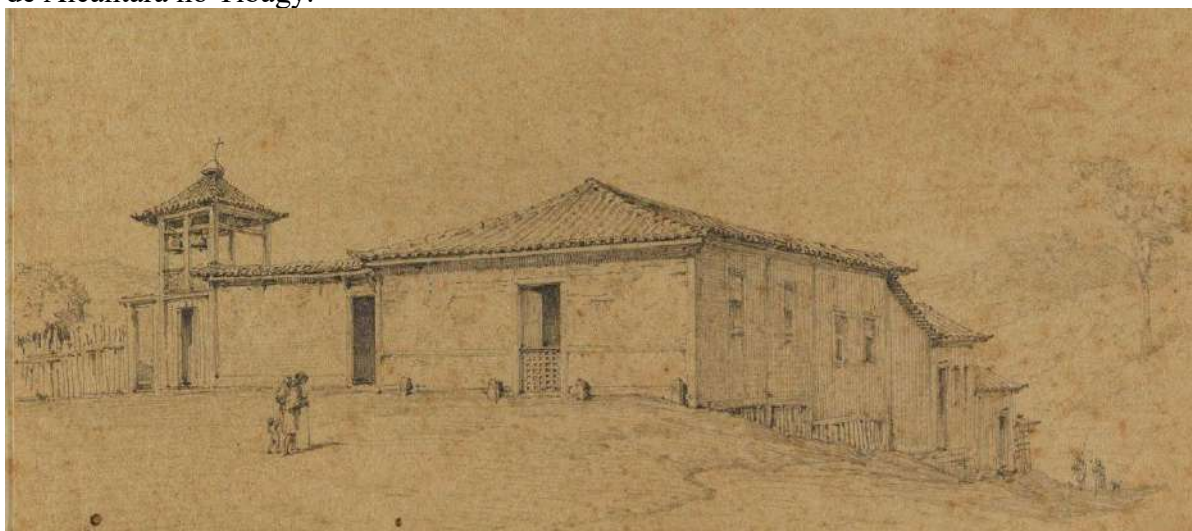
[...] Além das contrariedades inerentes e falta de meios, uma indiada imensa e bravia; consta-me vir-se apresentar mais um milheiro de selvagens bravios. As estatísticas de frei Timóteo continuam ao longo de sua permanência em

²⁶⁹ Antonio Barbosa Gomes NOGUEIRA, presidente da província, RELATÓRIO de 15/2/1863 p. 100. Microfilme, Biblioteca Pública de Curitiba. (*Apud* MOTA, 2008, p. 103).

²⁷⁰ Andre de Padua FLEURY, presidente da província, RELATÓRIO de 21/3/1865, p. 60-61. Microfilme, Biblioteca Pública de Curitiba. (*Apud* MOTA, 2008, p. 104).

São Pedro de Alcântara. Em fins de 1864, a população indígena somava 610 indivíduos, sendo 290 Kaingang e 320 Cayuá 156. Em 1876, o diretor do aldeamento acusa a presença de 902 Kaingang de ambos os sexos e 461 Cayuá. Quatro anos depois, observa-se uma diminuição desse contingente: são 210 Kaingang, 191 Cayuá e 185 Guarani. Não estão registrados aqui os índios que frequentam o aldeamento temporariamente e vivem nas matas. Essa diminuição observada em 1880 tem uma causa: o relatório de 1878 informava que ocorrera uma epidemia de varíola no aldeamento. No último recenseamento realizado em São Pedro de Alcântara, em 1893, registaram-se 247 Kaingang, sendo 119 homens e 128 mulheres, mais 884 Cayuá e Guarani 157. Os kaingang e Cayuá do aldeamento de São Pedro eram inimigos de longa data e viviam separados (ORLEANS *apud* MOTA, 2008, p. 104)²⁷¹.

Imagem 77: Morada de Frei Timotheo de Castelnuovo: Diretor do Aldeamento de S. Pedro de Alcântara no Tibagy.



Fonte: KELLER, Franz. http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=35584. Acesso em: 24 Feb. 2024.

Em 1866, o governo provincial encarrega Jerônimo Rodrigues de Moraes Jardim de verificar a possibilidade de abrir uma estrada que fosse dos campos de Palmas em direção aos de Missões na província argentina de Corrientes. Após cinquenta léguas de trabalhos, encontram nos campos de Cavarú-coyá o toldo do cacique Manoel Facram, líder indígena que tinha fugido de Guarapuava há mais de 30 anos e se instalado, com sua gente, no extremo sudoeste da província (MOTA, 2008)²⁷².

Em 1888, uma expedição militar é encarregada de abrir uma estrada de Guarapuava até a foz do rio Iguaçu no rio Paraná, e lá fundar uma colônia militar. Algumas léguas de

²⁷¹ Relatórios de frei Timóteo de Castelnuovo, In: Frei Cassimiro M. de ORLEANS. Pai dos Coroados. p. 100, 102, 105. (*Apud* MOTA, 2008, p. 104).

²⁷² MOTA, Lúcio Tadeu. **As guerras dos índios Kaingang**: a história épica dos índios Kaingang no Paraná (1769-1924) / Lúcio Tadeu Mota, apresentação de Carmem Sylvania de Alvarenga Junqueira. -- 2. ed. rev. e ampl. -- Maringá: Eduem, 2008. p. 105.

picada adiante de Guarapuava e já apareceram vestígios de índios selvagens (*apud* MOTA, 2008)²⁷³.

A presença Kaingang também é notada no extremo oeste, no vale do Piquiri, nas imediações do rio Paraná. Em 1876, os irmãos Borbas, Telêmaco e Nestor e outros fazem uma viagem pelos rios Tibagi, Paranapanema e Paraná até Sete Quedas. No dia 21 de janeiro, subiram o rio Piquiri e na hora do almoço,

[...] Apareceram 22 índios-coroados, que os do Jatahy chamam cho rens (homens bravos), os quaes habitam em toda a região entre o Piquiri e o Iguassu, a que denominam Paiqueré. [...] No dia 22 continuamos a subir o Piquiry até a corredeira de Nha Barbara, nome que também demos àquelle lugar. Ahi nos esperavam cento e tantos índios, dos quaes apenas três tinham estado entre gente civilizada no Jatahy (BORBA *apud* MOTA, 2008, p. 105)²⁷⁴.

Imagem 78: Capitão André Pahy: Aldeamento Paranapanema. 1867.



Fonte: KELLER, Franz.

http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=35580. Acesso em: 21 Feb. 2024.

²⁷³ BRITO, José Maria de. Descoberta de Foz do Iguassu e Fundação da Colônia Militar - 1938. Boletim do I.H.G.E. Paranaense. Vol. XXXII, ano 1977, p. 56. (*Apud* MOTA, 2008, p. 105).

²⁷⁴ BORBA, Nestor. Excursão ao Salto do Guayra ou Sete Quedas pelo Capitão Nestor Borba, Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro. Tomo LXI, vol. 97, parte I, p. 72. (*Apud* MOTA, 2008, p. 105).

No início de março de 1874, as turmas de trabalho da estrada de ferro, que faziam os estudos e demarcações ao longo do vale do Ivaí, estavam estacionadas nas corredeiras do Ferro, já próximas da foz do rio Ivaí no Paraná. Quase terminando suas tarefas de demarcação, a turma comandada pelo engenheiro inglês Thomas Bigg-Wither abandona os trabalhos e deixa o chefe Curling e mais dois europeus à mercê dos índios²⁷⁵.

Imagem 79: Habitação Kaingang do Toldo de Pinhãozinho, situado próximo ao vale do Piquiri.



85, pela expedição de Nascimento (1886), acervo: Museu Paranaense. PARELLADA, Claudia Inês. **Arqueologia Do Peabiru:** Entrelaçando caminhos e conflitos. Habitus, Goiânia. V 19 nº 2 p 276-301 ago/dez 2021 p. 291.

Relatório do padre Luiz de Cemitille, diretor do aldeamento de São Jerônimo, de dezembro de 1879 informava o seguinte: O número de índios definitivamente aldeados é de 405; Sexo masculino maiores de 10 anos 132, feminina maiores de 10 anos 111, Sexo masculino menores 90 Sexo feminino menores 72. NB. estes índios no tempo de caida dos pinhões augmentam (*apud* MOTA, 2008, p. 106)²⁷⁶.

²⁷⁵ THOMAS BIGG-WITHER. Novo Caminho no Brasil Meridional: A Província do Paraná. p. 349. Nessa época, Bigg-Wither se encontrava viajando de volta para a cidade de Ponta Grossa de onde partiria para explorar o rio Tibagi. A revolta dos Kaingang se deu porque a turma de trabalho do IV grupo tinha entrado em choque com os índios e matado dois deles nas imediações da Corredeira do Ferro no rio Ivaí. (*apud* MOTA, 2008 p. 106).

²⁷⁶ OFÍCIO do frei Luiz de Cemitille, diretor do aldeamento de São Jerônimo, ao presidente da província Manoel P. de S. Dantas Filho, OFÍCIOS, 15/12/1879, v. 23, p. 5-6. Apep, documento manuscrito. (*apud* MOTA, 2008, p. 106).

Imagem 80: Índia “civilizada” fiando algodão.



Fonte: KELLER, Franz. Aldeamento de São Jerônimo. Disponível em: http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=35582. Acesso em: 21 Feb. 2024.

Em fevereiro de 1880, frei Timóteo de Castelnuovo informava haver 600 índios no aldeamento de São Pedro de Alcântara²⁷⁷.

Em 1896, o General José Cândido da Silva Muricy constata a presença de índios bravos nas imediações dos toldos de índios aldeados no vale do Ivaí²⁷⁸.

Pierre Monbeig também assinala a presença de índios nas florestas do norte do Paraná ainda no final da década de 30. “(...) Há uns dez anos, erravam ainda grupos de índios, na floresta, além de Apucarana. Atualmente desapareceram, refugiados nos baixos vales do Ivaí e do Piqueri, assim como nas margens do rio Paraná” (*apud* MOTA, 2008, p. 109)²⁷⁹.

²⁷⁷ OFÍCIO de frei Timóteo de Castelnuovo ao presidente da província, Dantas Filho, OFÍCIOS, 3/2/1880, v. 2, p. 278. Apep, documento manuscrito. (*Apud* MOTA, 2008, p. 106).

²⁷⁸ A capa do livro *Viagem ao País dos Jesuítas* é um mapa da viagem feita pela expedição do General Muricy. Nela contamos a existência de 11 toldos indígenas no vale do Ivaí a partir da vila de Teresina. A quantidade de índios em cada toldo era variável, no toldo da Bufadeira eles vão encontrar um contingente de 250 a 270 Kaingang. *Apud* (MOTA, 2008, p. 106).

²⁷⁹ MONBEIG, P. Pioneiros e fazendeiros de São Paulo. p. 132. (*Apud* MOTA, 2008, p. 109).

O engenheiro Gordon Fox Rule (*apud* MOTA, 2008, p. 109), empregado da Companhia de Terras Norte do Paraná, responsável pela colonização de grandes áreas entre esses rios, fala da presença dos índios em 1930, nas imediações do Patrimônio Três Bocas, o primeiro nome de Londrina:

Certa vez paramos na estrada para encher de água o radiador de nosso fordeco e de repente ouvimos de todos os lados, vindo da mata, o som de paus batendo nas árvores. Eram os índios que então existiam nos arredores do que viria a ser a progressista Londrina de hoje. Isso foi em 1930 (RULE *apud* MOTA, 2008, p. 109)²⁸⁰.

Todas essas informações nos dão um panorama da presença indígena no Paraná e nos ajuda a compreender o contexto ao qual eles viviam. Infelizmente o contato com o homem branco não foi uma boa experiência para os indígenas que de milhares que existiam nessas terras com sua rica cultura, atualmente temos pouco remanescentes relegados a pequenas porções de terras, em sua grande maioria vivendo uma situação de miséria na mais completa crise de identidade pois a sociedade impõe as eles os costume dos brancos, que conflita com suas tradições e esse conflito gera uma situação de destruturação total no seio da sociedade indígena atual do Paraná.

Atualmente no Estado, segundo o Censo de 2022 realizado pelo IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, vivem 30.460 indígenas autodeclarados, sendo que dos 399 municípios paranaenses, 178 apresentaram aumento das suas populações indígenas, segundo o Censo de 2022. São 345 cidades com registro de ao menos um indígena autodeclarado - 86% do total. O Paraná tem a 14ª maior população indígena do País e a segunda maior a região Sul, atrás de Rio Grande do Sul, com 36.096 pessoas (evolução de 6,1% em relação aos 34.001 de 2010), e à frente de Santa Catarina, que tem 21.541 indígenas (aumento de 18,2% em relação aos 18.213 de 2010)²⁸¹.

De acordo com o levantamento, 13.887 dos indígenas moram em terras de demarcação no Paraná, com destaques para o Rio das Cobras, na região Centro-Sul do Estado, a maior terra indígena paranaense e a 50ª maior do País, segundo o Censo, com 3.102 pessoas. A segunda maior é a Terra de Mangueirinha, no Sudoeste, com 1.994. Na sequência estão Ivaí,

²⁸⁰ Depoimento de Gordon Fox Rule, In: Colonização e desenvolvimento do Norte do Paraná, Cia. Melhoramentos, edição comemorativa dos 50 anos da companhia, 1975, p. 86. (*Apud* MOTA, 2008, p. 109).

²⁸¹ Censo 2022: Paraná tem 30.460 indígenas em 345 cidades, Agência Estadual de Notícias <https://www.aen.pr.gov.br/Noticia/Censo-2022-Parana-tem-30460-indigenas-em-345-cidades> Acesso em 22 de fevereiro de 2024.

com 1.886 indígenas, Apucarana, com 1.636 pessoas, e Palmas, com 725.²⁸² (AGÊNCIA ESTADUAL DE NOTÍCIAS, 2022).

Diante de todas as informações relatadas, é nossa obrigação trabalhar no sentido de fortalecer a representatividade e reconhecimento dos povos indígenas contemporâneos que habitam o norte do Paraná em nossa sociedade.

Além de debater o passado, o Museu desempenha um papel fundamental na sensibilização e educação da comunidade local sobre a importância para a valorização das culturas indígenas contemporâneas. Ao oferecer um espaço dedicado à arqueologia indígena, o Museu Histórico de Cambé não apenas enriquece nossa compreensão da história regional, mas também promove ativamente o respeito e a valorização das culturas indígenas presentes em nossa região hoje em dia.

Em última análise, o museu não apenas celebra o legado dos povos indígenas do passado, mas também reconhece e honra a existência contínua e a contribuição vital dos indígenas contemporâneos, ajudando a construir uma sociedade mais inclusiva, consciente e respeitosa de sua diversidade cultural e histórica.

²⁸² Censo 2022: Paraná tem 30.460 indígenas em 345 cidades, Agência Estadual de Notícias. <https://www.aen.pr.gov.br/Noticia/Censo-2022-Parana-tem-30460-indigenas-em-345-cidades> Acesso em 22 de fevereiro de 2024.

CONCLUSÃO

Ao ingressar no Programa de Mestrado em História Social da Universidade Estadual de Londrina, um dos objetivos primordiais era produzir uma dissertação que trouxesse uma contribuição para o debate sobre arqueologia indígena no norte do Paraná

Uma das metas delineadas era a análise e contextualização da atuação de três figuras-chave, cujo cenário era o Museu Histórico de Cambé, responsáveis pela formação de um dos mais significativos acervos arqueológicos do Estado do Paraná. Esse acervo, notadamente está intrinsecamente ligado à arqueologia indígena e à presença jesuíta nessas terras.

Espera-se que este trabalho não apenas contribua para as discussões relacionadas à temática indígena, mas também inspire e encoraje a produção de outras pesquisas semelhantes. Além disso, almeja-se estimular outros museus da região a se engajarem na preservação e estudo da arqueologia e história dos povos indígenas, reconhecendo que todas essas terras um dia foram terras indígenas.

Este estudo, embora centrado no Norte do Paraná, faz parte de um tema muito mais abrangente. Assim, é crucial que as instituições de memória se unam para criar uma agenda comum, especialmente voltada para o desenvolvimento de atividades que culminem com o crescimento e fortalecimento, pois é fato que por meio de uma rede de instituições com objetivos comuns terá mais força para lograr êxito naquilo que se propõe executar.

Outro aspecto relevante deste trabalho é que, por meio de pesquisas e depoimentos, será possível reforçar a história e a memória dos povos indígenas, desafiando muitas pseudoverdades que colocam o indígena em uma posição de inferioridade, não respeitando a sua cultura e suas tradições.

A proposta do projeto de Mestrado era analisar como o Museu de Cambé modificou seu foco inicial, que estava centrado na reocupação com ênfase no pioneirismo, para se tornar uma instituição regional dedicada à exposição de um extenso acervo arqueológico relacionado aos povos indígenas que viveram na região norte do Paraná e também como essa transformação resultou na criação de conexões e redes sociais que inseriram a instituição em um contexto que permitiu o estabelecimento de diálogos em diferentes níveis, abrangendo o local, o regional, o estadual e o nacional.

Assim, a pesquisa revela uma compilação abrangente de documentos e imagens que, em conjunto com o texto apresentado, oferecem uma prova irrefutável do papel significativo da instituição no cenário das organizações que fomentam o diálogo em torno da historiografia indígena.

Prosseguindo ainda mais, este estudo também engloba uma análise sobre os propósitos das instituições museológicas e o papel que devem desempenhar na comunidade. A inclusão do Museu de Cambé nesse debate revelou-se de suma importância, pois, por meio das análises realizadas, tornou-se possível identificar os problemas mais prementes que necessitam ser enfrentados, bem como as inúmeras oportunidades de atividades que a instituição pode empreender. Ao detectar tanto desafios quanto soluções, o objetivo é estabelecer uma linha de diálogo com a comunidade cambense, visando aprimorar e aperfeiçoar o foco das atividades do Museu.

Nesse contexto, ao examinar a contribuição do ex-diretor César Cortez, do Professor João Sabaine e da Arqueóloga Claudia Parellada, percebemos a relevância dessa análise para ilustrar como o trabalho realizado com paixão e comprometimento pode render muitos frutos, como foi o caso dessas três personalidades. O exemplo deles ecoa a trajetória de inúmeros profissionais que dedicam suas vidas a preservar e promover acervos históricos, conscientes do valor desse trabalho para a sociedade, tanto no presente quanto no futuro. Essas figuras destacam-se como verdadeiros agentes de transformação, cujas ações inspiram e fortalecem a preservação da memória e da identidade cultural para as gerações vindouras.

Das discussões, encontros, entrevistas e análises de documentos, surgiram diversas ideias viáveis que podem ser aplicadas no contexto do Museu de Cambé. Portanto, consideramos fundamental transmitir essas propostas à direção da instituição. Dessa forma, não apenas cumprimos mais um dos objetivos deste mestrado, que é contribuir para o progresso da nossa sociedade, mas também fomentarmos o enriquecimento e aprimoramento das atividades desenvolvidas pelo museu, promovendo uma maior interação e relevância junto à comunidade.

Como diria Certeau a escrita da História não pode ser fruto de apenas desejos pessoais sem relação com o lugar social onde estamos inseridos. Nossos escritos necessitam possuir uma relevância para a sociedade, se for almejado receber um reconhecimento de nossos pares, pela nossa produção do saber.

FONTES

Fontes Orais:

César Cortez - Entrevista concedida ao autor nos dias 11 de agosto de 2023 e 14 de abril de 2021. Acervo de áudio e vídeo do MHC.

Claudia Inês Parellada - Entrevista concedida ao autor em 01 de junho de 2021 e 08 de junho de 2022 para Empresa Barões Produtora. Acervo de áudio e vídeo do MHC.

Elaine Garcia - Entrevista concedida ao autor em 14 de abril de 2021. Acervo de áudio e vídeo do MHC.

João Sabaine - Entrevista concedida ao autor em 23 de agosto de 2023. Acervo de áudio e vídeo do MHC.

José Anésio Montini, Entrevista concedida ao autor em 29 de março de 2023. Acervo de áudio e vídeo do MHC.

Liberaci Pascueto - Entrevista realizada ao autor via WhatsApp em 10 de agosto de 2023. E em 14 de abril de 2021 por Meet. Acervo de áudio e vídeo do MHC.

Lucilene Lisse - Entrevista concedida ao autor em 14 de abril de 2021. Acervo de áudio e vídeo do MHC.

Luiz Carlos Haully - Entrevista concedida ao autor em 16 de abril de 2021. Acervo de áudio e vídeo do MHC.

Maria Celia Araújo Coelho - Entrevista concedida ao autor em 08 de março de 2023. Acervo de áudio e vídeo do MHC.

Miguel Gaissler - Entrevista concedida ao autor em 13 de julho de 2022. Acervo de áudio e vídeo do MHC.

Rosângela Alduan - Entrevista concedida ao autor em 14 de abril de 2021. Acervo de áudio e vídeo do MHC.

Valter Franco - Entrevista concedida ao autor em 25 de março de 2022. Acervo de áudio e vídeo do MHC.

Fontes Arqueológicas:

Acervo de Arqueologia do Museu Histórico de Cambé.

Fontes Imagéticas:

Fotografias do acervo do Museu Histórico de Cambé.

Fitas K7 e VHS do acervo do Museu Histórico de Cambé.

Cópia de mapas do acervo do Museu Histórico de Cambé.

Fontes impressas:

AGUILAR, Jurandir Coronado. **Conquista Espiritual**. A história da evangelização na Província do Guairá na obra de Antonio Ruiz de Montoya, S. I. (1585-1652). Roma: PUG. 2002.

APPOLONI, Carlos Roberto; PARREIRA, Paulo S.; LOPES, Fabio. **Métodos e técnicas de caracterização aplicadas ao estudo do patrimônio cultural**: trabalhos desenvolvidos pelo LFNA-DFIS. Laboratório de Física do Departamento de Física, Universidade Estadual de Londrina (UEL).

BLASI, Oldemar & GAISSLER, Miguel A. L. **Sítio arqueológico Fazenda Santa Dalmácia**. Arquivos do Museu Histórico de Cambé, Publicações Avulsas, Nota Prévia, Arqueologia, 1991.

CAMBÉ. Prefeitura Municipal de Cambé/Secretaria Municipal de Cultura. Museu Histórico de Cambé. **Cambé: Repensando sua História**. 1992.

CATARINO, Bruna Garcia. **“E Assim Começou A História Que Já Havia Começado”**: A Presença Indígena E As Ações Educativas Patrimoniais Do Museu Histórico De Cambé (1985 A 2019). 2021. Mestrado (Dissertação em História Social) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2021.

CORTESÃO, Jaime. (Org.) **Jesuítas e Bandeirantes no Guairá (1549-1640)**. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1951.

MONTOYA, Antonio Ruiz de. **Conquista espiritual hecha por los religiosos de la compañía de Iefus, en las Provincias del Paraguay, Paraná, Uruguay y Tape. año 1639**. Madri. Imprensa do Reino.

MOTA, Lúcio Tadeu. **As Guerras dos Índios Kaingang**: a história épica dos índios Kaingang no Paraná. Maringá, Editora da UEM, 1994.

PARELLADA, Claudia Inês. Paraná espanhol: cidades e missões jesuíticas no Guairá. In: SEEC -PR. **Missões**: conquistando almas e territórios. Curitiba: SEEC-PR, 2009.

PARELLADA, Claudia Inês. **Um tesouro herdado**: os vestígios arqueológicos da cidade colonial espanhola de Villa Rica del Espiritu Santo/ Fênix - PR. Dissertação de Mestrado, Departamento de Antropologia/ UFPR, 1997.

PARELLADA, Claudia. Resistência e mudança Guarani: a linguagem visual das Missões Jesuíticas do Guairá (1610-1631). IX - **Reunião de Antropologia do Mercosul**: “Culturas, encontros e desigualdades” GT48 - Pensando el cambio entre los Guaranies: situaciones, contextos y escalas de análisis. Curitiba - Paraná (Brasil), 10 a 13 de julho de 2011.

SCHERLOWSKI, Maria (Coord.). **Cerâmica Indígena, Recuperação e Memória.** Departamento de Artes, Centro de Educação, Comunicação e Artes (CECA), Universidade Estadual de Londrina (UEL), 1997-1998.

Arquivos Digitais:

Arquivo Histórico Ultramarino <https://digitarq.ahu.arquivos.pt/>

Arquivo Nacional da Torre do Tombo <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=1222241>

Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin

Biblioteca Digital Nacional do Brasil <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/dossie-antigo/logicas-coloniais/escritos-e-correspondencias/cartas-dos-missionarios/>

Biblioteca Nacional Rio de Janeiro, <https://sian.an.gov.br/sianex/>

REFERÊNCIAS

- ADUM, Sonia Maria Sperandio Lopes. **Imagens do progresso: civilização e barbárie em Londrina – 1930/1960**. Dissertação (Mestrado em História Social) - UNESP, Assis, 1991;
- AGÊNCIA ESTADUAL DE NOTÍCIAS. **Censo 2022: Paraná tem 30.460 indígenas em 345 cidades**. Disponível em: <https://www.aen.pr.gov.br/Noticia/Censo-2022-Parana-tem-30460-indigenas-em-345-cidades>. Acesso em: 22 fev. 2024.
- AGUILAR, Jurandir Coronado (Coord.). **Intrépidos missionários da igreja no Paraná: biografias de presbíteros**. Curitiba: Champagnat, 2010.
- AGUILAR, Jurandir Coronado. **Conquista Espiritual**. A História da Evangelização na Província do Guairá na obra de Antonio Ruiz de Montoya S.I. (1585-1652). Pontifícia Università Gregoriana Roma, 2002.
- ALVES, Eliane. "Desafios e conquistas dos museus brasileiros: sucateamento, financiamento e reconstrução.". **AUN - Agência Universitária De Notícias**. Disponível em: <https://aun.webhostusp.sti.usp.br/index.php/2023/07/20/desafios-e-conquistas-dos-museus-brasileiros-sucateamento-financiamento-e-reconstrucao/>.
- ARAÚJO, M.M.; BRUNO, M.C.O. **Mesa Redonda de Santiago do Chile**, ICOM, 1972. Edições Universitárias Lusófonas, nº 15, p. 111-121, 1999. Disponível em: <https://recil.ulusofoa.pt/handle/10437/11364>
- ARIAS NETO, José. Miguel. **O Eldorado: Londrina e o Norte do Paraná – 1930/1975**. Dissertação (Mestrado em História) – USP, São Paulo, 1993;
- ARRUDA, Gilmar; PROENÇA, Wander de Lara. **Conflitos no campo do saber: universidades, historiadores e usos do passado na fronteira - Londrina, 1970-1980**. Revista de História Regional, v. 25, n. 1, p. 27-55, 2020.
- BASCHET, Jérôme. Introdução: a imagem-objeto. In: SCHMITT, Jean-Claude et BASCHET, Jérôme. **L'image**. Fonctions et usages des images dans l'Occident médiéval. Paris: Le Léopard d'Or, 1996. p. 7-26 (tradução: Maria Cristina C. L. Pereira)
- BELMONTE, Benedito Carneiro Bastos Barreto. **No tempo dos bandeirantes, a vila de São Paulo no século XVII**. São Paulo: Prefeitura de São Paulo, 1939.
- BENATTE, A. P. **O centro e as margens: boêmia e prostituição na “capital mundial do café (Londrina: 1930-1970)”**. Dissertação (Mestrado em História) – UFPR, Curitiba, 1996;
- BIGG-WITHER, Thomas Plantagenet. **Novo caminho no Brasil meridional: a província do Paraná: três anos de vida em suas florestas e campos: 1872-1874**. Tradução, introdução e notas de Temístocles Linhares, nota biográfica de Newton Carneiro. Rio de Janeiro: J. Olympio; Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1974.
- BOLETIM MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA/UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA. **Museu Histórico de Londrina Londrina-PR**: Universidade Estadual de Londrina, v.1 n. 1, jul./dez. 2016.

BREFE, Ana Cláudia Fonseca. **O Museu Paulista**. Affonso de Taunay e a memória nacional. Editora Unesp, 2005.

BRIGUET, Paulo. Sítios Arqueológicos, espelhos do passado. **Folha de Londrina**, 1994.

BURKE, Peter. (org.) (1992). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo, Brasil: UNESP

BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales 1929-1989** /Peter Burke; tradução Nilo Odália. – São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular**. Tradução. Santos. Vera Maria Xavier. EDUSC - Editora da Universidade Sagrado Coração, p. 17, 2017.

CAMBÉ. Prefeitura Municipal de Cambé, Secretaria Municipal de Cultura. **Cambé: Repensando sua História**. Museu Histórico de Cambé, 1992.

CAMBÉ. Prefeitura Municipal de Cambé. Museu Histórico de Cambé. **Cadernos de Memória, nº 1, Família Haully**. Cambé: Prefeitura Municipal de Cambé, 1985.

CARDOSO, Ramón. **El Guairá**. Historia de la antigua provincia - 1554-1676. - Buena Ayres, Jesus· Menendu, 1938.

CASTRO, R. A. A. **O Cotidiano e a Cidade: Práticas, Papéis e Representações Femininas em Londrina (1930-1960)**. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – UFPR, Curitiba, 1994.

CATARINO, Bruna Garcia. O ingresso do tema indígena no espaço museal: O caso do Museu Histórico de Cambé (1985-2016). **Revista Latino-Americana de História**, vol. 9, nº 24, jul/dez de 2020.

CBN Londrina. "Museu Histórico de Londrina pode ser configurado por falta de funcionários.". **CBN LONDRINA**. 2023. Disponível em: <https://cbnlondrina.com.br/matérias/museu-histórico-de-londrina-pode-ser-configurado-por-falta-de-funcionários>. Acesso em 07/03/2023.

CBN LONDRINA. Museus da região de Londrina estudam criar associação para fortalecer atuação junto à comunidade. **CBN LONDRINA**. 2021. Disponível em: <https://cbnlondrina.com.br/materias/museus-da-regiao-de-londrina-estudam-criar-associacao-para-fortalecer-atuacao-junto-a-comunidade>. Acesso em: 08 fev. 2024.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Revisão técnica de Arno Vogel. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHAGAS, Mário de Souza. **Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade**, Edições, CADERNOS DE SOCIOMUSEOLOGIA Nº 13 – 1999, Universitárias Lusófonas.

CHAGAS, Mário e Gouveia, Inês. Museologia social: reflexões e práticas (à guisa de apresentação). **Cadernos do CEOM** - Ano 27, n. 41, 2014.

CHAGAS, Mário. Memória e Poder: Dois Movimentos. **Cadernos De Sociomuseologia**, 19(19). Disponível em:
<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/367>.

CHAGAS, Mário; GOUVEIA, Inês. **Museologia social**: reflexões e práticas (à guisa de apresentação). **Cadernos do CEOM** - Ano 27, n. 41 - Museologia Social.

CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia**: a História entre certezas e inquietudes. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002.

CHMYZ, Igor. Especial Igor Chmyz - 04 de maio de 2016. [Vídeo]. 1 hora, 24 minutos e 36 segundos. **Arqueologia e Pré-História**. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=UAKMO2FvcB0&t=43s>.

CINEARTEPOESIA. "SETE QUEDAS - 30 ANOS DEPOIS - Fotos, Música, Pedemar - 2." **Canal CINEARTEPOESIA**, 23 min e 44,
https://www.youtube.com/watch?v=YFoHiRB1nnI&t=1s&ab_channel=CINEARTEPOESIA.

CINEARTEPOESIA. "SETE QUEDAS - Fotos, Música e Entrevista com Pedemar." **Canal CINEARTEPOESIA**, 19 min e 43,
https://www.youtube.com/watch?v=Zjms3hBgflw&t=319s&ab_channel=CINEARTEPOESIA.

CINEARTEPOESIA. "SETE QUEDAS - Índio Pedemar 30 anos depois do fim das 7 Quedas -1." **Canal CINEARTEPOESIA**, 14 min e 13, https://www.youtube.com/watch?v=6q-ZswLDBmg&t=3s&ab_channel=CINEARTEPOESIA.

COSTA, Lygia Martins. **De museologia, artes e políticas de patrimônio**. Pesquisa: Clara Emília Monteiro de Barros. Rio de Janeiro: IPHAN 2002

DEL VECCHIO, Annalice. "Realidade Absurda e Inútil." **Gazeta do Povo**. Disponível em:
<https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/realidade-absurda-e-inutil-b85xa6vh46s3416v3bn70bmmm/>. Acesso em: 11 de fev. de 2024.

DIAS, Josefa Jandira Neto Ferreira. **PRONAPA** - Uma História da Arqueologia contada por quem viver - Entrevistado - Profº Ondemar Dias em Janeiro de 2014. Disponível em
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7322621/mod_resource/content/0/PRONAPA
 Acessado em 29/04/2024.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 115, p. 139-154, mar. 2002. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742002000100005>.

DUBOIS, Philippe. O golpe do corte. In: DUBOIS, P. **O ato fotográfico e outros ensaios**. São Paulo: Papirus, 1993.

FGVcia. "Uso de TI no Brasil: País tem mais de dois dispositivos digitais por habitante, revela pesquisa." **FGVcia**. 2023. Acesso em 09 fev. 2024. Disponível em:

<https://portal.fgv.br/noticias/uso-ti-brasil-pais-tem-mais-dois-dispositivos-digitais-habitante-revela-pesquisa>.

FOLHA DE LONDRINA. Caderno Paraná. Londrina: **Folha de Londrina**, 07 out. 1990. p. 20.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GUZMÁN, Ruy Diaz. **Argentina**. História Del Descubrimiento, Conquista Y Población Del Río De La Plata 1612. Buenos Aires 1882 p. 27 e 28.

JAEGER, Luiz Gonzaga. La Compañía de Jesús en el Antiguo Guairá (1585 - 1631) - Localización de Sus Trece Reducciones. **Revista Pesquisa Histórica**, nº 3, Instituto Anchietano de Pesquisas, 1957, p. 96.

JENKINS, Henry. "A convergência midiática na visão de Henry Jenkins." Disponível em: <http://www.lab404.ufba.br/a-convergencia-midiatica-na-visao-de-henry-jenkins/>.

JORNAL NOSSA CIDADE. "Museu lança campanha de objetos indígenas". **Jornal Nossa Cidade**. Cambé: 1990.

JORNAL NOSSA CIDADE. 05 abr. 1991. **Jornal Nossa Cidade**. Cambé: 1991. p. 10.

JORNAL NOSSA CIDADE. 30 de outubro de 1985. **Jornal Nossa Cidade**. Cambé: 1985. Disponível em: <https://jnconline.com.br/jornal-pdf/>. Acesso em: 15 nov. 2023.

JORNAL NOSSA CIDADE. 6 de setembro de 1986. **Jornal Nossa Cidade**. Cambé: 1986 p3

JORNAL NOSSA CIDADE. **Gilberto promove contenção de despesas**. **Jornal Nossa Cidade**. Cambé: 1983. p.7

JORNAL NOSSA CIDADE. **Gilda Poli explica em Cambé a interiorização da cultura**. **Jornal Nossa Cidade**. Cambé: 1993. p. 7

JORNAL NOSSA CIDADE. Museu: **Um mergulho no tempo**. **Jornal Nossa Cidade**. Cambé: 30 de novembro de 1990, p. 10.

JORNAL NOSSA CIDADE. **O Museu em Congresso Nacional**. **Jornal Nossa Cidade**. Cambé: 1991. p. 3

KNAUSS, Paulo. No domínio dos acervos: história e as práticas do olhar. **Revista Maracanan**, publicação dos docentes da PPGH-UERJ vol. 12, n 14 p. 12-24 jan/jun. 2016.

KOPYTOFF, Igor. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas**. As mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: Editora da UFF, 2010.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. Puc-Rio, 2006.

LABADMIN. A convergência midiática na visão de Henry Jenkins. [S.l.]: **Laboratório de Pesquisa em Mídia Digital, Redes e Espaço**, 2009.

LACAPRA, Dominick. Repensar la historia intelectual y ler textos. In: PALTÍ, Elías José (org.). **“Giro linguístico” y historia intelectual**. Stanley Fish, Dominick LaCapra, Paul Rabinow y Richard Rorty. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1998.

LAHIRE, Bernard. Campo. In: CATANI, Afrânio Mendes et al. (Orgs.). **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

LEME, E. J. H. **Faces Ilícitas de uma Cidade: representações sociais da prostituição em Londrina. (1940-1966)**. Dissertação (Mestrado em História) UNESP, Assis, 2001.

LEME, Edson José Holtz. **O Teatro da Memória: O Museu Histórico de Londrina: 1959-2000** – Assis, 2013.

LIMA, Leilane Patricia de. Entre sambaquis, museus e memórias: um pouco da história da Arqueologia no Paraná. **Boletim Museu Histórico de Londrina/Universidade Estadual de Londrina**. Museu Histórico de Londrina Londrina-PR: Universidade Estadual de Londrina, v.7 n. 14, jan/jun.2016.

MARINS, Paulo. **Uma personagem por sua roupa: o gibão como representação do bandeirante paulista**. Tempo 2020.

MARTINEZ, Cláudia Eliane Parreiras Marques. **Patrimônio religioso e museus em perspectivas: Paraná e Minas Gerais/ Cláudia Eliane P. Marques Martinez - São Paulo: Humanitas, 2020. p 139.**

MARTINS, Romário. **História do Paraná**, Curitiba: Travessa dos Editores, 1995.

MENEGUSSO, Maquiele Elisabete; MARTINEZ, Cláudia Eliane P. Marques. **Da cerâmica arqueológica Itararé-Taquara à cestaria kaingang: um estudo do acervo indígena do museu histórico de Cambé**. In: Seminário De Pesquisa Em Ciências Humanas, 11., 2016, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Blucher, 2016.

MONTOYA, Antonio Ruiz. **Conquista Espiritual feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape**. Tradução: Arnaldo Bruxel, Arthur Rabuske, 2 ed - Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997.

MOTA, Lúcio Tadeu. **As guerras dos índios Kaingang: a história épica dos índios Kaingang no Paraná (1769-1924) / Lúcio Tadeu Mota, apresentação de Carmem Sylvia de Alvarenga Junqueira. -- 2. ed. rev. e ampl. -- Maringá: Eduem, 2008.**

MUNICÍPIO DE CAMBÉ. **Lei Municipal nº 866, de 1993**. Dispõe sobre o Estatuto dos Servidores da Administração Direta das Autarquias e das Fundações Municipais. Cambé, 1993.

MUSEU HISTÓRICO DE CAMBÉ. **Jornal Cambirimba, nº 1, 30 de abril de 1978**. Acervo de jornais do Museu Histórico de Cambé.

MUSEU HISTÓRICO DE CAMBÉ. **Nota Prévia de Arqueologia**. Publicações Avulsas, 1991.

MUSEU PARANAENSE. **Núcleo de Arqueologia**. 2020. Disponível em: <https://www.museuparanaense.pr.gov.br/Pagina/Nucleo-de-Arqueologia>. Acesso em: 15 fev. 2024.

NASCIMENTO JUNIOR, José do; CHAGAS, Mário de Souza (orgs.). **Política Nacional de Museus**. Brasília: MinC, 2007.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury, In: Projeto História. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História e Departamento de História da PUC**. São Paulo, 1993.

OLIVEIRA, Paulo Rogério de Melo. Clio na Companhia de Jesus: Notas sobre a historiografia Jesuítica das Reduções do Paraguai. **Revista de Teoria da História**, Goiás, ano 7, v. 14, n. 2, nov. 2015.

PARELLADA, C.I. Sítio arqueológico Fazenda Santa Dalmácia: uma das fundações da missão jesuítica de San Joseph, Guairá, século XVII. **Bol. Museu Histórico de Londrina**, v.4, n.8, p.8-12, jan-jun. 2013.

PARELLADA, Claudia Inês. Arqueologia das Fortificações no Paraná, In: LINO, J.F. & FUNARI, P.P.A. (org.). **Arqueologia da guerra e do conflito**. Erechim: Editora Habilis, 2013.

PARELLADA, Claudia Inês. Arqueologia Do Peabiru: **Entrelaçando caminhos e conflitos. Habitus**, Goiânia. V 19 nº 2 p 276-301 ago/dez 2021.

PARELLADA, Claudia Inês. **Resistência e Mudança Guarani**: A linguagem visual nas Missões Jesuíticas do Guairá (1610-1631). IX RAM - **Reunião de Antropologia do Mercosul**: "Culturas, encontros e desigualdades" GT48 - Pensando em cambio entre los Guaraníes: situaciones, contextos y escalas de análisis Curitiba - Paraná (Brasil), 10 a 13 de julho de 2011.

PAVINATO, Eduardo. **Hino à Cambé**: A Canção Oficial da Cidade, Prefeitura de Cambé, Secretaria Municipal de Cultura, Museu Histórico de Cambé 2022.

PROENÇA, Wander de Lara. O ensino de história na fronteira: entre a historiografia e o memorialismo - Londrina-Pr 1960-1980. **VI Encontro Estadual de Ensino de História - ANPUH - Bahia**. 2021.

RESK, Sucena Shkrada. "Cultura - Museus à beira de um ataque de nervos." **Revista Ipea**, Ano 4. Edição 33 - 10/4/2007. Acesso em 20/07/23. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=1151:reportagens-materias&Itemid=39#:~:text=Museus%20p%C3%ABlicos%20e%20privados%20brasileiros,principais%20dificuldades%20apontadas%20pelas%20institui%C3%A7%C3%B5es.

ROLIM, R. C. **O policiamento e a ordem**: repressão e violência (1948-1962). Dissertação (Mestrado em História) – UNESP, Assis, 1996.

SANTOS, M. C. T. M. Reflexões Sobre A Nova Museologia. **Cadernos De Sociomuseologia**, 18(18). Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/363>.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos: Museus brasileiros e política cultural. **RBCS-Revista Brasileira De Ciências Sociais** - Vol. 19 No. 55 junho/2004.

SCHEINER, Tereza Cristina. Repensando o museu integral: do conceito às práticas. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, vol. 7, núm. 1, jan-abril, 2012, pp. 15-30. Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, Brasil.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA, Curitiba, PR. **Missões**: conquistando almas e territórios. Registro da exposição. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 2010.

TAGLIARI, Giovanni. "Museu Histórico pode fechar as portas." **Alma Londrina**. 2017. <https://almalondrina.com.br/museu-historico-pode-fechar-as-portas/>. Acesso em 07/03/2023.

TAUNAY, Affonso. Índios, Ouro, Pedra. In: CARDOSO, Ramón I. **El Guairá**: História de la Antigua Provincia 1554-1676. Librería y Casa Editora, 1938. Disponível em: www.etnolingustica.org.

TAUNAY, Afonso d'Escragnolle. **História das Bandeiras Paulistas**. 3 ed. São Paulo: Melhoramentos; Brasília, 1975.

TECHO, N. 2005. **Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesus, 1673**. Asunción: CEPAG.

TOMAZI, N. D. "**Norte do Paraná**": Histórias e fantasmagorias. Tese (Doutorado em História) - UFPR, Curitiba, 1997.

TOMAZI, N. D. **Certeza de lucro e direito de propriedade**: o mito da Companhia de Terras Norte do Paraná. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual Paulista – UNESP, Assis, 1989.

TOMMASINO, Kimiye. **A História Dos Kaingáng Da Bacia Do Tibagi**: Uma Sociedade Jê Meridional em Movimento. Tese (Doutorado em Antropologia) - Departamento de Antropologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1995.

UNIÃO. Ibiporã: Museus buscam se fortalecer por meio da associação regional Norte. **União**, 2021. Disponível em: <https://jornaluniao.com.br/noticias/cultura/ibipora-museus-buscam-se-fortalecer-por-meio-de-associacao-regional-norte>. Acesso em: 03 jul. 2021.

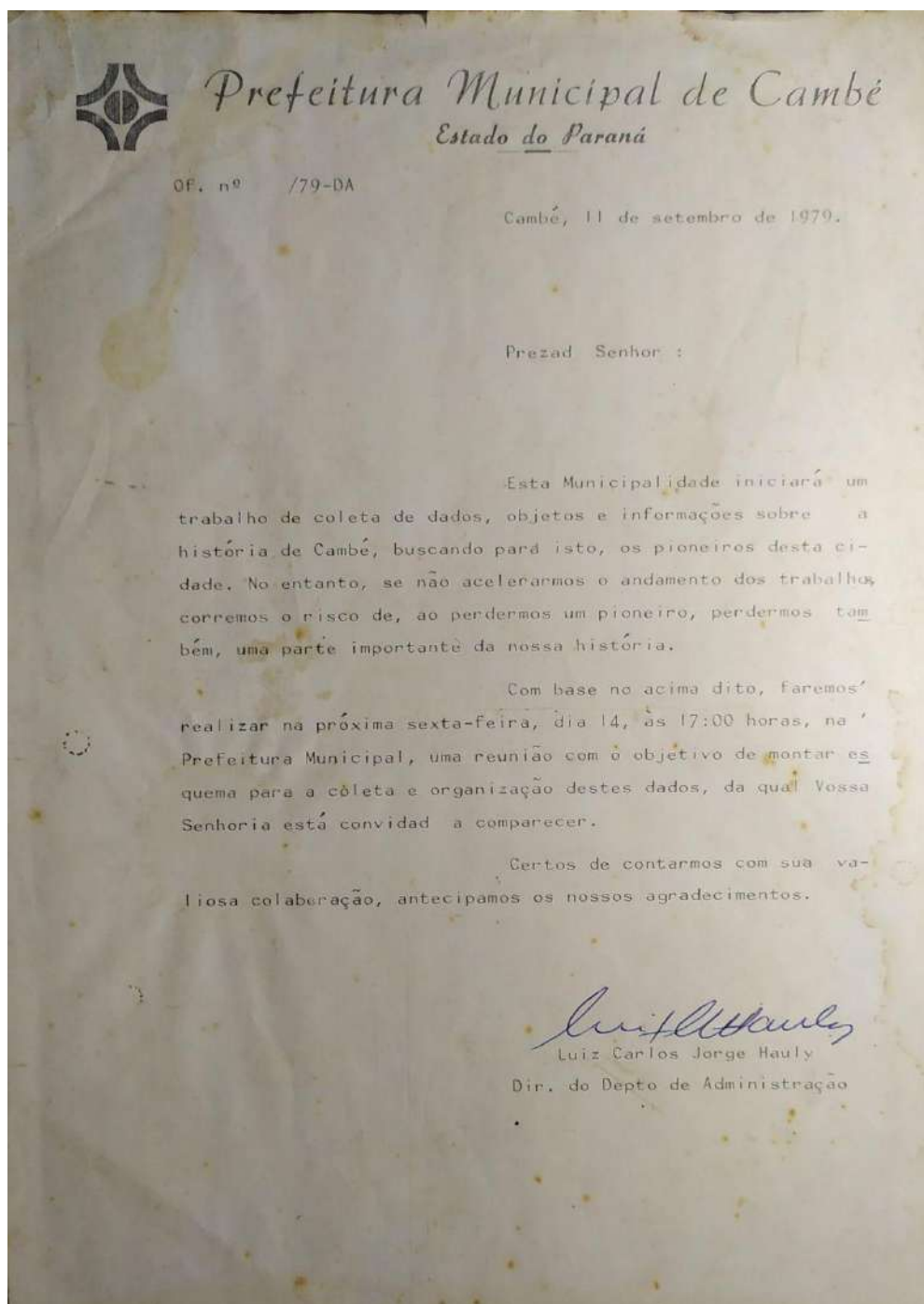
VANINI, Felipe. "Quatro museus de Curitiba fecham por falta de pagamento pela segurança." **Gazeta do Povo**. 2015. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/quatro-museus-de-curitiba-fecham-por-falta-de-pagamento-pela-seguranca-72ktcfz3xeuiv7f2zd2pvmeu2/>.

WIKIPEDIA. "**Ditadura militar brasileira**." Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ditadura_militar_brasileira. Acesso em: 12 de fev. de 2024. Parte superior do formulário

ANEXOS

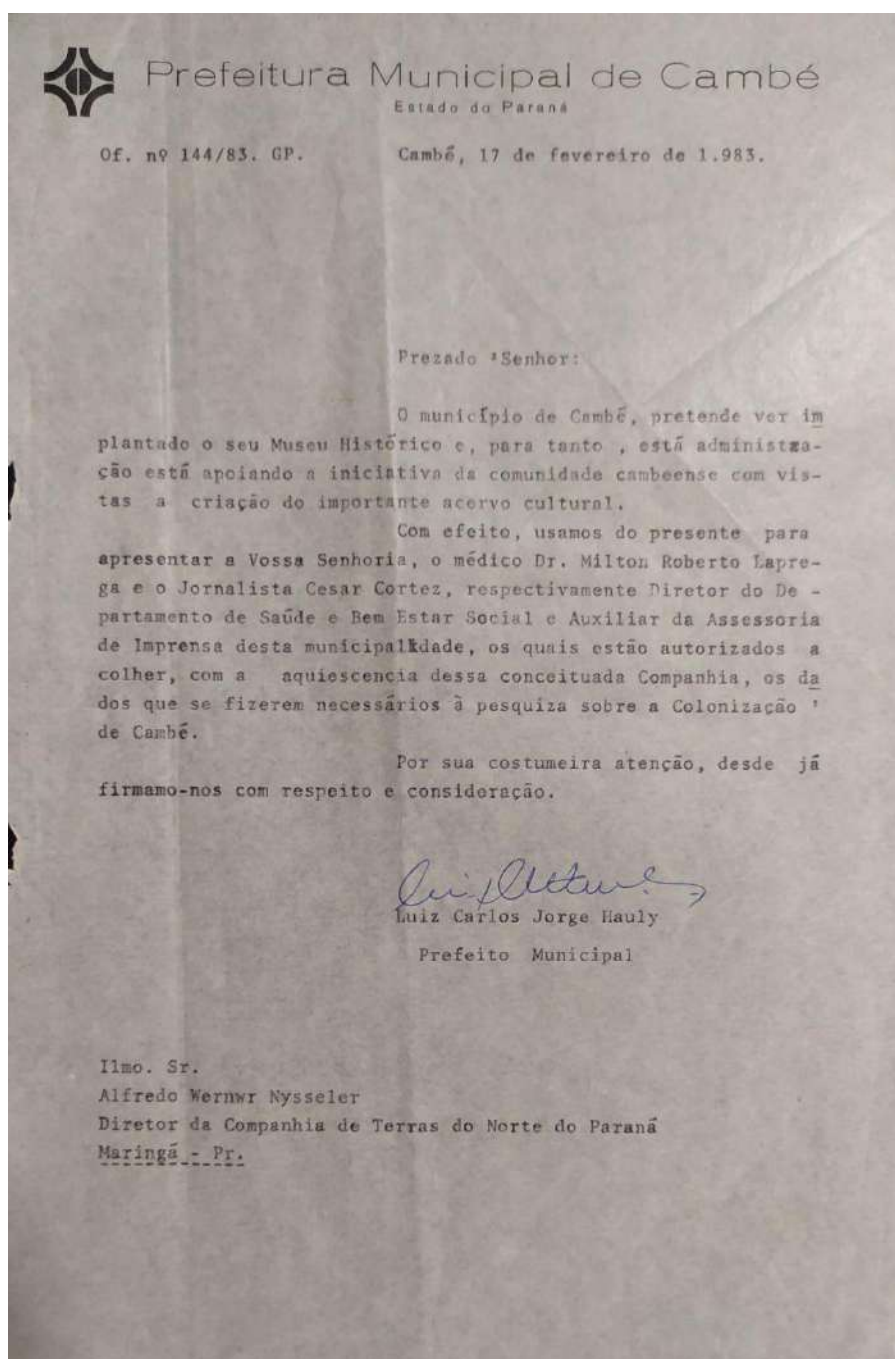
ANEXO A

Ofício da Diretoria de Administração da Prefeitura de Cambé, de 11 de setembro de 1979 falando de uma campanha para recolhimento de materiais históricos. Quem assina é o Diretor do Departamento de Administração Luiz Carlos Haully.



ANEXO B

Ofício endereçado a Companhia de Terras Norte do Paraná datado de 17 de fevereiro de 1983, informando da ida de servidores da Prefeitura para realizar pesquisas.



Fonte: Acervo de documentos do MHC.

ANEXO C

Matéria do Jornal Cambé Notícias sobre a criação do Conselho de Arte e Cultura de Cambé em 14 de abril de 1983.

Divisão de Cultura e Turismo
ATIVIDADES EM 1983

Assembleia Permanente de Artistas
Cria CONSELHO DE ARTE E CULTURA

Criado em Cambé Conselho de Arte e Cultura

A Assembleia Permanente de Arte e Cultura do Cambé, no dia 11 de abril, decidiu criar o Conselho de Arte e Cultura, marcando para sábado, dia 16, das 14 às 18 horas, no Depto. de Bem Estar Social, as eleições para a escolha de 7 conselheiros e da pessoa a ser indicada no prefácio para ocupar o cargo de Diretor Cultural.

ATRIBUIÇÕES DO CONSELHO

Ficou também decidido que o Conselho será o vínculo entre os promotores da cultura, a Prefeitura e demais instituições. Sua primeira tarefa será organizar um documento destinado a Câmara dos

Vereadores e a Prefeitura, onde constará um histórico da vida cultural da cidade, principais reivindicações e sugestões para futuras instalações destinadas a eventos culturais.

CRITÉRIOS ADOTADOS

Cada pessoa que participou de pelo menos uma das reuniões e de pelo menos uma atividade artístico-cultural terá direito a votar e ser votado. Ficou também decidido que a cédula será mimeografada com o nome de todos os eleitores-candidatos, divididos em 5 grupos:

Música e Cultura. Cada pessoa poderá votar em 7 nomes, sendo um da área de Teatro, Música e Artes

Plásticas e dois nas áreas de Literatura e Cultura. Logo abaixo, o eleitor escreverá no espaço indi-

cado o nome de seu candidato ao cargo de Diretor Cultural do Município de Cambé.

CAMBÉ NOTÍCIAS

ORGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO DE CAMBÉ

CAMBÉ, QUINTA FEIRA, 14 DE ABRIL DE 1983 — ANO 19 — N.º 996, BI-SEMANÁRIO — Cr\$ 50,00

Cambé Notícias, 14.04.1983

"Fim de Semana"

ELEIÇÕES ENTRE OS ARTISTAS

A Assembleia permanente dos artistas cambenses deliberou na última reunião, realizada 2ª-feira a noite no Depto. de Saúde e Bem Estar Social, que serve atualmente de sede provisória da entidade, as eleições para a escolha dos membros do Conselho de Arte e Cultura e do diretor da Divisão de Cultura que será indicado no prefácio. A necessidade da formação desse Conselho de há muito era sentida entre os artistas e agora com a criação do mesmo as atividades artísticas que já são constantes em Cambé, poderão crescer substancialmente e também as reivindicações da área deverão ser levadas mais a sério pelos órgãos públicos.

"Cambé Notícias" - 14.04.83

CULTURA

CONSELHO DE ARTE E CULTURA DE CAMBÉ REUNE-SE

O Conselho de Arte e Cultura de Cambé, reunido no último dia 22, começou suas atividades com a elaboração de um documento a ser enviado à Prefeitura e Câmara Municipal.

Esse documento contará um histórico da vida cultural da cidade, enriquecido com depoimentos e biografias de pessoas e instituições que mais se destacaram, como o Maestro Andrea Nuzzi, a Professora Maria Joana Tomczak, Antonio Vidotto, Alceu Bissoqui, Professora Irene Martins, Derival Cornei etc.


A reivindicação principal é a construção de um Teatro Municipal com dependências para o Museu Histórico, salas para reuniões e exposições, refectório e anexo para hospedagem de artistas e conferencistas.

Entende o Conselho que "enquanto o Esporte sempre foi privilegiado com construções e investimentos, a Cultura, apesar de sempre pretendida", Mas, conclui: "os tempos são outros, e já se nota um crescente interesse por parte das autoridades em valorizar o Movimento Cultural".

Fonte: Acervo de Jornais do MHC.

ANEXO D

Ofício endereçado ao Museu de Cambé solicitando a criação do Dia do Pioneiro com data de 29 de abril de 1985.

 PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMBÉ

COMUNICAÇÃO INTERNA

De REUNIÃO DE ASSESSORES

Para MUSEO HISTÓRICO DE CAMBÉ

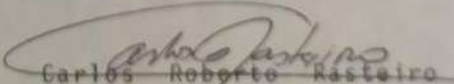
Cambé, 29 de abril de 1985

Senhor Assessor:

Passo às mãos do nobre com
panheiro, as decisões tomadas na última
reunião do dia 26 de corrente, relativa a
esse departamento:

1. Para o Diretor do Museo, juntamente com o DEC e a Divisão de Cultura, de finirem a data do Dia do Pioneiro.
2. Para o Departamento, quando efetuar compras, enviar as respectivas No
tas Fiscais ao Departamento de Ad
ministração.

Atenciosamente:


Carlos Roberto Rasteiro
Sub-Chefe de Gabinete

Fonte: Acervo de documentos do MHC.

ANEXO E

Recorte de matéria do Jornal Cambé Notícias falando do Projeto Galha Azul em 20 de maio de 1984.

CAMBÉ NOTÍCIAS

CAMBÉ, 20 A 26 DE MAIO DE 1984

Prioridades do Projeto Galha Azul

O MUNICÍPIO DE CAMBÉ FOI BENEFICIADO PELO PROJETO GALHA AZUL, UM PROGRAMA INSTITUÍDO PELA SECRETARIA DE FINANÇAS DO ESTADO E BANESTADO. ESTE PROGRAMA VEM ALCANÇANDO MUITO SUCESSO EM VÁRIOS MUNICÍPIOS DO ESTADO PORQUE VISA "REVERTER RECURSOS DO PRÓPRIO MUNICÍPIO ATRAVÉS DO BANESTADO". O SECRETÁRIO DAS FINANÇAS ERASMO GARANTIU DESTA FORMA ESTA CRIANDO UMA SOLUÇÃO COM A PREFEITURA MUNICIPAL E A PRÓPRIA COMUNIDADE QUE É A MAIOR INTERESSADA E QUE ELEGE AS PRIORIDADES.

NO DIA 12 PASSADO, A COMUNIDADE REUNIU-SE REPRESENTADA POR PESSOAS DE VÁRIOS RAMOS, REPRESENTATIVIDADES E ATIVIDADES, E SOB A COORDENAÇÃO DE UMA EQUIPE DA SECRETARIA DE FINANÇAS E PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMBÉ, ORGANIZADAS EM GRUPOS DE 15 PESSOAS NUM TOTAL DE 10 GRUPOS, AS DISCUSSÕES DE PROBLEMAS DA COMUNIDADE QUE RESULTARAM NA INDICAÇÃO DE 5 PRIORIDADES EM CADA GRUPO. ESTAS REUNIÕES FORAM REALIZADAS NO COLÉGIO OLAVO BILAC DURANTE TODO O DIA, DAS 8:00 AS 15:00 HORAS, E APÓS FOI REALIZADA UMA REUNIÃO FINAL, NO SALÃO PAROQUIAL, COM OS ORGANIZADORES E OS PARTICIPANTES DO PROJETO GALHA AZUL, ONDE FORAM ELEITAS AS PRINCIPAIS PRIORIDADES ENTRE AS MAIS VOTADAS EM CADA UM DOS 10 GRUPOS.

NA PRESENÇA DOS TÉCNICOS DA SECRETARIA DE FINANÇAS E DOS PARTICIPANTES DO PROJETO GALHA AZUL AQUI DA COMUNIDADE O PREFEITO CARLOS HAULY, ASSUMIU O COMPROMISSO DE ACATAR AS DECISÕES APONTADAS PELA COMUNIDADE, NO SENTIDO DE EXECUTAR AS PRIORIDADES.

AS PRINCIPAIS PRIORIDADES FORAM: IMPLANTAÇÃO DO ESGOTO SANITÁRIO NA CIDADE, PAVIMENTAÇÃO ASFÁLTICA DA ESTRADA CAMBÉ-VILA PRADO, CASA DA CULTURA (TEATRO MUNICIPAL), NOVA DELEGACIA DE POLÍCIA E A CONSTRUÇÃO DE UM TERMINAL RODOVIÁRIO. ALGUMAS DESTAS OBRAS TERÃO RESPONSABILIDADE DIRETA DO MUNICÍPIO E OUTRAS SERÃO DE RESPONSABILIDADE DO ESTADO, SENDO QUE OS RECURSOS FORAM "APONTADOS DENTRO DO PROJETO GALHA AZUL".

Fonte: Acervo de Jornais do MHC.

ANEXO F
 Matéria da Folha de Londrina de 28 de abril de 1985 falando da Fundação do Museu de Cambé.

FOLHA DE LONDRINA

Resgate

Cambé tem uma proposta à sua população: tornar viva a história do município



A busca do passado

Preparar o filão para um projeto de mergulho na história que está ajudando a fazer, com pilhas de pedras, e que já foi depositada pelos pioneiros da ex-Nova Friburgo, José Cambé. O conceito é extensivo à toda a comunidade, que necessitou amadurecer outra disposição para aproveitar as vastas riquezas da história do município e de sua gente que estão reunidas no Museu Histórico, a ser inaugurado ainda este mês. O novo espaço cultural já acomoda as primeiras peças de seu acervo, constituído por espólio de fotos, documentos, depoimentos de pioneiros e filões, no caso de número 246 da rua França, onde também está funcionando há um mês a Divisão de Cultura do Departamento de Educação e Cultura, órgão ao qual o museu está ligado.

Restam alguns minutos de hoje para se voltar o entusiasmo do diretor do museu, o jornalista César Cortez, em estando em retóricas fixas para tornar realidade um sonho antigo, composto desde 1977 com o amigo e também jornalista Walter Ricioti. Naquela época, como redator do jornal "Cambé Notícias" e ainda estagiário do 2º grau, eles se azevitaram a contar as histórias dos primeiros moradores, os dançaguetos, que chegaram logo após a Primeira Guerra Mundial, abandonando problemas de desemprego e altas índices inflacionários em Duzang, cidade que tornou-se livre do Alencastro suíço por se tratar de um dos portos marítimos mais importantes da Europa, hoje Gdansk, terra de Lech Wałęsa, na Polónia.

A edição histórica do jornal sobre Cambé, que comemora 25 anos, fundado porque os cidadãos começaram reunir pouca informação, mas serviu para que se acordasse a primeira luz, visando a necessidade de alguma abordagem ao assunto e começar a estruturar o núcleo cultural das primeiras gerações que desapareceram com o sob a ação do tempo.

A busca estava aberta, faltava apenas que "alguns aventureiros lançasse mão". Um não, dout. Cortez e Ricioti não tiraram dúvidas: atiraram-se à procura de uma entidade no órgão que se interessasse a fim de cobrir para as primeiras pesquisas, visando a criação de um museu, doando a reunir a memória cultural da cidade e de seu povo, que visto sendo correto em documentos dispersos, fotos amareladas e o que era pior: momento juntamente com as primeiras que tanta bagagem tinham para deixar. Depois de muitas tentativas em vão, e então diretor da Companhia de Desenvolvimento de Cambé e hoje prefeito, Luiz Carlos Hazli, passou a apoiar a iniciativa.

Os dois cidadãos trabalharam incansavelmente, reunindo material, mesmo sem a certeza de que um dia o sonho fosse concretizado. Com o passar do tempo, Ricioti afastou-se, afirmando-se ao jornalista, e o projeto acabou nas mãos de Cortez, apoiado pelo prefeito para concretizá-lo logo no início da atual administração.

Os primeiros passos, no entanto, foram dados pelos dois jornalistas que logo após a primeira edição do folheto de 1978, em 1972, começaram a gravar fitas, na tentativa de eternizar longos pronunciamentos dos pioneiros. Hoje, já transcrito mais de 30 relatos medidos de anáforas, alegrias, tristezas e muita herança de passados — algumas já históricas — que, por chegarem primeiro, prepararam o terreno, lutando com a muita vigência e outros adversidades, criando condições para que a comunidade se formasse encurçada de vícios, vícios seus, outros menos vícios.

Sobre esta época, muitos depoimentos ferebidos que "as primeiras habitantes não tinham conhecimento da direção da vida aqui. Muitas revolviam volta, mesmo sabendo ao retornarem a Duzang, pois tudo o que possuíam naquele País também perdia. Um homem enlouqueceu de tanto medo de escapa. Ele pegava as portas e janelas durante a noite. Muitos vieram correntemente embriagados", frisa um deles.

Mas as vozes contidas nas fitas não eram suficientes para registrar as intensas vivências pelos pioneiros habitantes, entendendo as pesquisas. Para lhes dar eco, por que não permitidas com fotos? Embrulhadas mais um passo. Como o museu existia apenas em suas cabeças e agendas pessoais, Cortez e Ricioti encontraram grande resistência no início por parte dos moradores reclusos de desinteresse de seus acervos, principalmente o de material fotográfico, grande parte registrado momentos insuspeitosos vividos em família. A dificuldade foi vencida graças à técnica de reprodução, da qual se sabem e que é responsável por tudo menos do que está feito, de 30 a 40 anos atrás, que cada sendo distribuída pelas galerias do museu. O valor histórico está no fato de essas reproduções, ampliadas em 20 por 40 centímetros, localizarem, além de pessoas, modelos da "arquitectura" da época, se é que assim possam ser chamadas as primeiras construções. E o que é mais significativo: perfigurarem momentos decisivos do esboço socio-econômico e política da comunidade, representada por "filões" de fatos, movimento do comércio e até conflitos.

Entretanto, cada vez mais nas empreitadas do dia-a-dia do município, os jornalistas desenterraram uma aquisição que deverá causar grande emoção aos moradores mais antigos, principalmente os oficiais.

Adidos pelas depistas polígrafas: um filme em branco e preto, com sons e bado, sobre a posse dos três primeiros pioneiros nos bairros de 50 e 60 — Isidoro Corrêa, José dos Santos Rocha e Antunes Meier.

A pesquisa, recomendada pelos próprios políticos a profissionais de São Paulo que "Lavoura" com certa insistência esse tipo de trabalho no interior, onde permaneciam até meses documentando, mas interessantes tentadas da cidade como pesquisas, desde: interesse de Isidoro e a primeira colônia de café, entre outras. O responsável pela existência desse "achado" é Abner Faria, conhecido popularmente em Cambé por "Bô", que, como operador de filmes no estúdio Cine Universo, guardou as fitas, editando-as mais tarde com único filme.

Entre as peças do museu, vale registrar o primeiro aparelho que deu voz à distância à comunidade: um telefone à manivela. De grande importância cultural também são as peças indígenas encontradas em escavações realizadas em área do município e que ainda não foram caracterizadas, embora hoje quase a certeza de terem pertencido aos camajuaras, que viviam na região. Além, é de origem de uma mesma tribo o nome Cambé, que substituiu Nova Duzang, e que dá nome a um rio que corta a cidade. A mudança se fez através de decretos números 106, de 20 de outubro de 1944, substituindo os nomes de cidades que se relacionavam de alguma maneira com os países inimigos do Brasil durante a Segunda Guerra. Por esse decreto ainda as ruas existentes denominadas Alemanha e Itália foram trocadas por Estados Unidos e Inglaterra. Quatro anos mais tarde, elevou a Município através da lei de nº. 2 de 10 de outubro de 1947, Cambé designando-se de Londrina.

EM PROSA

Na investida para montar sua história, Cambé não se contentou com a criação do museu. Quer mais. Contará sua história nas páginas de dois livros, que já começaram a ser recheados de lances da vida de sua gente, a dois tipos de leitores e exigido, por isso, instrumentos distintos, também sob a coordenação de César Cortez. Um dos volumes será dirigido à população em geral, não fugindo à técnica das publicações normais desse tipo. Já o segundo, destinado a alunos do 2º grau, deverá passar pelas mãos de professores, incumbidos de lhe imprimir cunho didático, possivelmente com ilustrações e textos de fácil compreensão.


Na corrida cultural que a cidade disputa agora aliada em lugar privilegiado a preparação de um indivíduo, também a cargo do diretor do museu, reproduzindo aspectos históricos e culturais. No final da posta, o trabalho será recuperado por estudantes livres por digitar os resumos guardados por gerações e também de texto didático para facilitar o aprendizado.

Matéria de Lourdes Leite

Fonte: Acervo de Jornais do MHC

ANEXO G

Protocolo de Inauguração do Museu Histórico de Cambé com data de 30 de outubro de 1985.



Prefeitura Municipal de Cambé
Estado do Paraná

PRO T O C O L O

INAUGURAÇÃO DO MUSEU HISTÓRICO DE CAMBÉ

DIA 30/10/85 - 20:00 hs.

01 - DADOS SOBRE A OBRA

Importância do Museu Histórico de Cambé.

A Cidade perde rapidamente sua memória. Cada pioneiro que morre, leva consigo uma parte de nossa História. Por outro lado, suas primeiras construções foram quase sempre de madeira e com o desenvolvimento da cidade são cada vez mais raras.

A documentação antiga geralmente é destruída por pessoas que desconhecem seu valor histórico.

O Museu pretende ser ativo na parte de informação e acreditamos na Objetividade de nossos propósitos, a fim de um melhor entrosamento cultural, para incutir em nosso povo o amor àquilo que é nosso.

Para tanto, já foram feitos contatos com o Museu de Londrina, Museu de Maringá, entre outros, tais como a Companhia de Terras Norte do Paraná, que vão nos auxiliar no fornecimento de materiais e informações referentes a Cambé.

Várias pessoas da comunidade já manifestaram sua vontade em colaborar. Pioneiros já prometeram a doação de fotos, objetos e documentos antigos.

O objetivo maior do Museu, será o de constituir um acervo cada vez maior para ficar em exposição, adequadamente disposta para servir aos alunos e outros interessados. Através de pesquisas, permitirá o desenvolvimento cultural de nossa gente, pois guardará viva a memória daqueles que desbravaram e construíram a cidade.



Folha 02

Prefeitura Municipal de Cambé

Estado do Paraná

Os filhos de Cambé, irão ter a oportunidade de sentir o que foi a luta de nossos pioneiros nos primeiros anos de nossa cidade, e, assim compreender o presente, dando o devido valor ao passado tão rico e recente de Cambé.

Exposição do Trabalho

O acervo histórico do Município relativo a seus primeiros anos continua ainda em sua grande maioria esperçada e se deteriorando pelo tempo.

Desde o ano de 1977, vem sendo realizado um trabalho de coleta de fotos e objetos antigos junto aos pioneiros, bem como, entrevistas gravadas.

Foram realizadas entrevistas com o Sr. Manoel de Almeida, primeiro fotografo; Sra. Amabile Boscolo, primeira parteira; Sr. Enildo Maranha, pioneiro e desportista; Sr. Oswald Nixdorf, Chefe da Colonia Roland e colaborador dos alemães da Colonia de Nova Dantzig, Sra. Jalile Hauly, primeira mãe de Cambé; Gregório Wladeck e Ronald TKotz, os mais antigos pioneiros de Cambé.

Estã sendo programado para breve, entrevistas com o Dr. Jacídio Correia, primeiro Prefeito eleito de Cambé Dr. José dos Santos Rocha, segundo Prefeito eleito.

Como Funcionará o Museu Histórico de Cambé

Haverã uma exposição permanente, destinada à visitação pública, para facilitar as observações, eleborou-se um catãlogo onde constará a origem do objeto, seu proprietário, idade, etc.

Organizar exposições temporãrias em homenagem a algum pioniero de destaque na história do Município bem como de grupos de imigrante, a saber, japoneses, alemães italianos, etc.

Todos os objetos, fotos e documentos históricos se rão criteriosamente catalogados e guardados com a mais absoluta seguranca. O público não terã acesso aos originais, e sim as cõpias, exeto os objetos usados pelos pioneiros, que ficarão em exposiçã, devidamente protegidos.



Prefeitura Municipal de Cambé
Estado do Paraná

02 - ORADORES

- A - PASSAMOS À PALAVRA AO SENHOR
CEZAR CORTES - DIRETOR DO MUSEU HISTÓRICO DE CAMBÉ
- B - PASSAMOS À PALAVRA À SRta. ARAILDE CONCEIÇÃO,
DD. INSPETORA ESTADUAL DE ENSINO.
- C - PASSAMOS À PALAVRA AO SENHOR _____
PIONEIRO DO MUNICÍPIO.
- D - PASSAMOS À PALAVRA AO SENHOR: _____
VEREADOR
- E - PASSAMOS À PALAVRA AO SENHOR: _____
DD. DEPUTADO ESTADUAL ou FEDERAL.
- F - PASSAMOS À PALAVRA AO SENHOR: LUIZ CARLOS HAULY
DD. PREFEITO MUNICIPAL DE CAMBÉ.



Prefeitura Municipal de Cambé
Estado do Paraná

03 - PASSAMOS AGORA AO DESCERRAMENTO DA FITA INAUGURAL

PARA TANTO CONVIDAMOS A SRta. ARAILDE CONCEIÇÃO
DD. INSPETORA MUNICIPAL DE ENSINO,
A SRA. NEGILA HAULY MULHEN - 1ª CRIANÇA REGIS-
TRADA NO CARTÓRIO DE REGISTRO DE LONDRINA, DA
QUAL, NAVA DANTZIG PERTENCIA.

O SENHOR GREGÓRIO WLADECK - PIONEIRO DO MUNICÍPIO
E O SENHOR:

LUIZ FORASTIERI - VICE PREFEITO

OU

LUIZ CARLOS HAULY - PREFEITO MUNICIPAL.

04 - ENTREGA DE PLACAS DE PRATA

- A - CONVIDAMOS O SENHOR PREFEITO MUNICIPAL, QUE
ENTREGARÁ UMA PLACA DE PRATA, À Sra. JALILE
AYUB HAULY, QUE SIMBOLIZA AS MÃES PIONEIRAS
DA REGIÃO.
- B - CONVIDAMOS O SENHOR CESAR CORTEZ, QUE EM NOME
DO MUSEU HISTÓRICO DE CAMBÉ, ENTREGARÁ A SRA.
JALILE AYUB HAULY,, POR SUA IMPORTÂNCIA HIS-
TÓRICA PARA O MUNICÍPIO.
- C - CONVIDAMOS O SENHOR _____
_____ DA CÂMARA MUNICIPAL DE CAMBÉ, QUE ENTRE-
GARÁ UMA PLACA DE PRATA, AO SENHOR GREGÓRIO
WLADECK, QUE SIMBOLIZA O ESPÍRITO DE PIONEIRISMO
DA NOSSA REGIÃO.
- D - CONVIDAMOS A SRta. ARAILDE CONCEIÇÃO, QUE ENTREGA
RÁ À SRA. NEGILA HAULY MULHEN, QUE SIMBOLINA O
INÍCIO DA COLONIZAÇÃO EM NOSSA REGIÃO.



Prefeitura Municipal de Cambé
Estado do Paraná

05 - DESCERRAMENTO DO PAINEL FOTOGRÁFICO

CONVIDAMOS O SENHOR LUIZ CARLOS HAULY
E SUA PROGENITORA, JALILE AYUB HAULY,
PARA DESCERRAREM O PAINEL FOTOGRÁFICO
JALILE AYUB HAULY, QUE NESTE MOMEN
TO, CEDE SEU NOME À ESTA SALA.

06 - PASSAMOS AGORA AO LANÇAMENTO DO CADERNO DE MEMÓRIA
Nº 01 -

" A colonização de uma cidade ou região, não se define por momentos ou por manifestações esporádicas. Seus traços e características vão se delineando através dos tempos, deixando marcas profundas na cultura de um povo. Assim tradição e memória não serão simples lembranças de um passado que se perdeu, ou que vai ficando sempre cada vez mais distante, mas são, numa certa medida, o modo de entendermos e vivermos o nosso tempo.

Dessa forma, o Museu Histórico de Cambé publica este livro que é o primeiro de uma série denominado CADERNOS DE MEMÓRIA, que tem o objetivo de preservar e difundir a luta, a cultura e os costumes de nossa gente, que há mais de meio século acreditaram no futuro de Cambé ."

07 - AGRADECER A PRESENÇA DE TODOS.

ANEXO H

Cartaz confeccionado pela equipe do Museu Histórico de Cambé logo após a inauguração em 1985.



**Vamos juntos
contar a
história
de Cambé**

Se você possui fotos,
jornais, revistas,
documentos, cartas ou
objetos antigos
que ajudem a
resgatar a nossa
memória, entre
em contato
com o
Museu.

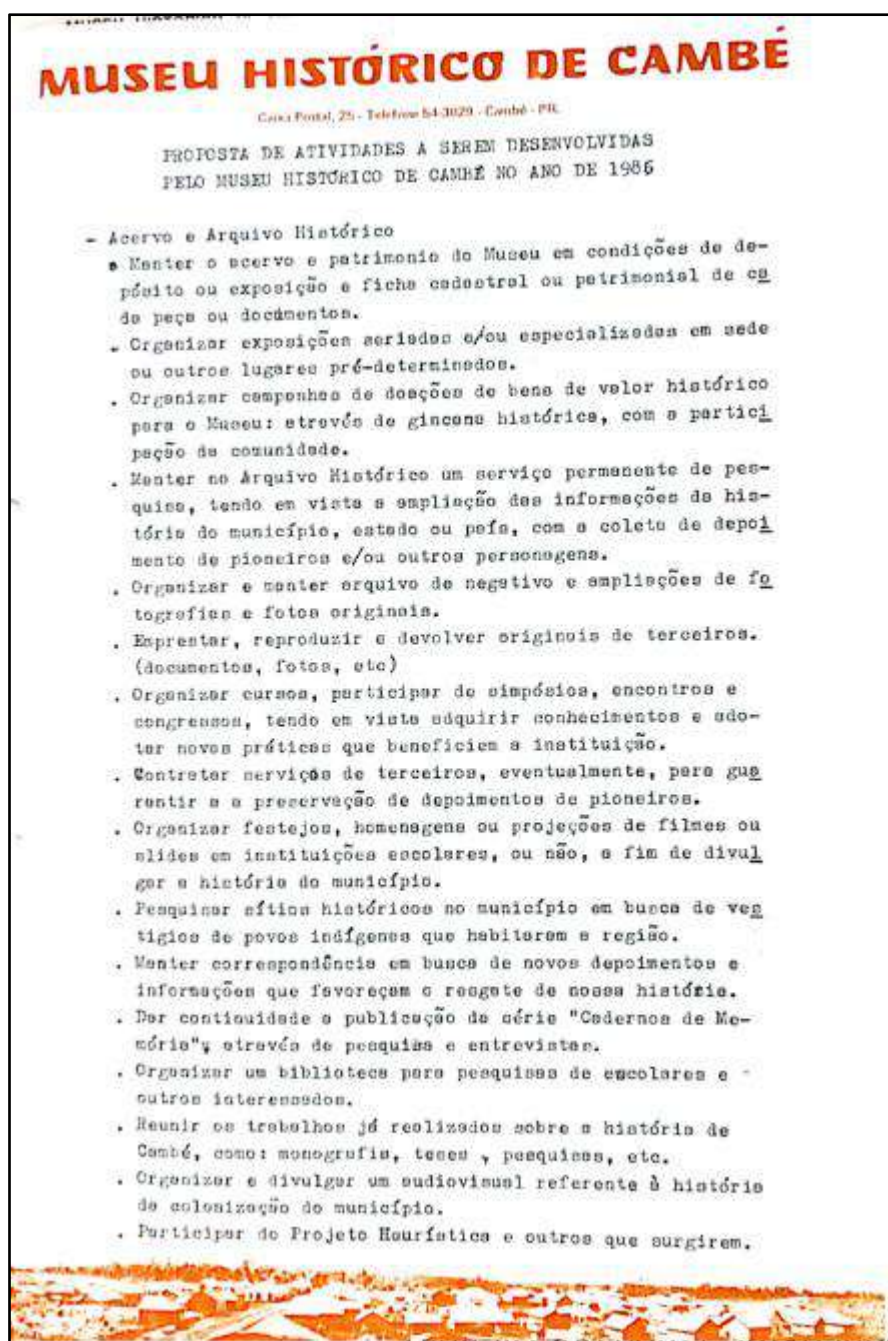
Museu Histórico de Cambé
Rua França, 546 - Fone: 54-3029 - ramal 204
Equipe Luiz Carlos Haully

Foto de José Juliani

Fonte: Acervo de documentos do MHC.

ANEXO I


Proposta de atividades a serem desenvolvidas pelo Museu Histórico de Cambé no ano de 1986.



Fonte: Acervo de documentos do MHC.

ANEXO J

Comunicação Interna com data de 26 de fevereiro de 1986 solicitando a contratação de um pesquisador para o MHC.

 **PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMBÉ**


COMUNICAÇÃO INTERNA

De SECRETARIA DE CULTURA

Para JOSÉ DO CARMO GARCIA - Secretário Geral

Por meio desta estamos encaminhando José Carlos Rodrigues Pereira, a ser contratado para o cargo de Pesquisador no Museu Histórico de Cambé, (meio expediente). Em anexo os dados pessoais e informações sobre suas futuras atividades na Secretaria.

Atenciosamente



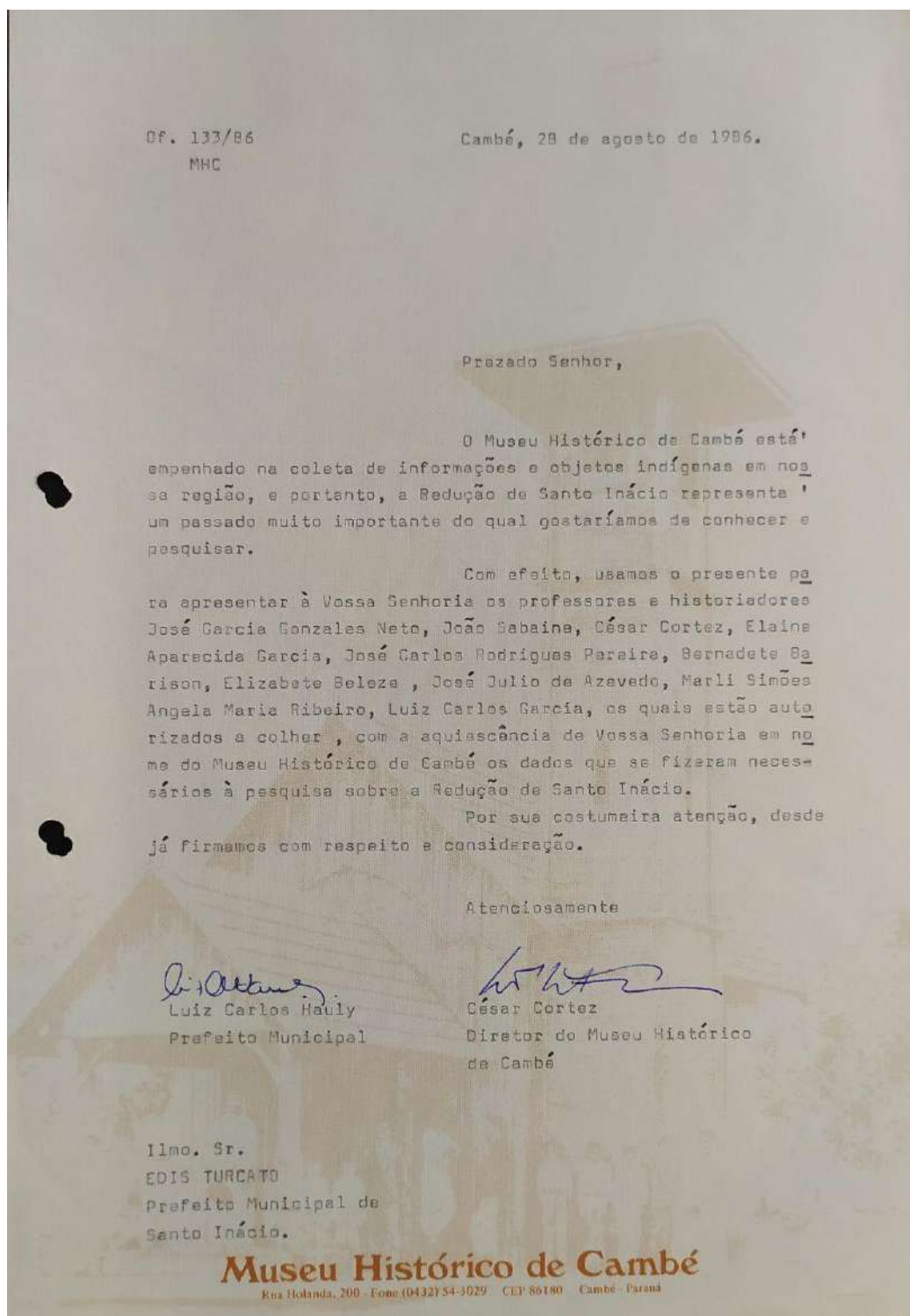
José Julio de Azevedo
Secretário de Cultura.

Cambé, 26 de fevereiro de 1986.

Fonte: Acervo de documentos do MHC.

ANEXO K

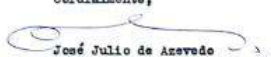
Ofício solicitando autorização para conhecer as Ruínas de Santo Inácio com data de 28 de agosto de 1986.



Fonte: Acervo de documentos do MHC.

ANEXO L

Relatório com o nome dos servidores da Secretaria Municipal de Cultura em 12 de setembro de 1986.

<p>SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA Ofício nº 60/86 SMC Cambé, 12 de setembro de 1.986</p> <p><u>Ao DEPTO DE PESSOAL</u> <u>DA PREFEITURA M DE CAMBÉ:</u></p> <p>Conforme solicitação de V.Ss. passamos a informar a lotação dos funcionários que trabalham nos diversos setores da SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA:</p> <p>01. <u>GABINETE</u></p> <ul style="list-style-type: none"> . Marli Simões - . Helena Madashi Ferreira . José Julio de Azevedo <p>02. <u>DIVISÃO DE CULTURA</u></p> <p>A. <u>Biblioteca</u></p> <ul style="list-style-type: none"> . Elaine Marcia Polverini . Elenita Almeida da Silva . Leda Maria Machado . Maria Amélia Machado . Maria Neusa Gonçalves Carvalho . Marilda Machado Marinelli . Sueli Sartoreli . Ligia Maria de Melo Lomni . Maria Adelina P. De Melo Souza <p>B. <u>Museu Histórico de Cambé</u></p> <ul style="list-style-type: none"> . Elaine Aparecida Garcia . Amador Augusto G de França . César Cortez <p>rua França, 546 - 86180 cambé, parana'</p>	<p>SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA</p> <p>C. <u>DIVISÃO DE PROMOÇÕES E TURISMO</u></p> <p>A. <u>Correio</u></p> <ul style="list-style-type: none"> . Maria Aparecida Lugli <p>B. <u>Atividades Recreativas</u></p> <ul style="list-style-type: none"> . Leonel Baccinello . Luiz Carlos da Silva Soares . Luiz Henrique Bologna <p>Cordialmente,</p> <p> José Julio de Azevedo</p> <p>rua França, 546 - 86180 cambé, parana'</p>
--	---

Fonte: Acervo de Documentos do MHC.

ANEXO M

Convocação para reunião do Conselho Municipal de Arte e Cultura de Cambé em 1986.

CONSELHO MUNICIPAL DE ARTE E CULTURA
E ASSEMBLÉIA PERMANENTE DE ARTISTAS E MILITANTES CULTURAIS
CAMBÉ - PARANÁ

CONVOCAÇÃO

Em 1983, nós artistas das mais diversas áreas de expressão, bem como militantes culturais no município de Cambé, realizamos importantes reuniões, das quais surgiram as eleições para escolha do diretor da então Divisão de Cultura do Município e também os 7 (sete) membros do "CONSELHO MUNICIPAL DE ARTE E CULTURA", que teria a finalidade de discutir, inclementer, opinar, promover e fiscalizar as atividades artísticas e culturais no município, para que a própria Divisão - Hoje Secretaria de Cultura - tivesse o respaldo, a representatividade e a força política para a implantação de programas culturais e eventos artísticos, além de formativos para garantir o desenvolvimento cultural e artístico de maneira democrática e independente do poder público na sua concepção, direcionamento e organização.

Todavia, somente uma parte do acordo foi cumprida, uma vez que aquelas ações só serviram para eleger o Secretário de Cultura, sendo que o Conselho ficou quase que praticamente inativo, até o presente momento, por culpa do desinteresse até mesmo de alguns membros, que nem sequer foram em nenhuma reunião, das poucas realizadas.

Tendo em vista que as coisas não podem ficar como estão, nós gostaríamos que você comparecesse a reunião que vamos realizar com a presença de um número ainda maior de artistas e militantes culturais para reestruturarmos o Conselho de Arte e Cultura, além de discutirmos outros assuntos.

ESTA É A HORA DA VERDADE!

Venha a esta reunião para sabermos "PORQUE" o Conselho de Arte e Cultura não está existindo na prática e quem está atrapalhando a sua existência. Não podemos ficarmos como "palhaços" diante do pouco caso de alguns.

Afinal de contas, porque é que foi feita aquela eleição? Sê

mente para eleger o Secretário de Cultura? E a situação do Conselho que seria a segunda meta do movimento, como é que fica? Vamos aceitar isso ou vamos, se preciso for, substituir-nos os conselheiros negligentes que não comparecem em reuniões, por novos conselheiros mais interessados e ativos?

Ainda mais agora, que está previsto para o próximo mês de março a inauguração parcial do "CENTRO CULTURAL DE CAMBÉ", em que será necessário um Conselho forte para participarmos da administração da boa utilização do mesmo.

Portanto apelamos, a você que não aceita o embuste, que compareça neste dia, para sabermos do porquê desse descaso e reestruturar-nos o Conselho de Arte e Cultura e lutar-nos pelos nossos direitos sem apelação.

REUNIÃO

DIA: 08/11/86

HORAS: 16:00

LOCAL: Secretaria Municipal de Cultura (Rua França, nº 546)

OBJETIVOS:


- Reestruturação do Conselho de Arte e Cultura
- Substituição dos possíveis membros desistentes
- Definição de local, dias e horários para as reuniões
- Formação da mesa diretiva
- Discussão sobre o futuro Centro Cultural (maneira de administrar, como utilizar, etc.)
- Outras sugestões, opiniões ou críticas.

Silvio Vidotte
(Conselheiro)

José Julio de Azevedo
(Em apoio à iniciativa)

ANEXO N

Ofício dos servidores da Secretaria de Cultura, solicitando explicações do Diretor da Comdec quanto às obras do Centro Cultural de Cambé em 21 de outubro de 1986.



Prefeitura Municipal de Cambé
Cidade de Paraná

Ofício 080-SMC-86 Cambé, 21 de outubro de 1.986

Ilm^o Sr.
JOSÉ ROBERTO DE MATTOS AMARAL
Presidente da COMDEC - Cia de Desenvolvimento de Cambé

NESTA Senhor presidente:






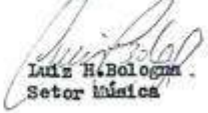
Tem este o objetivo de solicitar da Cia. de Desenvolvimento de Cambé - COMDEC - através de Vossa Senhoria, um RELATÓRIO OFICIAL sobre o andamento das obras do "CENTRO CULTURAL CAMBÉ". Esta solicitação firma-se na decisão tomada por unanimidade, na última reunião geral da Secretaria Municipal de Cultura, realizada no início de outubro deste ano.

Neste sentido, solicitamos nos sejam fornecidas as seguintes informações, com as quais melhor poderemos esclarecer a nossa clientela, que sempre nos procura buscando informações sobre a construção do Centro Cultural:

01. Previsão do término da construção do primeiro bloco - Biblioteca e Sede da Secretaria (previsto para março/86, pelo Prefeito); 02. Envio de uma planta atualizada do Centro Cultural; 03. Rol de despesas realizadas em 1986, referente a repasses de Cr\$.... 1.200.671.000,00 - empenho nº 2701/86 - e de Cr\$ 480.000,00, conforme Decreto nº 61/86 de setembro - especificando: pagamentos efetuados; projetos, posição atual do almoxarifado da obra, etc; 04. Previsão da liberação dos recursos do PRAM/86, no valor de Cr\$ 3.400.000,00 e quais impedimentos para a sua não liberação até a presente data.

Certes de poder contar com a colaboração de V.S. quanto ao solicitado, firmamo-nos

Cordialmente

 José Julio de Azêvedo Secret. Cultura	 Maria Adalina F.M.Souza Diretora da Biblioteca	 César Cortez Diretor/Museu
 Marli Simões Secretária	 Leonel Bacinello Setor Teatro	 Luiz H. Bologna Setor Música

Luiz Carlos Hauly/Prefeito; José do Carmo Garcia/Secr. Geral
Cópias para: Alceu Risoqui/Procurador Jurídico.

Obs: Empenho nº 2701, de abril de 1986.

Fonte: Acervo de Documentos do MHC.

ANEXO P

Termo de Encaminhamento da Guarda Mirim de Cambé apresentando ao Museu o Guarda Mirim Charles dos Anjos Aureliano o primeiro de muitos a trabalhar no MHC, com data de 07 de julho de 1987.

GUARDA MIRIM DE CAMBÉ
TERMO DE ENCAMINHAMENTO DE GUARDA MIRIM

Empresa: Museu Histórico
Sr.(a) : César Cortez

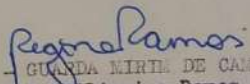
Cambé, 07 de Julho de 1987.

Prezado Senhor

Apresentamos à Vossa Senhoria o guarda mirim Charles dos Anjos Aureliano, nascido em 30-09-73 filho de Joaquim Benedito Aureliano e Margarida Lopes Anjos residente Rua Terezina, 348 - Vila Brasil nesta cidade que encontra-se em condições de trabalhar nesta empresa na qualidade de Office-Boy ou correlato. O horário de trabalho será de acordo com o Contrato da Guarda Mirim de Cambé.

Qualquer referência que a empresa queira fazer a respeito do guarda mirim, comportamento, indisciplina, elogios, etc., poderá comunicar-se através de Avaliação fornecida pela nossa Unidade Social ou diretamente com o Setor de Colocação Profissional da Unidade.

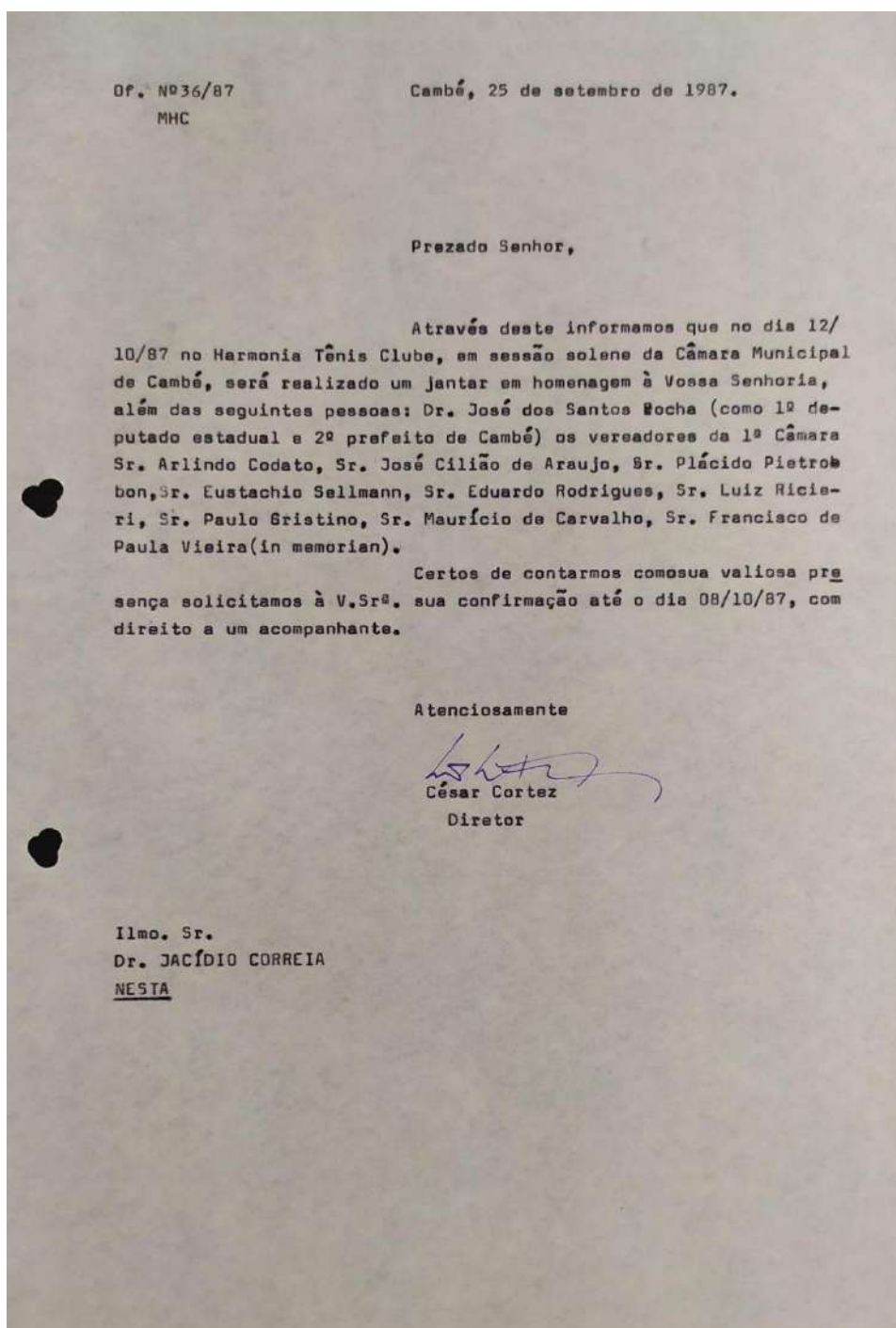
Atenciosamente.


A.P.M.I. - GUARDA MIRIM DE CAMBÉ
Norma Regina B. Oliveira Ramos
Coordenadora da Guarda Mirim.

Fonte: Acervo de Jornais do MHC.

ANEXO Q

Ofício convidando para homenagem aos primeiros políticos de Cambé, com data de 25 de setembro de 1987.



Fonte: Acervo de documentos do MHC.

ANEXO R

Matéria do Jornal Nossa Cidade, de 15 de abril de 1988 a respeito da Exposição Indígena do Museu de Cambé.

JORNAL NOSSA CIDADE, 15 de Abril de 1988 Pág. 13

Dia do Índio

Arcos, flechas e tacapes são peças curiosas para os pequenos estudantes. O cocar, com penas coloridas, estimula o desejo de tocar em tudo. As machadinhas de pedra polida movem olhas interessadas: o que os arqueólogos e pesquisadores já descobriram há algum tempo, os escolares encontram agora, no Museu Histórico de Cambé.



Para cada nova turma de escolares, a explicação sobre as peças indígenas.

O Museu realiza este ano a 2ª Exposição Indígena em suas instalações. Arcos, flechas, tacapes, vasos cerâmicos, pentes, flautas e painéis fotográficos estão à mostra desde a última segunda-feira e permanecem em exposição até o dia 22 deste mês. São, ao todo, 76 peças e 21 quadros, vistos diariamente por cerca de 150 crianças.

O trabalho das funcionárias do Museu, Elaine Garcia, Rosângela Alduan e Lucilene Rissi é intenso: a cada nova turma de escolares que chega, a história tem que ser repetida, peça por peça, quadro por quadro.

Atentos, meninos e meninas acompanham a narração: o que é um Lori Lori, confeccionado pelos Karajás, da Ilha do Bananal, para que serve um Tipiti, que veio do Mato Grosso e foi feito pelos Bororós; ou até mesmo de onde vieram os cestos e balaios ali expostos, que são produzidos na Reserva Indígena de Tamarana.

No pátio do Museu, outra cena curiosa: o Kaingang Dorico Pereira confecciona balaios e cestos. Com ele, a tia Hermília, a esposa Leonilda e as cinco crianças. De fala cabreira e mansa, Dorico dá pouca atenção aos visitantes. Mal responde quando interrogado.

Só depois, longe dos olhares aguçados dos escolares, resolve conversar com a reportagem. Avisa que no domingo vai ter festa na Reserva, com churrascada e jogo de futebol. Formaliza um convite meio seco, mas sincero: "Vai lá que a festa vai ser boa".

Não há muito mais o que falar. Dorico, com o seu jeito introvertido, é a própria história de uma Nação.

Nas escolas, em paralelo à exposição, o líder indígena Pedemar Poran realiza palestras. Como todo líder, gosta de falar muito e sobretudo, de ser ouvido com atenção.

De volta ao Museu, novas escolares chegam. Há peças de artesanato que podem ser comercializadas, inclusive sob encomenda. Os Kaingangs ali instalados vivem da atividade artesanal. Comercializam a preços acessíveis o produto de seu trabalho. Na semana do Índio, por sorte recebem maior grau de afetividade das pessoas. Mas nem todo dia é Dia de Índio.

INDÍOS DO PARANÁ

De acordo com material bibliográfico elaborado pela equipe do Projeto Memória Indígena da Seção de Antropologia do Museu Paranaense, "vivem hoje no Paraná dois povos indígenas: os Kaingangs e os Guarani, que habitavam as terras paranaenses desde muito antes da chegada dos europeus".

O dado de maior impacto, porém, diz respeito ao povo Xetá. "Um povo que entrou em contato com o homem branco somente na década de 50. Nesta mesma década os Xetás foram extintos. Restam hoje apenas 5 sobreviventes".

Na exposição do Museu Histórico de Cambé, uma ala é reservada aos painéis fotográficos sobre o povo Xetá. Textos resumidos sintetizam a história. O material bibliográfico do Museu Paranaense, sobre o povo Xetá, trazem linguisticamente Tupi-Guarani (iz o seguinte, em sua íntegra):

"Os Xetás habitavam a floresta tropical da Serra de Dourados entre o Rio Paraná e o Rio Ivaí, ao noroeste do Estado.

Eram semi-nômades e viviam de caça e de coleta. Coletavam tubérculos, raízes, medulas de palmeira, faros de besouro e de abelha e mel. Coziam toda espécie de animal, desde répteis até aves e mamíferos. A coleta era praticada somente pelos homens, com uso de arco e flecha, chaves e bastões, ou por meio de armadilhas.

Em seu trabalho utilizavam o arco e flecha, lâminas cortantes, raspadores, quebradores, perfuradores, batedores, pilões. Todos esses instrumentos eram feitos de pedras, ossos ou dentes de animais.

Como adornos, os Xetás usavam colares feitos de frutos silvestres e dentes de quati, e brincos de penas de aves. Os homens usavam um adorno labial — Tembá — em forma de T.

Tinham como instrumento musical os seixos e uma flauta semelhante à flauta de Pan.

Faziam peças de cera, onde reproduziam figuras animais. Estas figuras simbolizavam as ligações que tinham com um universo espiritual.

Até entrar em contato com a sociedade nacional, os Xetás eram um grupo que reproduzisse e desenvolvesse de forma harmônica.

No início da década de 50, o governo de Munhoz da Rocha fibrou as terras do noroeste paranaense para o desenvolvimento da lavoura de café no Estado. Na Serra de Dourados foi fundada a Fazenda Santa Rosa, de propriedade do deputado Antonio Lustosa de Oliveira. Esta fazenda se estendia sobre terras dos Xetás. Pouco mais tarde a fazenda passou a ser administrada pela Colonizadora Paulista, que loteou e povoou a região.

Durante os primeiros anos os Xetás suportaram a violência dos colonos e matizes que, para afastá-los, queimavam suas cabanas e disparavam tiros. Sem assistência e sem terras, os Xetás enfrentaram as doenças e a fome. Os que se refugiaram na floresta certamente morreram, vítimas de epidemias contraídas dos brancos, ou foram exterminados.

No prazo de uma década, poucos foram os sobreviventes. Hoje, integrados às comunidades Kaingangs, deles restam apenas 5, que constituem o testemunho vivo da extinção de um povo".

Postos Indígenas

Segundo dados da Secretaria de Administração Regional de Londrina da FUNAI, elaborados em 1987, existem na região 238 famílias indígenas, totalizando uma população de 1.197 integrantes.

Na Reserva de Tamarana, em Londrina, são 83 famílias Kaingangs para 454 habitantes. Em São Jerônimo da Serra, 65 famílias Kaingangs para 354 habitantes. Também em São Jerônimo, em outra reserva, são 38 famílias Guarani e Kaingangs para 187 pessoas. Em Laranjeira (Município de Santa Amélia), existem 36 famílias e uma população de 160 pessoas. E em Tomazina, na reserva de Pinhalzinho, são apenas 14 famílias para 72 pessoas.

Agenda

SOM NO ATÍLIO CODATO

O R Som 7 estará animando amanhã mais uma noite no Colégio Atílio Codato. Início às 22 horas.

CONVENÇÃO DO LIONS

Muitos visitantes em Cambé neste final de semana, participando da XVIII Convenção do Lions Clubes, Distrito L-21. Começa

hoje e termina no domingo.

FRANK E FRED NA AFML

A Escola Estadual São José programou um baile com a dupla Frank e Fred para o dia 7 de maio. Será na Associação dos Funcionários Municipais de Cambé, a partir das 23 horas. Reservas de mesas pelo telefone 54-4505.

ACERVO S

Reportagem do Jornal Nossa Cidade sobre a inauguração do Centro Cultural de Cambé em 06 de setembro de 1990.

JORNAL NOSSA CIDADE, 6 de Setembro de 1990 Página 3

Centro Cultural: A festa foi da população

Como o prefeito José do Carmo Garcia havia prometido, a festa de inauguração da primeira etapa do Centro Cultural de Cambé foi inteiramente da população, principalmente das crianças. Antes mesmo do horário estabelecido para a inauguração, às 10 horas, a multidão de pessoas se concentrou nas proximidades do prédio, construído em arquitetura moderna e de aspecto visual atraente. Nas fotos de Luiz Carlos Garcia, os momentos mais apaixonantes da festa:

Os discursos



JOSÉ DO CARMO GARCIA: obra pertence às crianças.
JOSÉ GARCIA GONZALES NETO: marco do desenvolvimento cultural.

LUIZ CARLOS HAULY: investir na cultura da população.
DURVAL AMARAL: trabalho de vários prefeitos.

Exibições contagiantes



Na foto, momento de rara beleza: coreografia das alunas da Academia Vida Ativa

Placa comemorativa



Descerramento da placa comemorativa, pelo ex-prefeito José dos Santos Rocha e por dona Jamile Hauly, a mãe pioneira da região.

Orquestra Sinfônica



Apresentação da Orquestra Sinfônica da Universidade de Londrina, fechando a solenidade oficial de inauguração.

Fita inaugural



A fita inaugural do Centro Cultural, com área construída de 4.000 metros quadrados, foi desatada pelo prefeito José do Carmo Garcia, ex-prefeito Luiz Forastieri, ex-secretário da Fazenda do Paraná e ex-prefeito Luiz Carlos Hauly e secretário da Cultura do Município, José Garcia Gonzales Neto.

Participação infantil



As crianças inauguraram o painel do Centro Cultural, desenhando e deixando as marcas de suas criatividades nas paredes do novo espaço cultural da cidade.

Fonte: Acervo de Jornais do MHC.

ANEXO T

Matéria do Jornal Nossa Cidade sobre a descoberta do Sítio Arqueológico da Fazenda Santa Dalmácia em 14 de outubro de 1990.

Museu Histórico de Cambé encontra sítio arqueológico



Os arqueólogos Miguel Gaissler e Oldemar Blazi realizando escavações

Após o lançamento de uma campanha para coletar peças indígenas encontradas no município, o Museu Histórico de Cambé agora inicia os estudos e cadastramento das descobertas arqueológicas, com a finalidade de preservar esse valioso patrimônio histórico.

Para desenvolver esse projeto o Museu conta com a colaboração dos arqueólogos Oldemar Blazi e Miguel Gaissler e consiste na localização, cadastramento das áreas onde esses objetos foram encontrados e, já nos levantamentos iniciais feitos pelos arqueólogos, deram conta da existência de indícios arqueológicos de grande importância nas regiões do Kilômetro 9 e 12, Fazenda Santa Lina e principalmente na Fazenda Santa Dalmácia, distante 30 quilômetros da sede do município, onde foi encontrado um sítio arqueológico.

Os estudos posteriores no sítio da Fazenda Santa Dalmácia envolverão coleta de superfície, escavações, cadastramento e preservação que serão realizados, possivelmente, por uma equipe interdisciplinar da Universidade Estadual de Londrina, Projeto Tibagi e Associação de Municípios do Médio Paranapanema – AMEPAR, entidades que deverão trabalhar em conjunto com o Museu Histórico de Cambé.

Todos esses objetos que forem encontrados farão parte do acervo de Departamento de Arqueologia do Museu Histórico e os dados obtidos serão analisados por entidades especializadas e conformo o volume e a importância do material coletado em campo, o Museu poderá elaborar um projeto mais extenso sobre o assunto.

Fonte: Acervo de Jornais do MHC.

ANEXO U

Reportagem do Jornal Nossa Cidade datado de 01 de novembro de 1990, sobre a descoberta do Sítio Arqueológico da Fazenda Santa Dalmácia.

Página B

JORNAL NOSSA CIDADE, 01 de Novembro de 1990

Museu descobre sítio arqueológico

Campanha lançada pelo Museu Histórico de Cambé, para resgatar peças indígenas, resultou na descoberta de um sítio arqueológico a 30 quilômetros do Município. Peças de cerâmica encontradas evidenciam que existiu uma comunidade indígena na região há aproximadamente 500 anos.

Reportagem de Gisele Mendonça

Há cinco meses, o Museu Histórico de Cambé lançou uma campanha visando incentivar a população a colaborar na coleta de objetos indígenas na região, através de um folheto distribuído em todas as escolas rurais do Município. Deu certo. Depois da campanha, muitas pessoas, principalmente as crianças, apareceram com pedaços de cerâmicas e outras peças indígenas encontradas nas regiões do Km 9 e 12 da Prata, e principalmente na Fazenda Santa Dalmácia, a 30 quilômetros do Município, onde foi descoberto um sítio arqueológico.

Para colaborar com o trabalho de localização e classificação dos indícios arqueológicos, o Museu contou com o auxílio do arqueólogo e membro do Conselho do Patrimônio Histórico do Paraná, Odemar Blazi, e de Miguel Gansler, também arqueólogo e membro do ICOMOS – Conselho Internacional de Monumentos e Sítios do Comitê Brasileiro. Eles estiveram na região na semana passada, onde iniciaram o trabalho fazendo as demarcações da área, podendo assim localizar o ponto de concentração dos indícios arqueológicos. Já foram encontrados na região algumas peças, como lâminas de machado e em maior quantidade a cerâmica, que mostra a existência de uma comunidade indígena na região, há aproximadamente 500 anos atrás.

INDÍOS ERAM TUPI-GUARANIS

O material resgatado traz uma importante característica das tradições da cultura tupi-guarani: a cerâmica estrigada. São peças trabalhadas com riscos feitos com sangue de milho ou com qualquer outro instrumento, que nos dão a possibilidade de afirmar com certeza que os índios que viveram aqui, pertenciam ao grupo dos tupi-guaranis – explica o arqueólogo Odemar Blazi. "A cerâmica também está associada a uma atividade agrícola. É isso mostra que esses índios eram ocidentais, eles tinham aqui suas habitações, ao contrário dos povos nômades que percorriam em busca de caça e não se fixavam".


O arqueólogo considera de grande importância a descoberta do sítio arqueológico na região, pois "contribui para a consolidação de algumas informações precisas sobre a expansão do tupi-guarani na pré-história". No Paraná, outros sítios já foram encontrados, mas este tem uma característica relevante. Apesar da área já ter sido explorada com vários tipos de cultura que necessitam do uso de tração e outros implementos agrícolas, os indícios foram encontrados em bom estado de conservação e muito mais concentrados de que em outros sítios.

Conforme Blazi, "o resgate das culturas pré-históricas, que não usavam a escrita, se faz através das evidências de sua cultura material". Além da cerâmica, outros materiais que resistem a ação do tempo podem ser encontrados, como artefatos de pedra ou de osso e lâminas de machado.

OS VALES DOS RIOS

O Vale do Rio Paranapanema e o baixo Vale do Rio Tibagi já foram estudados por arqueólogos. A região do Norte do Paraná, que compreende a área entre o Rio Tibagi e o Rio Vermelho, ainda não havia sido explorada. Blazi diz que os vales dos rios são as regiões onde há maior probabilidade de se encontrar indícios de culturas pré-históricas. "Apesar de não possuírem os recursos que temos hoje, o indivíduo daquela época sabia se defender de uma maneira inteligente, a partir do aproveitamento da natureza" – explica o arqueólogo.

"Eles utilizavam o rio para o transporte através de canoas, pescavam, caçavam animais que vinham beber água e ali permaneciam se alimentando também dos frutos provenientes da vegetação ao longo do rio". No desenvolvimento dessas culturas, a cerâmica aparece junto com a agricultura, como a soja, o milho e também as cabaças que eram utilizadas por eles. Os vales dos rios constituíram, assim, o ambiente onde viviam muitas dessas comunidades indígenas.



Pedaços de peças de cerâmica que já foram encontrados.

O arqueólogo Odemar Blazi: "a descoberta do sítio arqueológico contribui para a consolidação de algumas informações precisas sobre a expansão do tupi-guarani na pré-história."

A comunidade está curiosa

Desde que foi divulgada a campanha do Museu Histórico, a comunidade se mostrou bastante interessada em colaborar. A receptividade e curiosidade, principalmente das crianças, surpreendeu o arqueólogo Miguel Gansler. "É interessante como a população de Cambé não tem só curiosidade, mas busca saber o que é isso". Para Odemar Blazi, "o povo daqui mostrou ter bastante consciência e isso é bom demais. É fundamental criar na mentalidade da população que essas coisas pertencentes ao passado têm importância".

No Fazenda Santa Dalmácia, onde foi encontrado o sítio arqueológico, moram cerca de 20 famílias e muitas crianças que estudam lá mesmo na escola da fazenda. Quando alguém pergunta sobre as peças indígenas, todos dizem ter encontrado alguma coisa. Deverson Coelho Matos, de 8 anos, diz que já achou vários objetos por cima da terra e que seu pai encontrou até uma machadinha. Só lamenta nunca ter visto nenhum índio pela fazenda. "Eu queria ver um índio. Eles eram bons, eram legais. Mas no dia em que o pessoal começou a comprar as terras deles, eles fugiram" – conta.

Bernadete Santos Franco, moradora da fazenda há 6 anos, está surpresa com o movimento da imprensa na fazenda nas últimas semanas. "Agora sempre vem pessoal de jornal e televisão aqui. É uma experiência nova para a gente. Todo mundo, agora, vai ficar sabendo que existiu índios aqui antes, e deixou sua marca enterrada" – diz.

Fonte: Acervo de Jornais do MHC.

ANEXO V

Reportagem do Jornal Nossa Cidade, datado de 30 de novembro de 1990 sobre o Museu Histórico de Cambé.

Página 10 JORNAL NOSSA CIDADE, 30 de Novembro de 1990

Mergulho no tempo

Estimuladas pelas orientações que recebem das funcionárias do Museu Histórico de Cambé e com a ajuda do Setor de Artes Plásticas da Secretaria Municipal de Cultura, escolares cambesenses mergulham no tempo para resgatar as peças da história.

Walter Ogama

Não é de hoje que Cambé passa por momentos de euforia quando se fala no seu passado. Há anos, por iniciativa de dois estudantes — Cesar Cortez e Walter Ricieri —, as autoridades municipais passaram a mirar com carinho os acontecimentos que contribuíram para o desenvolvimento do Município, fazendo da história um fitem básico inclusive para o planejamento do futuro.

Mas só a partir de 1983 é que o sonho de um Museu Histórico passou a ganhar formas, como resultado das mudanças políticas que ocorreram no Município. Se antes, a história era um fato somente para ser comemorado, depois de 83 ela mereceu o seu espaço na vida das autoridades e da população. O carro-chefe que levou à essa transformação, obviamente, foi o trabalho daqueles dois estudantes, que ao longo de muitos anos de trabalho voluntário, sem recursos e com algumas contribuições, ajuntaram peças antigas, depoimentos gravados em fitas, fotografias e muita vontade.

No último 30 de outubro, o Museu Histórico de Cambé comemorou o seu quinto aniversário. Criado na gestão do prefeito Lutz Carlos Haully, que foi um dos maiores incentivadores da iniciativa dos estudantes, o órgão, vinculado à Secretaria de Cultura do Município, começou a funcionar dispondo de um acervo significativo. Cortez e Ricieri, enfim, haviam acumulado materiais suficientes para a criação do Museu. Ambos formados em jornalismo, Ricieri optou por essa área profissional, enquanto Cortez bateu pé na história, fato que prevaleceu para a sua indicação como diretor do Museu.

O cargo ele ocupa até hoje e, no curto espaço de existência do órgão, aumentou o acervo, promoveu campanhas, publicou livros históricos com base em depoimentos de pioneiros, realizou o Projeto Memória e, en-

fim, valorizou os componentes da história. Fato marcante durante esse período tem sido a realização dos encontros anuais de pioneiros, sempre realizados em outubro, mês de aniversário do Museu. Todo esse trabalho depende essencialmente de uma equipe de trabalho especialmente qualificada, formada por pessoas que concluíram o curso de História e uma relações públicas.

Nas comemorações do quinto aniversário do Museu, no último outubro, a equipe comemorava mais uma vitória: o achado do Sítio Arqueológico da Fazenda Santa Dalmácia, que mobilizou praticamente toda a cidade e trouxe para Cambé especialistas destacados que vieram analisar o achado. Uma das consequências desse mais recente passo do Museu e a realização do Projeto Educação e Arqueologia, que envolve os escolares do Município em uma série de atividades. Um mergulho no tempo, partindo do princípio de que, sem história, não há como buscar o futuro.



Museu Histórico de Cambé aberto a visitação inclusive aos domingos.

O projeto

Partindo do trabalho científico efetuado no Sítio Arqueológico da Fazenda Santa Dalmácia, o Museu Histórico de Cambé vem realizando o Projeto Educação e Arqueologia, que tem como objetivo levar à comunidade escolar o conhecimento da pré-história do Município, fazendo com que as crianças se sintam motivadas a conhecê-la e resgatá-la.

A primeira escola a ser incluída no Projeto foi justamente a da Santa Dalmácia, cujas crianças, envolvidas no trabalho científico realizado na Fazenda, estavam interessadas no assunto.

No primeiro dia de atividades, elas visitaram o Centro Cultural, tiveram contato com os objetos indígenas expostos na Sala de Arqueologia do Museu, aprenderam as informações que coletaram e dispunham sobre as civilizações indígenas, assistiram aulas sobre arqueologia, assistiram filmes sobre a vida e o cotidiano do povo indígena — Ikatena — Vamos Caçar, e expressaram através da pintura tudo o que assemelham.

O projeto prevê, para o segundo dia de atividades, uma visita ao Sítio Arqueológico da Fazenda Santa Dalmácia. Lá, as crianças, orientadas por funcionárias do Museu e do Setor de Artes Plásticas da Secretaria da Cultura, coletam a argila do rio. Após o conhecimento das técnicas indígenas, as crianças coqueiam em prática o que lhes foi ensinado. Para finalizar o trabalho, posteriormente as participantes vão realizar a queima das peças confeccionadas em argila, através de técnicas indígenas (fogueira), e vão elaborar relatório sobre tudo o que aprenderam no decorrer do projeto.



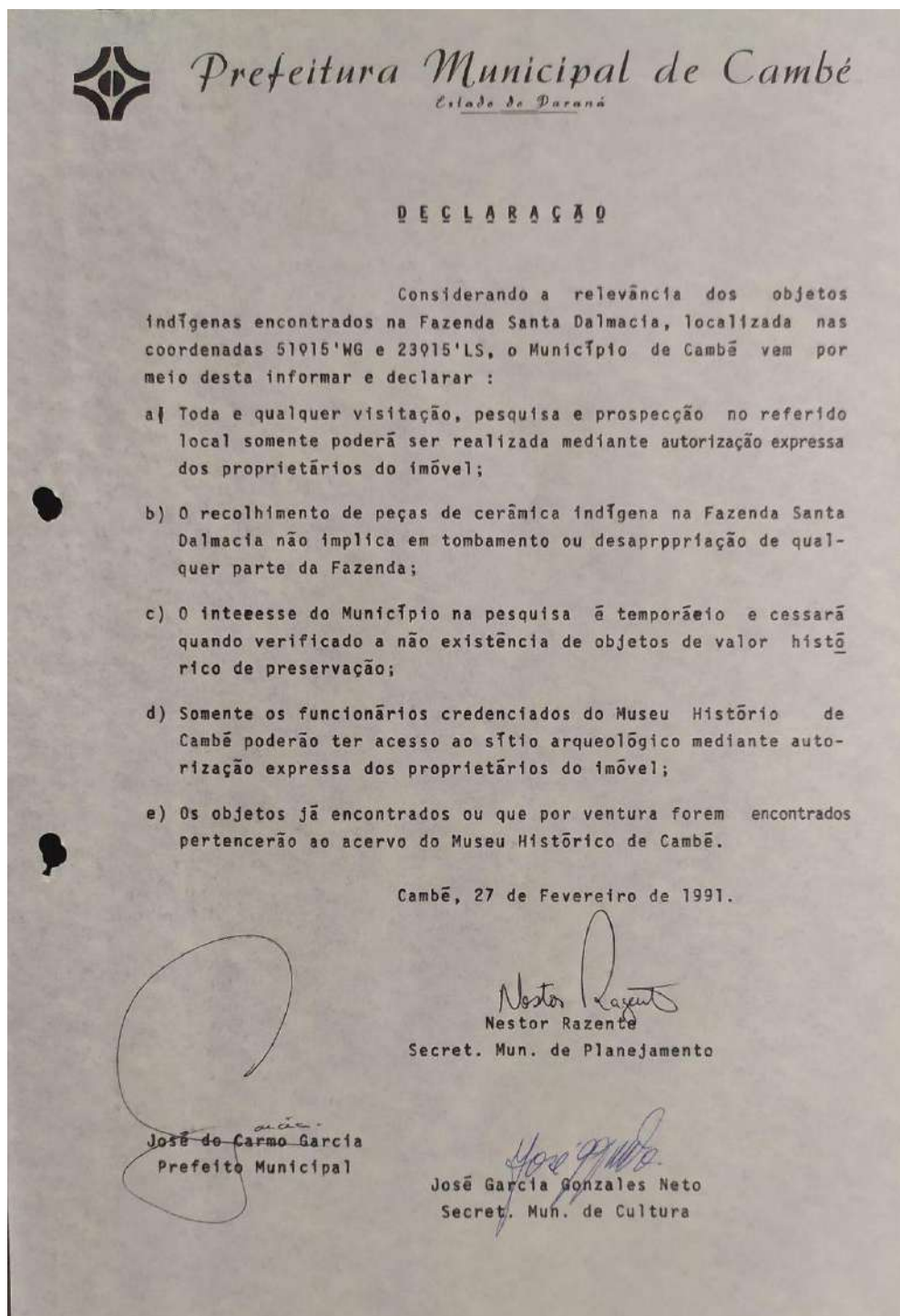
Objetos indígenas encontrados no sítio arqueológico.

ram e dispunham sobre as civilizações indígenas, assistiram aulas sobre arqueologia, assistiram filmes sobre a vida e o cotidiano do projeto.

Fonte: Acervo de Jornais do MHC.

ANEXO W

Declaração emitida pela Prefeitura de Cambé informando providências que serão tomadas em relação ao Sítio Arqueológico da Fazenda Santa Dalmácia, em 27 de fevereiro de 1991.



Fonte: Acervo de documentos do MHC.

ANEXO X

Portaria de Criação da CEPA - Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas em 05 de dezembro de 1956. Com a reforma universitária de 1970, o Centro perdeu o seu papel no campo do ensino formal. Foi reestruturado como Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas, sendo um órgão auxiliar do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFPR conforme informa a página da instituição na Internet.

<http://www.humanas.ufpr.br/portal/cepa/historico> Acesso em 26 de abril de 2024.

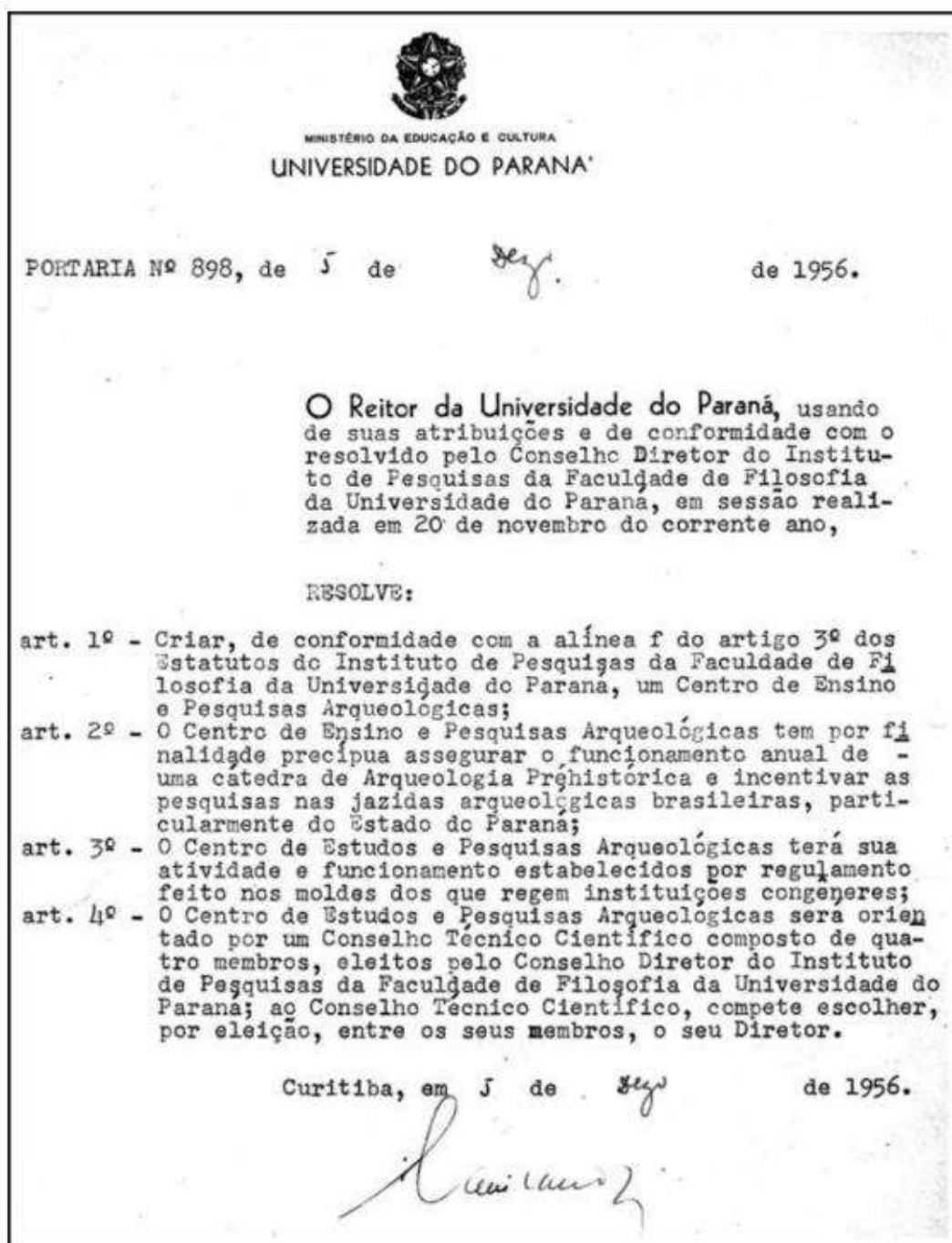
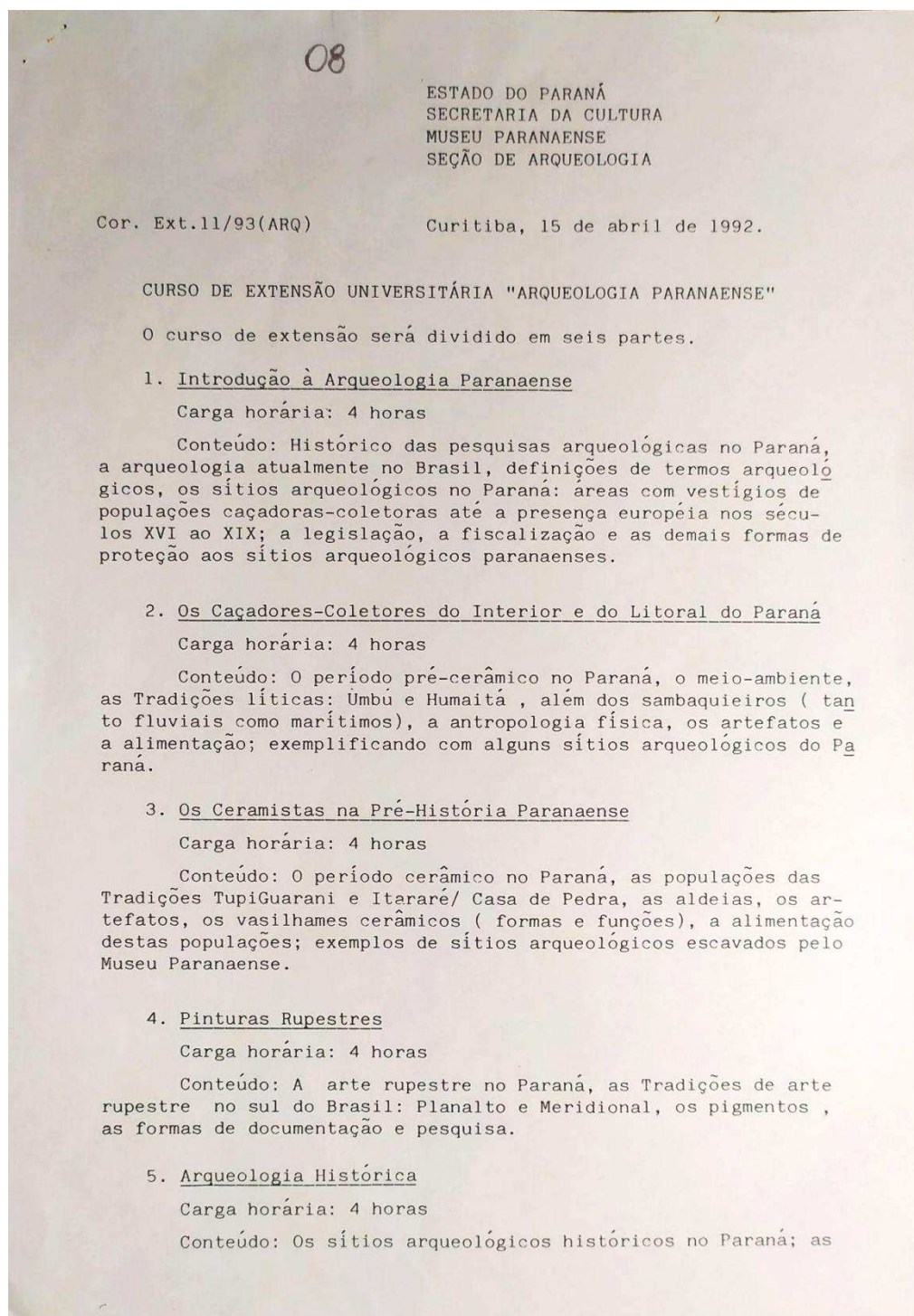


Figura 8. Portaria de criação do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas, na Universidade do Paraná.

Fonte: Chmyz, Igor. José Loureiro Fernandes e a arqueologia Brasileira. Arqueologia V 10 n° 1 2006. é publicada pela Kvasir Publishing em colaboração com o Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Paraná.

ANEXO Y

Ofício do Museu Paranaense encaminhado ao Museu Histórico de Cambé com informação do Curso de Extensão Universitária "Arqueologia Paranaense" que aconteceria em 1993 e e-mail da arqueóloga Claudia Parellada passando as diretrizes para demarcação da Missão Jesuítica San Joseph em 19 de agosto de 2010.



ESTADO DO PARANÁ
SECRETARIA DA CULTURA
MUSEU PARANAENSE
SEÇÃO DE ARQUEOLOGIA

ruínas de cidades coloniais espanholas e de reduções jesuíticas ; a colonização do litoral do Paraná, as ruínas de tropeiros e quilombos.

6. Saída a campo de um dia para visitar um sítio aldeia da Tradução TupiGuarani no município de Cambé-PR.

Carga horária: 10 horas

Obs.: É necessário um ônibus para 25 ou 40 pessoas.

O curso terá como ministrante a arqueóloga Claudia Inês Pa-rellada, pesquisadora responsável pela Seção de Arqueologia do Museu Paranaense.

Material necessário para a realização do curso:

- 1 retroprojeter ;
- 1 projetor de slides ;
- 1 televisão e um vídeo .

Obs.: Quando da inscrição no curso deve ser entregue uma cópia do artigo "Arqueologia Paranaense: Conceitos e Métodos Básicos", de autoria da ministrante do curso, para haver um melhor aproveitamento das palestras pelos inscritos.

Área Missão Jesuítica San Joseph - Terra Mail - Msg 123

Page 1 of 1

De: Claudia Inês Parellada <parelladaclau@ig.com.br>
Para: administracao@cambe.pr.gov.br
Cc: cambenews@terra.com.br
Assunto: Área Missão Jesuítica San Joseph

Enviado: Qui 19/08/10 10:48
Prioridade: Normal

Prezados Eduardo Pavinato, César Cortez e Arisia:

Com a informação do ponto central, levantada pelo César e pelo agrônomo, do sítio arqueológico referente a Missão Jesuítica de San Joseph, coordenadas geográficas 23° 06' 28.11" Sul e 51° 19' 04.63" Oeste, visualizei a imagem, atual, do satélite. A imagem que o César me enviou pode ser usada como base.

Creio que seria recomendável a proteção através de um polígono (poderia ser 500m x 500m, o que daria em área 250.000 metros quadrados) que abrangesse desde a estrada de terra (um dos lados talvez tenha que ser um pouco maior, 700m para atingir a estrada), como vocês próprios sugeriram em conversas anteriores. Se houver possibilidade talvez então seja no mínimo 500m x 700m (o eixo maior chegando na estrada de terra perpendicularmente).

Consigo visualizar parte das estruturas no ponto referido e dispersos nas circunvizinhanças na imagem de satélite, vou buscar outras imagens mais antigas no IAP. Mas acho que já dá para pensar nessa área, no mínimo para ter uma proteção efetiva.

Um grande abraço a todos, e estou a disposição para quaisquer dúvidas,
Arqueóloga Dra. Claudia Inês Parellada

De: Claudia Inês Parellada <parelladaclau@ig.com.br> - Área Missão Jesuítica San Joseph

Fonte: Acervo de Documentos do MHC.

ANEXO Z

Certidão de óbito do Indígena Pedemar Maraguara Poram datado de 22 de junho de 2018.



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS
CERTIDÃO DE ÓBITO

NOME
PEDEMAR MARAGUARA PORAM

CPF
068.223.879-19

MATRÍCULA
082420 01 55 2018 4 00010 197 0008058 99

SEXO **MASCULINO** COR **INDÍGENA** ESTADO CÍVIL E IDADE **VIÚVO, COM 106 (CENTO E SEIS) ANOS DE IDADE**

NATURALIDADE **ESTADO DO AMAZONAS** DOCUMENTO DE IDENTIFICAÇÃO **SIM** ELEITOR **NÃO**

FILIAÇÃO E RESIDÊNCIA
TUCUNA MARAGUARA PORAM E DIANJA GUARA PORAM, RESIDENTE NA RUA DEMÉTRIO CARNEIRO SIQUEIRA, N° 811, NO MUNICÍPIO DE TAMARANA, COMARCA DE LONDRINA/PR.

DATA E HORA DE FALECIMENTO
VINTE E DOIS DE JUNHO DE DOIS MIL E DEZOITO DIA **22** MÊS **06** ANO **2018**

LOCAL DE FALECIMENTO
EM DOMICÍLIO, NA RUA DEMÉTRIO CARNEIRO SIQUEIRA, N° 811, NO MUNICÍPIO DE TAMARANA, COMARCA DE LONDRINA/PR.

CAUSA DA MORTE
MORTE SÚBITA DE CAUSA DESCONHECIDA.

SEPULTAMENTO / CREMAÇÃO (MUNICÍPIO E CEMITÉRIO, SE CONHECIDO) DECLARANTE
O SEPULTAMENTO FOI REALIZADO NA TERRA INDÍGENA APUCARANINHA, EM TAMARANA/PR. **EMIKO OLINDA GOTO**

NOME E NÚMERO DO DOCUMENTO DO MÉDICO QUE ATESTOU O ÓBITO
DR. KEISUKÉ TAKAHIRA, CRM N° 39.249.

AVERBAÇÕES / ANOTAÇÕES A ACRESCEER
A DECLARANTE APRESENTOU CÓPIA DOS SEGUINTE DOCUMENTOS DO FALECIDO, RG, ONDE CONSTA A CERTIDÃO DE NASCIMENTO N° 956, ÀS FOLHAS 18, DO LIVRO A-01, DO POSTO INDÍGENA DE LONDRINA/PR. CPF/MF: NÃO DEIXA BENS A INVENTARIAR E NÃO DEIXA TESTAMENTO CONHECIDO. ESTE REGISTRO DE ÓBITO, FOI PROTOCOLADO NO LIVRO DE PROTOCOLO GERAL N° 05, DESTA SERVENTIA, N° 486. REGISTRO ISENTO DE CUSTAS CONFORME LEI DA GRATUIDADE FEDERAL 9.534/1997. NADA MAIS.

ANOTAÇÕES DE CADASTRO
SEM INFORMAÇÕES.

Certidão que, em data de 09 de Fevereiro de 2024, foi materializada esta certidão enviada pela Central de Informações do Registro Civil, sendo a autenticidade de sua assinatura digital padrão ICP-Brasil por mim conferida.
Certidão lavrada por ANALICE GIACIOIA SILVESTRE SIMIONI MASSONI - Oficial do Registro Civil das Pessoas Naturais de Tamarana, o(a) qual assinou eletronicamente aos 09 de Fevereiro de 2024, nos termos do Provimento n° 46/2015 do Conselho Nacional de Justiça.

Oficial de Registro Civil das Pessoas Naturais
Tamarana - PR
ANALICE GIACIOIA SILVESTRE SIMIONI MASSONI - Oficial
RUA IZALTINO JOSÉ SILVESTRE, 156 - CENTRO - CEP:
86125-000
E-mail: certorioanalice@gmail.com
Tel: (43) 33981272

O Conteúdo da Certidão é verdadeiro. Dou Fé,

Cambe
Maria de Lourdes Borsato Garcia - Oficial
Valor recebido pela certidão eletrônica: R\$ 63,32
Valor recebido pela materialização: R\$ 59,85

PODER JUDICIÁRIO - TJPR
CORREGEDORIA GERAL DE JUSTIÇA
Selo Digital: SFRC2Pc478.3eaJs-VWODO.F711q
Consulte selo em
<http://funarpen.com.br>

PODER JUDICIÁRIO - TJPR
CORREGEDORIA GERAL DE JUSTIÇA
Selo Digital: SFRC2pchr8mLcWXMhAIDF141q
Consulte selo em
<http://funarpen.com.br>


SERVIÇO DE REGISTRO CIVIL
DAS PESSOAS NATURAIS
MARIA DE LOURDES BORSATO GARCIA
OFICIAL

FUNARPEN BC 005304257 BRP

Fonte: Acervo de Documentos do MHC.